Psicologia das Opiniões e das Crenças

Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

Psicologia das Opiniões e das Crenças

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição 2018

Les Opinions e les Croyances. Paris, 1911.

Versão desta tradução: Paris: Ernest Flammarion, 1918

Traduzido por Souza Campos, E. L. de

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

Ao meu caro amigo
Gabriel Hanotaux.
Ex-ministro dos negócios estrangeiros
Membro da Academia Francesa
Ao historiador ilustre,
cuja penetrante sagacidade sabe descobrir,
sob a trama dos fatos visíveis,
as forças invisíveis que os determinam.
Gustave Le Bon.

Psicologia das opiniões e das crenças

Gustave Le Bon

LIVRO I

Os problemas da crença e do conhecimento.

CAPÍTULO I

Os círculos da crença e do conhecimento.

§1. As dificuldades do problema da crença.

Sumário

O problema da crença, às vezes confundido com o do conhecimento, é, no entanto, bem distinto. Saber e crer são coisas diferentes que não possuem a mesma gênese.

Das opiniões e das crenças derivam, com a concepção da vida, nossa conduta e, por consequência, a maior parte dos eventos da história. Elas são, como todos os fenômenos, regidas por certas leis, mas essas leis ainda não foram determinadas.

O domínio da crença sempre pareceu carregado de mistérios. É por isso que os livros sobre as origens da crença são tão pouco numerosos, enquanto que aqueles sobre o conhecimento são inumeráveis.

As raras tentativas feitas para elucidar o problema da crença bastam, aliás, para mostrar o quanto ele foi pouco compreendido. Aceitando a velha opinião de Descartes, os autores repetem que a crença é racional e voluntária. Um dos objetivos desta obra será precisamente mostrar que ela não é nem voluntária nem racional.

A dificuldade do problema da crença não escapou ao grande Pascal. Num capítulo sobre a arte de persuadir, ele destaca justamente que as pessoas “são quase sempre levadas a acreditar, não pela prova, mas por concordância. Mas, a maneira de concordar é, sem comparação, a mais difícil, mais sutil, mais útil e mais admirável; desta forma, se eu não consigo é porque eu não sou capaz e eu me sinto tão desproporcional que eu acredito que a coisa é absolutamente impossível”.

Graças às descobertas da ciência moderna, nos pareceu possível abordar o problema diante do qual Pascal recuou.

A solução fornece a chave para muitos problemas importantes. Como, por exemplo, o estabelecimento das opiniões e das crenças religiosas ou políticas. Porque encontramos em certas mentes, com uma inteligência muito elevada, superstições tão ingênuas? Porque a razão é tão impotente para modificar nossas convicções sentimentais? Sem uma teoria da crença, estas questões e muitas outras continuam insolúveis. Só a razão não conseguiria explicá-las.

Se o problema da crença foi tão mal compreendido pelos psicólogos e historiadores foi porque eles tentaram interpretar, com os recursos da lógica racional, fenômenos que ela jamais regeu. Veremos que todos os elementos da crença obedecem a regras lógicas muito precisas, mas absolutamente estranhas àquelas empregadas pelo cientista em suas pesquisas.

Desde meus primeiros estudos históricos esse problema me perseguiu. A crença me parecia ser o principal fator da história, mas como explicar fatos tão extraordinários como o estabelecimento de crenças que determinam a fundação ou a queda de poderosas civilizações?

Tribos nômades perdidas nos cafundós da Arábia adotam uma religião que um iluminado as ensina e, graças a ela, fundam, em menos de cinquenta anos, um império tão vasto quanto o de Alexandre, ilustrado por uma esplêndida eclosão de monumentos maravilhosos.

Poucos séculos antes, povos semibárbaros se convertem à fé pregada por apóstolos vindos de um canto obscuro da Galileia e sob os fogos regeneradores dessa crença, o velho mundo se desmoronaria para dar lugar a uma civilização inteiramente nova, em que cada elemento fica impregnado da lembrança do Deus que a fez nascer.

Quase vinte séculos mais tarde, a antiga fé está abalada, estrelas desconhecidas surgem no céu do pensamento, um grande povo se levanta querendo quebrar os laços do passado. Sua fé destruidora, mas poderosa, lhe confere, apesar da anarquia onde essa Revolução o mergulha, a força necessária para dominar a Europa em armas e atravessar vitoriosamente todas as suas capitais.

Como explicar esse estranho poder das crenças? Porque a pessoa se submete subitamente a uma fé que ontem ela ignorava e porque essa fé a ergue tão prodigiosamente acima dela mesma? De que elementos psicológicos surgem esses mistérios? Tentaremos dizê-lo.

O problema do estabelecimento e da propagação das opiniões e sobretudo das crenças, têm aspectos tão maravilhosos que os sectários de cada religião invocam sua criação e sua difusão como prova de uma origem divina. Eles destacam também que essas crenças são adotadas apesar do interesse mais evidente daqueles que as aceitam. Compreende-se facilmente, por exemplo, o cristianismo se propagando facilmente entre os escravos e todos os deserdados, aos quais ele prometia uma felicidade eterna. Mas que forças secretas poderiam determinar a um cavalheiro romano, um personagem consular, se livrar de todos os seus bens e arriscar passar por vergonhosos suplícios, para adotar uma religião nova,

repelida por todos os costumes, desprezada pela razão e interditada pelas leis?

É impossível invocar a fraqueza intelectual das pessoas que se submetiam voluntariamente a um jugo tal, pois, da antiguidade a nossos dias, os mesmos fenômenos são observados nas mentes mais cultivadas.

Uma teoria da crença só pode ser válida se ela comportar a explicação de todas essas coisas. Ela deve sobretudo explicar como cientistas ilustres e renomados pelo seu espírito crítico aceitam lendas cujo infantilismo ingênuo faz sorrir. Concebemos facilmente que um Newton, um Pascal, um Descartes, vivendo num ambiente saturado de certas convicções, as tenham admitido sem discussão, da mesma forma como admitiam as leis inabaláveis da natureza. Mas como, em nossos dias, nos meios onde a ciência projeta tantas luzes, as mesmas crenças não se desagregaram inteiramente? Porque as vemos, quando por acaso elas se desagregam, darem início imediatamente a outras ficções, também maravilhosas, como prova a propagação das doutrinas ocultistas, espíritas etc. entre ilustres cientistas? A todas estas questões deveremos igualmente responder.

§2. Em que a crença difere do conhecimento.

Tentemos inicialmente precisar o que constitui a crença e no que ela se distingue do conhecimento.

Uma crença é um ato de fé de origem inconsciente que nos força a admitir em bloco uma ideia, uma opinião, uma explicação, uma doutrina. A razão é estranha __ nós veremos isso __ à sua formação. Quando ela tenta justificar a crença, esta já está formada.

Tudo o que é aceito por um simples ato de fé deve ser qualificado de crença. Se a exatidão da crença é verificada mais tarde pela observação e a experiência, ela deixa de ser uma crença e se torna um conhecimento.

Crença e conhecimento constituem dois modos de atividade mental bem distintos e de origens muito diferentes. A primeira é uma intuição inconsciente produzida por certas causas independentes de nossa vontade; o segundo representa uma aquisição consciente edificada por métodos exclusivamente racionais, como a experiência e a observação.

Foi somente numa época avançada de sua história que a humanidade, mergulhada no mundo da crença, descobriu o mundo do conhecimento. Penetrando nele, reconheceu-se que todos os fenômenos atribuídos outrora às vontades de seres superiores se desenrolavam sob a influência de leis inflexíveis.

Somente pelo fato da humanidade ter abordado o círculo do conhecimento, todas as suas concepções do universo foram mudadas.

Mas nessa nova esfera ainda não foi possível penetrar muito longe. A ciência constata a cada dia que suas descobertas continuam impregnadas de desconhecido. As realidades mais precisas encobrem mistérios. Um mistério é a alma ignorada das coisas.

Com tais sombras a ciência ainda está repleta e, por detrás dos horizontes atingidos por ela, outras aparecem, perdidas num infinito que parece recuar sempre.

Esse grande domínio, que nenhum filósofo pôde ainda esclarecer, é o reino dos sonhos. Eles são carregados de esperanças que nenhum argumento racional conseguiria destruir. Crenças religiosas, crenças políticas, crenças de todo tipo nele encontram um poder ilimitado. Os fantasmas temidos que o habitam são criados pela fé.

Saber e crer continuarão sempre coisas distintas. Enquanto que a aquisição da menor verdade científica exige um enorme labor, a posse de uma certeza que possui apenas a fé como suporte não exige nenhum. Todas as pessoas possuem crenças, muito poucas chegam até o conhecimento.

O mundo da crença possui sua lógica e suas leis. O cientista sempre tentou inutilmente penetrá-lo com seus métodos. Veremos nesta obra porque ele perde todo espírito crítico ao penetrar no círculo da crença e só encontra nele as mais decepcionantes ilusões.

§3. Os papeis respectivos da crença e do conhecimento.

O conhecimento constitui um elemento essencial da civilização; o grande fator de seus progressos materiais. A crença orienta os pensamentos, as opiniões e, por consequência, o comportamento.

Outrora supostas de origem divina, as crenças eram aceitas sem discussão. Sabemos hoje que elas surgem de nós mesmos e, no entanto, elas ainda se impõem. A argumentação lógica geralmente tem muito pouco efeito sobre ela, como sobre a fome ou a sede. Elaboradas nas regiões subconscientes que a inteligência não conseguiria atingir, uma crença acontece e não se discute.

Essa origem inconsciente e, portanto, involuntária das crenças, as tornam muito fortes. Religiosas, políticas ou sociais, elas sempre desempenharam um papel preponderante na história.

Ao se tornarem gerais, elas constituem pólos atrativos ao redor dos quais gravita a existência dos povos e imprimem então

sua marca sobre todos os elementos de uma civilização. Qualifica-se claramente esta última ao lhe dar o nome da fé que a inspirou. Civilização budista, civilização muçulmana, civilização cristã, são denominações muito precisas.

Ao se tornar centro de atração, a crença se torna também centro de deformação. Os diversos elementos da vida social __ filosofia, artes, literatura __ se modificam para se adaptarem a ela.

As únicas verdadeiras revoluções são aquelas que renovam as crenças fundamentais de um povo. Elas sempre foram muito raras. Comumente, apenas os nomes das convicções se transformam. A fé muda de objeto, mas não morre jamais.

Ela não poderia morrer, pois a necessidade de acreditar constitui um elemento psicológico tão indestrutível quanto o prazer ou a dor. A alma humana tem horror à dúvida e à incerteza. O ser humano atravessa às vezes fases de ceticismo, mas ele jamais permanece nela. Ele precisa ser guiado por um *credo* religioso, político ou moral que o domine e lhe evite o esforço de pensar. Os dogmas destruídos são sempre substituídos. Sobre essas necessidades indestrutíveis a razão não tem ação.

A era moderna tem tanta fé quanto os séculos que a precederam. Nos novos templos pregam-se dogmas tão despóticos quanto aqueles do passado e eles contam também com numerosos fiéis. Os velhos *credos* religiosos que escravizavam outrora a

massa foram substituídos por *credos* socialistas ou anarquistas igualmente imperiais e igualmente pouco racionais e que não dominam menos as almas. A igreja foi substituída frequentemente pelo cabaré, mas os sermões dos líderes místicos que nele se fazem ouvir são objeto da mesma fé.

E se a mentalidade dos fiéis não evoluiu muito desde a época distante em que, às margens do Nilo, Ísis e Hathor atraíam aos seus templos milhares de fervorosos peregrinos, é porque ao longo das eras, os sentimentos, verdadeiros fundamentos da alma, mantiveram sua estabilidade. A inteligência progride, os sentimentos não mudam.

Sem dúvida que a fé em um dogma qualquer não passa geralmente de uma ilusão. Não se pode desdenhar dela no entanto. Graças à sua magia poderosa, o irreal se torna mais forte do que o real. Uma crença aceita dá a um povo uma comunidade de pensamentos geradora de sua unidade e de sua força.

Sendo o domínio do conhecimento muito diferente do domínio da crença, opô-los um ao outro é uma tarefa inútil, mesmo que diariamente tentada.

Desprovida cada vez mais da crença, a ciência continua, no entanto, muito impregnada dela ainda. A ciência está submetida a ela em todos os assuntos mal conhecidos; os mistérios da vida ou da origem das espécies, por exemplo. As teorias aceitas sobre eles

não passam de simples artigos de fé, que só possuem por eles a autoridade dos mestres que as formularam.

As leis que regem a psicologia da crença não se aplicam somente às grandes convicções fundamentais que deixam uma marca indelével sobre a trama da história. Elas são aplicáveis também à maior parte de nossas opiniões cotidianas sobre os seres e as coisas que nos rodeiam.

A observação mostra facilmente que a maioria dessas opiniões não possui elementos racionais como suportes, mas elementos afetivos ou místicos, geralmente de origem inconsciente. Se as vemos discutidas com tanto ardor, é precisamente porque elas são do domínio da crença e formadas da mesma maneira. As opiniões representam geralmente pequenas crenças mais ou menos transitórias.

Seria portanto um erro acreditar que se sai do campo da crença renunciando às convicções ancestrais. Teremos oportunidade de mostrar que geralmente se afunda ainda mais nelas.

Sendo as questões levantadas pela gênese das opiniões de mesma ordem do que aquelas relativas à crença, elas devem ser estudadas da mesma maneira. Geralmente distintas em seus efeitos, crenças e opiniões pertencem no entanto à mesma família,

enquanto que o conhecimento faz parte de um mundo completamente diferente.

Dá para perceber a grandeza e a dificuldade dos problemas abordados nesta obra. Eu sonhei com eles durante muitos anos, sob diversos céus. Às vezes contemplando as milhares de estátuas erguidas há 80 séculos para a glória de todos os deuses que encarnaram nossos sonhos. Às vezes perdido por entre os pilares gigantescos dos templos com arquitetura estranha, refletidos nas águas majestosas do Nilo ou edificados sobre as margens tormentosas do Ganges. Como admirar essas maravilhas sem pensar nas forças secretas que as fizeram surgir do nada, de onde nenhum pensamento racional poderia tê-las feito eclodir.

Os acasos da vida me levaram a explorar ramos bem variados da ciência pura, da psicologia e da história e eu pude estudar os métodos científicos que produziram o conhecimento e os fatores psicológicos geradores das crenças. O conhecimento e a crença, eles são toda nossa civilização e toda nossa história.

***

CAPÍTULO II

Os métodos de estudo da psicologia.

Sumário

Para se constituir a psicologia recorreu a vários métodos. Não iremos utilizá-los no estudo das opiniões e das crenças. Seu simples resumo mostrará que eles só poderiam fornecer bem poucos elementos de informação à nossas pesquisas.

Método de introspecção – O mais antigo método psicológico, o único praticado durante muito tempo, foi aquele chamado de introspecção. Encerrado em seu gabinete de estudos e ignorando voluntariamente o mundo exterior, o pensador refletia sobre ele mesmo e com os resultados de suas meditações fabricava grossos livros. Eles não encontram mais leitores hoje em dia.

O último século viu nascerem métodos mais científicos sem dúvida, mas não mais fecundos. Ei-los:

Método psicológico – Inicialmente, este método, que introduziu medidas físicas em psicologia, parecia possuir um grande futuro, mas descobriu-se rapidamente o quanto seu campo era limitado. Essas medidas só recaiam sobre fenômenos elementares: velocidade do agente nervoso, tempos necessários para os movimentos reflexos, relação logarítmica entre excitação e

sensação etc. Tratava-se, na realidade, de operações fisiológicas das quais a psicologia só podia tirar um partido muito pequeno.

Método das localizações cerebrais – Ele consistia em procurar a alteração das funções psicológicas correspondentes com certas lesões nervosas artificialmente provocadas. Acreditava-se poder estabelecer uma gama de localizações. Elas estão quase inteiramente abandonadas hoje em dia, mesmo aquelas que pareceram inicialmente melhor estabelecidas, como os centros da linguagem e da escrita.

Método dos testes e dos questionários – Este método obteve durante muito tempo um grande sucesso e os laboratórios, ditos de psicologia, ainda estão repletos de instrumentos destinados a medir todas as operações supostamente em relação com a inteligência. Editou-se mesmo uma quantidade de questionários aos quais bem que quiseram se submeter algumas pessoas ilustres. Aquele publicado sobre Henri Poincaré, por um dos últimos adeptos desse método, bastaria para mostrar a insignificância que a psicologia pode tirar deles. Ele está atualmente completamente abandonado.

Método baseado no estudo das alterações patológicas da inteligência – Este método, o último, é certamente aquele que forneceu mais documentos sobre a atividade psicológica

inconsciente: o misticismo, a imitação, as desagregações da personalidade etc. Embora muito restrito, ele foi fecundo.

Mesmo que nova em sua aplicação, a psicologia patológica não permaneceu ignorada dos grandes dramaturgos como Shakespeare. Sua poderosa capacidade de observação o levou a descobrir fenômenos que a ciência acabaria por precisar mais tarde. Lady Macbeth é uma alucinada; Otelo, um histeroepiléptico; Hamlet, um alcoólatra assombrado por fobias; o rei Lear, um maníaco melancólico, vítima de loucura intermitente. É preciso reconhecer, aliás, que, se todos estes personagens fossem sujeitos normais em vez de possuir uma psicologia alterada e instável, a literatura e a arte não teriam se ocupado com eles.

Método baseado na psicologia comparada – Muito recente ainda, este método se limitou até aqui ao estudo dos instintos e de certas reações elementares qualificadas de tropismos. Ele parece, no entanto, que deverá se constituir num dos métodos do futuro.

Para compreender os fenômenos psíquicos dos seres superiores é preciso estudar inicialmente aqueles das criaturas mais inferiores. Essa evidência, no entanto, não aparece aos psicólogos que pretendem estabelecer uma distinção inexorável entre a razão do ser humano e a dos seres colocados abaixo dele.

A natureza não conhece tais descontinuidades e já ultrapassamos a época em que Descartes considerava os animais como puros autômatos.

Este estudo está, aliás, repleto de dificuldades. Constata-se a cada dia mais que os sentidos dos animais e, por consequência, suas sensações, diferem das nossas. Os elementos que eles associam, a maneira com que eles os associam, devem também, sem dúvida, ser distintos.

A psicologia dos animais, mesmo superiores, ainda está em seu início. Para compreendê-los, é preciso olhá-los de muito perto e é uma pena que se faça tão pouco disso.

Aprenderíamos rapidamente a entendê-los, no entanto, com um exame atento. Eu dediquei vários anos à sua observação. Os resultados foram expostos num relatório sobre a psicologia do cavalo, publicado na **Revue Philosophique.** Eu deduzi dele regras novas para seu adestramento. Essas pesquisas me foram muito úteis para a redação de meu livro sobre a psicologia da educação.

Método adotado nesta obra para o estudo das opiniões e das crenças – A enumeração precedente permite pressentir que nenhum dos métodos psicológicos clássicos __ nem os questionários, nem a psicofísica, nem as localizações, nem mesmo a psicopatologia __ podem ensinar alguma coisa sobre a gênese e

a evolução das opiniões e das crenças. Devemos então recorrer a outros métodos.

Após ter estudado o terreno receptivo das crenças __ inteligência, sentimentos, subconsciente etc. __ estudamos as diversas crenças religiosas, políticas, morais etc. e examinamos o papel de cada um de seus fatores determinantes. A história, para o passado e os fatos de cada dia, para o presente, fornecem os elementos desse estudo.

Mas a generalidade das grandes crenças pertence ao passado. O ponto mais impressionante de sua história é o absurdo evidente dos dogmas sob o ponto de vista da razão pura. Explicaremos sua adoção mostrando que no campo da crença, a pessoa mais esclarecida, o cientista mais familiarizado com os métodos rigorosos de laboratório, perde todo espírito crítico e admite sem dificuldade milagres maravilhosos. O estudo dos fenômenos ocultistas fornecerá, sobre este ponto, demonstrações categóricas. Veremos físicos ilustres pretender terem visto seres vivos se dividirem em dois e convivido com fantasmas materializados; um célebre professor de fisiologia evocar os mortos e conversar com eles; um outro, não menos célebre, assegurar ter visto um guerreiro com armadura sair do corpo de uma jovem com órgãos completos, como provava o estado de sua circulação e o exame dos produtos de sua respiração.

Todos esses fenômenos e outros de mesma ordem nos provarão que a razão é impotente contra as crenças mais erradas.

Mas porque a mente que penetra no campo da crença manifesta, qualquer que seja sua cultura, uma credulidade ilimitada?

Para descobri-lo, fomos levados a expandir o problema e pesquisar a origem dos atos dos diversos seres vivos; do animal mais inferior até o ser humano.

Apareceu-nos então claramente que as explicações clássicas eram tão insuficientes ou tão nulas quanto a obstinação dos autores em querer aplicar os métodos da lógica racional a fenômenos que ela não rege. Nas operações complexas da vida, como nos reflexos inconscientes, verdadeiras fontes de nossa atividade, aparecem encadeamentos particulares independentes da razão e que termos tão imprecisos como instinto não conseguiriam definir.

Continuando a cruzar essas questões, fomos levados a reconhecer diversas formas de lógica, inferiores ou superiores, segundo o caso, à lógica racional, mas sempre diferentes dela.

Foi assim que, à lógica racional, conhecida em todos os tempos e à lógica afetiva, estudadas há alguns anos, acrescentamos várias formas novas de lógica que podem se superpor ou entrar em conflito e dar à nossa mentalidade impulsos

diferentes. Aquela que rege o domínio do conhecimento não tem nenhuma relação com a que produz as crenças. É por isso que o cientista mais esclarecido poderá manifestar opiniões contraditórias, racionais ou irracionais, de acordo com o círculo onde ele estiver: conhecimento ou crença.

Não foi à psicologia clássica que foi possível demandar explicações para todas estas questões. Os mais ilustres psicólogos modernos __ William James, particularmente __ se limitaram a constatar "a fragilidade de uma ciência que invoca a crítica metafísica a todas as suas articulações ... Ainda estamos esperando a primeira luz que vai penetrar na obscuridade das realidades psicológicas fundamentais", diz ele. Sem concordar totalmente com o ilustre pensador que os livros de psicologia contém unicamente "uma fileira de fatos grosseiramente observados e algumas discussões agressivas e inconsequentes de teorias", é preciso reconhecer, concordando com ele, que a psicologia clássica não possui "uma só lei, uma só fórmula da qual possamos deduzir uma consequência, como se deduz um efeito de sua causa".

É então sobre um terreno muito obstruído, em aparência, mas virgem, na realidade, que vamos tentar construir uma teoria da formação e da evolução das opiniões e das crenças.

***

LIVRO II

O terreno psicológico das opiniões e das crenças.

CAPÍTULO I

Os grandes propulsores da atividade dos seres. O prazer e a dor.

§1. Os papéis do prazer e da dor.

Sumário

O prazer e a dor são a linguagem da vida orgânica e afetiva, a expressão de equilíbrios satisfeitos ou perturbados do organismo. Eles representam os meios empregados pela natureza para obrigar os seres a certos atos sem os quais a manutenção da existência seria impossível.

Prazer e dor são portanto os indicadores de um estado afetivo anterior. São efeitos, como os sintomas patológicos são as consequências de uma doença.

A faculdade de experimentar o prazer e a dor constitui a sensibilidade. A vida afetiva e psíquica dos seres depende inteiramente dessa sensibilidade.

A linguagem dos órgãos, traduzida pelo prazer e pela dor, é mais ou menos imperiosa, segundo as necessidades a serem satisfeitas. Existem algumas, como a fome, que não esperam.

A fome é a dor mais temida; o amor, o prazer mais procurado e podemos repetir, como o grande poeta Schiller, que a máquina do mundo é mantida pela fome e pelo amor.

As outras variedades de prazer e de dor são móveis e menos poderosas, porque menos intensas. É sem razão que Schopenhauer sustentava que "se pode reduzir a três todos os princípios que fazem o ser humano agir: o egoísmo, a maldade e a piedade".

Nos últimos anos, alguns filósofos __ William James, particularmente __ contestaram o papel do prazer e da dor como motivadores de nossa atividade. "Eles não intervém, de maneira alguma, por exemplo, nas manifestações de nossas emoções. Quem franze o supercílio pelo prazer de franzir o supercílio? Não se respira por prazer", diz este último.

Esta argumentação não é feliz. Certamente que não se respira por prazer, mas a dor que produziria a cessação de respirar obriga rigorosamente a esta função. Não se franze os supercílios por prazer, mas após um descontentamento, o que já constitui uma forma de dor.

§2. Características descontínuas do prazer e da dor.

O prazer e a dor não conhecem a duração. Sua natureza é se desgastarem rapidamente e, por consequência, só existirem com a condição de serem intermitentes. Um prazer prolongado deixa

rapidamente de ser um prazer e uma dor contínua rapidamente se atenua. Sua diminuição pode mesmo, por comparação, se tornar um prazer.

O prazer só é, portanto, prazer, com a condição de ser descontínuo. O único prazer um pouco durável é o prazer não realizado, ou desejo.

O prazer só é conhecido por comparação com a dor. Falar de prazer eterno é um absurdo, como observou justamente Platão. Os deuses que ignoram a dor não podem, segundo ele, experimentar o prazer.

A descontinuidade do prazer e da dor representa a consequência da lei fisiológica que diz que a mudança é a condição da sensação. Não percebemos estados contínuos, mas diferenças entre estados simultâneos ou sucessivos. O tique-taque do mais barulhento relógio acaba, ao longo do tempo, por não ser mais ouvido e o moleiro não será despertado pelo ruído das engrenagens de seu moinho, mas pela sua parada.

É em razão dessa descontinuidade necessária que o prazer prolongado logo deixa de ser prazer, mas qualquer coisa de neutro e só pode ser reavivado após ter sido perdido. A felicidade paradisíaca sonhada pelos crentes logo seria sem atrativo para eles, a menos que se passe alternadamente do paraíso ao inferno.

O prazer é sempre relativo e ligado às circunstâncias. A dor de hoje se torna o prazer de amanhã e inversamente. Dor, para uma pessoa que jantou abundantemente, é ser condenada a comer cascas de pão seco; prazer, para o mesmo indivíduo abandonado vários dias sem alimento numa ilha deserta.

A sabedoria popular diz, com razão, que cada um obtém seu prazer onde o encontra. O prazer do trabalhador bebendo e xingando no cabaré difere sensivelmente daquele do artista, do cientista, do inventor, do poeta, compondo suas obras. O prazer de Newton ao descobrir as leis da gravitação, foi, sem dúvida, mais vivo do que se ele tivesse herdado as numerosas mulheres do rei Salomão.

A importância do papel da sensibilidade ao prazer e à dor aparece nitidamente ao se tentar imaginar o que poderia ser a existência de um desses espíritos puros, como os sectários de várias religiões os supõem.

Desprovidos de sentido e, por consequência, de sensações e de sentimentos, eles permaneceriam indiferentes ao prazer e à dor e não conheceriam nenhum de nossos motivadores de ação. Os mais angustiantes sofrimentos dos indivíduos antes queridos por eles, não conseguiriam emocioná-los. Eles não experimentariam, portanto, nenhuma necessidade de se comunicar com eles. A existência de tais seres nem mesmo seria concebível.

§3. O desejo como consequência do prazer e da dor.

O prazer e a dor produzem o desejo. Desejo de atingir o prazer e de evitar a dor.

O desejo é o principal motivador de nossa vontade e, por consequência, de nossos atos. Do pólipo ao ser humano, todos os seres são movidos pelo desejo.

Ele inspira a vontade, que não pode existir sem ele e depende de sua intensidade. O desejo fraco produz naturalmente uma vontade fraca.

Não se pode, no entanto, confundir vontade e desejo, como fizeram vários filósofos, como Condillac e Schopenhauer. Tudo o que é querido é, evidentemente, desejado; mas deseja-se muitas coisas que se sabe que não se pode querer.

A vontade implica em deliberação, determinação e execução; estados de consciência que não são observados no desejo.

O desejo estabelece a escala de nossos valores. Variável, aliás, com o tempo e as culturas. O ideal de cada povo é a fórmula de seu desejo.

Um desejo que invade toda a compreensão transforma nossa concepção das coisas, nossas opiniões e nossas crenças. Spinoza disse justamente: julgamos uma coisa boa, não pelo discernimento, mas porque a desejamos.

Como o valor das coisas não está nelas mesmas, ele é determinado unicamente pelo desejo e proporcionalmente à intensidade desse desejo. A avaliação variável dos objetos de arte fornece cotidianamente a prova disso.

Pai de todos os esforços, mestre soberano do ser humano, gerador dos deuses, criador de todo ideal, o desejo não figura, no entanto, nos Panteões antigos. Apenas o grande reformador Buda compreendeu que o desejo é o verdadeiro dominador das coisas, o propulsor da atividade dos seres. Para livrar a humanidade de suas misérias e conduzi-la ao perpétuo repouso, ele tentou suprimir esse grande motivador de nossas ações. Sua lei submeteu milhões de pessoas, mas não triunfou sobre o desejo.

Com efeito, o ser humano não conseguiria viver sem ele. O mundo das ideias puras de Platão poderia possuir a beleza serena com que ele sonhava e conter os modelos eternos das coisas, mas se ele não for vivificado pelo sopro do desejo, ele não nos interessaria.

§4. O prazer em perspectiva. A esperança.

A esperança é filha do desejo, mas não é o desejo. Ela constitui uma aptidão mental que nos faz acreditar na realização de um desejo. Pode-se desejar uma coisa sem esperá-la. Todo mundo deseja a fortuna, muito poucos a esperam. Os cientistas

desejam descobrir a causa primeira dos fenômenos, eles não têm nenhuma esperança de conseguir isso.

O desejo se aproxima algumas vezes da esperança, a ponto de se confundir com ela. Na roleta, eu desejo e espero ganhar.

A esperança é uma forma de prazer em perspectiva que, em sua fase de espera, constitui uma satisfação geralmente maior do que aquela produzida por sua realização.

A razão disso é evidente. O prazer realizado é limitado em quantidade e em duração, enquanto que nada limita a grandeza do sonho criado pela esperança. O poder e o encanto da esperança está em conter todas as possibilidades de prazer.

Ela constitui um tipo de varinha mágica que transforma todas as coisas. Os reformadores sempre só fizeram substituir uma esperança por outra.

§5. O regulador do prazer e da dor. O hábito.

O hábito é o grande regulador da sensibilidade. Ele produz a continuidade de nossos atos, atenua o prazer e a dor e nos familiariza com as fadigas e os mais duros esforços. O mineiro se habitua muito bem com sua penosa existência, a tal ponto que ele lamenta quando a idade da aposentadoria o condena a viver sob o sol.

O hábito __ regulador da vida individual __ é também o verdadeiro suporte da vida social. Pode-se compará-lo à inércia, que se opõe, em mecânica, às variações de movimento. O difícil para um povo é, inicialmente, criar hábitos sociais e depois não se deixar prender muito por eles. Quando o jugo dos hábitos pesa muito tempo sobre ele, ele só consegue se livrar deles através de revoluções violentas. O repouso na adaptação, que constitui o hábito, não deve se prolongar. Povos envelhecidos, civilizações avançadas, indivíduos de idade avançada, tendem muito a sofrer o jugo dos costumes, ou seja, do hábito.

É inútil dissertar longamente sobre seu papel. Ele impressionou todos os filósofos e tornou-se um dogma da sabedoria popular.

Diz Pascal:

> *O que são nossos princípios naturais, senão nossos princípios habituais? E, nas crianças, aqueles que receberam os costumes de seus pais... um diferente costume dará outros princípios naturais.*
>
> *O costume é uma segunda natureza que destrói a primeira.*
>
> *O costume faz nossas provas as mais fortes e as mais críveis; ele incita o autômato que conduz a mente sem que ela pense nisso... Foi ele que fez tantos cristãos. Foi ele que*

fez os turcos, os pagãos, as profissões, os soldados etc. Enfim, é preciso recorrer a ele, uma vez que o espírito tenha visto onde está a verdade.

... Para adquirir uma crença mais fácil é preciso que haja o hábito, que, sem violência, sem artifício, sem argumento, nos faz acreditar nas coisas e inclina todos os nossos poderes para essa crença, de sorte que nossa alma cai nela naturalmente. Quando só se acredita pela força da convicção... isso não é suficiente.

A existência de um indivíduo ou de um povo seria instantaneamente paralisada se, por um poder sobrenatural, ele fosse subtraído da influência do hábito. É ele que nos dita a cada dia o que devemos dizer, fazer e pensar.

§6. O prazer e a dor considerados como as certezas psicológicas fundamentais.

Os filósofos tentaram abalar todas as nossas certezas e mostrar que só conhecemos do mundo as aparências.

Mas possuiremos sempre duas grandes certezas, que nada conseguiria destruir: o prazer e a dor. Toda nossa atividade deriva delas. As recompensas sociais, os paraísos e os infernos criados pelos códigos religiosos ou civis se baseiam na ação dessas certezas, cuja realidade evidente não pode ser contestada.

Logo assim que se manifesta a vida, aparecem o prazer e a dor. Não é o pensamento, mas a sensibilidade que nos revela nosso eu. Ao dizer “Eu sinto, logo, eu sou”, em vez de “Eu penso, logo, eu sou”, Descartes estaria mais perto da verdade. Sua fórmula, assim modificada, se aplica a todos os seres e não mais somente a uma fração da humanidade.

Dessas duas certezas poder-se-ia tirar toda uma filosofia prática da vida. Elas fornecem uma resposta precisa à eterna questão, tão repetida desde o **Eclesiastes**: *porque* tanto trabalho e tanto esforço, já que a morte nos espera e nosso planeta se resfriará um dia?

Por quê? Porque o presente ignora o futuro e porque no presente a natureza nos condena a procurar o prazer e fugir da dor.

O trabalhador curvado em seu trabalho, a irmã de caridade que nenhuma ferida revolta, o missionário torturado pelos selvagens, o cientista que persegue a solução de um problema, o obscuro micróbio que se agita no fundo de uma gota de água, todos obedecem aos mesmos estimulantes de atividade: a atração pelo prazer e o medo da dor.

Nenhuma atividade tem outro motivador. Não se conseguiria nem mesmo imaginar outros. Apenas os nomes podem variar. Prazeres estéticos, guerreiros, religiosos, sexuais etc. são formas diversas do mesmo propulsor fisiológico. A

atividade dos seres desapareceria se desaparecessem as duas certezas que são seus grandes motivadores: o prazer e a dor.

***

CAPÍTULO II

As variações da sensibilidade como elementos da vida individual e social.

§1. Limites das variações da sensibilidade ao prazer e à dor.

Sumário

A introdução do quantitativo no estudo dos fenômenos físicos é a primeira etapa de seu progresso. Enquanto não tivemos o termômetro para medir a temperatura foi preciso se contentar com as apreciações individuais variáveis de um sujeito a outro.

Os progressos realizados no domínio do racional ainda não aconteceram no domínio do afetivo. Ignoramos o termômetro capaz de medir exatamente as variações da sensibilidade ou a grandeza de um sentimento.

Parece, no entanto, que, apesar das aparências, nossa sensibilidade ao prazer e à dor só pode oscilar em limites muito estreitos. Esta afirmação não passa, aliás, de uma simples hipótese desprovida de provas.

Ela tem como apoios, além das observações psicológicas fracamente contestáveis, as experiências dos fisiologistas. Estes últimos mostraram que as sensações não podem crescer indefinidamente e possuem um limite superior acima do qual o

aumento de uma excitação permanece sem efeito. Há também um limite inferior, abaixo do qual a excitação não acontece.

No campo onde as excitações são perceptíveis, a sensação não cresce proporcionalmente à intensidade da excitação que a provoca. Para que sensação aumente em progressão aritmética é preciso que a excitação cresça em proporção geométrica.

De acordo com Fechner, a sensação aumenta segundo o logaritmo da excitação. Assim, para dobrar a sensação produzida por uma excitação __ a de um instrumento musical, por exemplo __ seria preciso decuplicar o número de instrumentos; para triplicá-la, dever-se-ia centuplicar este número.

Seja uma orquestra de dez músicos executando o mesmo instrumento. Para dobrar a intensidade sonora, seria preciso elevar a cem (número cujo logaritmo é 2) o número dos instrumentos. Para triplicar a mesma sensação, seria preciso levá-lo a mil (cujo logaritmo é 3).

Aplicadas ao prazer e à dor, estas noções mostram que a excitação deve ser consideravelmente aumentada para intensificar um pouco o efeito produzido.

Os números acima não poderiam, evidentemente, ter nada de absoluto e eles indicam apenas o sentido geral do fenômeno. Num sentimento entram elementos muito mais complexos que numa sensação. Nosso único objetivo foi mostrar o quanto é

limitada a extensão das oscilações possíveis de nossa sensibilidade ao prazer e à dor.

E como poderia ser de outra maneira? Os organismos sofrem com lentidão todas as adaptações, mas são incapazes de suportar bruscas variações. Eles também possuem agentes reguladores destinados a evitar essas variações. Em estado normal a temperatura do corpo só varia em alguns décimos de grau, por mais intenso que seja o frio ou o calor exterior. Oscilações que atinjam 2 ou 3 graus só são observadas nas doenças graves e nunca se mantém por muito tempo sem levar à morte. Cada organismo possui um nível de equilíbrio do qual não se pode afastar muito.

Há também uma outra lei __ a da não acumulação das sensações __ que desempenha, em nossa vida sensitiva, um papel considerável, mesmo que frequentemente esquecido.

Sabe-se que certos corpos __ uma placa fotográfica, por exemplo __ gozam da propriedade de acumular as pequenas impressões sucessivas que os atingem. Impressões fracas, mas suficientemente repetidas, produzem sobre eles, ao longo do tempo, o mesmo resultado que uma impressão forte, mas curta. A placa fotográfica pode, com uma exposição adequada, reproduzir estrelas jamais visíveis ao olho nu, precisamente porque a retina não possui a propriedade de acumular as pequenas impressões.

O que é verdadeiro para o olho o é igualmente para as formas diversas de nossa sensibilidade. De uma maneira geral, mas comportando, no entanto, exceções, ela não pode acumular as impressões. Estas últimas, disseminadas ao longo do tempo, não se somam.

Suponhamos, para fixar as ideias, que um acidente de estrada de ferro faça perecer trezentas pessoas. Nossa sensibilidade será muito vivamente afetada. As colunas dos jornais abundarão em detalhes aterrorizantes. Os soberanos trocarão telegramas de condolências.

Imaginemos, pelo contrário, a morte dessas trezentas pessoas, produzida por uma série de pequenos acidentes repartidos no espaço de um ano. Como nossa sensibilidade não acumulou as emoções leves produzidas por cada acidente, o efeito final será quase nulo.

E é felizmente que isso seja assim. Se o organismo fosse construído de maneira a acumular as pequenas dores, a vida se tornaria rapidamente insuportável.

§2. As oscilações da sensibilidade individual e seu papel na vida social.

Acabamos de ver que as variações possíveis da sensibilidade não têm grande extensão, nem longa duração. Mas a observação cotidiana mostra que, nestes limites estreitos, ela oscila

perpetuamente. Saúde, doença, meio, acontecimentos etc. a modificam sem parar. Ela pode ser comparada ao lago que um vento leve eriça a superfície, sem levantar vagas muito altas.

Essas variações constantes explicam porque nossos gostos, nossas ideias e nossas opiniões mudam frequentemente. Elas ainda se exageram, quando os costumes e crenças ancestrais, que limitam as oscilações da sensibilidade, tendem a desaparecer. A instabilidade se torna então a regra.

Certos fatores das opiniões podem igualmente limitar as oscilações da sensibilidade. É o caso do contágio mental, criador de modas capazes de estabilizar um pouco nossa sensibilidade. As sensibilidades coletivas, momentaneamente fixadas, se traduzem então em obras diversas que são o espelho de uma época.

Muito afinada por certas excitações repetidas, a sensibilidade acaba por se intelectualizar um pouco. A mente completa o que antes demandaria um acúmulo de detalhes. Compare, por exemplo, os pesados desenhos de Daumier com esses sóbrios esboços modernos, onde são mantidos apenas os traços que lembram os personagens, deixando ao olho a tarefa de completá-los. Da mesma maneira na literatura, as longas descrições de paisagens foram substituídas hoje por algumas linhas breves, mas evocativas.

Ao se afinar, a sensibilidade se embota também. A música simples de Lulli, que encantava nossos pais, nos aborrece. A maior parte das óperas, de cinquenta anos atrás, parece fora de moda. A harmonia dominou mais e mais a melodia e é preciso agora, para excitar sensibilidades cansadas, certas dissonâncias que os antigos compositores teriam considerado como erros.

Apenas as obras de uma época __ artísticas e literárias, sobretudo __ permitem conhecer a sensibilidade dessa época e suas variações.

É precisamente porque elas são a verdadeira expressão da sensibilidade de uma época, que as obras de arte são datadas facilmente. Pela mesma razão elas são muito mais instrutivas do que metódicos livros de história. O historiador avalia o passado com sua sensibilidade moderna. Sua interpretação, forçosamente falsa, nos ensina pouco. O menor conto, romance, quadro, monumento, da época considerada, é de um ensinamento muito mais exato e interessante.

As sensibilidades não transpõem o espaço nem o tempo. Uma obra arquitetônica formada por uma mistura de elementos distanciados ou provenientes de povos diferentes nos chocará necessariamente, porque saíram de sensibilidades diferentes das nossas.

Se, por causa da evolução de nossa espécie, nossa sensibilidade se transformasse, todas as obras do passado, as mais admiradas hoje em dia __ o Parthenon, as catedrais góticas, os grandes poemas, as pinturas célebres __ seriam olhadas como produções indignas de chamar a atenção.

Esta não é uma hipótese inútil. De Luís XIII ao começo do último século, o gótico não foi considerado como uma arte bárbara, objeto de maledicências dos escritores e dos artistas; J. J. Rousseau, particularmente?

Uma longa evolução não seria mesmo necessária para levar os povos a desdenhar do que eles admiram hoje em dia. Bastaria que a educação persistisse em sua tendência atual especialista e técnica e que continue a ascensão rápida das multidões ao poder. Todas as formas de arte só representam para elas um desprezível luxo. A Comuna __ expressão muito fiel da alma popular __ não hesitou em incendiar os mais belos monumentos de Paris, como o Hotel de Ville e as Tulherias. Unicamente por acaso o Louvre, com suas coleções, escapou a esse vandalismo.

Qualquer que seja seu futuro, as obras do passado sobrevivem ainda e, sozinhas, nos fazem conhecer sua verdadeira história.

Sem esses elementos de informação, fornecidos pela literatura e a arte, a sensibilidade de uma época continuaria tão

desconhecida quanto a dos habitantes de Júpiter. Poderíamos determinar apenas sua intelectualidade, através do estudo dos livros de ciência.

Estes últimos são, com efeito, geralmente independentes da sensibilidade de seus autores. Um romance é sempre datado; um tratado de geometria pura não é. A velha geometria de Euclides, ainda ensinada, poderia ser assinada por um matemático moderno. Seu autor a redigiu, com efeito, com elementos puramente racionais e onde a sensibilidade não teve nenhuma participação. A inteligência sabe colocar em evidência verdades gerais e eternas. A sensibilidade cria verdades particulares e momentâneas.

§3. As variações dos ideais e das crenças criadas pelas oscilações da sensibilidade coletiva.

Qualquer que seja o povo, ou o tempo considerado, o objetivo constante da atividade humana foi sempre a busca da felicidade. Ele consiste, em última análise, eu repito mais uma vez, em perseguir o prazer e fugir da dor.

Sobre esta concepção fundamental, as pessoas estiveram constantemente em acordo. As divergências recaem somente sobre a ideia que se faz da felicidade e sobre os meios de conquistá-la.

Suas formas são diversas, mas o termo prosseguiu idêntico. Sonhos de amor, de riqueza, de ambição ou de fé, são os

poderosos fatores de ilusão que a natureza emprega para nos conduzir a seus fins.

Realização de um desejo presente ou simples esperança, a felicidade é sempre um fenômeno subjetivo. Assim que os contornos do sonho estão um pouco definidos na mente, nós o perseguimos com ardor.

Mudar a concepção de felicidade de um indivíduo ou de um povo, ou seja, seu ideal, é mudar no mesmo golpe sua concepção de vida e, por consequência, seu destino. A história não passa da narrativa dos esforços empreendidos pela humanidade para construir um ideal e destruí-lo em seguida, quando, ao atingi-lo, ela descobre sua frivolidade.

A esperança de felicidade concebida por cada povo e as crenças que são sua fórmula sempre constituíram a alavanca de sua potência. Seu ideal nasce, cresce e morre com ele e, qualquer que ele seja, dota o povo que o aceita de uma grande força. Essa força é tal, que o ideal age até mesmo quando ele promete pouca coisa. Compreende-se o mártir, para quem a fogueira representava a porta do céu, mas que proveito um legionário romano ou um soldado de Napoleão poderiam retirar de suas cavalgadas através do mundo? A morte ou ferimentos. Seu ideal coletivo era, no entanto, suficientemente forte para encobrir todos os sofrimentos. Sentir-se os heróis dessas grandes épocas era um ideal de

felicidade, um paraíso presente divinamente encantador. Uma nação sem ideal desaparece rapidamente da história.

***

CAPÍTULO III

As esferas das atividades vitais e psicológicas. A vida consciente e a vida inconsciente.

§1. As esferas das atividades vitais e psicológicas.

Sumário

Sendo o objetivo desta obra estudar a formação das opiniões e das crenças, é necessário inicialmente conhecer o terreno sobre o qual elas podem germinar. Esse conhecimento é um tanto quanto útil em vista do fato de que, com os progressos da ciência atual, as explicações dos antigos livros de psicologia tornaram-se bem ilusórias.

Os fenômenos manifestados pelos seres vivos podem ser reduzidos a várias categorias, superpostas hoje em dia, mas que se sucederam lentamente ao longo do tempo: 1º) fenômenos vitais (nutrição, respiração etc.); 2º) fenômenos afetivos (sentimentos, paixões etc.); 3º) fenômenos intelectuais (reflexão, raciocínio etc.). Estes últimos apareceram bem tarde na história da humanidade.

A vida orgânica, a vida afetiva e a vida intelectual constituem assim três esferas de atividades bem distintas; mas, mesmo que separadas umas das outras, agem sem parar umas sobre as outras. É impossível, por esta razão, compreender as últimas sem estudar a primeira. É, portanto, muito erradamente

que os psicólogos deixam de lado o exame dos fenômenos vitais e o abandonam aos fisiologistas.

Mostraremos seu papel fundamental ao estudar, numa outra parte desta obra, os fenômenos regidos pela lógica biológica. Só será tratada no presente capítulo a etapa primitiva da vida psíquica: a atividade inconsciente da mente. Sua importância é preponderante, pois neste terreno se encontram as raízes de nossas opiniões e de nosso comportamento.

§2. A psicologia inconsciente e as origens da intuição.

Os sentimentos só entram na consciência após uma elaboração automática que acontece na muito obscura zona do inconsciente chamada hoje em dia de subconsciente e cuja exploração mal começou.

Sendo os estados conscientes os únicos facilmente acessíveis, a psicologia, inicialmente, não conheceu outros. Por vias indiretas, mas muito precisas, a ciência moderna provou que os fenômenos inconscientes desempenham na vida mental um papel geralmente mais importante do que os fenômenos intelectuais. Os primeiros são o substrato dos segundos. Pode-se comparar a vida intelectual a essas pequenas ilhotas que são o cume de imensas montanhas submarinas invisíveis. As imensas montanhas representam o inconsciente.

O inconsciente é em grande parte um resíduo ancestral. Seu poder é devido ao fato de que ele representa a herança de uma longa série de gerações em que cada uma delas lhe acrescentou alguma coisa.

Seu papel, desconhecido outrora, tornou-se tão preponderante hoje em dia que certos filósofos __ W. James e Bergson, particularmente __ procuram nele a explicação da maior parte dos fenômenos psicológicos.

Sob sua influência nasceu um movimento anti-intelectualista de muito destaque. Os adeptos da nova escola acabaram por esquecer um pouco de que somente a lógica racional permite construir os progressos científicos e industriais, geradores de nossas civilizações.

As pesquisas que chegaram a dotar o subconsciente de uma importância tal não derivam de especulações puras, mas de certas experiências realizadas, aliás, com um outro objetivo, que não o de sustentar argumentações filosóficas. Eu mencionarei, dentre elas, os estudos sobre o hipnotismo, a desagregação mórbida das personalidades, o sonambulismo, os atos dos médiuns etc. O mecanismo dos efeitos observados permanece, aliás, ignorado. Em matéria de psicologia inconsciente, bem como da psicologia consciente, é preciso se contentar com simples constatações.

O inconsciente nos guia na imensa maioria dos atos da vida cotidiana. Ele é nosso senhor, mas um senhor que pode se tornar servidor, se for convenientemente orientado. A prática de uma profissão ou de uma arte acontece facilmente assim que o inconsciente, suficientemente treinado, a dirige. Uma moral correta é o inconsciente bem treinado.

O inconsciente representa um vasto depósito de estados afetivos e intelectuais que constituem um capital psíquico e que pode se enfraquecer, mas que jamais morre inteiramente.

Se fosse necessária, mesmo sem contar com isso, a observação de certos estados patológicos, poder-se-ia dizer que os elementos que entram no domínio do inconsciente, ali se mantêm por muito tempo, senão para sempre. Pelo menos é desta maneira que se explicam certos fenômenos constatados nos médiuns ou nos doentes que se põem a falar línguas que eles não aprenderam, mas ouviram falar durante sua juventude.

A intuição __ origem das inspirações, que, num nível excepcional, constituem a genialidade __ surge completa de um inconsciente preparado pela hereditariedade e uma cultura adequada. As inspirações do grande comandante, que trazem vitórias e dominam o destino; as do poderoso artista, que nos revela o esplendor das coisas; as do cientista ilustre, que penetra os mistérios, aparecem sob a forma de eclosões espontâneas, mas

o inconsciente de onde elas nascem tinha elaborado lentamente sua floração.

Mesmo que eles possam ser provocados por certas representações mentais de origem puramente intelectual, os sentimentos se formam no domínio do inconsciente. Sua lenta elaboração pode ter, no final, manifestações súbitas, que explodem como um tiro; como as conversões religiosas ou políticas, por exemplo.

Os sentimentos elaborados no inconsciente nem sempre chegam à consciência ou só chegam até ela após diversas elaborações. Por isso, ignoramos às vezes nossos sentimentos reais com relação aos seres ou às coisas que nos rodeiam. Muito frequentemente os sentimentos e, por consequência, as opiniões e as crenças que resultam deles, são completamente diferentes daqueles que supomos. O amor e o ódio existem algumas vezes em nossa alma antes de serem suspeitados. Eles se revelam somente quando somos obrigados a agir. A ação, com efeito, constitui o único critério indiscutível dos sentimentos. Agir é aprender a se conhecer. As opiniões formuladas permanecem palavras inúteis se elas não têm o ato por sanção.

§3. As formas de inconsciente. O inconsciente intelectual e o inconsciente afetivo.

Pode-se, eu creio, estabelecer três categorias distintas no mundo da atividade inconsciente.

Primeiramente se encontra o inconsciente orgânico, que rege todos os fenômenos da vida: respiração, circulação etc. Estabilizado depois de muito tempo através das acumulações hereditárias, ele funciona com uma admirável regularidade e, completamente independente de nós, dirige a vida e nos faz passar da infância à velhice e à morte, sem que possamos compreender sua ação.

Acima do inconsciente orgânico coloca-se o inconsciente afetivo. De formação mais recente, ele é um pouco menos estável, mas, no entanto, ainda muito autônomo. É por isso que, se podemos mudar os objetos sobre os quais recaem nossos sentimentos, nossa ação sobre eles é muito pequena.

No alto dessa escala se encontra o inconsciente intelectual. Surgido muito tarde na história do mundo, ele não possui raízes ancestrais muito profundas. Enquanto que os inconscientes orgânico e afetivo acabam por criar instintos transmitidos pela hereditariedade, o inconsciente intelectual só se manifesta sob a forma de predisposições e de tendências e a educação deve completá-lo a cada geração.

A educação exerce muita ação sobre o inconsciente intelectual precisamente porque ele está menos fixado que as outras formas de inconsciente. Ela exerce, pelo contrário, muito pouca ação sobre os sentimentos, elementos fundamentais de nosso caráter, fixados há muito tempo.

O inconsciente afetivo é geralmente um senhor imperioso, indiferente às decisões da razão. É por isso que tantas pessoas, muito sábias em seus escritos e seus discursos tornam-se, em seu comportamento, simples autômatos, dizendo o que não gostariam de dizer e fazendo o que não gostariam de fazer.

Resulta das explicações precedentes que a inteligência não é, como se acreditou por muito tempo, o fator mais importante da vida mental. O inconsciente elabora e os resultados dessa elaboração chegam completamente formados à inteligência, como as palavras que surgem nos lábios do orador.

A grande força do inconsciente é marcar, com uma precisão particular, tudo o que ele executa. Assim, deve-se confiar a ele o máximo de funções possível. O aprendizado de uma profissão ou de uma arte só está completo quando exercícios repetidos encarregaram o inconsciente da execução do trabalho a ser feito. A educação, eu já escrevi em outro lugar, é a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente.

Mas, nossos limites de ação sobre o inconsciente não são muito extensos. A biologia moderna baniu há muito tempo, com razão, a finalidade do universo e, no entanto, as coisas se passam geralmente como se ela dominasse seu encadeamento. Todas as nossas explicações racionais deixam a natureza plena de impenetráveis. A se avaliar pelos resultados, parece que o inconsciente __ forma moderna da finalidade __ abriga sutis gênios desejosos de nos cegar, nos fazendo sacrificar sem parar nossos interesses individuais aos interesses da espécie. Os gênios da finalidade inconsciente são, sem dúvida, simples necessidades selecionadas e fixadas pelo tempo.

O que quer que ele seja, o inconsciente nos domina geralmente e nos cega sempre. Não lamentemos muito isso, pois uma clara visão da sorte que está por vir tornaria a existência bem miserável. O boi não pastaria mais tranquilamente o capim do caminho que o leva ao abatedouro e a maior parte dos seres recuaria de horror diante de seu destino.

***

CAPÍTULO IV

O eu afetivo e o eu intelectual.

§1. O eu afetivo e o eu intelectual.

Sumário

Pesquisando os motivos determinantes de nossas opiniões e de nossas crenças, veremos que elas são regidas por formas de lógicas muito distintas, mesmo que confundidas até aqui.

Antes de abordar seu exame, insistirei numa divisão fundamental dos elementos psíquicos que domina todas as outras. Eles se apresentam sob duas formas bem diferentes: os elementos afetivos e os elementos intelectuais. Esta primeira classificação facilitará a compreensão dos capítulos que serão dedicados às diversas formas de lógica.

A distinção entre o sentimento e a razão deve ter sido estabelecida bem tarde na história. Nossos distantes ancestrais sentiam vivamente, agiam muito, mas raciocinavam muito pouco.

Quando, ao chegar a uma fase já avançada de sua evolução, o ser humano tentou filosofar, a diferença entre os sentimentos e a razão apareceu nitidamente.

Mas, foi somente numa época muito recente, que se tornou evidente que os sentimentos supostamente regidos pelos nossos caprichos, obedecem a uma lógica especial, absolutamente diferente da lógica racional.

A ignorância dessa distinção é uma das fontes de erros mais frequentes de nossos julgamentos. Legiões de políticos quiseram fundamentar com argumentos racionais o que só pode sê-lo com sentimentos. Historiadores muito pouco esclarecidos acreditaram poder explicar pela lógica intelectual fatos completamente estranhos à sua influência. A gênese dos fatores mais importantes da história __ como o nascimento e a propagação das crenças __ permanece, por esta razão, muito pouco conhecida.

Ilustres filósofos foram vítimas da mesma confusão entre a lógica afetiva e a lógica racional. Kant pretendeu edificar a moral sobre a razão. Porém, dentre suas fontes diversas, a razão quase nunca figura.

A maior parte dos psicólogos persiste ainda nos mesmos erros. Ribot destacou isso muito justamente, ao falar dos "incuráveis preconceitos intelectualistas dos psicólogos que querem reduzir tudo à inteligência, tudo explicar através dela. Tese insustentável, pois, da mesma forma que fisiologicamente a vida vegetativa precede a vida animal, que se apoia nela, psicologicamente, a vida afetiva precede a vida intelectual, que se apoia nela".

Era necessário, para atingir o objetivo desta obra, insistir bem sobre esta diferença entre o afetivo e o racional. Negligenciá-

la seria se condenar a sempre ignorar a gênese das opiniões e das crenças.

É tarefa difícil, no entanto, delimitar nitidamente a separação do racional e do afetivo. As classificações indispensáveis ao estudo das ciências estabelecem forçosamente, no encadeamento das coisas, cortes que a natureza ignora, mas toda ciência seria impossível se não tivéssemos aprendido a criar o descontínuo no contínuo.

A separação entre o afetivo e o intelectual pertence a um período avançado da evolução dos seres. Os fenômenos afetivos, tendo precedido os fenômenos intelectuais, é provável que os segundos tenham surgido dos primeiros.

Os animais possuem sentimentos geralmente muito mais desenvolvidos que os nossos, mas sua inteligência é muito menor. Foi sobretudo através do desenvolvimento de sua inteligência que o ser humano se separou deles.

Os sentimentos pertencem à categoria das coisas conhecidas de cada um, embora difíceis de definir. Só se pode interpretá-las, com efeito, em termos intelectuais. A inteligência serve para conhecer; os sentimentos para sentir. Porém, sentir e conhecer são manifestações que não conseguiriam expressar uma mesma linguagem. A inteligência pôde criar uma linguagem bem precisa, mas a linguagem dos sentimentos é muito vaga ainda.

O eu afetivo e o eu racional, mesmo que agindo sem parar um sobre o outro, possuem uma existência independente. Como o eu afetivo evolui apesar de nós e geralmente contra nós, a vida, por esta razão, é cheia de contradições. É possível algumas vezes refrear nossos sentimentos, não fazê-los nascer ou desaparecer.

É, portanto, muito erradamente que reprovamos numa pessoa sua mudança. Essa reprovação subentende a ideia muito falsa de que a inteligência pode modificar um sentimento. Completo erro. Quando o amor, por exemplo, se transformou em indiferença ou antipatia, a inteligência assiste a essa mudança, mas não foi sua causa. As razões que ela imagina para explicar tais reviravoltas não têm nenhuma relação com seus verdadeiros motivos. Esses motivos nós os ignoramos.

Geralmente, nós não conhecemos melhor nossos verdadeiros sentimentos, tanto quanto os motivos que os fizeram nascer. Diz Ribot: “Frequentemente, imagina-se sentir por uma pessoa uma ligação profunda e sólida (amor, amizade); a ausência __ ou a necessidade de uma ruptura __ demonstra sua real fragilidade. Inversamente, a ausência ou a ruptura nos revela uma profunda afeição que parecia morna e próxima da indiferença”.

É, portanto, impossível, como destacou justamente o mesmo autor, julgar com o eu intelectual a conduta do eu afetivo.

Mesmo que a vida afetiva e a vida intelectual sejam muito heterogêneas para serem reduzidas uma à outra, age-se sempre sem levar em conta a diferença que separa os sentimentos da inteligência. Todo o nosso sistema de educação latina é uma prova disso. A convicção de que o desenvolvimento da inteligência pela instrução desenvolve também os sentimentos __ cuja associação constitui o caráter __ é um dos mais perigosos preconceitos de nossa universidade. Os educadores ingleses sabem há muito tempo que a educação do caráter não se faz com livros.

Sendo o eu afetivo e o eu intelectual bem distintos, não é de se espantar que uma inteligência muito alta possa coexistir com um caráter muito baixo[1]. Sem dúvida que a inteligência e a instrução mostrando que certos atos desonestos custam muito caro, raramente ver-se-á uma pessoa instruída praticar malandragens vulgares, mas se ela possui uma alma de malandro ela a manterá, apesar de todos os seus diplomas e a utilizará em

[1] Dentre os numerosos exemplos fornecidos pela história, um dos mais típicos é aquele do ilustre chanceler Bacon. Nenhum homem de seu tempo possuiu uma inteligência mais elevada, mas poucos revelaram uma alma mais baixa. Ele começou, na esperança de obter um emprego com a rainha Elizabete, por trair seu único benfeitor, o conde d'Essex, que teve a cabeça cortada. Ele teve que esperar, no entanto, o reinado de Jaime I para obter, com a recomendação do duque de Buckingham, que ele logo traiu igualmente, o posto de procurador geral e depois o de chanceler. Ele se mostrou um cortesão insolente e um ladrão impudente. Suas concussões foram tantas que foi preciso processá-lo. Inutilmente ele tentou comover seus juízes através de uma humilde confissão escrita na qual ele confessa suas faltas e "renuncia a toda defesa". Ele foi condenado a perder todos os seus cargos e à prisão perpétua.

operações também pouco morais, mas menos perigosas e com um lucro mais certeiro.

Visível na maior parte dos indivíduos, a distinção entre o eu afetivo e o eu intelectual o é igualmente em certos povos. A Sra. de Stäel destacou que entre os alemães o sentimento e a inteligência "parecem não ter nenhuma comunicação; um não pode sofrer limites, a outra se submete a todos os jugos".

Nas coletividades transitórias, a mesma distinção entre o afetivo e o intelectual é mais facilmente observável ainda. Os elementos que elas colocam em comum e que ditam seus atos são os sentimentos e jamais a inteligência. Eu dei as razões disso numa outra obra. Bastará lembrar aqui que a inteligência __ variando consideravelmente de um sujeito para outro e não sendo, como os sentimentos, contagiosa __ jamais pode assumir uma forma coletiva. Os indivíduos de um mesmo povo possuem, pelo contrário, sentimentos comuns, fundidos facilmente quando estão em grupo.

O eu afetivo constitui o elemento fundamental da personalidade. Muito lentamente elaborado através de aquisições ancestrais, ele evolui nos indivíduos e nos povos muito menos rapidamente do que a inteligência.

Esta tese parece, numa primeira abordagem, ser contradita pela história. Parece que, em certos momentos, nascem

sentimentos novos bem diferentes do que aqueles anteriormente observados. Belicosa numa época, uma nação se mostra pacífica mais tarde. A necessidade de igualdade sucede a aceitação da desigualdade. O ceticismo substitui a fé ardente. Numerosos são os exemplos de mesmo gênero.

Sua análise mostra que essas criações de sentimentos novos são simples aparências. Na realidade, eles já existiam sem se manifestarem. As variações do meio ou as circunstâncias só fizeram modificar seu equilíbrio. Tal sentimento, inicialmente refreado, torna-se preponderante numa época e domina, de uma maneira mais ou menos durável, os outros estados afetivos. O ser humano em sociedade é forçado a moldar seus sentimentos às necessidades sucessivas que as circunstâncias e sobretudo o ambiente social lhe impõem. Exemplos dessas transformações aparentes serão dados num próximo capítulo.

Os sentimentos parecem às vezes mudar quando, na verdade, eles só são aplicados a objetos diferentes. A esperança mística que guia o trabalhador moderno rumo às fumarentas tavernas, onde apóstolos de um evangelho novo lhe prometem um paraíso próximo é o mesmo sentimento que conduzia seus pais para as velhas catedrais onde, por detrás dos vapores do incenso, se abriam as portas de ouro de luminosas regiões repletas de uma felicidade eterna.

§2. As diversas manifestações da vida afetiva. Emoções, sentimentos, paixões.

As manifestações da vida afetiva são indiferentemente designadas pelos autores com os nomes de emoções ou de sentimentos. Eu creio mais cômodo para sua descrição reparti-los em três classes: emoções, sentimentos e paixões.

A emoção é um sentimento instantâneo mais ou menos efêmero. Ela nasce de um fenômeno brusco: acidente, anúncio de uma catástrofe, ameaça, injúria etc. A cólera, o medo, o terror, são emoções.

O sentimento representa um estado afetivo durável, como a bondade, a benevolência etc.

A paixão é constituída pelos sentimentos que adquiriram uma grande intensidade e podem momentaneamente anular outros: ódio, amor etc.

Todos esses estados afetivos correspondem a variações fisiológicas de nosso organismo. Nós conhecemos deles certos efeitos gerais: o franzir do rosto, a alteração da circulação etc.

Uma modificação física ou química das células nervosas e os sentimentos que ela produz representam uma relação em que apenas os últimos termos são conhecidos. A transformação em sentimento ou em pensamento de um processo químico orgânico é completamente inexplicável agora.

Sentimentos e emoções variam segundo o estado fisiológico do sujeito ou a influência de diversos excitantes: café, álcool etc.

O sentimento mais simples é sempre muito complexo, mas, quando ele se torna irredutível a um outro pela análise, devemos tratá-lo, para facilitar a linguagem, como se ele fosse simples. O químico também qualifica como corpo simples aquele que ele não consegue decompor.

Os psicólogos falam algumas vezes em sentimentos intelectuais. Este termo, diz Ribot, "designa estados afetivos agradáveis ou mistos que acompanham o exercício das operações intelectuais".

Eu não conseguiria admitir essa teoria, que confunde uma causa com seu efeito. Um sentimento pode ser produzido por influências tão diversas quanto a ação de um alimento agradável ou uma descoberta científica, mas ele permanece sempre um sentimento. No máximo pode-se dizer que nossas ideias possuem um equivalente emocional. Até mesmo os números possuiriam um, como observou justamente Bergson. Diz ele: "Os comerciantes conhecem bem isso e, em vez de indicar o preço de uma mercadoria através de um valor redondo, eles marcam o número imediatamente inferior, seguido de um número suficiente de centavos".

O sentimento que se tornou preponderante e persistente assume __ nós já o dissemos __ o nome de paixão. Os psicólogos não conseguiram ainda defini-las nem classificá-las. Spinoza admitia três: o desejo, a alegria e a tristeza, de onde ele deduzia todas as outras. Descartes admitia seis primitivas: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Estas são, evidentemente, formas puras de linguagem, ineficazes para explicar qualquer coisa e que não resistem à discussão.

Uma paixão pode nascer bruscamente, como um raio, ou através de uma lenta incubação. Constituída, ela domina toda a vida afetiva e também a vida intelectual. A razão é geralmente sem ação sobre ela e só faz se colocar a seu serviço.

Sabe-se a que ponto as paixões transformam nossas opiniões e nossas crenças. Teremos que retornar a isso mais tarde.

As grandes paixões são, aliás, raras. Efêmeras na maioria das vezes, elas desaparecem assim que atingem o objeto desejado. Na paixão amorosa esta regra é muito constante. Os amores célebres têm geralmente como heróis seres que as circunstâncias impediam de se encontrarem muito.

As paixões que duram muito são paixões constantemente reavivadas; os ódios políticos, por exemplo.

A paixão desaparece geralmente por simples extinção. Mas, algumas vezes, por via de transformação. E, então, se modificam ao mesmo tempo as opiniões que ela havia feito nascer.

Observou Ribot: “O amor humano pode se transformar em amor divino ou inversamente... O amor não correspondido povoou os claustros... O fanatismo religioso pode se mudar em fanatismo político e social. Inácio de Loiola foi um paladino que se colocou a serviço de J. C.”.

Quando a inteligência consegue exercer uma influência inibidora sobre a paixão é porque esta última não era muito forte. A inteligência só pode agir um pouco sobre uma paixão opondo a representação mental de um sentimento a outro. A luta existe então, não entre representações intelectuais e representações afetivas, mas unicamente entre representações afetivas postas em presença pela inteligência.

§3. A memória afetiva.

A memória dos sentimentos existe, como a da inteligência, mas em um grau muito menor. O tempo a enfraquece muito rapidamente.

A inferioridade habitual da memória afetiva sobre a memória intelectual é geralmente considerável. A persistência desta última é tal que, durante séculos, obras volumosas como os

Vedas ou os cantos de Homero, foram transmitidas de geração em geração com a ajuda apenas da memória. Na época em que os livros eram raros e caros __ o século XIII, por exemplo __ os estudantes conseguiam reter as aulas que lhes eram ditadas. Atkinson assegura "que se os clássicos chineses viessem a ser destruídos algum dia, mais de um milhão de chineses poderiam reconstituí-los de memória".

Se a memória dos sentimentos fosse tão tenaz quanto a memória intelectual, a lembrança persistente de nossas dores tornaria a vida insuportável.

À teoria da pouca duração da memória afetiva, poder-se-ia objetar com a persistência dos ódios de classes e de raças, perpetuados durante longas gerações. Essa duração aparente não passa de uma renovação incessante produzida por causas sempre repetidas. Um ódio que não é alimentado não sobrevive. O ódio dos alemães pelos franceses teria desaparecido há muito tempo se os jornais germânicos não o atiçassem sem parar. A aversão dos holandeses pelos ingleses, que lhes tomaram outrora suas colônias, persiste somente porque numerosos fatos __ particularmente a guerra contra os colonos holandeses do Transvaal __ vieram reavivá-lo e porque a Holanda acredita estar sempre ameaçada.

A aliança russa e a coalizão franco-inglesa mostram com que rapidez povos outrora inimigos esquecem os ódios que não são alimentados. Quando a Inglaterra se tornou nossa amiga, nós estávamos, no entanto, longes da terrível humilhação de Fachoda[2].

Essa noção essencial da pouca duração da memória afetiva explica muitos fenômenos de negação dos povos. Não se pode contar muito com seu reconhecimento, mas também não se deve temer muito seu ódio.

§4. As associações afetivas e intelectuais.

Estudaremos alguns elementos característicos da inteligência no capítulo desta obra dedicado ao exame da lógica racional. Eles serão mencionados aqui apenas para mostrar como se associam e se influenciam os elementos racionais e afetivos.

A inteligência é sobretudo caracterizada pela faculdade de refletir. Donde decorre a faculdade de raciocinar, ou seja, compreender, segundo certas regras, as relações visíveis ou escondidas das coisas.

Os encadeamentos da lógica afetiva possuem igualmente suas leis. Acontecendo em uma região inconsciente, eles só surgem no consciente sob a forma de resultados.

[2] O Incidente de Fachoda foi uma disputa militar entre franceses e ingleses pelo controle da cidade de Fachoda, no Sudão do Sul, entre 1898 e 1899. Os franceses chegaram primeiro à região, mas tiveram que bater em retirada diante da superioridade militar dos ingleses. (Nota do tradutor)

Sendo nossa vida psíquica composta de uma parte afetiva e de uma parte intelectual, como estas duas esferas agem uma sobre a outra?

Nossas representações mentais podem ser de ordem afetiva ou de ordem intelectual. É possível, às vezes, representar sentimentos desaparecidos, mas muito menos que as ideias intelectuais.

Sabe-se que, de acordo com a teoria associacionista, as ideias podem se associar segundo dois processos diferentes: 1º) associação por semelhança; 2º) associação por contiguidade.

Nas associações por semelhança, a impressão atual reaviva as impressões anteriores análogas. Nas associações por contiguidade, a impressão nova faz reviver outras experimentadas ao mesmo tempo, mas sem analogia entre elas.

Os estados afetivos parecem se associar entre eles como os estados intelectuais. Eles se associam igualmente a estes últimos, de maneira que a aparição de um pode evocar a dos outros.

A diferença entre as associações afetivas e as associações intelectuais é caracterizada pelo fato de que as associações afetivas acontecem geralmente de uma maneira inconsciente, que escapam à nossa ação.

Logo veremos como, apesar de sua distinção de natureza, o eu afetivo e o eu intelectual podem, graças às associações que foram mencionadas, se influenciar.

***

CAPÍTULO V

Os elementos da personalidade. Combinações de sentimentos que formam o caráter.

§1. Os elementos do caráter.

Sumário

O caráter é constituído por um agregado de elementos afetivos aos quais se superpõem, misturando-se a eles muito fortemente, alguns elementos intelectuais. São sempre os primeiros que dão ao indivíduo sua verdadeira personalidade.

Sendo os elementos afetivos muito numerosos, sua associação formará caracteres variados: ativos, contemplativos, apáticos, sensíveis etc. Cada um deles agirá diferentemente sob a ação dos mesmos excitantes.

Os agregados constitutivos do caráter podem ser fortemente ou, pelo contrário, fracamente cimentados. Aos agregados sólidos correspondem as individualidades fortes, que se mantém apesar das variações do meio e das circunstâncias. Aos agregados mal cimentados correspondem as mentalidades tímidas, incertas e cambiantes. Elas se modificariam a cada instante, sob as influências mais ligeiras, se certas necessidades da vida cotidiana não as orientassem como as bordas de um rio canalizam seu curso.

Por mais estável que seja o caráter, ele permanece sempre ligado, no entanto, ao estado de nossos órgãos. Uma nevralgia, um

reumatismo, uma perturbação intestinal, transformam a alegria em melancolia, a bondade em maldade, a vontade em apatia. Napoleão doente em Waterloo não era mais Napoleão. César dispéptico não teria, sem dúvida, atravessado o Rubicão.

As causas morais agem também sobre o caráter, ou, pelo menos, sobre sua orientação. Após uma conversão o amor profano se transforma em amor divino. O clérigo fanático e perseguidor se transforma num livre-pensador, igualmente fanático e não menos perseguidor.

Sendo as opiniões e as crenças moldadas sobre nosso caráter, elas seguem naturalmente suas variações.

Não existe __ eu já o demonstrei __ nenhum paralelismo entre o desenvolvimento do caráter e o da inteligência. O primeiro parece, pelo contrário, tender ao enfraquecimento na medida em que a última se desenvolve. Grandes civilizações foram destruídas por elementos intelectualmente inferiores, mas dotados de vontades fortes.

As mentes ousadas e decididas ignoram os obstáculos assinalados pela inteligência. A razão não fundou as grandes religiões e os poderosos impérios. Nas sociedades brilhantes pela inteligência, mas de caráter fraco, o poder acaba geralmente por cair nas mãos de pessoas limitadas e audaciosas. Eu admito, de boa vontade, com Faguet, que a Europa, ao se tornar pacifista,

será conquistada "pelo último povo que permanecer militarista e relativamente feudal". Este povo reduzirá os outros à escravidão e fará trabalhar em seu proveito os pacifistas carregados de inteligência, mas desprovidos da energia fornecida pela vontade.

§2. As características coletivas dos povos.

Cada povo possui características coletivas, comuns a maior parte de seus membros, o que faz das diversas nações verdadeiras espécies psicológicas. Essas características criam neles, logo veremos isso, opiniões semelhantes sobre um certo número de assuntos essenciais.

As características fundamentais de um povo não precisam ser numerosas. Bem fixadas, elas traçam seu destino. Consideremos os ingleses, por exemplo. Os elementos que orientam sua história podem ser resumidos em poucas linhas: culto ao esforço persistente que impede de recuar diante do obstáculo e de considerar uma infelicidade como irremediável; respeito religioso pelos costumes e de tudo o que é validado pelo tempo; necessidade de ação e desdém por inúteis especulações do pensamento; desprezo pela fraqueza; sentimento muito intenso do dever; controle sobre si mesmo visto como qualidade essencial e mantido cuidadosamente por uma educação especial.

Certos defeitos de caráter, insuportáveis nos indivíduos, tornam-se virtudes quando são coletivos; o orgulho, por exemplo. Esse sentimento é muito diferente da vaidade, que é uma simples necessidade de brilhar em público e que exige testemunhas, enquanto que o orgulho não demanda nada disso. Graças a ele, o legionário romano achava recompensa suficiente fazer parte de um povo que dominava o mundo. A inabalável coragem dos japoneses, em sua última guerra, provém de um orgulho semelhante.

Este sentimento é, por outro lado, uma fonte de progresso. Assim que uma nação está convencida de sua superioridade, ela leva ao máximo os esforços necessários para mantê-la.

É o caráter e não a inteligência que diferencia os povos e cria neles simpatias ou antipatias indestrutíveis. A inteligência é da mesma espécie para todos. O caráter estabelece, pelo contrário, fortes diferenças. Povos distintos, sendo diversamente impressionados pelas mesmas coisas, se comportarão naturalmente de maneiras diferentes em circunstâncias que parecem idênticas. Que se trate, aliás, de povos ou indivíduos, as pessoas são sempre mais divididas pelas oposições de seus caracteres do que pelas oposições de seus interesses ou inteligência.

§3. Evolução dos elementos do caráter.

Os sentimentos fundamentais que formam a trama do caráter evoluem muito lentamente no curso das eras, como o prova a persistência dos caracteres nacionais. Os agregados psicológicos que os constituem são tão estáveis quanto os agregados anatômicos.

Mas, ao redor das características fundamentais, se encontram, como em todas as espécies vivas, características secundárias que podem variar de acordo com o momento, o meio etc.

São sobretudo __ eu já destaquei isso no capítulo precedente __ os objetos sobre os quais os sentimentos recaem que mudam. O amor pela família, depois pela tribo, pela cidade e enfim pela pátria, são adaptações de um sentimento idêntico a agrupamentos diferentes e não a criação de sentimentos novos. O internacionalismo e o pacifismo representam as últimas extensões desse mesmo sentimento.

Há um século, se muito, o patriotismo alemão era desconhecido. A Alemanha continuava dividida em províncias rivais. Se o pangermanismo atual constitui uma virtude, essa virtude não passa da extensão de sentimentos antigos a categorias de indivíduos novos.

Os estados afetivos são coisas tão estáveis que a simples adaptação a objetos novos exige imensos esforços. Para adquirir, por exemplo, um pouco __ muito pouco __ essa forma de altruísmo chamada de tolerância, foi preciso, diz justamente o Sr. Lavisse “que mártires morressem aos milhares em suplícios e que o sangue escoasse como rios nos campos de batalha”.

É um grande perigo para um povo querer criar, por meio da razão, sentimentos contrários àqueles fixados pela natureza em sua alma. Tal erro pesa sobre nós desde a Revolução Francesa. Ela levou ao desenvolvimento do socialismo, que pretende mudar o curso natural das coisas e refazer a alma das nações.

Que não se contraponha, à estabilidade dos sentimentos, as bruscas transformações de personalidade observadas algumas vezes. Como a prodigalidade que se torna avareza, o amor que se transforma em ódio, o fanatismo religioso em fanatismo leigo etc. Essas reviravoltas constituem simplesmente a adaptação dos mesmos sentimentos a objetos diferentes.

Muitas causas diversas __ as necessidades econômicas, por exemplo __ podem assim deslocar nossos sentimentos, sem no entanto mudá-los.

Essas influências econômicas são poderosas. A difusão da propriedade, por exemplo, tem por consequência a queda da natalidade, por causa do egoísmo familiar do proprietário, pouco

desejoso em ver seu bem ser dividido. Se todos os cidadãos de um país se tornassem proprietários, a população diminuiria, provavelmente, em enormes proporções.

Os sentimentos que constituem o caráter não podem sofrer mudanças de orientação sem que a vida social seja perturbada. Guerras de religião, cruzadas, revoluções etc. resultam de tais mudanças.

E se, atualmente, o futuro parece muito sombrio, é porque os sentimentos das classes populares tendem a sofrer uma orientação nova. Sob o impulso das ilusões socialistas, cada um, do trabalhador ao professor, tornou-se descontente com sua sorte e convencido de que merece outro destino. Todo trabalhador se acredita explorado pelas classes dirigentes e sonha em se apoderar de suas riquezas por meio de um ato de força. No domínio do afetivo, as ilusões têm um poder que as tornam muito perigosas, já que a razão não as influencia.

***

CAPÍTULO VI

A desagregação do caráter e as oscilações da personalidade.

§1. Os equilíbrios dos elementos constitutivos do caráter.

Sumário

Acabamos de dizer que a estabilidade dos agregados que formam o caráter é tão grande quanto a dos agregados anatômicos. Os primeiros podem, no entanto, como os segundos, sofrer perturbações mórbidas diversas e até mesmo uma desagregação completa.

Esses fenômenos __ que não surgem exclusivamente no domínio da patologia __ têm, sobre a formação das opiniões e das crenças, uma influência considerável. A gênese de certos fatos históricos é quase incompreensível sem o conhecimento das transformações que pode acidentalmente sofrer o caráter.

Veremos, num outro capítulo, que os motivos criadores de nossas opiniões, de nossas crenças e de nossos atos, são comparáveis aos pesos colocados sobre dois pratos de uma balança. O mais carregado sempre se inclina.

Na realidade, as coisas não acontecem assim tão simplesmente. Os pesos, representados pelos motivos, podem se alterar sob a influência de diversas perturbações que modificam as

combinações que formam o caráter. Então nossa sensibilidade muda, nossas escalas de valores se deslocam, a orientação da vida se torna diferente. A personalidade é renovada.

Tais variações são observadas sobretudo quando o meio social vem a mudar bruscamente o equilíbrio estabelecido entre os elementos afetivos e este meio experimenta uma perturbação notável.

A noção de equilíbrio entre o meio que nos envolve e os elementos que nos compõem é capital. Sem ser, de forma alguma, especial à psicologia, ela domina a química, a física e a biologia. Um ser qualquer, matéria bruta ou matéria viva, é o resultado de um certo estado de equilíbrio entre seu meio e ele. O segundo não conseguiria mudar sem que logo se transforme o primeiro. Uma barra de aço rígida pode, sob a influência de uma modificação conveniente no meio, tornar-se um vapor leve.

O grau de aptidão para a dissociação dos agregados psíquicos que formam o caráter depende da estabilidade destes últimos, como também da importância das mudanças do meio às quais eles estão submetidos. Ela variará igualmente segundo as impressões anteriormente sofridas. As observações feitas sobre os agregados anatômicos o são também para os agregados psicológicos. A diminuição da sensibilidade dos primeiros à influência de certas ações exteriores, através de processos

diversos, se chama, como se sabe, imunização. O estudo futuro da patologia dos caracteres compreenderá também o de sua imunização.

O verdadeiro homem de Estado possui a arte, ainda misteriosa, de saber modificar, sempre que necessário, o equilíbrio dos elementos do caráter nacional, fazendo predominar aqueles que são úteis às necessidades do momento.

§2. As oscilações da personalidade.

As considerações precedentes tendem a mostrar que nossa personalidade pode se tornar bem variável. Ela depende, com efeito, como vimos, de dois fatores inseparáveis: o próprio ser e seu meio.

Pretender que nossa personalidade é móvel e às vezes suscetível de grandes mudanças choca-se um pouco com as ideias tradicionais sobre a estabilidade do eu. Sua estabilidade foi durante muito tempo um dogma indiscutido. Muitos fatos vieram provar o quanto ela era fictícia.

Nosso eu é uma totalidade. Ele é composto da soma de inumeráveis eus celulares. Cada célula colabora para a unidade do eu, como cada soldado para a unidade de um exército. A homogeneidade das milhares de individualidades que compõem

essa unidade resulta somente de uma comunidade de ação, que numerosas causas podem destruir.

É inútil objetar que a personalidade dos seres parece geralmente muito estável. Se ela varia pouco, com efeito, é porque o meio continua quase constante. Caso ele venha a se modificar, como em tempos de revolução, a personalidade de um mesmo indivíduo poderá se transformar inteiramente. Foi por isso que se viu, durante o Terror, bons burgueses, famosos por sua doçura, tornarem-se fanáticos sanguinários. Passada a tormenta e, por consequência, o antigo meio retomando seu império, eles reencontraram sua personalidade pacífica. Já há muito tempo eu desenvolvi esta teoria e mostrei que a vida dos personagens da Revolução seria incompreensível sem ela.

De que elementos é composto o eu, cuja síntese constitui nossa personalidade? A psicologia permanece muda sobre este ponto. Sem pretender ser muito preciso, diremos que os elementos do eu resultam de um resíduo de personalidades ancestrais, ou seja, criadas por toda a série de nossas existências anteriores. O eu, repito, não é uma unidade, mas a totalidade dos milhões de vidas celulares que formam o organismo. Elas podem produzir numerosas combinações.

Excitações emocionais violentas, certos estados patológicos observáveis nos médiuns, os indivíduos em êxtase, os sujeitos

hipnotizados etc. fazem variar essas combinações e, por consequência, produzem, pelo menos momentaneamente, no mesmo indivíduo, uma personalidade diferente[3], inferior ou superior à personalidade ordinária. Todos possuímos possibilidades de ação que ultrapassam nossa capacidade habitual e que certas circunstâncias virão despertar.

§3. Os elementos fixadores da personalidade.

Os resíduos ancestrais formam a camada mais profunda e a mais estável do caráter dos indivíduos e dos povos. É pelo seu eu ancestral que um inglês, um francês, um chinês, diferem tão profundamente.

Mas, a esses distantes atavismos, se superpõem elementos produzidos pelo meio social (casta, classe, profissão etc.), pela educação e por muitas outras influências. Eles imprimem à nossa personalidade uma orientação muito constante. É o eu um pouco artificial assim formado que nós exteriorizamos a cada dia.

De todos os elementos formadores da personalidade, o mais ativo, após a cultura, é aquele determinado pelo agrupamento social ao qual pertencemos.

[3] A ação de certas substâncias tóxicas sobre o organismo pode ter também como resultado desagregar a personalidade. Eu publiquei, num jornal de medicina, um curioso exemplo que foi utilizado na América por um romancista.

Moldadas numa mesma forma pelas ideias, opiniões e condutas semelhantes que lhes são impostas, as individualidades de um grupo __militares, magistrados, padres, trabalhadores, marinheiros etc. __ apresentam inúmeras características idênticas.

Suas opiniões e seus julgamentos são geralmente próximos, porque sendo cada grupo social muito nivelador, a originalidade nele não é tolerada. Quem quiser se diferenciar de seu grupo tê-lo-á inteiro como inimigo.

Essa tirania dos grupos sociais, para a qual retornaremos, não é inútil. Se as pessoas não tivessem as opiniões e a conduta daqueles que as rodeiam, onde encontrariam a direção mental necessária para a maioria? É graças ao grupo que os abriga que eles possuem uma maneira de agir e de reagir suficientemente constante. É também graças a ele que as naturezas um pouco amorfas são orientadas e apoiadas na vida.

Assim canalizados, os membros de um grupo social qualquer possuem, com uma personalidade momentânea, ou durável, mas bem definida, uma poderosa ação que nenhum indivíduo que o compõe jamais sonharia. Os grandes massacres da Revolução Francesa não foram obras individuais. Seus autores agiam em grupos: girondinos, dantonistas, hebertistas, robespierristas, termidorianos etc. Estes grupos, muito mais do que os indivíduos, se combatiam então. Eles acabariam então por

despejar, em suas lutas, a ferocidade e o fanatismo limitado, característicos das manifestações coletivas violentas.

§4. A dificuldade de se prever a conduta resultante de um determinado caráter.

Sendo nosso eu variável e dependente das circunstâncias, jamais uma pessoa deve pretender conhecer uma outra. Ela pode apenas afirmar que se as circunstâncias não variarem, a conduta do indivíduo observado mudará pouco. O chefe de escritório que redige honestos relatórios há vinte anos, continuará sem dúvida a redigi-los com a mesma honestidade, mas não se pode garantir muito. Circunstâncias novas que venham a surgir __ uma paixão que invada sua mente, um perigo que ameace sua casa __ poderão fazer com que o insignificante burocrata se transforme num celerado ou num herói.

As grandes oscilações da personalidade são observadas quase exclusivamente na esfera dos sentimentos. Na esfera da inteligência elas são muito pequenas. Um imbecil será sempre um imbecil.

As variações possíveis da personalidade, que impedem conhecer a fundo nossos semelhantes, também nos impedem de conhecermos a nós mesmos. O adágio *Nosce te ipsum*[4] dos antigos filósofos constitui um conselho irrealizável. O eu exteriorizado

[4] Conheça a ti mesmo. (Nota do tradutor)

representa habitualmente um mentiroso personagem tomado de empréstimo. Ele o é, não apenas porque supomos em nós muitas qualidades e reconhecemos pouco nossas faltas, mas também porque, se o eu possui uma pequena porção de elementos conscientes, a rigor conhecíveis, ele é, em grande parte, formado por elementos inconscientes quase inacessíveis à observação.

O único meio de descobrir seu eu real, nós já o dissemos, é através da ação. Só o conhecemos um pouco após ter observado sua conduta em circunstâncias determinadas. Pretender saber antecipadamente como agiremos numa dada situação é muito quimérico. O marechal Ney, que jurou a Luís XVIII trazer-lhe Napoleão numa jaula de ferro, era de muito boa fé, mas conhecia-se pouco. Um simples olhar do mestre bastou para dissolver sua resolução. Se fosse mais familiarizado com as leis da psicologia, Luís XVIII lhe teria provavelmente perdoado.

As teorias expostas nesta obra, com relação ao caráter, podem às vezes parecer contraditórias. Por um lado, com efeito, insistimos sobre a estabilidade dos sentimentos que formam o caráter e, por outro, mostramos as variações possíveis da personalidade.

Essas oposições desaparecem ao se relembrar os seguintes pontos:

1º) Os caracteres são formados por um agregado de elementos afetivos fundamentais quase invariáveis, aos quais se acrescentam elementos acessórios que mudam facilmente. Estes últimos correspondem às modificações que a arte do criador pratica numa espécie sem modificar por isso suas características essenciais.

2º) As espécies psicológicas estão, como as espécies anatômicas, sob estreita dependência de seu meio. Elas devem se adaptar a todas as mudanças desse meio e se adaptam a ele, com efeito, quando elas não são muito consideráveis nem muito bruscas.

3º) Os mesmos sentimentos podem parecer mudar quando eles se aplicam a objetos diferentes e, no entanto, sua natureza não sofre nenhuma modificação. O amor humano que se transforma em amor divino em certas conversões é um sentimento que mudou de nome, mas não de natureza.

Todas essas constatações têm um interesse muito prático, pois elas estão na base de vários problemas modernos importantes, particularmente o da educação.

Observando que esta última modifica a inteligência, ou pelo menos a soma dos conhecimentos individuais, conclui-se disso que ela poderia modificar igualmente os sentimentos. Seria

esquecer inteiramente que os estados afetivos e intelectuais não têm uma evolução paralela.

Quanto mais se aprofunda no assunto mais se é obrigado a reconhecer que a educação e as instituições políticas desempenham um papel muito pequeno no destino dos indivíduos e dos povos.

Essa doutrina, contrária aliás a nossas crenças democráticas, parece às vezes ser contraditada pelos fatos observados em certos povos modernos e é isso que sempre a impedirá de ser admitida facilmente.

Na introdução que escreveu para a tradução japonesa de minhas obras, um dos mais ilustres homens de Estado do extremo oriente, o Barão Motono __ embaixador em São Petersburgo __ me objeta várias mudanças produzidas na mentalidade japonesa pela influência das ideias europeias. Eu não creio, no entanto, que elas provam uma modificação real dessa mentalidade. As ideias europeias simplesmente entraram na estrutura ancestral da alma japonesa sem modificar suas partes essenciais. A substituição da funda pelo canhão mudaria completamente o destino de um povo, sem por isso transformar suas características nacionais.

Parece resultar deste capítulo que, sendo as opiniões e a conduta determinadas por causas estranhas à vontade, nossa liberdade seria muito restrita. Ela o é, com efeito. Veremos no

entanto que é possível lutar utilmente contra as fatalidades que pesam sobre nossos sentimentos e nossos pensamentos.

***

LIVRO III

As diversas formas de lógica que regem as opiniões e as crenças.

CAPÍTULO I

Classificação das diversas formas de lógica.

§1. Existem diversas formas de lógica?

Sumário

A lógica foi considerada até aqui como a arte de argumentar e de demonstrar. Mas, viver é agir e não é, na maioria das vezes, a demonstração que faz agir.

Mostraremos neste capítulo e nos seguintes que as diversas esferas de atividades vital e psicológica, precedentemente enumeradas, são governadas por formas de lógicas diferentes.

Sendo a ação, segundo nosso ponto de vista, o único critério de uma lógica, consideraremos como diversas as lógicas que levam a resultados diferentes.

Num ato qualquer o psicólogo não deve procurar isoladamente o objetivo perseguido, nem os meios empregados, nem o sucesso, nem o insucesso. Os únicos elementos que o interessam são os motivos geradores desse ato. Há ações virtuosas ou criminais, hábeis ou inábeis, mas não há ações ilógicas. Elas

simplesmente surgiram de lógicas diferentes e uma não pode, de maneira alguma, servir para julgar as outras.

A lógica racional, por exemplo, é muito diferente das lógicas mística e afetiva para poder interpretá-las e até mesmo compreendê-las. Levando a atos frequentemente opostos, elas devem ser separadas. O mesmo acontece com a lógica coletiva e a lógica afetiva.

Considerar como diversas, lógicas geradoras de resultados diferentes, é simplesmente aplicar a regra de classificação que faz colocar em categorias diferentes os fenômenos muito distintos para serem confundidos.

§2. As cinco formas de lógicas.

Pode-se, acreditamos, estabelecer cinco formas de lógicas: 1º) lógica biológica; 2º) lógica afetiva; 3º) lógica coletiva; 4º) lógica mística e 5º) lógica racional. Nós nos limitaremos agora a um resumo breve de suas características e dedicaremos capítulos especiais a cada uma delas.

Lógica biológica – Os motivos que nos fizeram estabelecer esta forma de lógica seriam muito extensos para serem enumerados aqui. Nós os daremos no capítulo dedicado ao seu estudo. Diremos simplesmente agora que a lógica biológica, que preside a manutenção dos seres e a criação de suas formas, não

sofre nenhum traço de influência de nossas vontades, mas produz adaptações dirigidas num sentido determinado, através de forças que não conhecemos. Essas forças parecem agir como se possuíssem uma razão superior à nossa e não têm nada de mecânica, pois sua ação varia a cada instante de acordo com o objetivo a atingir.

O acréscimo, às outras formas de lógicas, da lógica biológica, que domina de muito alto a maior parte das outras, só fará preencher uma lacuna dissimulada por velhas teorias metafísicas.

Lógica afetiva – Os psicólogos conheciam outrora unicamente a lógica racional. Eles começam a acrescentar a ela a lógica afetiva, ou dos sentimentos, absolutamente distinta da lógica racional. Estas duas formas de lógicas diferem sobretudo no fato de que as associações intelectuais podem ser conscientes, enquanto que as dos estados afetivos permanecem inconscientes. A lógica afetiva dirige a maior parte de nossas ações.

Lógica coletiva – Esta forma de lógica não deve ser confundida com a precedente. Nós demonstramos, já há alguns anos, que a pessoa em massa se comporta diferentemente da pessoa isolada. Ela é então guiada por uma lógica especial, pois ela implica na existência de elementos observáveis somente nas massas.

Lógica mística – Esta forma de lógica é o resultado de um estado particular da mente, dito místico. Universal nos primeiros tempos da humanidade ele parece muito difundido ainda. Para as mentalidades místicas o encadeamento das coisas não tem nada de regular; ele depende de seres ou de forças superiores, cujas vontades nós simplesmente sofremos.

A lógica mística determinou e sempre determina um grande número de atos da imensa maioria das pessoas. Ela difere, nós veremos, da lógica inconsciente dos sentimentos, não apenas porque ela é consciente e comporta uma deliberação, mas sobretudo porque sua influência pode produzir ações diametralmente contrárias àquelas que ditaria a lógica afetiva.

Lógica racional – Esta lógica é a arte de associar voluntariamente representações mentais e de perceber suas analogias e suas diferenças, ou seja, suas relações. Ela é quase a única com que se ocuparam os psicólogos. Desde Aristóteles inumeráveis livros lhe foram dedicados.

§3. Coexistência das diversas formas de lógica.

Todas estas formas de lógica podem se superpor, se fundir ou se combater nos mesmos seres. Segundo o tempo e as culturas, uma delas predomina, mas sem jamais eliminar inteiramente as outras.

A lógica afetiva levou um general ateniense, com inveja de seus rivais, a lhes declarar a guerra. A lógica mística o fez consultar os oráculos sobre a data útil às operações necessárias. A lógica racional guiou sua tática. Em todos estes atos a lógica biológica o fez viver.

O estudo seguinte, das diversas formas de lógicas precedentemente enumeradas, mostrará melhor suas características. O leitor não deverá esperar a revelação de seus mecanismos. Eles são ainda muito pouco conhecidos, mesmo o da lógica racional, a mais estudada, no entanto, do que as outras.

A existência das diversas formas de lógicas só é demonstrada através de seus resultados. Elas representam postulados verificados somente pelas consequências que decorrem deles. As ciências mais exatas __ a física, por exemplo __ são obrigadas igualmente a colocar, em sua base, hipóteses puras transformadas em verdades prováveis, quando sua necessidade é demonstrada.

Todas as explicações sobre a luz, o calor, a eletricidade __ ou seja, a física quase toda __ repousam na hipótese do éter. A essa substância, totalmente desconhecida, foi preciso atribuir propriedades incompreensíveis e até mesmo inconciliáveis, como por exemplo, uma rigidez superior à do aço, mesmo que os corpos materiais se movam nele sem dificuldade. Um fenômeno novo

obriga os físicos a dar ao éter propriedades novas, frequentemente contrárias àquelas já admitidas. Foi assim que, após ter-lhe suposto uma densidade infinitamente menor do que a do gás, atribui-se lhe agora uma densidade milhões de vezes superior à do mais pesado dos metais.

Se o estudo de ciências tão precisas quanto a física necessita de hipóteses, não seria de se espantar ao procedermos da mesma maneira numa ciência muito mais complicada: a psicologia.

O físico não afirma que o éter existe. Ele diz simplesmente que as coisas se passam como se o éter existisse e que todo fenômeno ficaria incompreensível sem essa suposta existência.

Não afirmamos igualmente que existem formas de lógicas que constituem entidades distintas. Dizemos somente que elas são necessárias e que as coisas se passam como se elas existissem realmente.

***

CAPÍTULO II

A lógica biológica.

§1. O papel da lógica biológica.

Sumário

Os fenômenos vitais mais simples em aparência __ como aqueles observados nos seres vivos constituídos por uma única célula __ são sempre de uma extrema complicação. Suas manifestações dependem de encadeamentos rigorosos, análogos aqueles aos quais se dá o nome de lógica, quando eles pertencem a elementos intelectuais. Não há nenhum motivo para não designá-los pelo mesmo termo.

A lógica biológica rege todos os fenômenos da vida orgânica. Os atos realizados pelas diversas células do corpo, fora de toda participação consciente, não têm nenhum caráter de fatalidade mecânica e variam segundo as necessidades cotidianas. Eles parecem guiados por uma razão particular muito diferente da nossa e geralmente muito mais precisa. Para mostrar isso bastará relembrar o que eu escrevi a este respeito em meu livro sobre **L'Évolution de la Matière**:

> *Os edifícios atômicos que conseguem fabricar células microscópicas compreendem não apenas as mais sábias operações de nossos laboratórios __ esterificação,*

oxidação, redução, polimerização etc. __ mas, muitas outras mais difíceis e não conseguiríamos imitar. Através de meios que não podemos suspeitar as células vitais constroem os compostos complicados e variados __ albuminoides, celulose, gorduras, amido etc. __ necessários à manutenção da vida. Elas sabem decompor os corpos mais estáveis, como o cloreto de sódio, extrair o azoto dos sais amoniacais, o fósforo dos fosfatos etc.

Todas essas obras tão precisas, tão admiravelmente adaptadas a um objetivo, são dirigidas por forças das quais não fazemos nenhuma ideia e que agem exatamente como se elas possuíssem uma clarividência bem superior à nossa razão. A tarefa que elas realizam em cada instante da existência, plaina bem acima do que pode realizar a ciência mais avançada.

O cientista capaz de resolver com sua inteligência os problemas resolvidos a toda hora pelas humildes células de uma ínfima criatura, seria tão superior aos outros seres humanos que se poderia considerá-lo como um deus.

Os atos da vida biológica mostram a necessidade de variar sem parar. Se um corpo inútil ou perigoso for introduzido no organismo ele será neutralizado ou rejeitado. O elemento útil, pelo contrário, é enviado a órgãos diferentes e sofre transformações

físicas muito sábias. Essas milhares de pequenas operações parciais se entrecruzam sem se anular, porque elas são orientadas com uma precisão perfeita. Assim que a rigorosa lógica diretriz dos centros nervosos se interrompe, é a morte.

Esses centros nervosos constituem então o que se poderia chamar de centros de pensamento biológico. Eles dirigem a vida e a protegem, criando, segundo as circunstâncias, elementos de defesa variados. Como disse muito justamente o Dr. Bonnier: "Melhor do que qualquer fisiologista, qualquer médico, eles sabem o que convém ao órgão doente. Despertar seu torpor quando ele acontece é o único papel possível da ciência mais avançada".

Quando uma célula evolui para uma certa forma, quando o animal regenera inteiramente um órgão amputado, com nervos, músculos e vasos, constatamos que a lógica biológica cria, para estes acidentes imprevistos, uma série de fenômenos que nenhum esforço da lógica racional conseguiria imitar e nem mesmo compreender.

É ainda a lógica biológica que ensina ao pássaro o mecanismo do voo e como ele deve modificá-lo segundo as circunstâncias. Longos séculos foram necessários ao ser humano para que sua lógica racional lhe permitisse imitá-la um pouco.

Essa precisão dos atos vitais, sua adaptação cotidiana a condições constantemente cambiantes, sua aptidão para defender o organismo contra os ataques imprevistos do mundo exterior, nos fizeram considerar a expressão lógica biológica como necessária[5].

A lógica biológica regula a duração do indivíduo e a da espécie a qual ele pertence. A vida individual é muito efêmera; a da espécie é muito mais longa, mas não eterna, pois nenhuma das espécies geológicas, cujos restos encontramos, sobreviveu até nossos dias. Elas foram precedidas e seguidas por outras, de duração igualmente limitada.

As espécies parecem desaparecer quando, muito estabilizadas por uma pesada herança ancestral, elas não podem

[5] A adaptação constante a elementos sempre variáveis e a precisão dos métodos empregados pelos órgãos que agem sob a influência da lógica biológica estão nitidamente no quadro seguinte do Dr. S. Artault, que eu resumo um pouco, da luta do organismo contra os micróbios.
Dois exércitos estão em presença: um em sua cidadela fortificada (o organismo), o outro que investe contra ela (bactérias etc.). Assim que as primeiras obras de defesa são erguidas e que o inimigo penetrou por algumas brechas na estrutura, o general comandante (centro simpático) começa por fazer uma distribuição de estimulantes (opsoninas) a suas tropas. Estimuladas, as tropas se posicionam sobre o ponto atacado; começa o combate corpo a corpo e a destruição dos invasores, cujos cadáveres são devorados no local (fagocitose). O general organiza então a defesa territorial, dispersando seus veteranos aguerridos e atentos, que reduzem a nada toda tentativa nova desse inimigo conhecido (imunização).
Mas, às vezes, a luta se prolonga, as tropas locais mais ou menos fatigadas, recuam ou acampam no local. Então o exército de ataque permanece em suas posições e lhes envia obuses asfixiantes (toxinas, antígenos). Geralmente, sob este ataque insidioso, os tecidos contam com uma descarga de produtos que aniquilam ou neutralizam os primeiros (antitoxinas, anticorpos).

mais se adaptar às variações do meio. Essa história do mundo vegetal e animal foi também a de muitos povos.

A infância de uma espécie, de um indivíduo ou de um povo se caracteriza por uma plasticidade excessiva que lhe permite se adaptar a todas as variações do meio. Sua velhice é acompanhada, pelo contrário, por uma rigidez que impede a adaptação.

Compreende-se então, facilmente, que as transformações do meio, capazes de fazer evoluir um ser no início de sua existência, o fazem perecer em seu declínio. E isto nos explica o porquê de os povos muito velhos desaparecerem quando eles não podem mais mudar.

Se a lógica biológica se limitasse a regular as funções da vida, poderíamos, a rigor, negligenciar seu estudo. Mas ela tem também, sob seu domínio, importantes fatores das opiniões, das crenças e, por consequência, do comportamento.

Como os sentimentos têm a vida como suporte, concebe-se que a lógica biológica não apenas influencia a lógica afetiva, mas parece, às vezes, se confundir com ela. As duas nem mesmo parecem nitidamente separadas, sendo a vida biológica simplesmente o terreno onde a vida afetiva germina.

Fica então inexplicável que os psicólogos ignorem a lógica biológica. Ela é a mais importante de todas as formas de lógicas,

porque é a mais imperiosa. Quando ela ordena, as outras obedecem.

§2. A lógica biológica e os instintos.

As diferenças entre as lógicas biológica e afetiva são reveladas ainda pelo estudo dos fenômenos variados confundidos habitualmente sob o nome de instinto. Bergson tem razão em separar o instinto da inteligência, mas ele tem apenas uma razão parcial. Uma gama de instintos são hábitos intelectuais ou afetivos acumulados por herança. Para os fenômenos biológicos __ não apenas os mais simples, como a fome e o amor, mas também aqueles bem complicados, observados nos insetos __ a separação com a inteligência parece completa.

O estudo de certas formas de instinto é extremamente difícil. Para jogar alguma luz sobre ele é preciso se livrar de todas as ideias da psicologia clássica.

Deve-se admitir, com efeito, que, para processos desconhecidos, mas inegáveis, pois nós os constatamos, as criaturas mais inferiores podem agir em certos casos como faria o ser humano guiado por uma razão muito elevada.

E esta razão não aparece apenas nos seres relativamente elevados, como os insetos, mas num organismo tão primitivo quanto os monocelulares, sem sexo e sem forma, que marcam a

aurora da vida. Uma ameba, ou seja, um simples glóbulo de protoplasma formado ele próprio de granulações vivas, ao querer se apoderar de uma presa, executa atos adaptados ao objetivo a atingir e que variam segundo as circunstâncias, como se este esboço de ser pudesse efetuar certos raciocínios. Ao constatar os cuidados minuciosos tomados por certos insetos para proteger os ovos de onde sairão larvas com uma forma bem diferente da sua e que geralmente eles não verão jamais, Darwin declarou: "é infrutífero especular sobre este assunto".

As leis da lógica biológica permanecem incompreensíveis, certamente, mais devemos cuidadosamente constatar seus efeitos para mostrar que eles não são, de maneira alguma, condicionados por este tipo de força cega a qual se aplica o termo instinto.

Nada é mais previdente, pelo contrário, do que os encadeamentos da lógica biológica. Seu mecanismo continua ignorado, mas o sentido de seu esforço é acessível. Há sempre o objetivo de criar no indivíduo os meios necessários, seja para sua perpetuação através da reprodução, seja para sua adaptação às condições exteriores.

Esses meios são de uma engenhosidade que nos ultrapassa. Numerosos naturalistas __ Blanchard, Fabre etc. __ mostraram a perfeição dos atos dos insetos, como também seu discernimento e sua aptidão para mudar de comportamento de acordo com as

circunstâncias. Eles sabem, por exemplo, modificar a qualidade das matérias alimentares preparadas para suas larvas, se elas devem ser machos ou fêmeas. Certos insetos, de maneira alguma carnívoras, mas cujas larvas só podem se nutrir com presas vivas, paralisam estas presas, de maneira que elas possam esperar, sem se decompor, a eclosão dos seres que as devorarão. Determinar uma paralisia assim seria uma operação difícil para um anatomista experimentado. Ela, no entanto, jamais é complicada para um inseto. Ele sabe atacar os únicos coleópteros cujos centros nervosos motores são tão próximos até quase se tocarem, o que permite provocar a paralisia com uma só ferroada. No número imenso dos coleópteros, dois grupos apenas __ os caranchões e os buprestes __ preenchem essas condições. Fabre reconheceu que, ao instinto geral do inseto que o dirige nos atos imutáveis de sua espécie, se superpõe alguma coisa "de consciente e de aperfeiçoável pela experiência. Não ousando chamar essa aptidão rudimentar de inteligência, título muito elevado para ela, eu a chamaria de discernimento".

Isto que Fabre qualifica de "discernimento" produz resultados que muito dificilmente atingiria o cientista mais hábil. Desta forma, ele é obrigado a concluir que "o inseto nos maravilha e nos espanta com sua grande lucidez".

Numerosos fatos de mesma ordem foram observados entre as formigas e as abelhas por um cientista acadêmico, Gaston Bonnier, o que o levou a atribuir aos insetos uma faculdade chamada por ele de raciocínio coletivo.

Ele mostra as abelhas obedecendo rigorosamente às ordens decretadas pelo "comitê diretor da colmeia" e variando segundo as informações trazidas pelos batedores, enviados todas as manhãs para as redondezas. Saindo da colmeia com tal ou tal ordem, o inseto a executa pontualmente. Se, por exemplo, o comitê o envia para buscar água numa poça, inutilmente colocada ao lado de gotas de xarope ou mel, o inseto não as tocará. Os enviados para recolher néctar não se ocuparão em recolher o pólen etc.

A organização social desses pequenos seres é rigorosamente regulada. Uma colmeia, diz o mesmo autor, "oferece um exemplo perfeito da constituição igualitária do socialismo de Estado. Nem amor, nem devoção, nem piedade, nem caridade; tudo é sacrificado em prol da sociedade e para sua conservação, através de um trabalho incessante. Sem governo, sem chefe, uma disciplina sem subordinação. É o ideal do coletivismo realizado".

Esses fatos, multiplicados pela observação, embaraçam cada vez mais os adeptos da velha psicologia racionalista. Possuía-se outrora, para interpretá-los, uma palavra preciosa, o instinto; mas

é preciso constatar que, sob este vocábulo gasto, se abriga toda uma ordem de fenômenos profundamente desconhecidos.

Outrora o instinto era considerado como um tipo de faculdade imóvel concedida pela natureza aos animais no momento de sua formação, para guiá-los através dos atos da vida, como o pastor conduz sua tropa. Descartes julgava os animais simples autômatos e este automatismo maravilhoso lhe parecia muito simples.

Ao se estudar melhor os animais, foi preciso reconhecer a variabilidade desses instintos imutáveis. A abelha, por exemplo, sabe perfeitamente transformar sua colmeia quando isso se torna necessário. Num artigo intitulado **Gradation e perfectionnement de l'instinct chez les guêpes solitaires d'Afrique**, inserido nas atas da Academia de Ciências de 19 de outubro de 1908, o Sr. Roubard mostra entre as espécies do gênero *synagris* "diferenças muito marcantes, a ponto de que se pode seguir as etapas principais de uma evolução insuspeitada do instinto dos solitários rumo ao instinto das vespas sociais". Os ninhos inicialmente solitários, antes da aproximação, representam sem dúvida a forma primitiva das colônias de vespas sociais.

Os fatos observados nos insetos são constatados igualmente nos animais superiores. Eles são capazes de atos que implicariam numa ciência elevada, se a lógica racional tivesse que ditá-los.

Como por exemplo o armazenamento de uma provisão de força viva para se erguer no ar sem trabalho. Este resultado é atingido por muitos pássaros __ andorinhas, falcões etc. __ que, perseguindo suas presas, descem de uma grande altura. Eles dobram então suas asas, se deixam cair segundo uma trajetória parabólica e utilizam, para retornar ao alto, a força viva produzida por sua queda. Ela é considerável, sendo representada pela metade do produto da massa pelo quadrado da velocidade. O pássaro sabe também captar a energia que ele encontra nas correntes de ar descendente e se adaptar imediatamente, através de movimentos apropriados, às mudanças bruscas de direção do vento.

A expressão lógica biológica, que criamos, não poderia, certamente, constituir uma explicação, mas ela tem pelo menos a vantagem de mostrar que todos os atos, supostamente instintivos, dos animais, devem ser retirados do domínio das forças cegas onde se tentou enterrá-los até aqui.

Renunciar às explicações puramente mecânicas, como as de Descartes, é compreender ao mesmo tempo em que existe uma esfera imensa da vida psíquica completamente inexplorada e cuja existência nós mal vislumbramos.

Os fatos precedentes parecem um pouco distanciados do objetivo desta obra. Eles constituem, no entanto, uma parte essencial dela.

Quando estudarmos os fatores de nossas opiniões e de nossas crenças, não deveremos esquecer que, sob a superfície das coisas, se esconde um mundo de forças inacessíveis à nossa razão, mais poderosas do que esta razão e que geralmente a conduzem.

Continuando no domínio das verdades abordáveis, resumiremos este capítulo dizendo que a lógica biológica precedeu todas as outras e que a vida teria sido impossível sem ela. Se sua ação fosse interrompida, nosso planeta se tornaria um morno deserto, presa das forças cegas da natureza, ou seja, das forças não organizadas ainda.

***

CAPÍTULO III

A lógica afetiva e a lógica coletiva.

§1. A lógica afetiva.

Sumário

Há muito tempo soube-se distinguir na alma humana a esfera do sentimento e a da razão. Somente numa época recente começou-se a falar na lógica dos sentimentos.

Antes de chegar a diferenciar a lógica intelectual da lógica dos sentimentos foi preciso primeiro reconhecer que a vida afetiva possui uma existência autônoma, independente da vida intelectual.

Esta última apareceu muito tarde na história do mundo, enquanto que a existência afetiva e a lógica que ela implica guiaram os seres vivos desde as eras geológicas. Todos sentiram antes de conhecer. Conduzidos somente pela lógica biológica e a lógica afetiva, os animais viveram perfeitamente e cumpriram seu destino. Uma simples galinha sabe criar seus pintinhos, dirigi-los, lhes ensinar a se alimentar, protegê-los contra seus inimigos. Essas operações são um pouco desprezadas pelos psicólogos, que evitam assim os esforços necessários para compreendê-las.

Quando se conhece apenas a lógica racional todos os nossos julgamentos parecem de origem puramente intelectual. Isso acontece nas questões científicas, mas muito raramente nos assuntos usuais, formados ao longo da vida cotidiana. Geralmente

então é a lógica afetiva que lhes serve de base e se torna assim nossa verdadeira guia.

Constata-se cada vez mais a exatidão dessa proposição fundamental na medida em que a influência dos elementos afetivos é melhor compreendida. Neste domínio, iluminado pelas luzes que não são aquelas da razão, as coisas se encadeiam segundo regras rigorosas muito estranhas à nossa lógica racional.

Abandonada até aqui às fantasias dos romancistas e dos poetas, a lógica afetiva está destinada a desempenhar um papel preponderante na psicologia do futuro. Como disse muito justamente Ribot: "O lugar das influências afetivas na vida psíquica é o primeiro. O conhecimento aparece não como um mestre, mas como um servidor".

§2. Comparação da lógica afetiva e da lógica racional.

As características respectivas da lógica racional e da lógica afetiva serão evidenciadas por comparação.

A lógica racional rege o ciclo da atividade mental consciente. A lógica afetiva domina a atividade mental inconsciente.

Sendo os encadeamentos da lógica afetiva inconscientes, a evolução de nossos sentimentos é pouco acessível. Somos os

senhores de nossa vida intelectual, não de nossa vida afetiva. Simpatia e antipatia se refreia, mas não se comanda.

Lógica afetiva e lógica racional são muito distintas para terem uma medida comum. É impossível portanto, eu já disse isso, exprimir exatamente os elementos afetivos em termos intelectuais. A lógica racional não conseguiria compreender, nem traduzir, nem julgar os atos ditados pela lógica dos sentimentos.

As palavras com que tentamos representar os sentimentos os traduzem muito mal. Elas só conseguem fazer um pouco isso através da associação. O hábito de ligar os sentimentos ao som de certas palavras dá a estas últimas o poder de evocar representações mentais afetivas.

A música, verdadeira linguagem dos sentimentos, os evoca muito melhor do que as palavras. Mas, por falta de precisão, ela só permite relações muito vagas entre os seres.

A lógica afetiva, ao ignorar a lógica racional impõe geralmente uma resolução antes que esta última tenha terminado de deliberar. A primeira não leva em conta razões, nem contradições, nem princípios.

A lógica racional se apoia sobre elementos objetivos, tirados da experiência e da observação. Esses elementos são constituídos por fatos precisos, isolados, suscetíveis de medida. A lógica sentimental só tem como suportes os elementos subjetivos

formados em nós mesmos e que nenhuma medida permite apreciar exatamente o valor. As representações mentais conscientes criadas pela lógica afetiva são, por esta razão, sempre imprecisas.

Na lógica racional, as ideias podem se associar segundo certas regras universalmente admitidas. Na lógica afetiva, os sentimentos se agrupam geralmente fora de nossa vontade e segundo um mecanismo preciso, mas mal conhecido. No máximo podemos dizer que certos sentimentos fazem surgir outros que se combinam com eles. A dor gera a tristeza; o amor cria a alegria; a cólera, o desejo de vingança etc.

Em razão de seu caráter objetivo, as regras da lógica racional são aplicadas da mesma maneira por todas as pessoas que atingiram um certo grau de cultura. É por isso que, sobre assuntos científicos, elas acabam sempre por entrar em acordo. A lógica afetiva varia, pelo contrário, de um assunto a outro, porque os sentimentos dos indivíduos são muito diferentes. Em todos os domínios que ela rege __ crenças religiosas, políticas, morais etc. __ o acordo é, por esta razão, impossível.

Como as regras da lógica afetiva não podem ser universais como as da lógica racional, um tratado de lógica afetiva verdadeiro para um indivíduo ou uma certa categoria de indivíduos não o seria para os outros. Um livro de lógica racional possui, pelo contrário, um valor invariável para todos.

As considerações precedentes mostram que as mesmas coisas, olhadas sob o ponto de vista da lógica intelectual ou da lógica afetiva, parecem necessariamente diferentes. O erro geral é querer julgar com a razão fenômenos regidos pela lógica dos sentimentos.

Mesmo que as leis da lógica afetiva sejam muito pouco conhecidas, a experiência ensinou certas regras empíricas, geralmente utilizadas pelos grandes oradores. Sem perder seu tempo em encadear razões capazes de convencer ao máximo sem fazer agir, eles despertarão progressivamente emoções e se esforçarão para variá-las, sabendo muito bem que a sensibilidade produzida por um determinado excitante se esgota rapidamente. Através de gradações hábeis, palavras evocativas, gestos, entonações, eles formam a atmosfera sentimental onde suas conclusões poderão ser aceitas.

Como os sentimentos constituem os verdadeiros motivadores de nossas ações, é bem natural que sua lógica nos conduza. Despertando-se as paixões das pessoas, muda-se sua conduta. Subjugando-se seus corações, controla-se suas vontades.

A única utilidade da lógica racional para um orador consiste em criar quadros que lhe permitem ordenar seus discursos.

Os elementos afetivos intervêm perpetuamente em nossas concepções do mundo e estão na base de nossas ideias morais,

religiosas, políticas e sociais. Até mesmo as verdades científicas estão impregnadas deles em suas teorias.

A lógica afetiva não nos governa sempre, felizmente. Através de um mecanismo que logo estudaremos, a lógica intelectual consegue dominar algumas vezes seus impulsos.

Dominação pouco fácil, aliás, pois, após o acúmulo de séculos, ela ainda é fraca. Vemos, no entanto, o caminho percorrido, ao constatar, através do estudo dos selvagens, o que foram os primitivos dominados pela sentimentalidade pura.

Esses primitivos, sobre os quais a lógica intelectual não atua, obedecem a todos os seus impulsos. Tomados pela fome, eles se precipitam sobre suas presas. Inspirados pelo ódio, eles se lançam sobre seus inimigos. Esta era a existência dos primeiros seres humanos, que os filósofos da Revolução Francesa nos ofereciam como modelo.

§3. A lógica coletiva.

A lógica afetiva é um dos suportes da lógica coletiva. Estudaremos agora esta última, antes de nos ocuparmos dela no capítulo dedicado às opiniões e às crenças coletivas.

Lembraremos somente que lógica afetiva e lógica coletiva não podem ser confundidas. A última só se manifesta nas massas

e pode provocar atos contrários àqueles inspirados pela lógica afetiva.

Veremos mais adiante como a alma coletiva momentaneamente criada por uma massa representa um agregado muito especial onde o impossível não existe, onde a previdência é ignorada, onde a sensibilidade aparece sempre hipertrofiada e onde a lógica racional é inteiramente desprovida de ação.

Acabamos de mostrar neste capítulo que a lógica afetiva constitui, com a lógica mística que vai ser estudada agora, o verdadeiro motivador de nossos atos. Para agir, é preciso primeiramente sentir. Assim que sentimos esta lógica intervém.

Sua influência dominou em todas as eras. Foi somente muito tarde que o ser humano aprendeu a se livrar um pouco de seu poder. Ainda não chegou a hora em que a lógica racional dominará a lógica afetiva, em vez de ser dominada por ela.

***

CAPÍTULO IV

A lógica mística.

§1. As características da lógica mística.

Sumário

A lógica racional é uma lógica consciente que ensina a raciocinar, deliberar, fazer demonstrações e descobertas.

A lógica dos sentimentos é uma lógica inconsciente, fonte habitual de nosso comportamento e cujos encadeamentos escapam geralmente da ação da inteligência.

A lógica mística, com a qual vamos nos ocupar agora, corresponde a uma etapa superior da vida mental. Os animais não a conhecem, embora eles possuam um grande número de nossos sentimentos.

Inferior à lógica racional, fase de evolução mais elevada ainda, a lógica mística desempenhou, no entanto, um papel preponderante na história dos povos, através das crenças que ela gera. Ela é a origem de interpretações estranhas à razão, sem dúvida, mas que constituem poderosos motivadores de ação. Se a lógica racional tivesse substituído outrora a lógica mística o curso da história teria mudado.

Assim como a lógica afetiva, a lógica mística aceita as contradições, mas não é inconsciente como a primeira e implica geralmente numa deliberação.

O critério que nos serviu para classificar as diversas formas de lógica __ a ação __ mostra nitidamente a distinção entre a lógica afetiva e a lógica mística. Esta última, com efeito, inspira geralmente atos contrários aos nossos interesses mais evidentes; atos que a lógica afetiva jamais ditaria. A história política dos povos contém numerosos exemplos disso e sua história religiosa muito mais ainda.

Sem dúvida, nos casos análogos àqueles aos quais faço alusão e onde se vê desaparecerem estados afetivos tão fortes quanto o pudor e o amor maternal, é impossível objetar que esse desaparecimento pode resultar da simples substituição de um sentimento por outro. Mas, qual é então a causa dessa substituição?

Não se pode, seguramente, procurá-la na lógica racional, pois nenhuma razão aconselharia tais atos. Devemos, portanto, forçosamente, invocar um mecanismo psicológico diferente. É este mecanismo que constitui a lógica mística.

Ao examinar seu papel na história da civilização veremos aparecer mais claramente ainda as divergências que a separam da lógica afetiva.

Na lógica mística as causas naturais __ as únicas aceitas pela lógica racional __ são substituídas pelas vontades caprichosas

de seres ou de forças superiores que intervêm em todos os nossos atos e que é preciso temer e se conciliar.

A lógica mística reinou exclusivamente na fase primitiva da humanidade e, apesar dos progressos da lógica racional, sua influência é muito viva ainda.

O poder da lógica mística é observado sobretudo nas mentes que são qualificadas justamente de místicas; termo que nos serviu para qualificar sua lógica.

A mentalidade mística se revela através da atribuição a um ser, a um objeto determinado ou a uma potência ignorada, de um poder mágico independente de toda ação racional.

As consequências dessa mentalidade vão variar segundo as mentes. Para uns, ela servirá de suporte a crenças religiosas definidas, com contornos precisos, sob a forma de divindades. Para outros, as forças superiores permanecerão vagas, mas igualmente poderosas. O espírito místico se manifestará então através de uma superstição qualquer. Um ateu pode ser tão místico quanto um perfeito devoto. Ele o é, frequentemente, até mais.

Dá-se prova de um espírito místico ao se atribuir a um amuleto, um número, uma água milagrosa, uma peregrinação, uma relíquia, certas propriedades sobrenaturais. Ele se manifesta ainda ao se atribuir a tal ou tal instituição política ou social o poder de transformar as pessoas.

O misticismo muda de forma sem parar, mas ele guarda como um fundo imóvel o papel atribuído a poderes misteriosos. O tempo, que faz variar o objeto do misticismo, o deixa intangível.

Indiferente a toda crítica, o misticismo produz em seus adeptos uma credulidade ilimitada. Muitas pessoas que se qualificam de livres-pensadores, porque rejeitam os dogmas religiosos, acreditam firmemente em pressentimentos, presságios, no poder mágico da corda do pêndulo ou do número treze. Para eles, o mundo é povoado de coisas que trazem felicidade ou infelicidade. Não há um só jogador cuja convicção sobre este ponto não esteja solidamente estabelecida.

Sendo a fé do místico ilimitada, nenhum absurdo racional pode chocá-lo. Ele é impermeável à razão, à observação e à experiência. O insucesso de suas previsões não lhe prova nada, já que as potências sobrenaturais invocadas são, por definição, caprichosas e não estão sujeitas a nenhuma lei.

Na medida em que o ser humano se civiliza, o espírito místico, universal em todos os selvagens, se circunscreve gradualmente e se localiza em certos sujeitos. Para estes últimos, a mentalidade do civilizado se distingue pouco da mentalidade do primitivo, pois nenhum argumento científico abala sua fé. Este fato observável contribuirá para nos fazer entender a gênese das crenças ocultistas adotadas por alguns cientistas ilustres.

Os progressos da razão serão, sem dúvida, ineficazes para abalar o misticismo, pois ele sempre terá como refúgio o domínio do além, inabordável pela ciência. As mentes curiosas desse além são naturalmente inumeráveis.

§2. O misticismo como base das crenças.

É no misticismo que germinam todas as crenças religiosas e todas aquelas que, sem levar este nome, assumem as mesmas formas; certas crenças políticas, particularmente.

As consequências da lógica mística são observadas sobretudo entre os selvagens. Desprovidos de qualquer noção de leis naturais, eles vivem num mundo povoado por espíritos que devem ser conjurados sem parar. Por detrás de cada realidade visível eles sempre supõem um poder invisível que a determina.

No ser humano civilizado as crenças são menos rudimentares, porque a noção de leis necessárias lhe é imposta por toda sua educação. Ele não poderia negá-la, mas admite no entanto que preces podem determinar que as potências sobrenaturais interrompam sua ação. A lógica mística e a lógica racional subsistem assim, às vezes, simultaneamente na mesma mente, sem se penetrarem.

A credulidade do verdadeiro crente é geralmente ilimitada e nenhum milagre poderia surpreendê-lo, pois o poder do Deus que

ele invoca é infinito. Vê-se na catedral de Oviedo um cofre que, diz o folheto distribuído aos visitantes, foi instantaneamente transportado de Jerusalém pelo ar. Ele contém "leite da mãe de Jesus Cristo; os cabelos com os quais Santa Madalena enxugou os pés do Salvador; a vara com a qual Moisés dividiu o Mar Vermelho; a carteira de São Pedro etc."

Este documento, semelhante a outros milhares, mostra a que ponto o fetichismo místico está sempre vivo. Se considerarmos que ele é independente da qualidade de seu objeto, colocaremos na mesma família o *gri-gri* do negro, a relíquia fechada no cofre de ouro de uma majestosa catedral e a corda do pêndulo. Deve-se olhá-los com uma simpatia indulgente. Primeiro porque eles são criadores de esperança de felicidade e depois porque eles correspondem a certas necessidades indestrutíveis do espírito.

Seguindo a ação da lógica mística através de todos os elementos da existência social, nós a veremos agir nas artes, na literatura, na política e até mesmo na arte de curar. A época literária dita romântica é uma manifestação dela. Os artistas quase que só tinham convicções místicas. Os métodos de análise racional geralmente eram ignorados por eles.

Mas é sobretudo na política que aparece a influência do espírito místico. Radicais, anticlericais, franco-maçons e todos os sectários de nuances extremas, vivem plenos de misticismo. A

classe trabalhadora é dominada igualmente por um misticismo intenso.

As regiões onde a ciência pôde penetrar permanecem muito limitadas, enquanto que nossas aspirações são sem limites e, por isso, a lógica mística dominará sem dúvida a humanidade por muito tempo ainda.

Criadora das leis, dos costumes e das religiões, ela fez surgir todas as ilusões que guiaram a humanidade até aqui. Seu poder é suficientemente grande para transformar o irreal em real. Sob sua ação milhões de pessoas conheceram a alegria, a dor ou a esperança. Todo ideal saiu de seu seio.

Lógica mística, lógica sentimental e lógica racional representam três formas de atividade mental irredutíveis uma a outra. É inútil, por consequência, colocá-las em conflito.

***

CAPÍTULO V

A lógica intelectual.

§1. Os elementos fundamentais da lógica intelectual.

Sumário

A lógica intelectual foi objeto de inumeráveis escritos, de utilidade aliás medíocre. Se falamos dela aqui é, primeiro porque ela desempenha algumas vezes um certo papel na gênese das opiniões e depois, para precisar bem, mais uma vez, no que ela difere das outras formas de lógicas estudadas nos capítulos precedentes.

Comecemos por indicar alguns elementos sobre os quais é fundamentado o exercício da lógica racional: a vontade, a atenção e a reflexão.

A vontade – Ela é a faculdade de se determinar a um ato e compreende geralmente três fases: deliberação, determinação e execução. Uma determinação se chama volição e uma resolução se qualifica também de decisão.

A vontade tem ao mesmo tempo origem afetiva e racional. Origem afetiva porque todos os motivadores de nossos atos têm um substrato afetivo. Origem racional porque graças à atenção e à reflexão, podemos combinar na mente representações mentais capazes de se anular.

Contrariamente ao que ensina a psicologia, diremos que a vontade pode ser consciente ou inconsciente. As vontades inconscientes são mesmo as mais fortes. Os animais não possuem outras e a maior parte das pessoas igualmente.

Se dificilmente se constata as formas inconscientes da vontade é porque a razão intervém imediatamente após os atos cometidos para explicá-los e, desta forma, imagina-se que ela os ditou.

Descartes, seguido por vários filósofos modernos, fez da vontade um tipo de entidade oposta à inteligência e que constituiria o princípio de nossas crenças.

Acreditar, segundo ele, é dar ou recusar voluntariamente seu consentimento a uma ideia proposta pela inteligência. Essa teoria, muito defendida ainda, será combatida nesta obra, onde espero mostrar que a crença quase nunca é voluntária.

Aristóteles se aproximou muito mais do que Descartes das ideias expostas aqui quando fundamentou sua psicologia sobre a distinção entre as faculdades sensitivas e as faculdades intelectuais. De sua combinação resultava para ele a vontade. Ela seria então um efeito e não mais uma causa.

Aristóteles, vê-se, opunha a sensibilidade à inteligência, enquanto que Descartes colocava diante dela a vontade.

Longe de representar sutilezas inúteis, essas distinções são, pelo contrário, importantes. A teoria, sempre predominante, de que a crença é voluntária e racional repousa sobre conceitos análogos aos de Descartes.

A atenção – A atenção é o ato pelo qual, sob a ação de um excitante ou da vontade, a mente se concentra sobre um objeto __ ou sobre a representação mental deste objeto, ou ainda sobre as ideias que surgem dele __ e exclui outros.

A atenção permite eliminar estados de consciência estranhos e também isolar do caos das coisas o objeto que nos interessa.

Diversos autores consideram a atenção como uma forma da vontade. Ela está, certamente, sob a dependência da vontade, mas não deve ser identificada com ela.

A atenção não poderia ser confundida também com a inteligência. Ela é apenas um dos elementos utilizados por esta última.

Os objetos que nos rodeiam impressionam todos os nossos sentidos. Se nós os percebêssemos da mesma forma como faz a objetiva fotográfica, por exemplo, o cérebro seria entulhado de imagens inúteis. Graças à atenção, nós só percebemos as coisas proporcionalmente às nossas necessidades e podemos concentrar sobre um só objeto toda nossa capacidade intelectual, sem dispersá-la ao acaso.

Os animais são capazes de atenção, mas esta faculdade é involuntária neles, enquanto que, no ser humano, ela pode ser voluntária.

De seu desenvolvimento resulta em grande parte nossa potência intelectual. A criança e o selvagem possuem muito pouca atenção voluntária. Quanto mais a pessoa é suscetível de atenção e, por consequência, de reflexão, mais sua força intelectual é considerável. Um Newton sem grande capacidade de atenção não é concebível. A intuição que apareceu bruscamente sempre foi precedida de uma atenção paciente e de uma longa reflexão.

A reflexão – O nascimento da reflexão produz no ser humano a capacidade de raciocinar. Ela é constituída pela aptidão para trazer e fixar na mente, por meio da atenção, as representações mentais derivadas das sensações ou das palavras que são seus sinais. Pode-se então combiná-las, compará-las e formar assim juízos. Eles nos fazem conhecer não as coisas em si mesmas, mas suas relações, único objetivo acessível à ciência.

A aptidão para refletir implica sempre na aptidão para a atenção. Pequena capacidade de atenção implica em faculdade de reflexão medíocre.

A reflexão permite raciocinar convenientemente, com a condição de que as lógicas afetiva e mística não intervenham.

Assim que os objetos sobre os quais se quer raciocinar caem no campo da crença, a reflexão perde seu poder crítico.

§2. O papel da lógica racional.

A lógica racional age em associação com a reflexão e segundo o mecanismo, precedentemente indicado, das representações mentais ou as palavras que as traduzem.

Ela foi considerada durante muito tempo como base de nossas crenças. Admitimos, pelo contrário, que a lógica racional não produziu nenhuma delas. Seu único papel possível é o de terminar de extingui-las quando elas já estão gastas pelo tempo.

Mas, se o papel da lógica racional é nulo na gênese das crenças, ele é capital, pelo contrário, na constituição do conhecimento. Todo o edifício das ciências e o colossal desenvolvimento da indústria moderna, que foi sua consequência, repousam sobre ela.

Seu papel, portanto, não é exagerado, mas é preciso saber reconhecer também os limites que ela ainda não ultrapassou. Os fenômenos da vida e do pensamento lhes permanecem sempre fechados. Seu domínio é o da matéria bruta, ou seja, momentaneamente estabilizada pela morte ou pelo tempo. Sobre os fenômenos que representam um escoamento constante, como a vida, ela só projetou luzes muito incertas.

Como a ciência reina visivelmente sem rival no domínio do conhecimento, acreditou-se durante muito tempo que a lógica intelectual, de onde ela deriva, serviria para explicar a gênese e a evolução das crenças. Esse erro persistiu durante séculos e a psicologia mal começa a se livrar dele.

A observação deveria ter mostrado, no entanto, que os seres agem antes de pensar e de compreender e, por consequência, eles são guiados em seus atos por outras formas de lógicas.

Convencidos por essa evidência __ para a qual eu retorno frequentemente, porque ela é muito nova ainda __ reconheceu-se que a lógica racional desempenha um papel bastante secundário na vida dos indivíduos e dos povos.

Não é necessário pensar para agir e menos ainda compreender. O mais modesto inseto age como deve agir, sem se preocupar com nossa lógica.

A compreensão e a razão são formas de atividade dos seres completamente independentes da ação. Frequentemente elas só fazem entravá-la, ao mostrar muito seus perigos.

Graças a seus impulsos afetivos e místicos, os seres humanos mais comuns podem agir sem nada suspeitar da gênese de seus atos. É inútil tentar com eles argumentos de ordem intelectual. Em razão de sua pequena capacidade de compreensão, eles consideram com um desprezo categórico tudo o que os

ultrapassa. Querer lhes inculcar certas ideias racionais seria imitar uma criança que deseja introduzir uma laranja em um dedal. É preciso saber medir a capacidade, geralmente restrita, do dedal cerebral dos indivíduos e dos povos, antes de procurar introduzir nele algumas verdades racionais.

O papel da lógica racional no governo dos povos foi sempre muito pequeno e só se manifesta um pouco nos discursos. Não é, eu repito, a razão, mas o sentimento que os comove e, por consequência, que os guia. Para movimentar é preciso emocionar.

Logo mostraremos que, na luta entre a lógica racional e a lógica afetiva, a primeira é quase sempre derrotada. Os psicólogos reconhecem isso cada vez mais. Escreve Ribot: “Supor que uma migalha de ideia seca, que uma concepção abstrata, sem acompanhamento afetivo, como uma noção geométrica, tenha a menor influência sobre o comportamento humano, é um absurdo psicológico”.

Está distante a hora em que o mundo será conquistado pelo pensamento filosófico. Ele sempre foi, pelo contrário, até aqui, perturbado por crenças desprezadas pela lógica racional, mas que ela é impotente para combater.

§3. O tardio aparecimento da lógica racional.

Ela não é obra da natureza, mas foi criada contra a natureza.

Eu já demonstrei que a lógica racional foi a última a aparecer. As outras formas de lógica bastaram para guiar todos os seres, das eras geológicas quase até nossos dias.

A lógica racional não é, de maneira alguma, obra da natureza, mas do ser humano contra a natureza. Graças a essa criação de sua inteligência, ele sofre cada vez menos com as forças que o envolvem e consegue, cada dia mais, dominá-las. Essa foi uma conquista capital.

Para reconhecer que a lógica racional não é um produto da natureza, mas uma criação do ser humano contra a natureza, é preciso observar que seus esforços consistem sobretudo em lutar contra as ações naturais.

Totalmente indiferente à sorte do indivíduo, a natureza só se ocupa com a sorte da espécie. Diante dela todos os seres são iguais. A existência do mais pernicioso micróbio está rodeada de tantos cuidados quanto a do maior gênio.

Graças à aquisição da lógica racional, nós pudemos combater as leis ferozes do universo e chegar, às vezes, a triunfar sobre elas.

O verdadeiro objetivo da ciência é essa luta constante contra as iniquidades naturais. Nós só as sofremos agora nos limites onde para nosso conhecimento. No dia em que os mecanismos das lógicas biológica e afetiva forem conhecidos, saberemos dominá-

los inteiramente. O ser humano terá então o poder atribuído a seus antigos deuses.

A ciência, evidentemente, ainda não chegou lá. Ela está mesmo bem distante disso. Embora circunscrevendo a cada dia o poder fatal da natureza, ainda somos obrigados a sofrer sua ação e nos adaptar a ela.

Este poder imenso é, talvez, maior ainda do que a ciência supõe. Sofremos a ação da natureza, mas não sofreria ela __ seguindo as palavras atribuídas por Ésquilo a Prometeu acorrentado em seu rochedo __ com as necessidades que regulam o destino e às quais até mesmo os deuses devem obedecer? A filosofia não está suficientemente avançada para responder a tais questões.

***

LIVRO IV

Os conflitos entre as diversas formas de lógicas.

CAPÍTULO I

O conflito entre os elementos afetivos, místicos e intelectuais.

§1. Os conflitos entre as diversas lógicas na vida cotidiana.

Sumário

Os fatores das opiniões e das crenças são interpretados pelas diversas formas de lógicas que descrevemos. Sendo diferentes, elas devem entrar geralmente em conflito. Como se resolve este conflito?

De fato, ele só se manifesta excepcionalmente. Na vida cotidiana se estabelece um tipo de equilíbrio entre os impulsos contrários das diversas lógicas e, de acordo com o tempo, o meio e o momento, nossa mentalidade se deixa dominar por uma ou por outra.

O equilíbrio que mencionamos não é uma fusão, mas uma superposição das diversas formas de lógicas, que conservam cada uma sua ação independente.

Essa superposição de lógicas diferentes, no mesmo indivíduo, dá imediatamente a solução de um problema sempre embaraçoso. Como mentes superiores, habituadas a métodos científicos rigorosos, podem aceitar crenças religiosas, políticas, espíritas, ocultistas etc. que, diante da lógica racional destituída de todo elemento estranho, não resistem ao exame?

A resposta é, na realidade, bem simples.

Em suas concepções científicas, essas mentes são guiadas pela lógica racional. Em suas crenças, elas obedecem às leis da lógica mística ou da lógica afetiva.

Um cientista passa da esfera do conhecimento para a esfera da crença, como ele mudaria de roupa. O erro que geralmente o vitima está em querer aplicar às interpretações das lógicas místicas ou afetivas os métodos da lógica intelectual, a fim de basear cientificamente suas crenças.

Estando rompido o equilíbrio entre as diversas formas de lógicas, elas entram em luta. Raramente, nesses conflitos, a lógica racional leva vantagem. Ela se deixa muito facilmente torturar, aliás, para se colocar a serviço das mais infantis concepções. É por isso que, em matéria de crença __ religiosa, política ou moral __ toda constatação é inútil. Discutir racionalmente com alguém uma opinião de origem afetiva ou mística não tem outro resultado que não seja exaltá-la. Discuti-la consigo mesmo não a abala também,

salvo quando ela chegou a um grau de desgaste que lhe retirou toda força. Os resultados de uma luta entre a lógica mística e a lógica racional não poderiam ser melhor postos em evidência do que pelo exemplo de Pascal, examinado em detalhe num outro capítulo desta obra. Seria inútil insistir nisso agora.

Nós nos limitaremos então, no que vai se seguir, a estudar o conflito entre a lógica afetiva e a lógica racional. A luta é menos desigual do que no caso precedente. A inteligência pode, através de vários artifícios, deixar de lutar contra os sentimentos e opor sentimentos com sentimentos, para tentar dominar aqueles que ela quer combater.

§2. O conflito entre os elementos afetivos e intelectuais. A ação das ideias sobre os sentimentos.

Os sentimentos que nos guiam agem muito sobre as ideias, enquanto que estas últimas agem muito pouco sobre eles. A ideia geralmente é apenas a conclusão de um sentimento cuja evolução permanece inconsciente e, por consequência, ignorada.

É justamente porque essa vida dos sentimentos permanece desconhecida que a inteligência tem uma ação tão pequena sobre ela. Basta nos observarmos para sabermos a que ponto nossas faculdades afetivas evoluem fora de nossa vontade. Elas apresentam um tipo de germinação lenta, análoga àquela muito bem descrita pelo poeta filósofo Sully Prudhomme, em seu

célebre soneto **Le Vase Brisé**. Uma palavra, um gesto quase insignificante no momento, podem ao longo do tempo transformar a amizade em indiferença e, algumas vezes, em antipatia.

O verdadeiro papel da inteligência sobre o agregado de sentimentos que formam o caráter é isolar alguns, intensificá-los por meio de uma representação mental sustentada e torná-los assim capazes de dominar certos impulsos. Ela pode chegar __ através dessa predominância de um estado afetivo sobre outro __ a erguer o indivíduo acima dele mesmo, pelo menos momentaneamente.

Graças a seu poder de associar as representações mentais afetivas e intelectuais, a inteligência pode então, às vezes, utilizar sentimentos, como um arquiteto, que, com as mesmas pedras, sabe construir edifícios diversos.

Essa ação da inteligência sobre os sentimentos não é ilimitada e parece mesmo bem restrita. A observação mostra, com efeito, que, se os sentimentos são muito intensos, a inteligência perde todo seu poder. O poder de certos sentimentos pode se tornar tal que, não apenas a inteligência, mas também os interesses mais evidentes do indivíduo ficam sem influência. Daremos vários exemplos disso no capítulo sobre as crenças.

Se os sentimentos não se transformam diretamente em ideias, eles são, no entanto, criadores de ideias evocadoras por sua

vez de outros sentimentos. É por isso que, mesmo conservando sua independência, essas duas esferas de atividade mental agem constantemente uma sobre a outra.

As ideias exercem então, mesmo que indiretamente, uma ação inegável sobre nossa vida individual e coletiva; mas, eu repito, seu papel só é possível com a condição de se apoiar em um substrato afetivo.

As ideias surgem dos sentimentos. As lutas entre ideias não passam, na realidade, de lutas entre sentimentos. Os povos que parecem combater por ideias, lutam pelos sentimentos derivados dessas ideias.

Os estados afetivos que não têm oportunidade de se exteriorizarem perdem, não sua existência, mas sua força, como todos os órgãos sem uso. Desta forma, as funções preenchidas outrora pelas nobrezas inglesa e francesa mantinham qualidades de caráter que desapareceram com a cessação dessas funções. Essas classes sociais, tendo perdido suas qualidades morais, sem adquirir a inteligência que elas não tinham oportunidade de exercer, tornaram-se inferiores às classes dominadas outrora. Era então inevitável que a influência da nobreza, após ter sido destruída na França pela Revolução, esteja hoje em dia muito abalada na Inglaterra.

Essa lei, muito ignorada por nossos educadores, de que um sentimento não exercitado se enfraquece, parece de uma aplicação geral. A história dos povos fornece muitos exemplos disso. Nossos instintos guerreiros, tão desenvolvidos na época da Revolução e do Império, acabaram por dar lugar a um pacifismo e a um antimilitarismo a cada dia mais difundido, não apenas nas massas, mas também entre os intelectuais. Disso resulta este estranho contraste: na medida em que as nações se tornam mais pacíficas, seus governos não cessam de aumentar os armamentos.

A razão dessa aparente anomalia é simples. Os indivíduos obedecem a seu egoísmo pessoal, enquanto que os governantes são obrigados a se preocupar com o interesse coletivo. Mais bem esclarecidos do que as massas e seus demagogos, eles sabem, por experiências seculares, que toda nação que se enfraquece é logo invadida e pilhada por seus vizinhos[6]. As nações modernas, como suas predecessoras nas civilizações antigas, não escaparam dessa lei. Poloneses, turcos, egípcios, sérvios etc. só evitaram as

[6] O chanceler do império alemão exprimiu muito bem essa verdade num discurso pronunciado em março de 1911 diante do Reichstag e que apresento um extrato:

A questão do desarmamento é, para todo observador sério, insolúvel, enquanto os homens permanecerem homens e os Estados, Estados. Quem quer que se torne fraco será sempre presa dos fortes. O povo que não quer gastar com armamento cai para segundo lugar e um mais forte toma seu lugar.

Como bem destacou o mesmo homem de Estado: “as disposições de onde podem nascer hoje em dia a guerra têm suas raízes em sentimentos populares que se deixam influenciar facilmente”.

invasões destrutivas deixando-se espoliar de todo ou de parte de seus territórios.

A evolução, ou melhor, a transposição dos sentimentos __ que algumas consequências acabamos de mostrar __ se opera sob influências variadas. O meio social é uma das mais importantes. Para se adaptar a ele, o indivíduo é forçado a deixar adormecer certos estados afetivos e utilizar outros, cujo exercício fortifica constantemente. Este deveria ser o papel de uma boa educação, ou seja, uma educação que se preocupe em desenvolver as qualidades fundamentais do caráter; particularmente a iniciativa, a coragem e a vontade, que outros sentimentos naturais podem contrabalançar. Opondo-se à iniciativa, o medo das responsabilidades a anula; entravada pelo egoísmo individual, a devoção ao interesse coletivo logo desaparece etc.

§3. A luta dos sentimentos contra os sentimentos. As ações inibidoras.

Todos os primitivos __ selvagens, animais etc. __ tendem constantemente a deixar agir seus instintos. No entanto, quando os primeiros vivem em tribos e os segundos são domesticados, a necessidade lhes ensina a refrear alguns desses instintos.

Eles só conseguem isso opondo um sentimento bem forte __ medo de castigo ou esperança de recompensa, por exemplo __ a um outro sentimento, cujos impulsos estão tentados a seguir.

A aptidão para dominar os impulsos afetivos representa um elemento fundamental da civilização. Nenhuma vida social é possível sem essa base essencial de toda moral.

As ações inibidoras mantidas pelo costume, a moral e os códigos representam não uma luta entre os sentimentos e a razão, mas, como eu já mostrei, entre sentimentos diversos que a razão coloca em presença.

Os códigos civis ou religiosos sempre têm, como objetivo principal, exercer uma ação inibidora sobre as manifestações de certos sentimentos.

Toda civilização implica em sujeição e coerção. Aprendendo __ sob a lei rigorosa das primeiras obrigações sociais __ a dominar um pouco seus impulsos, o primitivo se livrou da animalidade pura e atingiu a barbárie. Forçado a se refrear ainda mais ele se ergueu até à civilização. Esta só se mantém enquanto persiste o domínio do ser humano sobre ele mesmo.

Tal coerção exige um esforço constante. Ele seria quase impossível se hábitos que a educação pode fixar não acabassem por facilitá-la, tornando-a inconsciente.

Suficientemente desenvolvida, a disciplina interna pode chegar assim a substituir a disciplina externa. Mas quando não se soube criar uma, é preciso se resignar em sofrer a outra. Recusar uma e outra é retornar às eras de barbárie. Os sentimentos nos

guiarão sempre, mas nenhuma sociedade pôde sobreviver sem que seus membros soubessem mantê-los em limites abaixo dos quais começam a anarquia e a decadência.

Os sentimentos refreados pelas necessidades sociais que codificam as leis não são, por isso, destruídos. Livres de seus entraves, os impulsos naturais primitivos sempre reaparecem. Assim se explicam as violências que acompanham as revoluções. O civilizado retornou à barbárie.

***

CAPÍTULO II

O conflito entre as diversas formas de lógicas na vida dos povos.

§1. Consequências da destruição das ações inibidoras dos sentimentos na vida social.

Sumário

A necessidade de refrear os sentimentos nocivos à sociedade por meio de outros sentimentos fixados pela educação, a moral e os códigos, constitui, como acabamos de dizer, o princípio fundamental da vida coletiva e jamais é sem consequências que os povos o desconhecem.

Não se libera sentimentos que o meio social havia penosamente conseguido conter, sem criar anarquia. Seu primeiro sintoma é um rápido crescimento da criminalidade, como se contata hoje em dia na França. Isso é favorecido, aliás, pelo desenvolvimento do humanitarismo, que paralisa a repressão e tende, por consequência, a destruir todos os freios.

Nossa democracia atual experimenta cada vez mais as consequências da supressão dessas ações inibidoras que, apenas elas, podiam contrabalançar os sentimentos antissociais.

O ódio às superioridades e a inveja, que se tornaram o flagelo da democracia e ameaçam sua existência, derivam de sentimentos muito naturais que sempre sobreviveram. Mas, nas

sociedades hierarquizadas do passado, sua manifestação era difícil.

Tendo adquirido hoje em dia livre curso, encorajados sem cessar por políticos ávidos de popularidade e por universitários descontentes com sua sorte, esses sentimentos exercem constantemente sua desastrosa tirania.

Foi preciso uma dissociação muito grande das ações inibidoras, mais ou menos fixadas pela herança, para que se tenha podido produzir atos como a revolta dos carteiros, a dos ferroviários e, finalmente, a de várias cidades de um grande departamento.

Essas desagregações sociais só se tornaram possíveis, aliás, por causa das capitulações repetidas de governantes dominados pela fraqueza que produz inevitavelmente o medo. Diante da impotência dos códigos criou-se progressivamente a noção de que empregar a ameaça e a ação direta era um meio certeiro de fazer curvar leis consideradas outrora como invioláveis.

E se os governantes chegaram a tantas concessões covardes, foi por um desconhecimento profundo de certas noções psicológicas que nenhum homem de Estado deveria ignorar e que, outrora, eles não ignoravam.

Dessas noções, uma das mais fundamentais é a seguinte:

Uma sociedade sobrevive graças à manutenção da convicção herdada de que é preciso respeitar religiosamente as leis sobre as quais o organismo social se fundamenta.

A força que possuem os códigos para se fazerem obedecer é sobretudo moral. Nenhum poder material conseguiria fazer respeitar uma lei que todo mundo violasse.

Se um gênio malfazejo quisesse destruir uma sociedade em alguns dias, bastaria que ele sugerisse a todos os seus membros que eles se recusassem a obedecer às leis. O desastre seria muito maior do que uma invasão seguida de conquista. Um conquistador se limita geralmente, com efeito, a mudar o nome dos senhores que detém o poder, mas seu interesse é conservar cuidadosamente os quadros sociais, cuja ação é sempre mais eficaz do que a dos exércitos.

Destruir a crença na necessidade do respeito pelas restrições sociais, representadas pelas leis, é preparar uma revolução moral infinitamente mais perigosa do que uma revolução material. Os monumentos saqueados são construídos rapidamente, mas, para refazer a alma de um povo, são necessários, frequentemente, séculos.

Já sofremos dessas desagregações mentais em diversas eras de nossa história e, em seu livro sobre Joana d'Arc, Hanotaux destacou uma em termos impressionantes:

Quando toda hierarquia é abolida; quando até mesmo o comando dissipou sua autoridade; quando, por seus erros, ele deixou se perder o respeito; quando o organismo social revolve a terra, o campo está livre para as iniciativas individuais. Elas surgem e, de acordo com as leis naturais, buscam seu crescimento e sua floração na delinquência das instituições destruídas.

Os sectários combatem a tradição em nome do progresso e sonham em destruir a sociedade para se apoderar de suas riquezas, como Átila sonhava em pilhar Roma, não vendo que sua vida é um estreito tecido de aquisições ancestrais, sem as quais eles não viveriam um só dia.

Sabe-se como sempre acabam tais tentativas. É preciso, no entanto, sofrê-las mais uma vez, sem dúvida, pois somente a experiência repetida instrui. As verdades formuladas nos livros são inúteis palavras. Elas só penetram profundamente na alma dos povos com a luz dos incêndios e o ruído dos canhões.

§2. Os elementos místicos e afetivos na vida dos povos.

O papel da lógica racional __ tão preponderante na evolução das ciências e, às vezes, na vida dos indivíduos __ é extremamente fraco na existência dos povos.

Sem dúvida que, examinando apenas a superfície das coisas, sem tentar descobrir seus propulsores escondidos, a narrativa dos fatos parece desmentir a tese precedente. Os historiadores fazem a razão intervir perpetuamente em suas explicações. Atendo-se unicamente aos tempos modernos, não se ouve repetir em toda parte que a Revolução Francesa teve como origem as dissertações dos filósofos e que seu objetivo principal foi o triunfo de ideias racionais?

Em nenhuma época, com efeito, a razão foi mais invocada. Chegou-se mesmo a deificá-la e construir-lhe um templo. Na realidade, não existiu um outro período em que ela tenha desempenhado um papel mais fraco. Descobriremos isso, certamente, quando, livres dos atavismos que nos cegam, tornar-se possível escrever uma psicologia da Revolução Francesa.

Mesmo no seu início a Revolução Francesa teve elementos afetivos como suportes. Os burgueses que foram seus primeiros instigadores eram sobretudo guiados por um sentimento de inveja intensa contra uma classe que eles acreditavam ter igualado.

Sem dúvida que o povo não pensava inicialmente em desejar certas situações muito distantes dele para que esperassem atingi-las. No entanto, ele acolheu o movimento revolucionário com entusiasmo. Sentimento bem natural, pois a destruição legal das amarras sociais e as promessas que se faziam, a seus olhos lhe

abria a perspectiva de ser igual a seus antigos senhores e de se apoderar de suas riquezas. Na divisa revolucionária, lembrada em nossas moedas e em nossos muros, um só termo, a Igualdade, apaixonou as mentes, como ainda as apaixona. De fraternidade fala-se pouco hoje em dia, tendo a luta das classes se tornado a divisa dos novos tempos. Quanto à liberdade, as massas jamais compreenderam seu sentido e sempre a recusaram.

Se as revoluções seduzem tanto os povos é principalmente porque elas liberam sentimentos que as necessidades sociais obrigam a refrear; mas sempre penosa e incompletamente.

Eu mostrei, num capítulo precedente, o papel fundamental das ações inibidoras sobre os sentimentos e sua importância. Elas se mostram necessárias sobretudo aos povos com impulsos vivos e móveis.

Se a educação, a tradição, os códigos, não conseguirem canalizar esses impulsos e os atos que resultam deles, esse povo será presa não apenas dos líderes, mas também de todos os inimigos exteriores que souberem explorar sua sensibilidade. A história fornece provas disso em cada uma de suas páginas. A guerra de 1870, por exemplo, é plena de ensinamentos a este respeito. O imperador doente e o rei da Prússia envelhecido querendo evitar a todo custo o conflito. Em seu desejo de impedi-

lo, o rei da Prússia acabou por desistir da candidatura de seu parente ao trono da Espanha e a paz pareceu assegurada.

Mas, por detrás desses espíritos inseguros e de vontade fraca, um cérebro poderoso, com vontade enérgica, segurava os fios do destino. Suprimindo habilmente algumas palavras de um despacho, ele soube exasperar até à fúria a sentimentalidade de um povo muito sensível e o obrigou, sem preparação militar, a declarar a guerra a inimigos preparados há muito tempo. Utilizando em seguida os sentimentos de cada nação, ele conseguiu manter a neutralidade necessária a seus projetos. Cega pelos sentimentos que esse profundo psicólogo tinha feito vibrar, a Inglaterra recusou se associar a um projeto de conferência, sem prever o que lhe custaria mais tarde a formação de uma potência militar preponderante e que é seu pesadelo hoje em dia. Obedecer aos impulsos afetivos condena a ser dominado por aqueles que sabem fazê-los surgir. Conhecer a arte de manipular os sentimentos das pessoas é se tornar seu senhor.

§3. Os equilíbrios e as rupturas das diversas formas de lógicas na vida dos povos.

Vimos que, em estado normal, se estabelece nos indivíduos um tipo de equilíbrio entre os impulsos diversos surgidos das lógicas que os guiam. Geralmente acontece o mesmo na vida dos povos.

Quando, sob certas influências, esse equilíbrio vem a ser perturbado, perturbações profundas se manifestam e uma revolução está próxima. Esta constitui geralmente uma verdadeira doença mental, resultante da falta de equilíbrio entre os impulsos de diversas lógicas, sendo que uma delas se tornou preponderante.

É principalmente a lógica mística que produz as grandes perturbações da humanidade. Cruzadas, guerras de religião, Revolução Francesa, fornecem exemplos disso. Tais movimentos representam crises desse misticismo sempre poderoso, das quais os povos, como os indivíduos, não conseguiriam escapar.

Do conflito entre as diversas formas de lógica resulta a maior parte das oscilações da história. Quando o elemento místico predomina, são as lutas religiosas, com sua imperiosa violência. Quando o elemento afetivo leva vantagem, constata-se, segundo o fator sentimental desenvolvido, as grandes empresas guerreiras, ou, pelo contrário, a floração do humanitarismo e do pacifismo, cujas consequências finais não são menos mortíferas. As guerras civis e religiosas são lutas entre lógicas diferentes, em que uma se torna momentaneamente muito preponderante.

Quando a lógica racional pretende intervir exclusivamente na vida de um povo as perturbações não são menos profundas. A razão não passa então de uma vestimenta tomada de empréstimo e que dissimula impulsos afetivos ou místicos.

Em nossos dias, as massas e seus líderes continuam, nós já demonstramos isso, tão saturados de misticismo quanto seus mais distantes ancestrais. Palavras e fórmulas dotadas de poder mágico herdaram o poder atribuído às divindades adoradas por nossos pais. A alucinante esperança de paraíso encantador vive para sempre.

Com um fundo invariável, o misticismo modifica frequentemente seu aspecto. Ele assumiu atualmente uma forma racionalista. É em nome da razão pura que os apóstolos das novas fés pretendem reconstruir as sociedades e as pessoas.

O poder de transformação social atribuído hoje em dia à razão se explica facilmente. Sendo consideráveis os progressos realizados por ela nas ciências, tornou-se natural supor que os métodos que produziram tais resultados poderiam transformar as sociedades e criar a felicidade universal.

Uma psicologia mais esclarecida mostra, infelizmente, que as sociedades não evoluem com razões, mas sob a influência de impulsos afetivos e místicos, sobre os quais a razão não tem influência.

A tarefa difícil dos condutores dos povos atuais é conciliar os impulsos das diversas lógicas que os guiam na realidade, com os impulsos da lógica racional que aspiram dirigi-los de uma maneira exclusiva. Até mesmo a tradicional Inglaterra começa a

sofrer este conflito. As instituições políticas que fizeram sua grandeza são agora vítimas dos ataques racionalistas de partidos radicais que pretendem reconstruir o edifício em nome da razão, ou seja, de sua razão.

O papel dos grandes homens de Estado é saber orientar o destino dos povos, utilizando os impulsos afetivos e místicos que os guiam e não tentando destruí-los em nome da razão.

Os conflitos entre as diversas formas de lógicas não duram para sempre. Eles tendem, nós já vimos isso, ao equilíbrio. As contradições sobrevivem, mas chega-se a não percebê-las. O elemento intelectual se contenta, geralmente, em sofrer as influências afetivas e místicas, sem consentir, no entanto, em confessar sua derrota. É por isso que geralmente evitamos discutir nossas afeições e nossas crenças. Sua análise seria, afinal, bem difícil. Não é sempre que somos vítimas das mentiras alheias, mas muito facilmente de nossas próprias mentiras. O adágio antigo "Conheça a si mesmo", é, felizmente, de uma realização impossível, pois se conhecêssemos a nós mesmos, descobrindo as lutas perpétuas que acontecem em nosso entendimento, nossa existência cairia num caos de incertezas. Ignorar-se vale mais, às vezes, do que se conhecer.

Retenhamos, de todas as considerações precedentes, que os elementos místicos e afetivos têm suas leis especiais que sempre

persistem na mente e servem de base para o comportamento dos indivíduos e dos povos.

Mesmo que frequentemente contrários, todos os nossos impulsos acabam por se equilibrar e agir cada um em seu domínio, se não forem perturbados e, principalmente, se não se tentar entre eles impossíveis conciliações. Verdades afetivas, verdades místicas e verdades racionais são filhas de lógicas muito diferentes para que possam algum dia se fundir.

***

CAPÍTULO III

A balança dos motivos.

§1. A balança mental. A ação.

Sumário

Os impulsos contrários das diversas lógicas que nos guiam nos fazem hesitar frequentemente sobre a conduta a seguir. Os casos mais simples comportam uma escolha entre várias soluções. É preciso escolher bem, pois as necessidades da vida obrigam a agir. Como se efetua nossa determinação?

Um exemplo explicará facilmente seu mecanismo.

Coloquemos ao acaso objetos quaisquer sobre os pratos de uma balança. Feita a operação, a agulha da balança tombará para um lado se os pratos estiverem desigualmente carregados e ficará vertical se eles estiverem iguais.

Além das balanças materiais, existem balanças mentais cujo mecanismo é análogo. Os pesos são nossos motivadores de ação. A agulha representa o ato que a estabilização do prato em sua posição de equilíbrio faz acontecer.

Esses motivadores de ação podem ser algumas vezes razões, mas, aos motivadores conscientes de ordem intelectual se juntam geralmente os motivadores inconscientes já descritos e que pesam enormemente em um dos pratos.

Em última análise, os motivos são energias em luta. Os mais fortes levam vantagem.

Quando as energias contrárias são de quase a mesma intensidade os pratos oscilam muito tempo antes de se fixarem em uma posição definitiva. Personalidades incertas, hesitantes. Quando as energias em conflito são muito desiguais, um dos pratos encontra rapidamente seu equilíbrio. Personalidades decididas passam rapidamente à resolução e à ação.

§2. O papel da vontade na balança dos motivos.

Os pesos da balança mental estão geralmente à nossa disposição, ou seja, nós podemos aumentá-los ou diminuí-los. Os heróis intrépidos que, pela primeira vez, atravessaram os Alpes e o Canal da Mancha através dos ares, eliminaram certamente pesos da balança: os numerosos motivos racionais capazes de impedi-los da perigosa empreitada, que nenhum ser humano havia tentado antes deles.

Nossa vontade, no entanto, nem sempre se encarrega de colocar os pesos na balança dos motivos. Os elementos da vida afetiva ou mística nela se introduzem sozinhos. É o que acontece em certos atos instantâneos, resultantes de uma emoção intensa; jogar-se na água no inverno, por exemplo, para socorrer um desconhecido. Se a reflexão fosse exercida, sua ação teria

contrabalançado a ação dos elementos afetivos e a inclinação da agulha teria mudado de lado. Eis o porquê de, se os grandes heroísmos espontâneos são frequentes, observar-se muito mais raramente pequenos atos de heroísmo cotidianos, como se privar das delícias da vida para cuidar de um parente enfermo. É muito justamente que os acadêmicos encarregados de distribuir prêmios de virtude, os concedem de preferência aos pequenos heroísmos continuados.

A vontade consciente pode então influenciar os pratos da balança dos motivos, mas quando essa vontade é inconsciente, como nas crenças, seu papel é quase nulo. A lógica mística opera então fora de nós e, se for necessário, apesar de nós e contra nós.

Estamos menos desarmados quando a lógica afetiva intervém sozinha, pois, se os sentimentos não forem muito fortes, a inteligência pode dispor de alguns dos pesos que representam os motivos.

Nosso pequeno poder contra os impulsos da lógica afetiva não deve ser muito lamentado. Sem dúvida que eles têm geralmente consequências desastrosas, mas, às vezes também se tornam geradores de atos muito úteis à humanidade.

Quando a pessoa sabe associar seus impulsos afetivos e místicos às descobertas que somente a lógica racional pode

realizar, ela consegue, como no caso dos valorosos aviadores citados acima, ir até os limites do possível.

Na balança dos motivos, onde se estabelece a gênese das opiniões, das crenças e dos atos, se encontram, como se vê, muitos motivadores independentes de nossa vontade. Se eles sempre estivessem lá, poder-se-ia dizer __ e várias escolas de filosofia ainda o dizem __ que um fatalismo rígido nos governa.

O fatalismo, com efeito, dominou um longo período da história humana. Impotentes em conduzirem a si mesmos, os seres obedeciam às leis fatais de lógicas estranhas à razão.

§3. Como a lógica racional pode agir sobre a balança dos motivos.

Com a lenta aparição da lógica racional, uma força nova surge no mundo. Ela permite ao ser humano agir sobre os pratos __ outrora inacessíveis para ele __ da balança dos motivos.

Ao estudar, numa obra precedente[7], a dissociação das fatalidades, mostramos como, guiada por uma vontade forte, a lógica racional torna-se o grande fator dessa dissociação. Graças a seu poder, o ser humano pode influenciar o curso das coisas. Deixando de ser dominado exclusivamente pelas forças inconscientes que o guiavam outrora, ele aprende cada dia mais a domá-las e a reger seu império.

[7] **Psychologie Politique**, 1910. (Nota do tradutor)

E se a lógica racional sustentada pela vontade não sabe ainda fixar o destino é porque a maior parte dos fatores dos acontecimentos ainda nos são ignorados e porque muitos dos nossos atos geram consequências realizáveis somente num futuro sempre carregado de imprevisto.

Esse imprevisto condena ao risco, ou seja, a introduzir na balança dos motivos pesos de valor desconhecido. Os verdadeiros mestres da sorte dos povos __ as pessoas de gênio, que cada século vê surgir um número muito pequeno __ souberam acumular um número maior de chances possíveis num dos pratos e, no entanto, arriscaram muito. Bismarck, que citamos várias vezes por causa de sua psicologia muito instrutiva, ilustra claramente essa necessidade do risco. Uma ideia mestre __ a unidade de sua pátria __ o guiava. Mas, em sua vida, riscos corridos, chances contrárias, obstáculos acumulados, fizeram com que sua vontade tivesse que sofrer um choque. Era preciso inicialmente destruir o poderio militar da Áustria, que um prestigioso passado conferia muita força. A vitória de Sadowa, em 1866, foi muito penosamente conquistada e graças apenas à incapacidade excessiva do general inimigo. Obtido esse difícil triunfo, era preciso arriscar combater Napoleão III, cujos exércitos eram tidos como invencíveis e que teriam sido talvez, se a aliança provável da França com a Áustria tivesse acontecido. Um grande

homem poderia preparar todas essas combinações, mas não afirmar seu sucesso. Um caráter ousado, uma vasta inteligência, iluminada pelas intuições superiores do gênio, permitiam somente enfrentar tais riscos. Era preciso enfrentá-los, no entanto, pois os inumeráveis fatores que nos cercam e cujo conjunto constitui o que se chama acaso, continuam inacessíveis.

É a lógica afetiva sobretudo que encoraja ao risco. Ela é o principal apoio de um empreendimento que a lógica racional deve guiar também. Grandes riscos ofereciam as travessias do Canal da Mancha e dos Alpes em aeroplano, mas a lógica racional apoiava uma vontade inspirada pela esperança da glória, o prazer de lutar contra dificuldades e outros elementos de origem exclusivamente afetiva.

Ícaro, que, no dizer da lenda, tentou uma tarefa análoga com o auxílio somente de sua vontade, pereceu vítima de seu esforço. É preciso estar solidamente armado para desafiar a natureza e os deuses.

Os mestres da história visível ou invisível __ cientistas eminentes, profundos pensadores, ilustres comandantes __ devem sua grandeza ao fato de que eles souberam utilizar, sem negligenciar nenhuma, as diversas formas de lógicas que governam o ser humano e manejar, graças a elas, a balança dos motivos onde se regula o futuro.

Não é com as massas, joguetes cegos de seus instintos, que as civilizações progridem, mas pela pequena elite que sabe pensar por elas e orientá-las. Tentando colocar a lógica intelectual a serviço da lógica coletiva, para justificar todos os seus impulsos, a terrível legião dos políticos só faz criar uma profunda anarquia.

Resumindo este capítulo e os precedentes, diremos que os acontecimentos da história resultam do equilíbrio e do conflito entre as diversas lógicas. Na balança dos motivos onde se pesam nossos destinos, todas têm seu papel. Se uma delas vier a predominar, a sorte da pessoa mudou.

Muita lógica afetiva leva a ceder, sem reflexão, a impulsos geralmente funestos. Muita lógica mística produz as existências religiosas, dominadas pela egoísta preocupação com sua salvação e sem utilidade social. Muita lógica coletiva faz predominarem os elementos inferiores de um povo e o reconduz à barbárie. Muita lógica racional leva à dúvida e à inação.

***

LIVRO V

As opiniões e as crenças individuais.

CAPÍTULO I

Os fatores internos das opiniões e das crenças.

§1. A influência dos diversos fatores das opiniões e das crenças.

Sumário

O jornal inglês **Commentator** escreveu recentemente, a propósito da psicologia da política:

> *Nascerá, talvez, um dia, um livro maravilhoso sobre a arte de persuadir. Se supusermos que a psicologia chegará a ser uma ciência tão avançada quanto a geometria e a mecânica, será possível predizer os efeitos de um argumento sobre a mente de uma pessoa, tão precisamente quanto podemos predizer agora um eclipse lunar. Uma psicologia desenvolvida a esse ponto possuirá uma série de regras que permitirão converter um indivíduo a uma opinião qualquer. O mecanismo de uma mente será então comparável a uma máquina de escrever, onde basta apertar um teclado para ver sair imediatamente a letra*

solicitada. Uma ciência poderosa assim e, por consequência, perigosa assim, tornar-se-ia necessariamente um monopólio do governo.

Pode-se admitir teoricamente a existência dessa ciência futura, que os grandes homens de Estado e os líderes já conhecem alguns fragmentos, mas o poder de criá-la completamente pertencerá certamente a uma humanidade com inteligência bem superior à nossa.

A razão disso é óbvia. Um dos problemas mais difíceis da astronomia e que ela só encontrou uma solução parcial, é aquele chamado de problema dos três corpos, que implica na determinação das trajetórias de três corpos móveis agindo simultaneamente uns sobre os outros. No entanto, os elementos psicológicos que podem entrar numa determinação são não apenas em número muito mais considerável, mas também sua ação varia de acordo com a sensibilidade de cada um.

Se as previsões sobre o comportamento dos seres não são, no entanto, sempre impossíveis, é porque no agregado complexo dos sentimentos que formam o caráter se encontram geralmente elementos preponderantes que orientam os outros. Como a avareza, o egoísmo, o amor-próprio, o orgulho etc. As pessoas assim dominadas são as mais fáceis de manipular, pois se sabe sobre qual tecla afetiva é preciso bater. Um indivíduo bem

equilibrado e que não ofereça nenhuma nota dominante é, pelo contrário, difícil de penetrar e manipular.

Nem todos os fatores que enumeraremos entram na gênese de uma opinião. Se agir sobre uma pessoa, ficará sem ação sobre outra. O que apaixona um povo deixará indiferente o povo vizinho.

De fato, a formação da maior parte das opiniões compreende muito poucos fatores. A raça, o meio e o contágio, para as grandes crenças; as impressões e o interesse pessoal bastam para as opiniões cotidianas. Somos, no entanto, obrigados a estudar outros e colocá-los quase no mesmo plano, porque, se nem todos agem sempre, não há nenhum que, num dado momento, não possa intervir.

§2. O caráter.

Sobre o fundo comum das características culturais se superpõem as características variáveis dos indivíduos. Seu papel na gênese das opiniões e das crenças é considerável. O filósofo mais sábio não escapa de sua influência. Suas doutrinas otimistas ou pessimistas são resultantes de seu caráter, muito mais do que de sua inteligência. W. James assegura por isso, com razão, que:

> *a história da filosofia é, em grande medida, a história do conflito entre os temperamentos humanos. Essa*

diferença particular entre os temperamentos sempre foi levada em conta no domínio da literatura, da arte, do governo e dos costumes, tanto quanto no da filosofia. Com relação aos costumes, nós encontramos pessoas que são cerimoniosas e outras que não são. No governo, há os autoritários e há os anarquistas. Em literatura, há os puristas ou pessoas que amam o estilo acadêmico e há os realistas.

Levando em conta essa influência do caráter individual sobre as opiniões, percebemos facilmente porque certas pessoas são conservadoras e outras revolucionárias.

Estes últimos tendem sempre a se revoltar, unicamente por temperamento, contra tudo o que os rodeia, qualquer que seja a ordem das coisas estabelecidas. Eles são encontrados geralmente entre os caracteres cuja estabilidade ancestral foi dissociada por influências diversas. Eles não são também, por consequência, adaptados a seu meio. Muitos dentre eles pertencem à grande família dos degenerados que transitam sobretudo no domínio da patologia. Ao se tornarem inadaptados ao estado social, eles lhe são necessariamente tão hostis quanto o selvagem curvado a força a uma civilização.

O exército dos revolucionários é recrutado sobretudo, hoje em dia, nessa massa de degenerados, em que o alcoolismo, a

sífilis, o paludismo, o saturnismo etc. grassam e que povoam as grandes cidades. É um resíduo que os progressos da civilização aumentam o número a cada dia. Um dos mais temíveis problemas do futuro será livrar as sociedades dos furiosos ataques desse exército de inadaptados.

§3. O ideal.

O ideal de um povo determina um grande número de suas opiniões e de suas crenças. Ele representa a síntese de suas aspirações comuns, de suas necessidades e de seus desejos. Essa síntese é determinada por sua cultura, seu passado e muitos outros fatores com os quais eu não me ocuparei agora. Eu mostrei em outro lugar sua força e fiz ver que ele não pode ser abalado sem que o sejam também os fundamentos do edifício social sustentado por ele. Se tantas pessoas estão hesitantes hoje em dia em suas opiniões e suas crenças e obedecem aos impulsos mais contrários, é porque, com uma inteligência às vezes muito elevada, elas têm, no entanto, um ideal muito fraco.

O poder dos fanáticos deve-se precisamente ao fato de que eles obedecem rigorosamente a seu perigoso ideal. Pode-se observar isso hoje em dia com o ideal socialista, o único que ainda seduz as multidões. Ele pesa sobre toda nossa vida nacional e

produz uma gama enorme de leis destruidoras de sua prosperidade.

Um ideal não é, portanto, de maneira alguma, uma concepção teórica, cuja ação se possa negligenciar. Ao se tornar geral ele exerce uma influência preponderante nos menores detalhes da vida. Mesmo aqueles que ignoram sua influência a sofrem.

Crenças religiosas, morais ou políticas, só adquirem poder após serem concretizadas em um ideal universalmente aceito. Quando este se adapta às necessidades e às possibilidades do momento, ele determina a grandeza de uma nação. Contrário ao curso natural das coisas, ele provoca sua decadência.

§4. As necessidades.

As necessidades figuram dentre os grandes geradores de nossas opiniões, de nosso comportamento e de toda evolução social. A fome é o mais poderoso deles. Ela conduziu nossos distantes ancestrais, das primitivas cavernas à aurora da civilização e a imensa maioria das pessoas só trabalha para satisfazê-la. Foi ela quem, expulsando os bárbaros de suas estepes, os precipitou sobre Roma e mudou o curso da história. Em nossos dias seu papel não é menor. Diz-se, com razão, que o socialismo é uma questão de estômago.

Os progressos da civilização acrescentam sem parar necessidades novas à lista já longa das antigas. Necessidade de se alimentar, de se reproduzir e de se vestir, necessidades religiosas, necessidades morais, necessidades estéticas e muitas outras, são todas expressões das necessidades biológicas e afetivas que nos guiam e que mantêm os dois grandes fatores indestrutíveis da atividade dos seres: o prazer e a dor.

Criar necessidades novas nas massas é suscitar opiniões novas. Os homens de Estado eminentes sabem provocar necessidades úteis a seu país. A necessidade de união da Alemanha e, mais tarde, a de uma poderosa marinha, foram necessidades artificialmente impostas.

A evolução científica da indústria produziu necessidades novas que logo se tornaram __ como as estradas de ferro e o telefone __ necessidades indispensáveis. Infelizmente, essas necessidades cresceram muito mais rápido do que os meios de satisfazê-las. Elas representam uma das fontes de descontentamento que desenvolve o socialismo.

Elas são também o verdadeiro motivo do armamentismo cada vez mais ruinoso para a Europa. Tendo as necessidades dos povos crescido consideravelmente e a luta pela existência se tornado cada vez mais áspera, cada um tem a secreta esperança de enriquecer às custas de seus vizinhos. O germânico de há

cinquenta anos, modesto comedor de chucrute, era pacífico, porque sem desejos. Tendo suas necessidades subitamente aumentado, ele se tornou guerreiro e ameaçador. Sua população, por outro lado, aumentou rapidamente e logo deve ultrapassar o número que o país pode alimentar. Aproxima-se o momento em que, sob um pretexto qualquer e até mesmo sem outro pretexto além do direito do mais forte, a Alemanha invadirá, para viver, as nações vizinhas. Somente esta razão poderia levá-la às esmagadoras despesas necessárias para aumentar sua marinha e seu exército.

§5. O interesse.

Não será necessário insistir no papel do interesse na formação de nossas opiniões. É um assunto sobre o qual não há dúvida.

A maior parte das coisas pode ser considerada sob pontos de vista bem diferentes: interesse geral ou interesse particular, principalmente. Nossa atenção, concentrada naturalmente sobre o lado que nos agrada, impede a percepção dos outros.

O interesse possui, como a paixão, o poder de transformar em verdade o que lhe é útil acreditar. Ele é então geralmente mais forte do que a razão, mesmo em questões onde ela deveria ser o único guia. Em economia política, por exemplo, as convicções são

tão inspiradas pelo interesse pessoal que se pode geralmente saber antecipadamente, de acordo com a profissão do indivíduo, se ele é partidário ou não do câmbio livre.

As variações de opiniões seguem naturalmente as variações do interesse. Em matéria política, o interesse pessoal constitui o principal fator. Tendo combatido energicamente, em certo momento, o imposto sobre a renda, ele o defenderá, não menos energicamente, mais tarde, quando espera se tornar ministro. Os socialistas enriquecidos geralmente acabam conservadores e os descontentes de um partido qualquer se transformam facilmente em socialistas.

O interesse, sob todas as suas formas, não é somente gerador de opiniões. Levado por necessidades muito intensas ele enfraquece rapidamente a moralidade. O magistrado ávido por promoção na carreira, o cirurgião diante de uma operação inútil mas lucrativa, o advogado que enriquecerá com as complicações do processo que ele poderia evitar, verão rapidamente sua moral se curvar diante das necessidades imperiosas de luxo que estimulam seu interesse. Essas necessidades podem constituir, nas naturezas superiores, um elemento de atividade e de progresso, mas nas naturezas medíocres elas produzem frequentemente, pelo contrário, uma degeneração moral acentuada.

O interesse moral é frequentemente um fator de opiniões tão poderoso quanto o interesse material. O amor-próprio ferido, por exemplo, faz nascerem ódios intensos e todas as opiniões que decorrem deles. O ódio dos burgueses da Revolução Francesa contra a nobreza e suas sanguinárias vinganças, provinha sobretudo de humilhações sofridas outrora. Marat se vingava de sua antiga situação social. Hébert, libelista do Padre Duchesne, que mandou cortar tantas cabeças, foi inicialmente um ardente realista. Tivessem eles vivido o suficiente para serem providos de cargos e títulos sob o Império, eles teriam se tornado, sem dúvida, como tantos de seus rivais, fervorosos conservadores.

§6. As paixões.

Os sentimentos fixos e obsedantes qualificados de paixões constituem, também eles, poderosos fatores de opiniões, de crenças e, por consequência, de comportamento. Certas paixões contagiosas tornam-se, por essa razão, facilmente coletivas. Sua ação é então irresistível. Elas precipitaram muitos povos contra outros em diversos períodos da história.

As paixões podem estimular nossa atividade, mas elas alteram, na maioria das vezes, a justeza das opiniões, impedindo ver as coisas como elas são e de compreender sua gênese. Se os livros de história fervilham de erros é porque, na maioria das

vezes, as paixões ditaram sua narrativa. Citar-se-ia poucos, eu creio, historiadores que tenham contado imparcialmente a Revolução Francesa.

O papel das paixões é, como vemos, bastante considerável sobre nossas opiniões e, por consequência, sobre a gênese dos acontecimentos. Não foram, infelizmente, as mais recomendáveis que exerceram mais ação. Kant teve que constatar a grande força social das piores paixões. A maldade seria, segundo ele, uma poderosa alavanca do progresso humano. Infelizmente parece bem certo que se as pessoas tivessem seguido os preceitos do Evangelho "Amai-vos uns aos outros", em vez de obedecer ao da natureza que lhes diz para se destruírem uns aos outros, a humanidade vegetaria ainda no fundo das primitivas cavernas.

***

CAPÍTULO II

Os fatores externos das opiniões e das crenças.

§1. A sugestão.

Sumário

A grande maioria de nossas opiniões e de nossas crenças __ políticas, religiosas e sociais __ são o resultado de sugestões.

"O termo sugestão designa o poder que exercem as ideias sobre as crenças e o comportamento", escreve James.

Esta definição parece pouco correta. A sugestão é, na realidade, o poder de persuasão exercido não apenas pelas ideias, mas por uma causa qualquer: afirmação, prestígio etc. As ideias sozinhas e sobretudo a argumentação têm, pelo contrário, uma virtude sugestiva muito fraca.

Convencer não é, de maneira alguma, sugerir. Uma sugestão faz obedecer. Uma argumentação pode persuadir, mas não obriga a ceder.

Os tipos de sugestão são muito variados: meio, livros, jornais, discursos, ação individual etc. A palavra representa um dos mais ativos. Falar já é sugerir; afirmar é sugerir ainda mais; repetir a afirmação com paixão é levar ao seu máximo a ação sugestiva.

Os efeitos da sugestão são de uma intensidade bem variável. Ela se estende desde a ação leve do vendedor, que procura nos

fazer adquirir uma mercadoria, até àquela exercida pelo hipnotizador sobre o neuropata, que obedece cegamente a todas as suas vontades. Em política o hipnotizador se chama líder. Sua influência é considerável.

Os efeitos de uma sugestão dependem do estado mental do sujeito que a recebe. Sob uma influência passional intensa __ ódio, amor etc. __ que retrai o campo de sua consciência, ele será muito sugestionável e suas opiniões se transformarão facilmente.

A mente mais ilustre não está livre da sugestão. Jules Lemaître, em suas conferências sobre Fénelon, nos mostrou o ilustre prelado dominado por uma neuropata, a Sra. Guyon, que o tinha inicialmente tomado como diretor e se tornou rapidamente sua diretora. Ela conseguiu fazer com que ele admitisse a exatidão de seus devaneios sobre o absurdo dogma do quietismo, que professava a indiferença dos atos para a salvação. Fénelon foi tão completamente sugestionado que não hesitou em submeter essa doutrina a um congresso de bispos presidido por Bossuet. Este descobriu rapidamente a sugestão exercida sobre o ilustre prelado. “Eu fiquei espantado ao ver um tão belo espírito na admiração por uma mulher cujas luzes eram tão curtas, o mérito tão pequeno, as ilusões tão palpáveis e que se fazia de profetiza”, diz ele. As pessoas informadas sobre a história contemporânea não experimentarão o mesmo espanto. Casos famosos (Humbert,

Dupray de la Mahérie etc.) provaram que banqueiros hábeis, advogados e homens de negócios experimentados podem ser sugestionados a ponto de abandonar sua fortuna nas mãos de vulgares escroques, que só possuem de seu um poderoso fascínio.

Esse fascínio é uma irresistível forma de sugestão. Sofre-se com ele como o pássaro sofre o fascínio da serpente. É incontestável que alguns seres, muito raros aliás, possuem um poder de fascinação que age até mesmo sobre os animais, como se pode observar com todas as pessoas que se ocupam com o adestramento. Vários crimes tiveram como origem essa ação fascinante. A famosa condessa Tarnowska sugeria sem dificuldade assassinatos a seus adoradores. Seu poder era tal que se tinha que mudar constantemente os carabineiros que a acompanhavam e os guardas de sua prisão.

Exemplos análogos podem ser comparados com fatos apresentados por certos médiuns ou faquires que sugerem àqueles que os rodeiam a crença em fenômenos que não possuem nenhuma existência. Cientistas ilustres foram assim vítimas das sugestões exercidas pelo célebre médium Eusápia, como eu mostrarei em outra parte desta obra.

Com o papel das massas tornando-se cada vez mais preponderante e como essas massas só são influenciáveis pela sugestão, a influência dos líderes cresce a cada dia. Um governo

pretensamente popular não passa, na realidade, de uma oligarquia de líderes, cuja influência tirânica se manifesta em todo instante. Eles ordenam greves, obrigam os ministros a lhes obedecer e impõem leis absurdas.

Seu poder de sugestão é suficientemente grande para forçar as massas a uma obediência servil. Na última festa anual do pessoal da Companhia de Orleans, seu diretor mencionou que seus empregados se puseram em greve no momento preciso em que ele ia aceitar todas as suas demandas de melhorias. “No entanto, a greve teve necessariamente uma causa. Sim, ela teve uma causa. Ela foi a obra de um pequeno núcleo de agitadores, cujo procedimento, sempre o mesmo, consiste em substituir o argumento pela ameaça, pela injúria e pelo ultraje”, disse ele.

A ação desses líderes não tem nada de dissimulada, pois nesse mesmo discurso são reproduzidas passagens de seus artigos. Uma psicologia mais certeira teria feito o diretor compreender a ação sugestiva desses condutores e ele os teria paralisado expulsando-os de sua Companhia. O exemplo é não apenas um freio enérgico, mas também um meio de sugestão poderoso. Sendo de ordem afetiva, a sugestão só pode ser combatida pela sugestão. Ceder aos líderes, como se faz sempre, fortifica sua influência.

§2. As primeiras impressões.

As primeiras impressões são aquelas sentidas logo no início em presença de um ser, de um evento, de um objeto desconhecido.

Sendo a elaboração de um julgamento lenta e penosa, contenta-se geralmente com as primeiras impressões, ou seja, sugestões da intuição pura.

As mulheres, as crianças, os primitivos e até mesmo muitos homens altamente civilizados, se fiam inteiramente em suas primeiras impressões.

Em certos elementos da vida social, as impressões se associam algumas vezes a argumentos. Mas há outros __ os assuntos artísticos e literários, particularmente __ onde nossas primeiras impressões permanecem quase as únicas guias. E como elas dependem de uma sensibilidade sempre variável, os conceitos derivados delas se transformam facilmente. Nós as vemos, com efeito, diferir com as épocas, os indivíduos e as culturas. As primeiras impressões produzidas pelas mesmas coisas em um barão feudal, um pastor calvinista, um letrado, uma pessoa do povo, um cientista etc. não podem, evidentemente, ter nada em comum.

Sobre as questões de ciência pura, que escapam geralmente ao domínio do afetivo, essas divergências são pouco observadas, porque os julgamentos não se formam sob a influência das

primeiras impressões. Canalizada por indiscutíveis evidências, nossa sensibilidade é então obrigada a aceitar o que às vezes mais a choca.

Nossas primeiras impressões são às vezes subitamente destruídas por impressões contrárias, mas acontece também o caso de elas serem tão fortes que só desaparecem lentamente, por simples desgaste. Os julgamentos fundamentados sobre elas persistem então por muito tempo.

As primeiras impressões deveriam ser consideradas como vagas indicações, sempre a serem verificadas. Se as abandonarmos sem exame, como se faz muito frequentemente, nos condenamos a atravessar a vida no erro. Elas têm, com efeito, por suportes, apenas simpatias e antipatias instintivas, que nenhuma razão esclarece.

E é, no entanto, sobre tão frágeis bases que se edificam geralmente nossas concepções do justo e do injusto, do bem e do mal, da verdade e do erro.

§3. A necessidade de explicações.

Tão indestrutível quanto a necessidade de acreditar, a necessidade de explicações acompanha o ser humano do berço até o túmulo. Ela contribuiu para criar seus deuses e determina cotidianamente a gênese de um grande número de opiniões.

Essa necessidade intensa é satisfeita facilmente. As mais rudimentares respostas bastam. A facilidade com a qual ela é contentada foi a origem de um grande número de erros.

Sempre ávida de certezas definitivas, a mente humana conserva por muito tempo as opiniões falsas fundamentadas sobre a necessidade de explicações e considera como inimigos de seu repouso aqueles que as combatem.

O principal inconveniente das opiniões baseadas em explicações errôneas é que, considerando-as definitivas, não se busca outras. Imaginar-se conhecedor das razões das coisas é um meio certeiro de não descobri-las. A ignorância de nossa ignorância retardou os progressos das ciências durante longos séculos e os restringe ainda, aliás.

A sede de explicações é tal que elas sempre foram encontradas para os fenômenos menos compreensíveis. A mente fica mais satisfeita em admitir que Júpiter lança o relâmpago do que se confessar ignorante das causas que o fazem explodir.

§4. As palavras, as fórmulas e as imagens.

As palavras e as fórmulas são grandes geradoras de opiniões e de crenças. Potências temíveis, elas fizeram perecer mais pessoas do que os canhões.

A força das palavras está no fato de que elas evocam os grupos de sentimentos que estiveram associados a elas por muito tempo. Eu mostrei em outros livros o seu papel fundamental na política[8].

O poder evocativo de certas fórmulas é considerável sobre uma assembleia. É com palavras que certos políticos despertam sentimentos. Presidente do Conselho e parecendo então todo poderoso, o Sr. Clémenceau foi instantaneamente derrubado por uma palavra que despertou, nos membros do Parlamento, os sentimentos de humilhação sofridos na época de Fachoda[9]. Seu sucessor quase sucumbiu pela mesma causa. Uma frase muito justa, mas infeliz, porque ela invocava inquietantes imagens, provocou no auditório vaias de indignação, diante das quais ele quase foi derrubado.

[8] Num artigo de 29 de janeiro de 1911, o jornal **Le Temps** se exprimiu desta maneira sobre isso:
Nas obras tão profundas que ele dedicou ao estudo da psicologia política e social, o Dr. Gustave Le Bon assinalou, com uma sagacidade rara, a influência que exerce sobre as massas e sobre as assembleias __ parlamentares ou outras __ a magia das palavras. A Câmara provou isso mais de uma vez. Há alguns dias ela se viu sob o encanto de um soberbo projeto de "descentralização". Foi a propósito da organização das aposentadorias dos trabalhadores e dos agricultores que ressoou na tribuna a grande fórmula evocativa das ideias de simplificação administrativa.

[9] Fachoda, atual Kodok, é um povoado situado a nordeste do Sudão do Sul. Neste povoado aconteceu o chamado Incidente de Fachoda em 1898, que foi um enfrentamento entre tropas da Inglaterra e da França para o domínio da África. As tropas francesas tiveram que bater em retirada, mesmo tendo chegado primeiro nesta localidade, diante da superioridade militar dos ingleses. (Nota do tradutor)

Certas palavras, como observou com exatidão o Sr. Barrès, têm uma sonoridade mística. Gozam dessa propriedade os termos favoritos dos políticos: capitalismo, proletariado etc.

As palavras são tão soberanas das coisas que seu império é exercido às vezes até mesmo sobre as pessoas mais sagazes. Em presença de um fenômeno incompreensível a mente se satisfaz inventando uma fórmula. Ignorando completamente o mistério da vida, incapazes de dizer por que a glande se torna um carvalho e como os seres se transformam, os cientistas aceitam fórmulas que tomam o lugar das explicações. Os progressos das ciências os obrigam a mudá-las frequentemente. A adaptação substituiu o princípio vital. O inacessível elétron substituiu o não menos inacessível átomo. Estas etiquetas coladas sobre o desconhecido permitem uma satisfação suficiente para nossa necessidade de explicações.

As palavras evocam imagens mentais, mas as imagens figuradas são mais poderosas ainda. Eu mostrei em meu **Psychologie Politique**, a ação considerável que tiveram os cartazes ilustrados nas últimas eleições inglesas. As imagens precisam os sentimentos, definindo seus contornos. Os industriais e os editores empregam a cada dia esse processo para chamar a atenção.

Até mesmo os governantes acabaram por utilizar o papel psicológico das imagens na gênese das opiniões. Diante da diminuição rápida dos engajamentos voluntários na cavalaria, um psicólogo militar esperto teve há alguns anos a ideia de fixar em toda parte cartazes coloridos ilustrados representando cavaleiros elegantes praticando diversos exercícios. Abaixo figurava a enumeração das vantagens concedidas aos engajados e aos reengajados. Os resultados foram tão bons que em vários regimentos os coronéis tiveram que recusar, por falta de vaga, os engajamentos.

§5. As ilusões.

Traçar o papel das ilusões na gênese das opiniões e das crenças seria refazer a história da humanidade.

Da infância à morte, a ilusão nos envolve. Nós só vivemos por ela e só perseguimos a ela. Ilusões de amor, de ódio, de ambição, de glória, todas estas formas diversas de uma felicidade esperada incessantemente mantêm nossa atividade. Elas abusam dos nossos sentimentos, bem como dos sentimentos alheios e cobrem com um véu as asperezas da sorte.

As ilusões intelectuais são relativamente raras e as ilusões afetivas são cotidianas. Elas crescem ainda mais pelo fato de que persistimos sempre em querer interpretar racionalmente os

sentimentos que ainda estão enterrados nas trevas do inconsciente. A ilusão afetiva nos convence às vezes de que amamos seres e coisas que, na realidade, nos são indiferentes. Ela nos deixa acreditar também na perpetuidade de sentimentos que a evolução de nossa personalidade logo condena ao desaparecimento.

Todas essas ilusões fazem viver e embelezam a rota que leva ao abismo eterno. Não lamentemos que elas raramente sejam submetidas à análise. A razão só consegue dissolvê-las paralisando no mesmo ato importantes motivadores de ação. Para agir não é preciso saber. A vida está cheia de ilusões necessárias.

Os motivos para não querer se multiplicam com as discussões das causas do querer. Flutua-se então na incoerência e na hesitação. “Tudo ver e tudo compreender é uma grande razão da incerteza”, escreveu a Sra. de Staël. Uma inteligência que possua o poder atribuído aos deuses de abranger com uma só olhada o presente e o futuro, não se interessaria mais por nada e seus motivadores de ação estariam paralisados para sempre.

Vista assim, a ilusão aparece como o verdadeiro suporte da existência dos indivíduos e dos povos. O único com o qual sempre se pode contar. Os livros de filosofia se esquecem, às vezes, um pouco disso.

§6. A necessidade.

Acima das fantasias dos déspotas, ou dos legisladores que legislam sem trégua para reformar a sociedade, reina um mestre soberano: a necessidade. Despreocupada com nossas deliberações, ela representa o destino antigo, ao qual até mesmo os deuses deviam se submeter.

O desacordo entre as prescrições de legisladores cegos e as necessidades que governam as coisas se acentua a cada dia. A sociedade francesa atual sobrevive apesar de suas leis e não por causa de suas leis.

A ilusão do poder absoluto que eles imaginam possuir retira dos legisladores o sentido das possibilidades. Basta que uma coisa lhes pareça justa para que ela se torne possível.

Mas, cedo ou tarde, a necessidade afasta com seu braço de ferro todas as quimeras. Assim que sua ação se faz sentir, as mais sólidas teorias humanitárias se evaporam. Encontraremos um impressionante exemplo disso nas medidas ferozes editadas na Austrália contra as greves que ameaçam a existência desse país e o levam à ruína. Seu governo era, no entanto, composto por socialistas radicais[10].

[10] Escreveu o **Petit Temps**, em 26 de março de 1911:
Eis a que medidas draconianas o governo teve que recorrer: a greve e até mesmo a incitação à greve sob qualquer forma que seja foi declarada, não mais delito, mas crimes passíveis de uma multa de 2.500 francos e, principalmente, a trabalhos forçados por um ano. A polícia recebeu o direito de entrar em qualquer lugar onde ela suspeite de conspirações em favor de uma greve

A necessidade representa, sem dúvida, a síntese das forças ignoradas que nos guiam e que somente começamos a saber combater algumas delas.

Embora muito breve, a enumeração dos fatores de opiniões e de crenças precedentemente expostos basta para provar o quanto são pesadas as fatalidades que sobrecarregam a alma humana.

A natureza parece ter desejado canalizar estreitamente nossos sentimentos, nossos pensamentos e, por consequência, nosso comportamento. A elite dos pensadores conseguiu ao longo do tempo conquistar alguma liberdade, dominando um pouco as forças invisíveis que nos regem. Conquista esta que será sempre muito restrita. A se avaliar por sua história, não é necessário lamentar, talvez, que a humanidade tenha possuído tão pouca independência.

***

criminosa, ela pode apreender todos os documentos que pareçam dizer respeito a ela e, como um meio fácil de desorganizar os fundos de greve, ela pode se apoderar das contas de suas tesourarias. Chegou-se até mesmo a ameaçar com indiciamento nos processos de quem quer que seja que se arriscasse a subscrever fundos de socorros às famílias de grevistas. Em alguns dias os agitadores foram dominados e os mais radicais dentre eles foram postos na prisão.

CAPÍTULO III

Porque as opiniões diferem e porque a razão não consegue corrigi-las.

§1. Diferenças de mentalidades que criam diferenças de opiniões.

Sumário

Em todos os assuntos onde uma demonstração científica rigorosa é impossível, as divergências de opiniões surgem inumeráveis. Baseadas principalmente em elementos afetivos ou místicos, elas dependem unicamente de reações individuais que o meio, a educação, o interesse etc. modificam sem parar.

Mas essas variações deixam, no entanto, subsistir orientações gerais que sempre levam os mesmos indivíduos rumo a certos grupos de opiniões. De onde derivam esses diversos pólos de orientação?

Nós os descobrimos ao constatar que um povo não é formado somente por indivíduos, diferenciados pela educação, o caráter etc., mas sobretudo por heranças ancestrais diferentes.

No seu início, uma sociedade é composta por seres pouco diferenciados. Eles não têm quase nenhuma outra mentalidade que não seja a de sua tribo.

Os fatores de evolução e de seleção logo agem e os indivíduos se separam gradualmente. Enquanto uns progridem

muito rapidamente, outros avançam com uma marcha desigual e continuam em etapas diferentes da mesma estrada.

Disso resulta que, em certos períodos de sua evolução, uma sociedade contém representantes de todas as fases que ela sucessivamente superou. Como a mentalidade de cada um deles não ultrapassa a da época que eles sintetizam, eles não conseguiriam se adaptar a um outro período.

Aperfeiçoando as pessoas, a civilização não as transformou, no entanto, igualmente. Longe de caminhar rumo à igualdade, como nossas ilusões democráticas atuais tentam convencê-las, elas tendem, pelo contrário, rumo a uma desigualdade crescente. A igualdade, que foi a lei das primeiras eras, não conseguiria ser a lei do presente e muito menos a do futuro.

Por isso, pelo único fato de sua ascensão progressiva, a civilização realizou a obra de um mágico, ao ressuscitar num mesmo momento, num mesmo solo, homens das cavernas, senhores feudais, artistas da Renascença, trabalhadores e cientistas modernos.

O que podem ter em comum os elementos de um povo formado por uma mistura tão heterogênea? Eles chegam rapidamente, sem dúvida, a falar, aparentemente, a mesma língua. Mas as palavras despertam neles ideias, sentimentos e, por consequência, opiniões, completamente diferentes.

A tarefa árdua dos governos modernos é fazer conviver, sem muitos desacordos, todos esses herdeiros de mentalidades tão diferentes e, por consequência, tão desigualmente adaptados a seu meio. É inútil pensar em nivelá-los. Isso não é possível nem através de instituições, nem através de leis, nem mesmo pela educação.

Um dos grandes erros de nosso tempo é acreditar que a educação iguala as pessoas. Ela as torna úteis, mas jamais as iguala. Inúmeros políticos ou acadêmicos, carregados de diplomas, possuem uma mentalidade de bárbaros e só podem, portanto, ter como guia na vida uma alma de bárbaro.

Sobre essas mentalidades tão diferentes agirão muito desigualmente os retificadores de opinião, cujo valor vamos examinar agora.

§2. Os elementos de modificação das opiniões.

As opiniões não têm geralmente a estabilidade das crenças. Elas são mesmo frequentemente tão móveis que sua modificação pareceria fácil. Porém, é o contrário que se observa.

Os dois métodos de modificação das opiniões que logo se apresentam à mente são a razão e a experiência.

Sobre a crença solidamente constituída, o papel da razão, nós já vimos, é nulo. Veremos agora que, se ela age algumas

vezes sobre as opiniões corriqueiras, sua ação, salvo naturalmente em matéria científica, é muito fraca. Constataremos igualmente que o reconhecimento implícito da ineficiência da razão para clarear nossos julgamentos produziu dois regimes políticos aos quais se reduzem todos os governos dos povos, desde as origens da história.

Mas, se a razão é ineficiente para modificar nossas opiniões, o que resta então para discernir a verdade em uma gama de questões morais, políticas e sociais? Eu mostrarei, num próximo capítulo, que possuímos apenas um meio eficaz: a experiência. Examinemos primeiro o papel atribuído à razão.

§3. O papel da razão na formação das opiniões e das decisões importantes.

Em todas as opiniões científicas ou técnicas a ação da razão é preponderante. O erro da maior parte dos psicólogos e dos filósofos consiste em acreditar que seu papel é o mesmo no domínio das opiniões ordinárias.

Os ideólogos dos diversos países sempre pretenderam basear suas opiniões sobre razões. Os convencionais lhe ergueram estátuas e os demagogos modernos pretendem legislar em seu nome.

A observação prova, infelizmente __ é preciso repetir sempre __ que a razão exerce tão pouca influência na vida dos

povos quanto em nosso comportamento cotidiano. Taine destacou justamente que “se tivéssemos necessidade de acreditar que os crocodilos são deuses, amanhã na Praça do Carrossel lhes seria erguido um templo”.

Não apenas lhes seria erguido um templo, mas também no mesmo dia surgiria uma legião de professores e advogados especialistas para justificar essa deificação através de argumentos racionais. A razão frequentemente é posta obedientemente a serviço de nossos impulsos afetivos e místicos menos defensáveis.

De fato, as opiniões cotidianas são construídas, não sempre contra a razão, mas independentemente de toda razão. Nós, confiando nos impulsos místicos e afetivos que as produzem, acreditamos que sua exatidão nos parece certa e não toleramos quem a conteste. É visível, no entanto, que se uma razão certa fosse o verdadeiro fator de nossas opiniões, só existiria uma para cada assunto.

Nas matérias científicas em que todos os dados são conhecidos, é sempre assim. É impossível divergir sobre a fórmula de uma parábola, a lei da gravitação, a trajetória de um planeta. As divergências aparecem somente nas teorias, porque elas são simples interpretações e, por isso, a lógica racional se deixa influenciar às vezes por elementos afetivos ou místicos.

Assim que nos afastamos da ciência pura, ou seja, que passamos do domínio do conhecimento para o da crença, a divergência das opiniões sobre todos os assuntos se torna, pelo contrário, uma lei constante. Ela se manifesta até mesmo sobre aqueles onde somente a razão, nos parece, deveria falar; as decisões jurídicas, por exemplo.

Vamos utilizar esses casos típicos para mostrar o quanto é difícil para a lógica racional se livrar das influências afetivas e místicas.

Estabeleçamos inicialmente uma classificação das pessoas chamadas para julgar outras.

No mais baixo escalão se encontram as mentes cuja opinião é formada unicamente sob a ação da lógica afetiva. Os escalões mais elevados serão formados por mentalidades quase exclusivamente influenciáveis pelos argumentos da lógica racional.

À primeira das categorias precedentes pertencem os jurados dos Tribunais de Júri. Pelo seu número, eles constituem massas e possuem suas características.

Os argumentos racionais exercem por isso pouca ação sobre eles. Orienta-se suas convicções agindo sobre seus sentimentos. A uma mulher culpada de um crime grave, mas rodeada de filhos aos prantos chamando sua mãe, está assegurada a indulgência. A

uma mulher bonita que, num acesso de ciúme amoroso matou seu amante, está mais assegurada ainda. Um júri inglês mandaria enforcá-la; um júri francês quase sempre a absolve. Este é um dos casos em que a influência da cultura na gênese das opiniões se manifesta mais nitidamente.

Um pouco acima dessa categoria dominada pela sentimentalidade pura, se encontram os juízes dos tribunais de primeira instância. Eles são muito jovens ainda para que os argumentos de ordem afetiva possam emocioná-los. O prestígio de um advogado famoso sempre os impressiona. Pode-se, no entanto, influenciá-los também através de provas racionais, mas somente se elas não tiverem que lutar contra interesses pessoais. A esperança de promoção na carreira e as pressões políticas exercem às vezes uma influência preponderante sobre suas opiniões. Eles tornam os julgamentos muito incertos, pois os magistrados das cortes de apelação reformam quase um terço deles. Eles se enganam, portanto, em quase uma vez a cada três.

Os magistrados das cortes de apelação formam um escalão superior na classificação precedente. Mais velhos e mais instruídos, eles são menos subordinados à lógica afetiva do que à lógica racional.

No alto, enfim, aparecem os juízes da corte de cassação. Velhos, um pouco decrépitos, não tendo mais nada a esperar,

desprovidos de toda sentimentalidade, tão indiferentes ao interesse individual quanto à piedade, eles ignoram os casos particulares e permanecem confinados estritamente ao direito. Nenhum advogado tentaria invocar um argumento sentimental diante deles. Somente a prova racional pode tocá-los. As meticulosas precisões da lei os dominam inteiramente. Ela se tornou para eles um tipo de entidade mística, isolada das pessoas. Esse excesso de racionalismo não é desprovido de perigo, pois o direito, justo no momento em que foi fixado, deixa no entanto de sê-lo com a evolução social, que o ultrapassa rapidamente. É por isso que se deve saber interpretá-lo a fim de preparar sua transformação, como fazem alguns magistrados, cujas sentenças formam uma jurisprudência, filha de novos costumes e mãe de novas leis. O duelo passou, desta forma, do estado de crime para o de delito não processado; o adultério, que acarretava outrora anos de prisão para os culpados e era julgado pelo código como um crime tão grave que o marido era desculpado por matar sua mulher, acabou por ser incluído na lista dos delitos de tal forma secundários que um novo projeto de lei propõe puni-lo apenas com uma insignificante multa.

Acabamos de ver que, mesmo entre pessoas instruídas, geralmente imparciais e estranhas às paixões, as opiniões sobre

assuntos bem definidos são frequentemente errôneas. A razão se mostrou portanto ineficiente para esclarecê-las.

Se, ao invés dessas pessoas escolhidas, considerássemos reuniões, como as assembleias parlamentares __ cujos membros são geralmente dominados por interesses individuais, teorias preconcebidas e paixões políticas __ constataríamos que o papel da razão em suas decisões é quase nulo. Os argumentos racionais são propostos algumas vezes e eles nem mesmo os ouvem. Os votos são unicamente guiados pelos interesses de seu partido e pelos interesses dos eleitores que eles devem agradar.

Sem dúvida que a razão é constantemente invocada nas assembleias parlamentares, mas ela é, na verdade, o menor dos fatores capazes de influenciá-la. Os raros líderes que conseguem às vezes modificar o voto de uma reunião política sabem bem que eles não agirão com razões, mas unicamente fazendo vibrar sentimentos violentos. Certas fórmulas místicas habilmente manejadas são de um efeito certeiro.

§4. O papel da razão na formação das opiniões cotidianas.

Acabamos de ver o pequeno papel da razão nas decisões importantes tomadas por diversas categorias de pessoas escolhidas. Nas opiniões cotidianas, sua ação é ainda bem menos eficaz. Constata-se incessantemente, com efeito, opiniões

divergentes sobre assuntos onde a razão parece que deveria levar a conclusões idênticas.

Entende-se perfeitamente essas divergências quando se conhece o papel dos elementos místicos e afetivos na formação de nossas opiniões.

As divergências de opinião não são resultantes, como supomos algumas vezes, das desigualdades de instrução daqueles que as manifestam. Elas são constatadas, com efeito, em indivíduos com inteligência e instrução semelhantes. É possível se convencer disso ao examinar as respostas dadas nas grandes pesquisas coletivas que têm por objetivo esclarecer certas questões bem definidas.

Dentre os inumeráveis exemplos fornecidos pela leitura de suas atas eu mencionarei apenas um, muito típico, publicado no **Année Psychologique**, do Sr. Binet.

Querendo se informar sobre os efeitos da redução do programa de história da filosofia nos liceus, ele enviou um questionário a todos os professores encarregados desse ensino. As respostas foram nitidamente contraditórias; uns declarando desastroso o que outros afirmavam excelente. Conclui com melancolia o Sr. Binet: “Como é possível que uma reforma que desola um professor pareça excelente a um de seus colegas? Que

lição para eles sobre a relatividade das opiniões humanas, mesmo entre pessoas competentes!”

Contradições de mesma ordem se manifestam invariavelmente em todos os assuntos, em todos os tempos. Para chegar à ação, o ser humano deve, no entanto, escolher entre essas opiniões contrárias. Como realizar uma tal escolha, sendo a razão impotente para determiná-la?

Dois métodos apenas foram descobertos até agora: aceitar a opinião da maioria ou aceitar a opinião de um só, escolhido como mestre. Destes dois métodos derivam todos os regimes políticos.

Certamente que algumas vozes da maioria, ou mesmo a maioria considerável obtida por uma opinião, não a fará superior à opinião contrária. A opinião de um só, obrigatoriamente imposta, nem sempre será a melhor. A escolha de um ou outro método é, no entanto, necessário para sair das indecisões que entravam a vontade de agir. Até mesmo os filósofos não conseguiram descobrir outros.

As opiniões de uma mente superior são geralmente bem superiores às de uma coletividade, mas se a mente não é superior, suas decisões poderão ser muito perigosas. As histórias da Alemanha e da França, nos últimos cinquenta anos, fornecem numerosas provas das vantagens e dos inconvenientes desses dois métodos: a tirania individual e a tirania coletiva.

***

CAPÍTULO IV

A modificação das opiniões pela experiência.

§1. A experiência na vida dos povos.

Sumário

Acabamos de ver como, na maior parte dos assuntos, exceto nas questões científicas, a lógica racional só oferece indicações incertas e devemos nos conformar em tomar como guia a opinião da maioria ou a de um indivíduo escolhido como mestre. A aceitação de uma opinião não basta para transformá-la em verdade. Como, portanto, descobrir seu exato valor?

Ele só é posto em evidência pela experiência; método de verificação lento e custoso e que não se aplica, aliás, a todos os assuntos. Sobre as crenças solidamente constituídas, particularmente, sua impotência é tão grande quanto a da razão.

Sobre as opiniões coletivas __ certas opiniões políticas, por exemplo __ ela acaba por agir, mas com a condição de ser muito impressionante e muito repetida.

A vida dos povos prova a necessidade dessas repetições impressionantes. Acúmulos de ruínas e de torrentes de sangue são às vezes necessários para que a alma de um povo assimile certas verdades experimentais.

Geralmente, nem mesmo por muito tempo se aproveita dessas experiências, pois, em razão da pequena duração da

memória afetiva, as aquisições experimentais de uma geração servem pouco a outra.

Desde as origens do mundo todas as nações constatam que a anarquia termina invariavelmente em ditadura e, no entanto, essa eterna lição lhes ajuda muito pouco. Fatos repetidos mostram que as perseguições são o melhor meio de favorecer a expansão de uma crença religiosa e, no entanto, essas perseguições continuam sem trégua. A experiência ensina também que ceder perpetuamente a ameaças populares é se condenar a tornar todo governo impossível e vemos, no entanto, os políticos esquecerem diariamente essa evidência. A experiência mostrou igualmente que, por razões psicológicas muito precisas, todo produto fabricado pelo Estado ultrapassa sempre o preço da indústria privada e, apesar dessa prova, os socialistas obrigam o Estado a monopolizar constantemente qualquer fabricação nova.

As experiências só agem rapidamente, eu já mencionei acima, se elas forem muito impressionantes. Eis aqui um recente e memorável exemplo.

Todos os psicólogos, todos os economistas, todos os comerciantes tinham previsto que a encampação da Ouest e sua administração pelo Estado constituiriam uma operação muito custosa. Simplesmente custosa, o público mal se aperceberia disso, mas a administração estatal dessa estrada de ferro produziu

em alguns meses um acúmulo tal de pavorosas catástrofes e de mortes horríveis que a lição da experiência foi imediatamente compreendida. Ninguém hoje em dia ousaria pedir a encampação de novas linhas.

§2. Dificuldade de compreender os elementos geradores de experiência.

Mas, se experiências tão visíveis quanto a precedente podem transformar a opinião, isso não significa que os elementos dessas experiências sejam facilmente compreendidos. No que diz respeito, por exemplo, aos acidentes que acabamos de mencionar, o ministro dos Trabalhos Públicos não percebeu, de maneira alguma, as causas secretas de uma anarquia impossível de negar. Obrigado a reconhecer que as numerosas catástrofes provocadas por colisões de trens provinham principalmente da indisciplina de um pessoal que não observava os regulamentos, ele pensou ser possível consertar isso com a demissão do diretor da rede. Seu sucessor não teve outro recurso, para diminuir os acidentes, que não fosse reduzir consideravelmente o número de trens e sua velocidade, meio certamente pouco glorioso, mas certeiro.

O que ele poderia ter feito, aliás, contra efeitos provocados por causas estranhas à sua ação? Nem dar à administração do Estado uma capacidade industrial que ela não possui, nem muito menos criar nos empregados, estimulados por lideranças

ambiciosas, a disciplina, o zelo, o respeito aos regulamentos, indispensáveis à sua profissão.

Escreveu o **Temps**:

> *Como ter um pessoal qualificado numa rede em que os políticos distritais só votaram a encampação para alojar lá seus protegidos e fazer deles uma clientela? Como obter uma estrita submissão desses ferroviários, cujos caprichos são imediatamente desculpados e cobertos por um grupo de deputados demagogos.*
>
> *Espera-se que o Estado, que chafurda em sua própria rede, seja sábio em deixar que as empresas explorem as suas redes com toda liberdade e não lhes imponha abusos que, como se viu, produz desastrosas consequências.*

Inútil esperança. O Estado __ ou seja, os políticos que pesam sobre ele __ não para de perseguir as companhias, de lhes cobrir com encargos e de encorajar a indisciplina e as reclamações de seus agentes.

Mas, a fatalidade das coisas dominando os discursos, deu uma nova lição experimental que acabará certamente por ser compreendida.

Há alguns anos, eu já havia predito num artigo de revista que o resultado das despóticas intervenções estatais seria fazer cair rapidamente o valor das ações das companhias, ou seja, um

dos elementos mais estáveis da riqueza pública, porque ela é repartida em um grande número de mãos. Essa previsão se realizou rapidamente. A maior parte das ações sofreu uma baixa enorme, atingindo a de Lyon quase 17%. As ações dessa companhia, cotadas em fevereiro de 1909 a 1.385 francos na Bolsa, caíram para 1.150 francos em fevereiro de 1911. Será preciso que a queda seja mais profunda ainda e sobretudo que suas repercussões se manifestem nitidamente para que essa lição experimental produza efeito.

Como as mesmas causas produzem geralmente os mesmos efeitos, não nos espantemos ao encontrar em nossa marinha militar uma anarquia idêntica àquela constatada acima na rede de estradas de ferro.

O recente trabalho do relator do orçamento da marinha fornece uma indiscutível prova disso. Diz ele:

> *De 1891 a 1906, a Alemanha gastou com sua marinha 2,508 bilhões, enquanto que a França gastou 1,809. No entanto, apesar dessa diferença de apenas 0,699 bilhão, a Alemanha conseguiu formar uma frota sensivelmente superior à da França. Estes números condenam nossa administração.*
>
> *A opinião pública ficou indiferente. Para emocioná-la e, no contragolpe agitar a Câmara, seria preciso mais*

do que palavras: acidentes, catástrofes, sangue! Após o Sully, o Chanzy, o Nive, são o Farfadet e o Lutin que afundam. Sobre o Couronne, canhões explodem, tripulantes são despedaçados; em Toulon, uma de nossas mais belas unidades, o Iéna, entre em erupção como um vulcão. Após este último e terrível revés, não é mais possível acusar somente o acaso: um inquérito se impõe.

Estupefata e emocionada, a opinião pública soube que, apesar das centenas de milhões que lhe haviam sido postos a disposição, faltavam à marinha não apenas navios de guerra poderosos, mas também canhões, munições, aprovisionamentos e estaleiros de reparos. Ela soube que, após um único combate, mesmo muito curto, nenhum lugar, nenhum porto poderia reabastecer uma esquadra, nem em carvão, nem em projéteis.

Não foi o dinheiro que nos fez falta. Nós tínhamos "mais do que o suficiente para nos igualar à Alemanha!"

Estas constatações são esmagadoras.[11]

Esmagadoras, com efeito. Infelizmente, não há nenhuma chance de esperar que as múltiplas causas que geraram tais resultados __ indisciplina crescente; os trabalhadores dos arsenais sob a influência de agitações diárias; desorganização completa dos

[11] Extrato do relatório publicado pelo **Temps**, de 25 de fevereiro de 1911.

serviços, produzida pelas ingerências políticas e as rivalidades de funcionários que se invejam; influências socialistas que obrigam o Estado a se encarregar de construções que a Alemanha confia às indústrias privadas etc. __ possam desaparecer.

Nos casos precedentes, os resultados das experiências se mostraram rapidamente. Mas, algumas vezes acontece deles se manifestarem com lentidão.

A destruição quase completa da frota russa pelos grandes couraçados japoneses e a impotência dos torpedeiros foram necessárias para mostrar o erro enorme cometido há alguns anos com o abandono da construção dos couraçados para substituir uma frota de pequenos cruzadores e de torpedeiros agora reconhecidos como inúteis. Centenas de milhões foram assim desperdiçados. Nosso país ficou sem defesa, até o dia em que o erro, experimentalmente demonstrado, nos obrigou a decidir pela construção de uma nova frota.

Se a experiência é geralmente indispensável para verificar o valor das opiniões, é porque a maior parte delas se forma levando em conta elementos superficiais das coisas. No caso que foi citado, poder-se-ia, através de argumentos sutis baseados em algumas aparências, provar que os torpedeiros econômicos destruiriam facilmente os grandes couraçados dispendiosos. O abandono destes parecia portanto racional.

As consequências em longo prazo de medidas aparentemente racionais só são visíveis a espíritos penetrantes e geralmente não são eles que governam. Eu mostrei em meu **Psychologie Politique** o quanto foram nocivas as inúmeras leis ditadas por excelentes razões. A experiência provou que a maior parte dessas leis draconianas agia, geralmente, até mesmo de uma maneira exatamente contrária aos interesses daqueles que elas gostariam de proteger.

Como típico dos resultados obtidos desta maneira, um dos mais curiosos foi fornecido recentemente pela cidade de Dijon. Os acasos da cegueira popular elegeram uma municipalidade socialista e essas bravas gentes pensaram em favorecer os trabalhadores substituindo o imposto sobre o consumo por pesadas taxas que recaiam somente sobre os supostos detentores da riqueza. Inevitáveis repercussões se manifestaram em muito pouco tempo e, longe de diminuir, o custo de vida aumentou consideravelmente para os trabalhadores. Os socialistas aprenderam desta forma, experimentalmente, mas às custas de seus administrados, que as leis econômicas desdenhadas, quando não são compreendidas, sempre tornarão impossível o estabelecimento de uma taxa qualquer sobre uma única classe de cidadãos. Por via da incidência ela logo se difunde sobre todas as outras e não é aquela contra a qual ela foi votada que a paga.

Sendo as lições da experiência geralmente muito nítidas, porque tantos políticos, aos quais a inteligência nem sempre falta, as compreendem tão pouco?

Isso acontece __ eu já disse isso __ porque a experiência quase não tem ação sobre a crença. No entanto, como as concepções políticas dos partidos radicais não são opiniões, mas crenças, elas têm como suportes os elementos místicos e afetivos cuja força irresistível nós já demonstramos.

A razão invocada sem parar pelos políticos não exerce nenhuma influência sobre eles, bem como sobre os devotos de nenhuma fé. Certezas exclusivamente místicas ou sentimentais ditam seu comportamento. Eles são os mestres de seus discursos, mas não das invisíveis sugestões que os fazem nascer.

Conhecendo assim a gênese secreta de opiniões que só possuem de racional a aparência, não podemos nos indignar com a incompreensão de seus autores. Verdades óbvias para mentes guiadas por uma lógica livre de todo elemento estranho serão sempre inacessíveis às pessoas levadas simplesmente pela crença. Essas pessoas são inacessíveis à razão, à observação e à experiência.

***

LIVRO VI

As opiniões e as crenças coletivas.

CAPÍTULO I

As opiniões formadas sob influências coletivas.

§1. Influência da cultura sobre as crenças.

Sumário

As influências coletivas têm uma preponderância na gênese de um grande número de opiniões e constituem seus verdadeiros reguladores.

A imensa maioria das pessoas só possui opiniões coletivas. Até mesmo os mais independentes geralmente professam as opiniões dos grupos sociais aos quais eles pertencem. Já o dissemos e vamos mostrar mais claramente ainda, através do exame sucessivo do papel das influências coletivas na gênese de nossas opiniões e de nossas crenças: cultura, meio, costume, grupo social etc.

Examinemos inicialmente a influência da cultura.

Observações várias vezes seculares provam que os povos dotados de um longo passado apresentam uma grande comunidade de opiniões e de crenças sobre certos assuntos fundamentais. Ela

resulta da formação de uma alma nacional. Sendo essa alma variável de um povo a outro, os mesmos acontecimentos despertarão em cada um deles reações diferentes.

Hoje em dia existem poucas raças puras no sentido antropológico deste termo. Mas, quando povos de mesma origem ou de origens diversas, não muito distanciadas, foram submetidos durante vários séculos às mesmas crenças, às mesmas instituições, às mesmas leis e que falam a mesma língua, eles constituem o que eu chamei, em outro lugar, de uma raça histórica. Essa raça possui então __ em moral, em religião, em política e sobre uma gama enorme de assuntos __ um conjunto de ideias e de sentimentos comuns, tão fixado nas almas que todo mundo o aceita sem discuti-lo.

A alma de um povo não passa, no entanto, de uma concepção metafísica, mas de uma realidade muito viva. Ela é formada por uma estratificação atávica de tradições, de ideias, de modos de pensar e até mesmo de preconceitos. De sua solidez depende a força de uma nação.

Pessoas simplesmente reunidas por uma conquista violenta constituem um agregado transitório, não cimentado e facilmente dissociável, porque eles não possuem ainda uma alma nacional.

Enquanto eles não a adquirirem eles continuarão a ser uma poeira de bárbaros. Destruir as influências do passado na alma de

um povo sempre teve, como resultado invariável, reconduzi-lo à barbárie.

As divergências de opiniões em um povo que possui uma alma nacional bem forte recaem somente sobre assuntos pouco importantes. Diante de um grande interesse em jogo o acordo se torna unânime. Os ingleses deram um impressionante exemplo disso na guerra do Transvaal. As derrotas humilhantes e repetidas das tropas britânicas, vencidas por simples camponeses bôeres, forneceram aos jornais de oposição uma excelente oportunidade de atacar o ministério. Nenhum deles pensou nisso. A alma nacional não permitiu.

Essa alma coletiva do povo só se manifesta aliás quando se trata de interesses gerais consideráveis. Ela não impede, de maneira alguma, a existência de almas individuais muito vivas. Como na história natural as características distintas de cada espécie não as impedem de possuir igualmente as características do gênero ao qual elas pertencem.

Veremos que os elementos constituintes dos povos primitivos, não estando ainda diferenciados, estes só possuem uma alma coletiva. É somente nos povos evoluídos que as características individuais se superpõem às características coletivas.

Foi destacada acima que a formação de uma alma comum era possível somente a povos com origens pouco diferentes. Se não fosse assim, nenhuma fusão poderia acontecer. Não possuindo a mesma alma, cada indivíduo é impressionado diferentemente pelas coisas exteriores e não seria possível, por consequência, existir opiniões comuns sobre nenhum assunto. Os tchecos e os húngaros na Áustria; os irlandeses na Inglaterra etc., ilustram a exatidão dessa lei. A pretensão de impor nossos códigos aos nativos de nossas colônias prova que ela é pouco influente.

Os cruzamentos entre povos muito diferentes modificam as influências ancestrais, mas retiram ao mesmo tempo, dos indivíduos, toda estabilidade mental. Um povo de mestiços é ingovernável. A anarquia em que vivem as repúblicas latinas da América é prova disso.

A herança mental do passado, ao se estabilizar na medida em que um povo envelhece, faz com que o que era uma força para ele acabe, ao longo do tempo, por constituir uma fraqueza. Sua adaptação a novos progressos se torna cada vez mais difícil e seu pensamento e suas opiniões são cada vez menos livres. Há uma luta cotidiana entre o consciente que a razão governa e os impulsos ancestrais que lhe escapam. As revoluções violentas, através das quais os povos tentam algumas vezes então se livrar do jugo opressor de um passado muito pesado, não tem uma ação

durável. Elas podem destruir as coisas, mas modificam muito pouco as almas. É por isso que as opiniões e as crenças da velha França pesam com um peso irresistível sobre a nova. Apenas as fachadas mudaram.

§2. A influência do meio social e dos grupos sociais.

O meio social exerce sobre nossas opiniões e nosso comportamento uma ação intensa. Ele gera, à nossa revelia, inferências inconscientes que nos dominam constantemente. Os livros, os jornais, as discussões, os acontecimentos de uma época criam um ambiente que, mesmo que invisível, nos orienta. Ele contém os germes de concepções artísticas, literárias, científicas ou filosóficas que o gênio condensa algumas vezes em sínteses luminosas.

As opiniões suscitadas pelo meio social são tão fortes que o indivíduo que é obrigado a deixar esse meio também é forçado a mudar de opiniões. Um perfeito socialista revolucionário se torna facilmente um estrito conservador logo que chega ao poder. Sabe-se com que facilidade Napoleão transformou em criados, camareiros e barões, os selvagens convencionais que não tiverem tempo de mandar cortar reciprocamente suas cabeças.

O meio social age de uma maneira geral, mas o que age geralmente é o grupo ao qual pertencemos.

Opiniões e crenças individuais, deduzidas de nossas próprias observações e de nossos raciocínios, nós geralmente temos muito poucas. A maior parte das pessoas só possui aquelas do grupo __ casta, classe, seita, partido, profissão às quais elas pertencem __ e as adotam em bloco.

Cada classe de um povo __ trabalhadores, magistrados, políticos __ professa então as opiniões fundamentais de seu grupo profissional. Elas são o critério de seus julgamentos. Elas consideram as coisas como verdadeiras ou falsas de acordo com sua conformidade ou não com as opiniões desse grupo. Cada um forma um tipo de tribo fechada, que possui opiniões comuns, tão aceitas que nem mesmo são discutidas. Quem não adota as opiniões de seu grupo não consegue sobreviver nele.

A evolução atual rumo ao socialismo e ao sindicalismo aumenta todos esses grupos, particularmente aqueles para os quais o Estado administra seus monopólios. Eles se invejam ferozmente e nada existe de comum entre eles além de uma cascata de inimizade e de desprezo. Nenhuma solidariedade os liga e disso resulta uma desorganização progressiva dos serviços, a cada dia em maior número assumidos pelo Estado. Esta é uma das causas profundas, embora das menos mencionadas, da decadência dos monopólios estatais e particularmente de nossa marinha de guerra. Eu forneci as provas disso em uma obra precedente e mostrei que

a simples passagem de um monopólio para as mãos do Estado é um desastre para as finanças.

As divergências de opinião entre os grupos estatizados que, sob o benefício do anonimato, são os verdadeiros senhores do país, pouco aparecem ao público. As opiniões dos agrupamentos de trabalhadores são, pelo contrário, muito ruidosas para passarem despercebidas. Seus ódios com relação às outras classes tendem a se tornar poderosos fatores da evolução política atual.

Eles se consideram, de acordo com a afirmação de seus líderes, os únicos criadores da riqueza e não levam em conta, de maneira alguma, o papel do capital e da inteligência. Ao se considerarem muito mais compatriotas dos trabalhadores estrangeiros do que dos burgueses franceses, eles se tornaram internacionalistas e antimilitaristas. Sua verdadeira pátria é o grupo de pessoas de sua profissão, seja qual for a nação a qual pertençam.

§3. A influência do costume.

O costume __ uma forma de hábito __ faz a força das sociedades e dos indivíduos. Ele os dispensa de ter que refletir em cada caso que se apresenta para se formar uma opinião.

O meio, o contágio e a educação mantêm em nós o costume. As leis só fazem sancioná-lo e são poderosas somente quando elas fixam um costume já existente.

O papel do costume, do qual já falamos em um outro capítulo a propósito do hábito, foi muito bem estudado há muito tempo por Montaigne e bastará reproduzir o que escreveu este filósofo.

É, de fato, um violento e traiçoeiro soberano o costume. Ele estabelece em nós, pouco a pouco, à nossa revelia, o pé de sua autoridade. E mais, com um doce e humilde começo, plantado e envelhecido com a ajuda do tempo, ele nos mostra um furioso e tirânico rosto, contra o qual nós não temos nem mesmo a liberdade de levantar os olhos.

... Mas, descobrimos melhor seus efeitos através das estranhas impressões que ele produz em nossas almas, onde ele não encontra resistência... As leis da consciência, que dizemos terem nascido da natureza, nascem do costume. Cada um de nós, venerando internamente as opiniões e costumes aprovados e reunidos ao redor de nós, não pode se desligar deles sem remorso, nem aplicá-los sem aplauso. Quando aqueles de Creta queriam, no tempo passado, maldizer alguém, eles rogavam aos deuses que o enquadrassem em algum costume... as imaginações comuns que encontramos ao redor de nós e que foram impregnadas em nossa alma pela semente de nossos pais, parece que são gerais e naturais... o que está fora dos costumes nos parece que está fora da razão. Deus sabe o quanto de desarrazoado há nisso! É por intermédio do costume que cada um está contente com o lugar onde a natureza o

plantou e os selvagens da Escócia não precisam de Touraine, nem os citas da Tessália... o uso nos esconde a verdadeira face das coisas...

Vamos examinar agora as características especiais, o valor e a influência das opiniões coletivas, cuja gênese vamos indicar.

***

CAPÍTULO II

Os progressos da influência das opiniões coletivas e suas consequências.

§1. As características das opiniões populares.

Sumário

A ação cada vez mais considerável das massas na vida política dá uma grande importância ao estudo das opiniões populares. Interpretadas por uma legião de advogados e professores que as traduzem e dissimulam sua mobilidade, incoerência e simplismo, elas continuam muito mal conhecidas. Hoje em dia, o povo soberano é tão adulado quanto foram outrora os piores déspotas. Suas paixões baixas, seus apetites ruidosos, suas mais ininteligíveis aspirações suscitam admiradores. Para os políticos servidores da plebe os fatos não existem, as realidades não têm nenhum valor e a natureza deve se curvar a todas as fantasias do número.

A alma popular __ já estudada por nós em outras obras __ tem, como principal característica, ser inteiramente dominada por elementos afetivos e místicos. Como nenhum argumento racional pode refrear nelas os impulsos criados por estes últimos, ela os obedece imediatamente.

O lado místico da alma das massas é geralmente mais desenvolvido ainda do que seu lado afetivo. Disso resulta uma

necessidade intensa de adorar qualquer coisa: deuses, fetiches, personagens ou doutrinas.

Essa necessidade se dirige hoje em dia rumo à fé socialista; religião nova cujo poder sobrenatural deve regenerar as pessoas.

O misticismo popular foi observado aliás em todas as eras. Quando ele não se manifestou nas crenças religiosas ele reinou nas concepções políticas. A história da Revolução Francesa o mostra em cada página.

O ponto mais essencial talvez da psicologia das massas é, eu repito, a impotência da razão sobre elas. As ideias capazes de influenciar as multidões não são ideias racionais, mas sentimentos expressos sob a forma de ideias.

Tais verdades deveriam ser banais há muito tempo. No entanto, o comportamento dos políticos de cultura latina mostra que eles ainda não as compreendem. Eles só se livrarão da anarquia após tê-las compreendido.

§2. Como, sob a mobilidade das opiniões populares, persiste uma certa estabilidade.

Dentre as características das opiniões populares, encontram-se duas __ a mobilidade e a estabilidade __ de aspecto contraditório.

A mobilidade parece sua lei e ela o é, com efeito. Mas, como as ondas do oceano sobre águas tranquilas, essa mobilidade da superfície esconde

elementos muito estáveis. Descobrimos isso em todas as variações que o quadro de nossa história ofereceu no último século.

Por detrás da mobilidade constante da massa, por detrás de suas fúrias, seus entusiasmos, suas violências e seus ódios geradores de tantas perturbações, persistem instintos conservadores tenazes. As massas latinas mais revolucionárias continuam muito conservadoras e muito tradicionalistas. É por isso que os regimes derrubados por elas são logo restaurados com novos nomes.

Essa dupla tendência __ revolucionária nos atos, conservadora nos sentimentos __ geralmente escapa aos líderes das massas. Mesmo que eles as conduzam, eles jamais o fazem por muito tempo num mesmo sentido.

Sobre as opiniões políticas cotidianas e sobretudo sobre os sentimentos para com as pessoas, faz-se oscilar facilmente a alma popular. Sobre sua mentalidade fundamental apenas o tempo pode agir.

Um dos exemplos que melhor mostram ao mesmo tempo a incompreensão geral da alma popular e a estabilidade escondida sob sua mobilidade, é fornecido por uma recente experiência do governo inglês. O parlamento eleito após a dissolução, não tendo obtido, a propósito da reforma da Câmara dos Lordes, uma maioria suficiente, acreditou, através de uma campanha enérgica, poder obter das massas inglesas os deputados que precisava e a

Câmara foi de novo dissolvida. Apesar da mais violenta pressão, os mesmos deputados foram renomeados. Antes da dissolução, a maioria governamental era de 124 votos. Após as novas eleições, de 126 votos. Todo o enorme esforço gerou um insignificante deslocamento de dois votos.

Não era preciso uma psicologia muito sábia para predizer esse resultado. Como supor que, já tendo agido uma primeira vez sobre a opinião popular, com todos os meios a disposição do governo, poder-se-ia, com alguns meses de diferença, obter resultados diferentes? Os ministros supunham isso sem dúvida se baseando na mobilidade das massas, mas eles se esqueceram de sua estabilidade em certas questões fundamentais. No entanto, era justamente sobre esses pontos essenciais que os eleitores deveriam se manifestar. Eles correspondiam a tendências tradicionais inflexíveis das diversas frações do povo inglês.

A alma coletiva só pode ser dirigida penetrando-a. Eu já mostrei diversas vezes a que ponto a maior parte de nossos homens de Estado ignoram esse mecanismo. A recente lei sobre as aposentadorias dos trabalhadores mais uma vez mostrou isso. Eles compreendem menos ainda a alma coletiva dos outros povos, como provam as ideias de assimilação impostas a nossas colônias.

§3. O poder da opinião popular antes da era moderna.

A ação das opiniões populares, que se tornou preponderante hoje em dia, foi igualmente exercida em diversos períodos da história. Nós nem sempre a percebemos porque a crônica das nações quase que foi, durante muito tempo, apenas a crônica dos soberanos. Todos os atos de seus reinos pareciam criações de suas vontades.

Mesmo que esquecidas pelos livros, as influências populares foram, no entanto, consideráveis. Quando, após termos terminado a história dos reis, nos ocuparmos com a história dos povos, aparecerá claramente que as massas foram as verdadeiras criadoras de acontecimentos memoráveis: Cruzadas, guerras de religião, massacre da Noite de São Bartolomeu, revogação do Édito de Nantes, restaurações monárquica e napoleônica etc. Nenhum déspota jamais teria tido o poder de ordenar a Noite de São Bartolomeu e, apesar de seu absoluto poder, Luís XIV não teria podido revogar o Édito de Nantes.

Sem querer entrar aqui em detalhes e me limitando, como exemplo, ao último dos acontecimentos que citei, destacarei que Luís XIV só o ordenou levado pela vontade geral.

Escreve justamente Faguet: “Ele não teve nada com a revogação do Édito de Nantes, essa foi uma medida de soberania nacional, foi uma medida de opressão da minoria pela maioria, foi uma medida eminentemente democrática”.

A maior parte dos acontecimentos criados pelas massas foram geralmente aqueles que desempenharam os mais funestos papeis na história. As catástrofes de origem popular foram felizmente pouco numerosas, graças à ação das elites que, muito fracas hoje em dia, conseguiram outrora, na maior parte das vezes, limitar os caprichos e as fúrias da massa.

§4. Os progressos atuais das influências coletivas na gênese das opiniões e suas consequências.

Sendo a ação crescente do poder das massas um dos fatores inevitáveis da vida moderna, é preciso saber sofrê-la. Pascal já estava resignado com isso: “Por que seguimos a pluralidade? Porque ela tem mais razão? Não, ela tem mais força”.

É unicamente pelo fato de que o poder foi conferido à massa, ou pelo menos àqueles que guiam a massa, que a massa se convenceu de que sendo tudo ela pode tudo e segue-se disso que os bajuladores desse novo poder se multiplicam a cada dia para servi-lo. Legisladores e ministros tornaram-se seus escravos.

Os políticos são muito pequenos hoje em dia diante dos rugidos populares. Os mais ponderados cedem tremendo. Eles jamais hesitarão, como se viu em Brest, em assinar manifestos em favor de um anarquista antipatriota, candidato ao parlamento, se baixos comitês eleitorais ordenarem isso a eles.

Esse servilismo foi, afinal, a lei de todas as era. Que um povo aspire à liberdade, o que ele raramente consegue, ou rume para a servidão, tendência muito mais frequente, ele sempre encontrará professores e advogados para dar uma forma intelectual a seus impulsos, por mais perigosos que eles possam ser.

As opiniões das massas ditam hoje em dia aos legisladores as leis que eles devem votar e, como essas leis correspondem a fantasias efêmeras e não a necessidades, seu resultado final é desorganizar a vida industrial, social e econômica do país. Quanto aos governantes, eles se limitam a seguir os movimentos da opinião, sentindo-se impotentes para dirigi-los e deixando assim se criarem raízes.

Constata-se isso agora diariamente. A última greve dos marítimos, que quase aniquilou o comércio com a Argélia, forneceu um muito lamentável exemplo disso.

Como a navegação é monopólio da marinha francesa, logo que uma greve explode a Argélia se vê bloqueada e suas mercadorias apodrecem em seus portos. Em 1904 as comunicações foram interrompidas desta forma por três meses; em 1907, um mês; em 1909, dois meses. Para resolver esse bloqueio bastaria interromper momentaneamente o monopólio do transporte e, desta maneira, permitir aos navios estrangeiros um

comércio pelo menos provisório entre a França e a Argélia. A fim de servir a clientela eleitoral dos marítimos, prefere-se fazer a Argélia perder milhões.

Diante dessa passividade resignada, essa obediência às suas ordens, as massas se tornam cada dia mais imperiosas. Sendo destruídos os freios que as continham, elas às vezes obrigam seus representantes a legislar desprezando qualquer critério de justiça, como faziam outrora os barões feudais.

Seria preciso entrar muito em detalhes para mostrar como são gradualmente desagregadas as ações inibidoras que moderavam outrora as fantasias e as fúrias das massas e como se chegou a este estado de revolta permanente. Esse espírito de rebelião resulta antes de tudo da noção de que basta ameaçar e, se for preciso, saquear __ como em Narbonne e em Champagne __ para ser obedecido.

Numerosos são os fatos que colocam em evidência as fases dessa lenta evolução da alma popular e que mostram que mudanças de mentalidade vieram abalar os princípios de direito secular, considerados como indestrutíveis. Eu me limitarei a citar, como exemplo, a gênese de uma lei, de aspecto inofensivo e humanitário no seu início, mas cujo resultado final foi a suspensão momentânea da vida nacional, após a greve dos ferroviários.

Desde muito tempo as companhias pagavam a seus empregados aposentadorias frequentemente superiores à dos funcionários públicos. De acordo com os números fornecidos à Câmara, enquanto os trabalhadores das minas recebem uma pensão máxima de 360 francos, os professores primários 1.000 francos, os professores do colégio 1.385 francos, as pensões dos chefes de estação e dos mecânicos podem atingir e ultrapassar 3.500 francos. O orador que forneceu estes números na tribuna acrescentou que não é a situação dos empregados das companhias que precisaria ser melhorada.

Nada de mais evidente, mas, como os ferroviários podem se tornar bons cabos eleitorais e apresentam, nos jornais que eles apoiam, violentas ameaças, os legisladores acharam muito simples usar de sua soberania absoluta para lhes dar satisfação. Eles se apressaram então em votar um enorme aumento das aposentadorias, pagas naturalmente pelos acionistas das companhias. Poucos déspotas teriam ousado empregar esse processo e declarar assim aos acionistas: lamento reduzir vossos magros dividendos para pagar pensões a uma categoria de agentes que eu necessito. Obedeça e pague.

As estradas de ferro, sendo empresas privadas, estão ligadas por contrato que somente um dos contratantes não tem o direito de quebrar. Essa verdade teria feito refletir legisladores menos cegos

pela teoria da soberania do Estado representante das massas. No entanto, só se encontrou no Senado um senador __ o Sr. Raymond Poincaré __ para mostrar o caráter odioso de uma intervenção que tinha por objetivo espoliar uma classe de cidadãos em proveito de uma outra. Diz ele: "É o Príncipe, no que ele tem de mais arbitrário. Legislamos para o futuro. O que nos pedirão para legislar amanhã, senão para o passado, pelo menos para o presente? Aonde chegaremos, senhores, eu me pergunto? Resistiremos, sem nenhuma dúvida. Mas quantos serão, quando este dia chegar, que resistirão?"

Não muitos, certamente, pois o eminente homem de Estado, após ter mostrado muito bem os temíveis perigos do projeto do governo, nem por isso votou contra ele, contribuindo assim para violar princípios de direito fundamentais.

Encorajados pelo sucesso de suas ameaças, os empregados das estradas de ferro exigiram imediatamente aumentos de salários consideráveis. As companhias tentaram resistir e isso resultou finalmente na desastrosa greve dos ferroviários que desorganizou toda nossa rede.

Isso, aliás, foi apenas um começo. Os trabalhadores, aos quais se propõe pensões de duzentos ou trezentos francos, não se contentam mais com isso, após terem constatado que, através de violências, seus colegas das estradas de ferro obtiveram dois ou

três mil. Após os votos do Senado, as demandas de aposentadorias proporcionais começaram naturalmente a chover. Trabalhadores das estradas, trabalhadores dos arsenais, das minas, do tabaco, reclamaram energicamente. Mas tudo isso é o futuro, um temível futuro, que somente as preocupações eleitorais podem impedir de perceber. Que sinistra cegueira!

Viu-se, através da revolta de várias classes de um departamento, revolta acompanhada de pilhagem e de incêndios, os progressos da violência das classes populares, quando se recusa a obedecê-las instantaneamente.

O objeto perseguido se desenha cada dia mais nitidamente. Ele consiste em tratar de espoliar aqueles que possuem. Esse ideal, constantemente pregado pelos líderes, está no fundo de todas as reivindicações.

Enquanto isso os legisladores sancionam servilmente as medidas que a massa exige. Eles perderam o sentido das possibilidades e das realidades. As mais duras experiências não os esclarecem. Eles imaginam marchar desta forma rumo ao progresso e à liberdade, enquanto seus votos nos guiam rumo à servidão, à decadência e a todos os despotismos que se seguem a ela.

§5. Influência das coletividades na estabilização de certos elementos sociais.

O papel destruidor das opiniões das massas é apenas uma das faces de sua ação. Sob a mobilidade popular aparente existe __ nós já o dissemos __ um espírito conservador muito difícil de destruir. Graças a ele as massas retornam facilmente ao passado.

O lado conservador da alma popular é observado sobretudo nos grupos sociais: classes, congressos, corporações, sindicatos etc.

A ação desses grupos homogêneos é geralmente muito diferente da ação das massas heterogêneas, com as quais nos ocupamos acima. Nem destrutiva nem criativa, ela estabiliza, em razão da autoridade do número, opiniões novas criadas por elites e fixa assim, por algum tempo, certos elementos importantes das civilizações: línguas, artes, modas, crenças, até mesmo teorias científicas.

A ação individual é certamente capital e a genialidade, sua mais bela floração, é sempre pessoal. No entanto, suas criações só podem se espalhar plenamente após terem se tornado coletivas. Sem os estudiosos solitários jamais teria havido civilização nem progresso. Mas a obra individual só adquire toda sua potência após sua absorção pela alma coletiva.

***

CAPÍTULO III

A dissolução da alma individual na alma coletiva.

§1. A desagregação atual das grandes coletividades em pequenos agrupamentos.

Sumário

Após ter se desligado penosamente __ através de um lento trabalho secular __ da coletividade, a alma individual tende a retornar a ela atualmente, sob uma forma imprevista, muito diferente daquela imaginada por alguns teóricos políticos que sonham com um nivelamento geral das condições e das fortunas sob a direção do Estado.

Ao lado das teorias socialistas __ e brevemente contra elas __ se desenvolvem pequenos grupos nitidamente separados uns dos outros por suas opiniões e seus interesses. Essa desagregação de uma sociedade em fragmentos, sem laços comuns, constitui o que se chamou de movimento sindicalista.

Longe de ser, como o socialismo, a obra de teóricos puros, estranhos às realidades, ele representa uma criação espontânea surgida de necessidades econômicas que se impõem em toda parte, como prova sua generalização, sob formas diversas, em povos com mentalidades distintas. A única diferença é que o sindicalismo, revolucionário em alguns países, permanece pacífico em outros.

A evolução industrial que gerou esse movimento leva as grandes pátrias modernas a se subdividirem em pequenas pátrias que só respeitam suas próprias leis e desprezam as leis da coletividade geral que as contém.

A união provisória desses diversos grupos, apesar dos interesses distintos, os dotou de uma força suficientemente poderosa para geralmente fazer prevalecerem suas vontades.

Os resultados dessa força qualquer um constata facilmente. Mas o que é bem menos percebido, de forma geral, é que a união momentânea de todos esses grupos não pode durar. Assim que o antigo bloco social for inteiramente dissolvido em pequenos fragmentos solidamente constituídos, suas divergências de interesses os levarão fatalmente a lutas incessantes. Se cada grupo for, com efeito, composto de elementos homogêneos, com interesses e opiniões idênticos, ele se vê em conflito com outros grupos, igualmente poderosos, mas com interesses nitidamente opostos.

Pode-se desde já pressentir essas futuras lutas entre interesses contrários, através das histórias das antigas repúblicas italianas; particularmente as de Sienna e de Florença. Governadas por sindicatos obreiros, suas dissensões intestinas ensanguentaram durante séculos todas as cidades onde eles foram os senhores.

Não objetemos dizendo que se trata de tempos muito antigos. As leis sociais não são numerosas e se repetem sempre.

As lutas entre grupos só começaram. Isso porque o poder central, poderoso ainda, refreia suas rivalidades. Mas esse poder perde cada vez mais sua ação. Assim que ele a perder totalmente, ver-se-á os conflitos dos agrupamentos coletivos se manifestarem. Inicialmente contra ele; como em Narbonne. Depois entre eles __ como em Champagne __ onde os sindicatos rivais de dois departamentos, com interesses contrários, se combateram asperamente.

Pilhagens, incêndios, massacres, serão então, como sempre foram, as manifestações inevitáveis das cóleras populares diante da menor resistência às suas vontades, quando nenhum freio as contiver mais.

Nós não nos afastamos tanto assim do problema da gênese das opiniões e das crenças, como a precedente exposição poderia fazer crer. Como compreender a unidade de opiniões de um grupo sem ter determinado inicialmente sob quais influências elas se formaram?

Nos capítulos dedicados ao estudo das opiniões individuais, nós tivemos dificuldade em precisar, dentre os fatores que podem agir, aqueles que desempenham um papel preponderante. Nada é mais fácil, pelo contrário, com relação aos grupos bem

homogêneos e bem circunscritos, como aqueles cuja formação indicamos.

Eles são compostos por indivíduos que não possuem outras opiniões além daquelas de seu pequeno meio. Para conservar sua força o grupo é obrigado a não tolerar nenhuma dissidência. Através da opinião de um de seus membros conhece-se a de todos os outros.

O problema da gênese das opiniões e das crenças se simplificará consideravelmente quando só for tolerada a opinião do grupo no qual se estiver confinado. A independência das ideias tornar-se-á então cada vez mais impossível.

Que as sociedades futuras caiam sob o jugo do socialismo, do sindicalismo ou dos déspotas gerados pelas anarquias nascidas dessas doutrinas, elas não serão menos mentalmente escravizadas.

§2. Como a alma individual saiu da alma coletiva e como ela retorna a ela.

A evolução moderna, como acabamos de ver, tende a desagregar as sociedades em pequenos grupos distintos que possuem sentimentos, ideias e opiniões idênticos, ou seja, uma alma comum. É inútil discutir o valor dessa evolução; as razões não mudam as coisas.

Mas, sem julgar os fatos, pode-se pelo menos buscar interpretá-los. Porém, é fácil mostrar que essa fusão das almas

individuais em almas coletivas constitui um retorno a fases extremamente distantes da história, observadas ainda em povos primitivos inferiores.

Esses povos primitivos são sempre compostos por pequenos grupos chamados tribos, momentaneamente aliados, frequentemente em guerra. O papel do indivíduo neles se mostra muito fraco, porque a alma individual ainda não se desligou. Eles só possuem uma alma coletiva e, por isso, todos os membros de uma mesma tribo são considerados como responsáveis pelos atos de um só.

O conhecimento dessa noção característica é indispensável para compreender o direito usual de todos os primitivos, ou até mesmo de semicivilizados; os anamitas[12] por exemplo. Um administrador da Indochina, o Sr. Paul Giran, destacou justamente que o direito coletivo desse país parece incompreensível aos magistrados europeus que para lá são enviados. Para estes, parece de uma indiscutível evidência que apenas o autor de um delito é responsável por ele. A ideia de que uma pessoa estranha ao crime possa, por causa desse crime, sofrer uma pena qualquer, lhes parece monstruosa.

No entanto, ela não é para o anamita. Em numerosos casos os parentes que pertencem ao grupo familiar do culpado são

[12] Povo do atual Vietnã, ex-colônia francesa. (Nota do tradutor)

executados. E por quê? Pela razão psicológica indicada acima: não sendo diferenciados os elementos de cada grupo social, eles são considerados como possuindo apenas uma alma coletiva. Esse princípio é geral, pois ele rege o comunismo político, religioso ou social de todos os povos em seus inícios.

Como o direito primitivo não distingue a personalidade individual, ainda não diferenciada de seu grupo, ele pune o grupo todo, ou um fragmento qualquer desse grupo. Como os códigos, que traduzem apenas o costume, poderiam decidir de outra forma?

O condenado não protesta, de maneira alguma, aliás, contra tal direito. Direito iníquo para o civilizado, mas justo para a pessoa impregnada do sentimento muito nítido de sua estreita solidariedade para com o grupo do qual ele se acredita inseparável.

Até mesmo os europeus recorrem a esse direito primitivo em tempos de guerra, quando fuzilam os reféns se apoiando no princípio da responsabilidade coletiva. Eles parecem destinados a retornar a ele de uma maneira mais generalizada ainda, se as sociedades continuarem a se desagregar em grupos, como aqueles estudados acima.

A não diferenciação psicológica dos diversos membros de uma tribo entre os primitivos é acompanhada também por uma não diferenciação anatômica. Eu provei, há um tempo atrás,

através de pesquisas feitas com milhares de crânios, que a homogeneidade anatômica de um povo é tanto maior quanto mais se remonta rumo a suas origens e, na medida em que ele progride, os crânios de seus diversos membros se diferenciam mais. Este fato se aproxima das observações feitas por viajantes, que mostram que todos os membros de uma tribo selvagem se parecem espantosamente e que até mesmo os gêneros são pouco distintos.

Os povos civilizados possuem igualmente a alma coletiva dos primitivos. Mas as almas individuais limitam sua influência. A primeira constitui o que chamamos de alma do povo. Ela se manifesta sobretudo nas grandes circunstâncias que interessam ao destino do povo inteiro. A alma individual se manifesta, pelo contrário, nas menores circunstâncias habituais da vida cotidiana. Essa superposição das almas individuais pela alma coletiva é, eu já disse isso, um fenômeno análogo aquele observado em todos os seres cujas espécies possuem, com as características gerais do gênero ao qual pertencem, aquelas especiais a cada espécie.

Não se pesquisará aqui ao preço de quais esforços seculares a alma individual se desligou lentamente da alma coletiva, onde o interesse social tendia a mantê-la, através da ação poderosa das crenças religiosas, do meio, dos costumes, das tradições e das leis.

Expor essa sucessão de esforços seria refazer a história. Um estudo tal nos ensinaria que, ao longo do tempo, o número de pessoas que conseguiu se livrar do peso enorme da alma coletiva sempre foi muito pequeno. Ele nos mostraria também que a humanidade lhes deve todos os progressos realizados durante seu lento desenvolvimento. Ele nos diria, enfim, que as sociedades que viveram por causa delas sempre se voltaram, no entanto, contra elas. Se elas foram toleradas algumas vezes, nos períodos de transição, isso jamais aconteceu por muito tempo. Os movimentos socialistas e sindicalistas atuais representam novas fases da perpétua tentativa das sociedades para unificar as pessoas e mantê-las com as mesmas opiniões, as mesmas crenças e o mesmo comportamento.

O mais importante dos fatos expostos neste capítulo é o começo da desagregação das sociedades atuais em pequenos grupos independentes, reciprocamente hostis, que buscam se isolar cada vez mais e eliminar, assim, a unidade das nações. A alma individual, que havia levado séculos para se desligar um pouco da alma coletiva, retorna a ela atualmente.

Assistimos então ao fenômeno singular de povos civilizados tendendo a retornar para uma mentalidade inferior, que foi aquela das primeiras eras. As lutas do futuro acontecerão menos entre

povos diferentes do que entre os grupos constituídos no seio de cada um deles.

A dissolução da alma individual na alma coletiva de um grupo é, sem dúvida, uma força para esse grupo, mas ela não constitui, certamente, um progresso, nem para a sociedade nem para os indivíduos. Só se torna uma personalidade poderosa evadindo-se da alma coletiva.

***

LIVRO VII

A propagação das opiniões e das crenças.

CAPÍTULO I

A afirmação, a repetição, o exemplo e o prestígio.

§1. A afirmação e a repetição.

Sumário

Tendo os papéis dos fatores enumerados neste capítulo já sido estudados em várias de minhas obras, eu me limitarei aqui a resumir brevemente sua ação.

A afirmação e a repetição são agentes muito poderosos de criação e de propagação de opiniões. A educação é em parte baseada neles. Os políticos e os líderes de toda natureza fazem uso deles cotidianamente. Afirmar e depois repetir representam mesmo o fundamento principal de seus discursos.

A afirmação não precisa se apoiar em uma prova racional qualquer; ela deve somente ser breve, enérgica e impressionante. Pode-se considerar como típico destas três qualidades o seguinte manifesto, reproduzido recentemente em vários jornais:

Quem produz o trigo, ou seja, o pão, para todos? O camponês! Quem nos traz a aveia, a cevada, todos os

cereais? O camponês! Quem cria o gado para produzir a carne? O camponês! Quem cria a ovelha para produzir a lã? O camponês! Quem produz o vinho, a cidra etc.? O camponês! Quem alimenta a caça? O camponês!

E, no entanto, quem come o melhor pão, a melhor carne? Quem usa as melhores roupas? Quem bebe bordô e champanhe? Quem se aproveita da caça? O burguês!

Quem se diverte e descansa a vontade? Quem goza de todos os prazeres? Quem faz viagens de negócios? Quem se coloca à sombra no verão e ao lado de um bom fogo no inverno? O burguês!

Quem se alimenta mal? Quem bebe vinho raramente? Quem trabalha sem parar? Quem se queima no verão e congela no inverno? Quem só tem misérias e dores? O camponês!

Suficientemente repetida, a afirmação acaba por criar inicialmente uma opinião e, mais tarde, uma crença.

A repetição é o complemento necessário da afirmação. Repetir frequentemente uma palavra, uma ideia, uma fórmula, é transformá-las fatalmente em crença. Do fundador de uma religião ao comerciante de novidades, fazem uso da repetição todas as pessoas que se proponham a persuadir outras.

Seu poder é tal que se acaba por acreditar nas palavras repetidas e por aceitar as opiniões que habitualmente são expressas. Convencido pelo Senado a tomar medidas para a defesa da República, o grande Pompeu não parava de repetir que César não atacaria Roma e, lembra Montesquieu, “porque ele havia dito tantas vezes, ele repetia sempre”. A convicção formada em seu espírito pelas repetições o impediu de recorrer aos meios que lhe teriam permitido proteger Roma e conservar sua cabeça, ao menos por algum tempo.

A história política é plena de convicções formadas através de repetições. Antes de 1870 nossos generais e nossos homens de Estado não paravam de repetir que os exércitos alemães eram muito inferiores aos nossos. De tanto repetirem isso eles acabaram acreditando. Sabe-se o que isso nos custou.

Quando os políticos adotam opiniões, simplesmente porque elas lhes são úteis, eles acabam por defendê-las tanto e a um ponto tal que se torna difícil se livrarem delas, quando isso se torna o mais adequado. O hábito de louvar a virtude talvez tivesse acabado por tornar Tartufo um homem virtuoso.

As convicções fortes podem assim surgir de convicções fracas ou até mesmo simuladas. “Faças tudo como se acreditasses. Isso vos fará acreditar.” Dizia Pascal.

O papel da afirmação e da repetição na formação das opiniões e das crenças não poderia ser exagerado. Ele está na base de sua existência. Se os resultados obtidos por nossos oradores políticos atuais são, às vezes, bem medíocres, é porque lhes falta um elemento cuja força mostraremos mais adiante: o prestígio.

Escreve um ex-deputado, o Sr. Gérard Varet:

> *A eloquência parlamentar não é uma revisão de provas, como no Fórum; nem uma dissertação, como na Sorbonne. A massa repugna visceralmente o esforço da reflexão e o cuidado de demonstrar e provar: ela quer a afirmação contundente, o dogma imperativo e decisivo. E este dogma ela o quer no sentido de seus desejos. Ela é surda às críticas, ávida de bajulações, embriagada pelo sentimento de sua irresponsabilidade. O orador que a conhece vai direto a ela, aos sentimentos elementares, aos instintos primitivos: orgulho, cólera, inveja, esperança. Ele cria as misérias imerecidas, as iniquidades, as reparações; invoca as ambições messiânicas e os sonhos paradisíacos. Uma arenga de tribunos é uma torrente de lirismo, é uma imprecação ou um hino.*

§2. O exemplo.

O exemplo é uma forma poderosa de sugestão, mas, para agir realmente, ele deve ser impressionante. Na educação, um único exemplo impactante é mais eficaz do que fracos exemplos multiplicados ao longo do tempo.

Eu tive oportunidade de verificar este princípio, adestrando cavalos difíceis. Uma impressão forte, embora única, como uma aplicação muito dolorosa da espora, age muito mais rapidamente do que pequenas ações repetidas constantemente.

Essa influência dos exemplos que impressionam vivamente a imaginação se manifestou nitidamente nas últimas grandes manobras militares de 1910.

Os aeroplanos repetiram nelas suas operações habituais, sem outro exercício novo além de um ponto de comunicação. Mas esse exemplo da suposta utilidade do aeroplano em tempos de guerra determinou em seguida ao governo a criação solene de um corpo de aviadores e o ministro da guerra declarou que a aviação constituía uma nova arma a ser acrescentada às outras três: infantaria, artilharia e cavalaria.

Em política, a sugestão do exemplo na formação e na propagação das opiniões é decisiva. O sucesso de alguns candidatos socialistas levou uma massa de jovens professores

rumo às piores formas da doutrina. O Sr. Bourdeau mostrou muito bem isso nas seguintes linhas:

> *Enquanto na Alemanha a juventude universitária, a juventude burguesa, inteligente e letrada, outrora atirada nos braços do socialismo, se distancia dele hoje em dia e retorna aos sentimentos de patriotismo exclusivo e exaltado, de tal maneira que a socialdemocracia alemã não faz mais, por assim dizer, recrutas nela; na França, pelo contrário, é moda entre os estudantes se tornarem coletivistas e internacionalistas. O exemplo vem de cima, dos adjuntos de filosofia, dos normalistas. A Escola Normal se transformou em um canteiro do socialismo.*

§3. O prestígio.

Os tratados de lógica descrevem minuciosamente os diversos elementos de formação de um julgamento. Eles se esquecem, no entanto, do contágio e do prestígio. Porém, eles são precisamente aqueles que determinam a imensa maioria de nossas opiniões.

Devendo dedicar um capítulo ao contágio mental, eu só estudarei agora o prestígio. Este estudo será sumário, já que tratei do assunto em outros livros.

Sem dúvida, nos ensinam no colégio que o princípio da autoridade, parte fundamental do prestígio, foi substituído pela experiência e a observação. Mas a falsidade de uma afirmação tal é fácil de demonstrar.

Mesmo deixando de lado as opiniões religiosas, políticas e morais __ onde a argumentação racional pouco intervém __ para só levar em conta as opiniões científicas, constata-se que elas têm, geralmente, como única base, a autoridade daquele que a enuncia e se propagam por simples contágio.

Não poderia ser, aliás, de outra maneira. Sendo a maior parte das experiências e observações científicas muito complicadas para serem repetidas, é forçoso acreditar na palavra do cientista que as enuncia. A autoridade do mestre é soberana hoje em dia, bem como no tempo onde reinava Aristóteles.

Ela se torna mesmo cada vez mais onipotente, na mediada em que ciência se especializa cada vez mais.

Tendo a generalidade das opiniões que a educação nos inculca unicamente a autoridade como base, nós nos habituamos facilmente a admitir, sem dificuldade, uma opinião defendida por um personagem aureolado pelo prestígio.

Nos assuntos técnicos de nossa profissão, somos capazes de julgamentos muito precisos. Para tudo o mais, tentamos nem mesmo raciocinar, preferindo admitir, de olhos fechados, as

opiniões que um personagem ou um grupo dotado de prestígio nos impõe.

De fato, o destino __ quer seja de um homem de Estado, de um patrão, de um escritor ou de um cientista __ depende sobretudo da quantidade de prestígio que se possua e, por consequência, do grau de sugestão inconsciente que se pode criar. É o domínio mental que uma pessoa exerce que determina seu sucesso. O perfeito imbecil vence, no entanto, algumas vezes, pois, não tendo consciência de sua imbecilidade, ele não hesita jamais em afirmar com autoridade, já que a afirmação enérgica e repetida possui prestígio. O mais vulgar dos camelôs, afirmando fortemente a superioridade imaginária de um produto, exerce prestígio sobre a massa que o rodeia.

Retornando a este assunto na parte desta obra dedicada ao estudo experimental das crenças, mostraremos exemplos impressionantes de que, mesmo entre cientistas ilustres, o prestígio é geralmente um dos fatores mais certos de uma convicção. Para as mentes comuns, ele o é sempre.

Criador de opiniões e senhor das vontades, o prestígio é uma potência moral superior às potências materiais. As sociedades são baseadas muito mais sobre ele do que sobre a força. Vindo quase sozinho da Ilha de Elba, Napoleão, graças a seu prestígio, reconquistou a França em alguns dias. Diante de sua auréola, os

canhões do rei permaneceram silenciosos e seus exércitos evaporaram.

Essa influência foi tão colossal que ela aconteceu até mesmo sobre seus inimigos. Marie-Caroline, filha de Marie-Thérèse e mulher de um Bourbon, que deveria execrar esse inimigo temível para ela, o admirava como a um deus. Eis o que ela escreveu em uma carta:

> *É o maior homem que os séculos já produziram. Sua força, sua energia, sua perseverança, sua atividade, seu talento, conquistaram minha admiração. Feliz o país que possua um soberano assim! Nele, tudo é grande... Eu desejaria a queda da República, mas a preservação de Bonaparte... Se ele morresse, dever-se-ia reduzi-lo a pó e dar uma dose a cada soberano e duas a cada um de seus ministros!*

A parte do prestígio no poder dos soberanos sempre foi imensa. “Seria preciso ser muito racionalista para não olhar como se fosse uma outra pessoa o grande senhor, rodeado, em seu suntuoso palácio, por quarenta mil soldados de elite...”, diz justamente Pascal.

Mesmo em nossa era de nivelamento democrático, o prestígio conservou sua força e os reis modernos agem sabiamente deixando-o aflorar.

Escreveu o correspondente de um importante jornal, o Sr. Nozière:

> *Todos que assistiram aos funerais do rei da Inglaterra ficaram impressionados com o impacto causado na massa pelo imperador da Alemanha. Ele avançou por entre os soberanos e impôs sua presença a todos. Guilherme tem o sentimento de ser sobre a terra o cavaleiro de Deus. Quando ele exprime esta ideia não se pode deixar de sorrir. Mas esta convicção dá a ele uma majestade singular que surpreende a massa. É atualmente o monarca mais dramático.*

A necessidade que as massas têm de adoração as tornam rapidamente escravas dos indivíduos que possuem prestígio para elas. Elas adoram freneticamente todos os seus dominadores.

Jamais é bajulando-as que se pode conservar seu prestígio. Elas procuram bajuladores, mas logo os desprezam. Por muito tempo ainda se verificará o antigo adágio:

Maltrate o vilão, ele vos glorificará. Glorifique o vilão, ele vos maltratará.

Toda a disciplina militar é baseada no prestígio do comandante. Uma ignorância desconcertante da psicologia das massas fez esse princípio ser esquecido completamente hoje em dia. É recomendável aos oficiais que não tentem se comportar

como irmãos mais velhos dos soldados, querendo obter obediência através de argumentos racionais. O inferior aceita de boa vontade essas teorias, mas despreza fortemente os comandantes que as praticam e estes perdem gradualmente toda autoridade. O que acontecerá com as forças armadas quando eles a tiverem perdido completamente?

A anarquia atual é resultante em parte do fato de que a apatia das classes dirigentes retirou delas todo prestígio. Os reis, os povos, os indivíduos, as instituições, todos os elementos da vida social enfim, estão condenados a perecer assim que eles perdem o prestígio.

Pode-se resumir facilmente em algumas linhas a ação dos diversos fatores de propagação das opiniões e das crenças enumerados neste capítulo. Sem o prestígio, nenhuma delas poderia nascer; sem a afirmação, nenhuma poderia se impor; sem o exemplo e a repetição, nenhuma poderia subsistir.

***

CAPÍTULO II

O contágio mental.

§1. As formas de contágio mental.

Sumário

O contágio mental constitui um fenômeno psicológico cujo resultado é a aceitação involuntária de certas opiniões e crenças.

Sendo sua origem inconsciente, ele acontece sem que nenhuma argumentação racional ou reflexão participe. É observado em todos os seres, do animal ao ser humano, principalmente quando eles estão em massa.

Sua ação é imensa e domina a história.

O contágio mental representa, com efeito, o elemento essencial da propagação das opiniões e das crenças. Sua força é, em geral, suficientemente grande para fazer com que o indivíduo aja contra seus interesses mais evidentes. As histórias inumeráveis de martírios, de suicídios etc. determinados pelo contágio mental, fornecem as provas deste fenômeno.

Todas as manifestações da vida psíquica podem ser contagiosas, mas são, em particular, as emoções que se propagam desta maneira. As ideias contagiosas são sínteses de elementos afetivos.

Na vida cotidiana, o contágio pode ser limitado pela ação inibidora da vontade. Mas, se uma causa qualquer __mudança

violenta do meio em tempo de revolução, excitações populares etc. __ vier a paralisá-la, o contágio exercerá facilmente sua influência e poderá transformar seres pacíficos em guerreiros ousados e plácidos burgueses em selvagens sectários. Sob sua influência, os mesmos indivíduos passarão de um partido a outro e despenderão tanta energia em reprimir uma revolução quanto em fomentá-la.

O contágio mental não acontece somente pelo contato direto dos indivíduos. Os livros, os jornais, as notícias telegráficas, até mesmo simples rumores, podem produzi-lo.

Quanto mais os meios de comunicação se multiplicam mais as vontades se interpenetram e se contagiam. Estamos ligados cada vez mais a cada dia àqueles que nos rodeiam. A mentalidade individual assume facilmente uma forma coletiva.

De todas as variedades de contágio mental que nos atingem, um dos mais poderosos é, eu já mostrei isso, o contágio do grupo social do qual fazemos parte. Nenhuma vontade tenta se livrar dele. Ele dita mesmo a maioria de nossas opiniões e de nossos julgamentos, sem que nos apercebamos disso.

§2. Exemplos diversos de contágio mental.

Os sentimentos, bons ou maus, são contagiosos e é por isso que o papel das companhias é tão importante na educação. “Diga-

me com quem andas que te direi quem és", é um provérbio muito correto.

O contágio mental está na formação de uma massa de jovens criminosos, expulsos das fábricas por leis pretensamente humanitárias. Sem outra ocupação além de perambular pelas ruas, eles estabelecem relações com camaradas que roubam objetos das estalagens e logo os imitam. A importância desses roubos aumenta gradualmente e associações são formadas para imitar bandos célebres. O vagabundo eventual logo se torna um ladrão profissional, cuja vida será desperdiçada de prisão em prisão. Ele aceitará facilmente seu destino se nenhuma ação inibidora vier a limitar os efeitos do contágio. Os magistrados são, com efeito, cheios de indulgência para com todos os criminosos e bons filantropos, um pouco imbecis, mandam construir elegantes prisões para eles, bem aquecidas e providas de todo conforto moderno.

O contágio criminoso acontece muito frequentemente também através das narrativas de assassinatos sensacionais divulgados pelos jornais. O célebre Jack Estripador teve numerosos imitadores em várias cidades da Inglaterra.

Os fatos que demonstram o contágio mental são tão conhecidos que pareceria inútil insistir nisso. Mas a famosa medida decidida pelo conselho de ministros de introduzir os

vagabundos no exército, prova a que ponto os governantes o ignoram. O mais modesto dos psicólogos teria ensinado a esses medíocres homens de Estado o quanto essa medida seria desastrosa e que logo seria preciso desistir disso. Foi o que aconteceu de fato.

Das diversas emoções, a mais contagiosa talvez seja o medo. Conhece-se seu papel na vida dos indivíduos e dos povos. Se ele não foi suficiente para criar os deuses, como sustentava Lucrécio, sua influência foi clara em sua gênese.

Tão poderoso quanto no início da história, ele cria os pânicos que fazem as batalhas serem perdidas e pode até mesmo levar suas vítimas ao suicídio. O terror do último cometa que deveria, dizia-se, chocar-se com a terra, levou várias pessoas a se matar.

Ele não dirige somente os indivíduos e as massas, mas também os políticos que os guiam. Em meu **Psychologie Politique**, eu mostrei que o medo foi a origem de um grande número de leis votadas nos últimos vinte anos e cujos funestos efeitos se desenrolam a cada dia.

Pode-se dizer que em tempos conturbados o fantasma do medo reina soberanamente sobre as assembleias políticas e determina suas opiniões e seus votos. Ele provocou as mais ferozes medidas da Convenção. Era sob os chifres do medo que

Carrier mandava matar suas vítimas em pavorosos suplícios e que Fouquier-Tinville as enviava às centenas ao cadafalso.

A maioria das emoções é tão contagiosa quanto o medo. Os verdadeiros oradores o sabem bem. O voto da Câmara que derrubou o ministério de Clémenceau em alguns minutos foi, eu já mencionei isso, o resultado de uma emoção contagiosa que um orador da oposição soube provocar.

As expressões, gestos e movimentos da fisionomia que traduzem os sentimentos __ cólera, benevolência, maldade, alegria etc. __ são igualmente contagiosos. É sábio, quando se solicita um favor, apresentar um rosto sorridente, em vez de um ar contrariado. Tem-se assim a chance de dispor da benevolência, por contágio, daquele que vos ouve.

§3. O poder do contágio mental.

O contágio mental é um fenômeno absolutamente geral, observável tanto entre os animais quanto no ser humano. Um cavalo adquire uma mania em uma estrebaria, logo todos os outros o adquirem também. Se um dos cães de uma matilha uiva, os outros o imitam em seguida. Quando uma ovelha foge, todas as ovelhas a seguem.

O contágio mental pode ser suficientemente forte, eu já disse isso, para levar vantagem sobre o instinto de conservação e

levar o indivíduo a sacrificar sua vida. Repete-se frequentemente a história dos quinze inválidos que se enforcaram no mesmo gancho de um corredor e a dos soldados que se suicidaram na mesma guarita.

Fatos deste gênero são inumeráveis. Eu tomo emprestado alguns deles do Dr. Nass:

> *Se um suicídio sensacional é contado pela imprensa em todos os seus detalhes, logo ele será repetido, em detalhes, por alguns desequilibrados. No dia seguinte ao caso Syveton notou-se várias asfixias voluntárias por gás.*
>
> *... Foi sobretudo na Rússia, país de misticismo, que as epidemias de auto-homicídios causaram imensas devastações... No tempo das perseguições religiosas, os profetas pregavam o suicídio pelo fogo. De uma só vez 600 pessoas pereceram nas chamas. Um historiador das religiões russas estima em 20.000 o número das vítimas de 1675 a 1691. O Sr. Stohoukine cita um caso em que uma fogueira devorou 2.500 indivíduos, que se sacrificaram com a esperança de um mundo melhor.*

Exemplos de mesma ordem continuam em nossos dias. É pelo contágio mental que se propagam na Rússia os Skopsy[13], que

[13] Skopsy. Seita cristã fundada na Rússia em 1774 pelo Sr. Selivanov, numa prolongação de uma outra seita mais antiga fundada em fins do século 17

se submetem a uma castração voluntária e uma outra seita em que os membros se fazem enterrar vivos.

O contágio mental é suficientemente poderoso para criar na mente uma representação qualquer. Ela assumirá então facilmente a aparência de uma doença que, em longo prazo, poderá se tornar uma doença real. Um cientista cirurgião hospitalar, o Dr. Picqué, relatou recentemente que, após um caso de morte por apendicite, 15 oficiais em 25, que compunham um destacamento, adoeceram, apresentando todos os sintomas clássicos de apendicite. Foram curados através de sugestão.

§4. Influências do contágio na propagação das crenças religiosas e políticas.

As reflexões precedentes mostram facilmente o papel do contágio mental na propagação das opiniões e das crenças.

De uma maneira geral e sem que se tenha que citar muitas exceções, as crenças religiosas e políticas se difundem sobretudo por via do contágio, particularmente nas massas. Ele acontece um tanto mais energicamente quanto mais numerosa for a massa. Uma crença fraca será muito rapidamente reforçada pela reunião dos indivíduos que a partilham.

chamada Seita do Flagelador. Esta seita se caracterizava pela autoflagelação de seus membros, inclusive com a autocastração, de onde advinha seu outro nome: a Seita do Castrado. (Nota do tradutor)

Graças ao poder do contágio, o valor racional da crença propagada é sem importância. O contágio acontece através do inconsciente e, por isso, a razão não toma nenhuma parte nele.

Da massa, ela geralmente se ergue até aqueles colocados acima dela. Não se pode portanto se espantar que as crenças mais absurdas e as mais funestas possam encontrar defensores entre as pessoas esclarecidas. Numerosos são os exemplos análogos àquele do mestre das requisições ao Conselho de Estado que defendia as greves dos funcionários públicos no momento em que a greve dos carteiros ameaçava a França de um desastre.

Por via do contágio, burgueses, letrados, professores etc. sempre acabam por sofrer, mais ou menos, a influência das opiniões populares. O contágio mental pode, portanto, escravizar todas as inteligências. Como acontece no contágio pelos micróbios, ele só não se espalha por entre as naturezas muito resistentes e pouco numerosas.

Os grandes movimentos da história sempre foram o resultado do contágio mental. Sua ação nunca foi tão intensa quanto em nossa época. Primeiramente porque, com o progresso das ideias democráticas, o poder cai cada vez mais nas mãos das massas. Depois porque a difusão rápida dos meios de comunicação permite aos movimentos populares se espalharem quase instantaneamente. Sabe-se com que rapidez se propagaram

as greves dos carteiros e dos ferroviários e as revoluções da Rússia, da Turquia e de Portugal.

Os governos enfraquecidos são impotentes contra o contágio. Não apenas eles adquiriram o hábito de ceder a todas as exigências populares mas também essas exigências são imediatamente apoiadas por legiões de intelectuais que o contágio mental, reforçando os impulsos de seus interesses, leva a considerar como justas as mais iníquas reivindicações. As fantasias extravagantes das multidões tornam-se para eles tão respeitáveis quanto eram outrora, para os cortesões das monarquias absolutas, as vontades de seu senhor.

As opiniões propagadas pelo contágio só são destruídas por opiniões contrárias propagadas da mesma maneira. Aplicadas por homens de Estado, essa regra de psicologia lhes permitiria, graças aos meios que eles dispõem, combater o contágio através do contágio.

Como este último ponto nos afasta um pouco de nosso objetivo, não insistiremos mais nele aqui. Se este capítulo foi bem compreendido, o leitor possui uma das chaves principais do mecanismo da propagação das opiniões e das crenças, ou seja, dos fatores fundamentais da história.

***

CAPÍTULO III

A moda.

§1. Influência da moda em todos os elementos da vida social.

Sumário

As variações da sensibilidade sob a influência das modificações do meio, das necessidades, das preocupações etc. criam um espírito público que varia de uma geração para outra e até mesmo várias vezes no intervalo de uma geração. Esse espírito público, rapidamente estendido através do contágio mental, determina o que se chama moda. Ele é um poderoso fator de propagação da maior parte dos elementos da vida social, de nossas opiniões e de nossas crenças.

Não somente o costume é submetido às suas vontades. O teatro, a literatura, a política, as artes, até mesmo as ideias científicas obedecem a ele e é por isso que certas obras têm um fundo de semelhança que permite falar do estilo de uma época.

Em razão de sua ação inconsciente, sofremos a ação da moda sem nem mesmo perceber. As mentes mais independentes pouco se livram dela. São bem raros os artistas e os escritores que ousam produzir uma obra muito distante das ideias do dia.

Sua influência é tão poderosa que ela nos obriga às vezes a admirar coisas sem interesse e que até mesmo parecerão, alguns

anos mais tarde, de um extremo mau gosto. O que nos impressiona em uma obra de arte, muito raramente é a obra em si mesma, mas a ideia que os outros fazem dela e é por isso que seu valor comercial sofre enormes mudanças.

Vemos frequentemente a moda impor inacreditáveis coisas e se manifestar em coisas tão abstratas __ e, aliás, muito ilusórias __ quanto a criação de uma língua, a reforma da ortografia etc.

Quando o volapük[14] apareceu, por volta de 1880, a moda fez dele um sucesso tal que em menos de dez anos existiam 280 clubes e 25 jornais volapuquistas. Somente em Paris contava-se com 14 cursos de volapük. As grandes lojas os organizavam para seus funcionários.

Depois a moda mudou. E mudou tão bruscamente que talvez não se encontre hoje em dia uma só pessoa que conheça o volapük. Ele foi substituído pelo esperanto que, após um sucesso semelhante, começa a ceder espaço para uma outra língua: o ido. Essas criações continuarão, sem dúvida, até o dia em que se descobrir que a formação de uma língua é obra coletiva muito lenta e que jamais é uma improvisação pessoal.

As variações da moda acontecem sobre todos os assuntos e como nossa sensibilidade se modifica sem parar, sob influências

[14] Língua artificial criada por Johann Martin Schleyer, em Baden, Alemanha, em 1880. (Nota do tradutor)

diversas, pode-se dizer que nossa maneira de pensar __ e, sobretudo, traduzir nossas impressões __ se modifica rapidamente.

Há uma distância, por exemplo, entre os escritores e artistas de 1830 e os de hoje. Um recente artigo do **Gaulois** marcou muito bem uma das fases dessas variações constantes.

> *Iniciou-se a formação de um novo público. Um público muito curioso em seguir os gostos e suas manifestações; que não se contenta mais com os romances puramente romanescos, nem com as obras de vulgarização histórica, nem com as ficções mais ou menos hábeis, mescladas com aventuras e hipóteses. Falta, a esse novo público, realidade e precisão e lhe falta também ideal. Se eu traçasse seus limites eu diria que eles vão daqueles que leem os poemas documentados de Maurice Maeterlink àqueles que estudam ou percorrem os trabalhos muito curiosos de Gustave Le Bon, Dastre etc. Há aqui uma tendência, nitidamente indicada, rumo às pesquisas originais, rumo ao agrupamento e à síntese dos conhecimentos que se acumularam no último século. Nisto eu percebo tanto a palpitação de um neo-espiritualismo bem moderno quanto um esforço para se evadir do materialismo e mesmo da fatalidade.*

Que livros tão árduos sobre o valor da ciência e a constituição do universo atinjam em pouco tempo dez, doze edições... eis algo que ninguém jamais teria imaginado há vinte anos. Supõe-se aqui a chegada à leitura de novas camadas cheias de curiosidade e de filosofia. Não se trata de manuais; trata-se de tomos muito compactos, que exigem um esforço concentrado e um começo de leitura geral. Através da imprensa, da frequência, do ambiente, da difusão de ideias, cada um de nós se tornou, sem duvidar disso, um pequeno enciclopedista.

A moda é certamente de origem afetiva, mas não desprovida de elementos racionais. E, para mostrar isso, eu vou escolher precisamente uma de suas manifestações mais caprichosas, aparentemente: a vestimenta feminina. Veremos que os caprichos são estreitamente circunscritos nela.

§2. As regras da moda. Como ela é uma mistura de elementos afetivos e elementos racionais.

Pode parecer singular falar de regras para uma coisa tão móvel quanto a moda. Mas se ela comporta, como expressão de elementos afetivos, a fantasia, isto está submetido a elementos racionais que o orientam.

Essa dupla origem da moda é geral, quer se trate de literatura, de arte, de arquitetura, de mobiliário, de costume etc.

As transformações de um assunto submetido a tantas flutuações quanto a vestimenta feminina tornarão essa dupla origem mais demonstrativa ainda.

Os elementos racionais encontrados na moda feminina são condicionados pelas necessidades econômicas, as descobertas, as novas necessidades, as preocupações do momento etc.

Observa-se particularmente essas influências nas mudanças de costume impostas pelo uso do automóvel. Com a vida mais rápida, a mulher teve que se masculinizar exteriormente para seguir o homem nas corridas vertiginosas nas grandes estradas. O terno, inicialmente reservado para certos esportes, se generalizou para tudo o que necessita de comodidade e adequação. Quanto aos outros vestidos, as mangas largas das blusas tornaram-se estreitas para deslizar facilmente nos casacos. Mas então o olhar se deparou com o busto encolhido. Para corrigir esse defeito __ e porque uma transformação chama outra __ foi-se obrigado a reduzir a amplitude das saias a fim de deixar os ombros mais largos, afinando assim a silhueta; modificação que levou à supressão dos bolsos e depois da combinação. A mulher, com sua necessidade de sentir ao redor de si uma atmosfera de desejo, acentuou essa simplicidade com uma calça de malha excessivamente justa. Ela mostrou tudo o que era possível e deixou o resto para ser imaginado. Anáguas, laços e camisarias

cederam lugar às roupas de baixo chamadas de “combinações”, que protegem da poeira e do frio.

Racional também foi essa moda tão singular numa primeira abordagem, de fazer para o inverno as roupas femininas da cidade em musselina de seda. Ela foi resultante do aquecimento central, que mantém os apartamentos em uma temperatura elevada e foi possível seu uso mesmo fora de casa, graças aos longos casacos de pele.

Como a moda sempre desce das classes elevadas para as camadas inferiores, a pequena burguesia, fazendo uso de automóveis alugados para suas compras, adotou todas essas transformações. Ela se cobriu com casacos de pele econômicos e em seu interior, graças aos aquecedores de combustão lenta, pôde vestir, também ela, roupas leves.

Acabamos de mostrar os elementos racionais que entram na gênese da moda. Indiquemos agora seus elementos afetivos.

Lembremos primeiramente que a moda, como a língua e as religiões, é uma criação coletiva e não individual. Ninguém pode, por isso, impô-la. Acredita-se, de modo geral, muito erradamente, que são os costureiros, as atrizes, os manequins de pistas de corridas que a cria. Alguns costureiros tentaram, há alguns anos,

reeditar a crinolina[15] e não conseguiram, bem como recentemente a saia-calça.

Os pretensos criadores de moda só fazem, na realidade, traduzir tendências que se tornaram um desejo geral; consequências de certas necessidades, certas ideias, certas preocupações do momento.

As modas são, evidentemente, muito variáveis de uma estação para outra, mas as fantasias de seus criadores só podem se mover em estreitos limites. A moda agrada quando causa impacto, mas esse impacto só tem sucesso com a condição de não se distanciar muito da moda precedente. As etapas de transformação são sempre sucessivas, com o olho se adaptando muito lentamente às novidades, mesmo que ele se canse muito rapidamente das coisas vistas por muito tempo.

As razões precedentes explicam porque uma moda muito original tem uma duração efêmera. Ela deve se impor gradualmente. Os vestidos amplos de há trinta anos só se tornaram os vestidos justos de hoje em dia muito lentamente.

A moda é tão poderosa sobre as mulheres que elas suportam, para obedecê-la, os mais terríveis desconfortos. Como a obrigação, há alguns anos, de manter constantemente levantado

[15] Tipo de tecido grosso, feito originalmente de crina e usado para dar volume às roupas femininas. (Nota do tradutor)

por uma das mãos um vestido de arrastar e na outra mão uma bolsa para carregar o conteúdo dos antigos bolsos. Como ainda o suplício da caminhada produzida pelos vestidos ditos entravados, aceitos por muitos meses. Neste ponto os civilizados se juntam aos selvagens, que suportam a tortura de um anel passado pelo nariz, para obedecer à moda.

Essa obediência à moda é uma das provas categóricas do poder do contágio mental.

A mulher mais independente, mais enérgica, mais ardente em reclamar todos os seus direitos, não ousará jamais usar um vestido curto quando a moda lhe impõe um longo, nem colocar um bolso em sua saia quando a moda o proíbe, nem ainda abotoar seu colete pela frente quando as outras mulheres o abotoam por trás. A moda não conhece revoltadas. Só a extrema pobreza pode livrá-las dessa escravidão. Nenhum dos deuses do passado foi mais respeitosamente obedecido.

***

CAPÍTULO IV

Os jornais e os livros.

§1. A influência dos livros e dos jornais.

Sumário

Os jornais e os livros exercem sobre o nascimento e a propagação das opiniões uma influência imensa, embora inferior à influência dos discursos.

Os livros influem muito menos que os jornais; a massa pouco os lê. Alguns, no entanto, foram suficientemente poderosos __ com sua influência sugestiva __ para provocar a morte de milhares de pessoas. Como as obras de Rousseau, verdadeiras bíblias dos líderes do Terror. Como ainda **La Case de l'Oncle Tom**, que contribuiu muito para a sangrenta Guerra de Secessão, na América.

Outras obras, como **Robinson Crusoé** e os romances de Jules Verne, exerceram uma grande influência sobre as opiniões da juventude e determinaram muitas carreiras.

Esse poder dos livros era sobretudo considerável quando se lia pouco. A leitura da Bíblia no tempo de Cromwell criou na Inglaterra um número imenso de fanáticos. Sabe-se que na época em que **Don Quixote** foi escrito, os romances de cavalaria exerciam uma influência tão perniciosa sobre todos os miolos que os soberanos espanhóis acabaram por proibir sua venda.

Hoje em dia a influência dos jornais é bem superior ao poder dos livros. Incalculáveis são as pessoas que jamais tiveram outras opiniões além daquelas de seu jornal.

A sugestão das folhas diárias é manifesta em muitos acontecimentos modernos. Agora é bem reconhecido que a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha foi a obra de alguns jornalistas. Se, por uma hipótese cuja realização não é impossível, um banqueiro suficientemente rico comprasse todos os jornais de um país, ele seria seu verdadeiro senhor e provocaria, de acordo com sua vontade, a paz e a guerra. Já se vê os financistas comprando todas as notícias sobre a Bolsa em todos os jornais, com o objetivo de dirigir os negócios e drenar seriamente as poupanças em seu benefício.

Nenhum governante ignora esse poder soberano da imprensa e o sonho de cada político é possuir um jornal bem distribuído. Os chanceleres do império alemão popularizaram a maior parte de suas ações com jornais mantidos por eles e destinados a sugestionar a opinião pública.

A credulidade dos leitores com relação a afirmações de seu jornal é prodigiosa. Todo anúncio cheio de promessas encontra um público que acredita nele. As mesmas enganações podem se repetir indefinidamente com o mesmo sucesso, já que sobrevive em muitas almas uma fé mística no inesperado. Há um tempo

atrás, prendeu-se um escroque que oferecia em seus anúncios empréstimos sem garantia a quem quer que fosse. Respeitar uma promessa assim teria lhe custado, evidentemente, uma ruína rápida. No entanto, em alguns meses, com apenas as taxas de cadastro, ele havia ganhado mais de cinquenta mil francos, sem ter obviamente emprestado um centavo sequer. Um fato desses seria muito banal para ser interessante se as investigações do juizado de instrução não tivessem descoberto entre os trouxas um número de pessoas cuja cultura superior ou profissão deveria ter colocado ao abrigo de uma tal credulidade. Dentre eles figuravam, com efeito, coletores de impostos, oficiais superiores, comissários de polícia, advogados, tabeliães, juízes de paz, conselheiros da prefeitura e até mesmo um juiz de instrução! Nada demonstra melhor o poder sugestivo dos jornais.

§2. A persuasão pela publicidade.

Para determinar com mais precisão e por meio de exemplos concretos a influência enorme dos jornais sobre a gênese das opiniões, não será inútil entrar em alguns detalhes relativos ao uso dos anúncios.

Esse estudo, que os psicólogos mal começaram, coloca em evidência processos certeiros para agir sobre a opinião pública.

Nós encontraremos nele, aliás, os grandes fatores já descritos nesta obra.

A publicidade, sob a forma de anúncios, é um dos principais meios de persuasão coletiva da era moderna. Sua ação sobre as vendas comerciais esclarece o mecanismo que determina a opinião do comprador.

Os americanos, que já conseguiram determinar nitidamente algumas das regras psicológicas da publicidade, tornaram-se os mestres nessa matéria. Avalia-se em quase 500 milhões por ano os ganhos dos grandes jornais dos Estados Unidos com sua publicidade. Um dos mais lidos ganha sozinho 15 milhões por ano.

Os industriais americanos consagram muito dinheiro aos anúncios, porque eles constataram experimentalmente sua influência. O Sr. Arren, autor de um livro sobre essa matéria, cita um simples comerciante de canetas que gasta anualmente 500.000 francos em publicidade e assegura que o fabricante de um certo sabão sacrificou, em quarenta anos, 60 milhões de francos com anúncios.

Todas essas despesas têm por objetivo, naturalmente, criar no cliente uma convicção capaz de transformá-lo em comprador. A afirmação e a repetição são os fatores principais da gênese dessa convicção. Somente a afirmação não basta e, por isso, uma

marca nova só é adotada ao fim de um certo tempo. O anúncio deve ser repetido frequentemente. Somente então o nome do produto se apresenta espontaneamente ao espírito no dia em que se precisar dele.

É indispensável também variar o aspecto do anúncio, porque senão seu efeito diminuiria com o uso. As projeções luminosas, inicialmente muito eficazes, acabaram por não produzir mais resultados.

A simples repetição de uma fórmula breve só é útil para um produto já conhecido. Ela age então como um tipo de obsessão, mas, para um produto novo, será necessariamente obrigatório enumerar todas as suas qualidades.

Se for o caso de uma inovação completa, que forçaria o cliente a mudar seus hábitos, a simples repetição do anúncio também é insuficiente, já que o mecanismo da repetição é menos forte do que o hábito. Será útil então distribuir amostras do produto. Como é o caso da publicidade médica, que é feita sobretudo com o envio de amostras aos doutores.

A este processo de visão direta do objeto, acrescenta-se as vitrinas das lojas e a ajuda de manequins enviados pelos grandes costureiros às pistas de corrida, vestidos com os mais ricos modelos da estação.

A dificuldade de lutar contra o hábito, que combate a influência psicológica do anúncio, é muito bem ilustrada pela história da adaptação de pneus aos carros. Tendo as locadoras recusado sua compra, o inventor os distribuiu gratuitamente a uma pequena companhia. O sucesso foi tão rápido que, não apenas essa companhia fez fortuna, mas, diante das reclamações dos clientes, todas as outras se viram obrigadas a equipar, com um alto custo, seus veículos com os acessórios desdenhados inicialmente.

O sonho dos anunciantes é fazer com que os clientes retenham seu nome e seu endereço. Para conseguir isso eles os imprimem em objetos usuais: mata-borrão, caixas de fósforos, capas de livros, de jornais, de revistas etc. Os americanos consideram que um dos melhores meios de chegar a esse resultado é enviar catálogos aos compradores eventuais, artisticamente ilustrados e que até mesmo contenham, às vezes, um romance assinado por um nome conhecido. Esse procedimento, excelente mas muito caro, já começa a ser empregado na França.

Uma das regras constantes da publicidade é que um produto, por mais antigo e conhecido que ele possa ser, vê sua venda diminuir assim que cessa a publicidade sobre ele. A fraqueza da memória eletiva, já assinalada nesta obra, é, sem dúvida, a causa disso.

A ilustração desempenha um grande papel na publicidade. Já falamos acima da ação exercida pelos cartazes ilustrados nas últimas eleições inglesas e no recrutamento de voluntários para nossa cavalaria.

O método comparativo pela imagem é de uma eficácia melhor ainda. Se for o caso de uma água que pretenda fazer nascer cabelos, o cliente é mostrado com um lado careca e o outro munido de uma cabeleira abundante, após o uso do produto.

Os financistas que lançam negócios utilizam os mesmo processos de publicidade que os industriais, mas geralmente em uma escala muito maior. Às vezes, até mesmo a benevolência da totalidade dos jornais é comprada. Para o número bem pequeno daqueles dos quais é impossível obter elogios, procura-se pelo menos seu silêncio. Essa dupla operação sempre foi praticada com as numerosas emissões dos empréstimos russos.

Retirando das observações precedentes os elementos psicológicos que as determinam, nós os encontraremos reduzidos aos fatores já estudados como fundamentais na gênese das opiniões: afirmação, repetição, prestígio, sugestão e contágio.

Os detalhes nos quais entramos sobre a psicologia do anúncio podem parecer um pouco especiais. Eles contêm, na realidade, os elementos essenciais dessa grande arte de persuadir,

donde deriva a dominação dos indivíduos e dos povos e a fundação das crenças.

***

CAPÍTULO V

As correntes e as explosões de opiniões.

§1. As correntes de opiniões e sua criação.

Sumário

Além das opiniões particulares a cada grupo social, existem, em certos momentos, tendências gerais, comuns à maior parte dos grupos. Provocadas pelos livros, jornais, discursos, ensino etc. elas constituem o que se chama de correntes de opinião.

Elas só se manifestam com força em casos excepcionais e se tornam então muito poderosas.

Essas correntes, raramente sustentadas por elementos racionais, quase sempre são de origem afetiva ou mística. Elas nascem e se propagam sob as mesmas influências: sugestão produzida por uma impressão forte ou um acúmulo rápido de pequenas impressões; depois, contágio mental.

Na medida em que se desagregam os laços do passado e, por consequência, nossa estabilidade mental herdada, o poder das correntes de opiniões cresce a cada dia. Nós sofremos muito com elas no último século: bonapartismo, boulangismo, dreyfusismo, nacionalismo e muitas outras.

Geralmente são necessários grandes acontecimentos para determiná-las. A Batalha de Iéna, entre os alemães e a guerra de 1870, entre os franceses, foram necessárias para criar correntes de

opiniões capazes de impor o serviço militar obrigatório universal. Somente uma corrente de opinião análoga, resultante de sucessos marítimos espetaculares, poderia permitir ao governo japonês aumentar em mais de um bilhão por ano as despesas de sua marinha de guerra.

O homem de Estado superior sabe produzir ou orientar as correntes de opinião necessárias. O homem de Estado medíocre se limita a segui-las.

Os tiranos mais temidos jamais foram suficientemente fortes para lutar por muito tempo contra as correntes de opiniões. Juvenal destaca que Domiciano pôde abater impunemente personagens ilustres, mas "pereceu quando os sapateiros começaram a ter medo dele".

Até mesmo Napoleão temia as correntes de opinião. Dizia ele, em Santa Helena: "A opinião pública é uma potência invisível, misteriosa, a qual nada resiste. Nada é mais móvel, mais vago e mais forte e, por mais caprichosa que ela seja, ela é, no entanto, justa, muito mais justa geralmente do que se pensa".

Os grandes homens de Estado sempre tiveram muito cuidado em criar ou contornar as correntes de opiniões. Bismarck levou muitos anos para constituir o movimento popular capaz de preparar a guerra que deveria levar à unidade alemã, já que a unidade de língua não foi suficiente para estabelecê-la. Eu já

destaquei, em outro lugar, que foi por meio de uma ação contínua sobre a opinião pública, através dos jornais[16], livretos e discursos, que os homens de Estado alemães conseguiram fazê-la aceitar os sacrifícios enormes e necessários para a criação de uma grande marinha de guerra. As principais reformas inglesas no último século, como o estabelecimento do comércio livre, foram obtidas desencadeando correntes de opiniões.

Dentre os fatores geradores dessas correntes é preciso citar sobretudo os jornais diários, os livretos, os discursos, as conferências, os congressos. A expansão do socialismo na França e na Alemanha foi provocada por tais meios. Eles agem sobretudo quando são sustentados por necessidades novas, sentimentos novos e aspirações novas.

As correntes de opiniões políticas são mais importantes do que todas as outras, em razão de sua repercussão sobre os acontecimentos, mas não são as únicas a serem consideradas.

Os movimentos de opiniões determinam também o pensamento de uma época. As artes, a literatura e até mesmo as ciências sofrem sua ação. Na base desses movimentos se encontra geralmente o prestígio de certas teorias ou de certas pessoas.

[16] O escritório dos negócios estrangeiros tem um orçamento anual de 1.300.000 francos para atuar sobre os grandes jornais europeus.

Depois, este elemento fundamental de propagação das crenças, ao qual é preciso retornar sempre: o contágio mental.

Os escritores, os pensadores, os filósofos e, infelizmente, também os políticos, contribuem, cada um na sua esfera, para criar as correntes de opiniões que orientam a civilização de uma época.

O papel de criador e diretor dos movimentos de opiniões pertence aos homens de Estado, em todas as questões que interessam a vida exterior de um país. Sua tarefa é muito difícil. Eles devem ter, com efeito, uma mentalidade suficientemente desenvolvida para que a lógica racional lhes sirva de guia e, no entanto, agir sobre as pessoas através de influências afetivas e místicas, estranhas à razão, mas as únicas capazes de conduzi-los.

Esses grandes elementos morais, que é preciso conhecer minimamente, continuarão por muito tempo ainda os mais poderosos fatores aptos a dirigir os povos. Eles não criam navios e canhões mas, como disse o almirante Togo, “Eles são a alma dos navios e dos canhões”.

As influências irracionais que provocam os movimentos de opiniões mudam sem parar, de acordo com a luz variável que banha as coisas.

§2. As explosões de opiniões.

Uma explosão de opiniões é uma orientação instantânea e violenta de emoções num mesmo sentido.

Acontecimentos separados por um longo período raramente levam a tais explosões. Para determiná-las é necessária a influência de eventos sensacionais bruscos ou a ação de certas palavras, pronunciadas por personagens influentes, capazes de deslanchar grupos inteiros de sentimentos.

Os grandes heróis da história __ Pedro, o Ermitão; Joana D'Arc; Maomé; Lutero; Napoleão etc. __ não foram os únicos promotores dessas explosões que, algumas delas, abalaram o mundo. Em uma menor escala, diariamente as vemos nascer. A execução de Ferrer, por exemplo, que levantou Paris ou um fenômeno imprevisto, como a primeira travessia do Canal da Mancha por um aviador, foram acontecimentos que impressionaram vivamente a Europa inteira.

As assembleias políticas são muito sujeitas às explosões de opiniões. Escreve Émile Ollivier: "Não se pode compreender, quando não se frequentou uma assembleia, esses movimentos instantâneos que, em dias de crise, sacodem a maioria e a joga, da opinião que ela parecia ter adotado com tanta paixão, para a opinião diametralmente oposta. Todas as assembleias são povo".

Eu já mencionei como, suprimindo certas palavras no famoso despacho de Ems, Bismarck provocou na França uma explosão de opiniões que determinou a guerra. Eu mostrei igualmente como uma brusca explosão de opiniões derrubou o ministério de Clémenceau.

As explosões de opiniões podem ser limitadas a um grupo social, mas elas então só têm influência se esse grupo for muito forte. Lembremo-nos da recente revolta de uma parte da Champagne, que levou ao incêndio de várias grandes casas de fabricantes, aos quais os viticultores reprovavam terem comprado fora seus produtos. Ela somente foi possível porque os revoltados se sentiam muito numerosos e conheciam a fraqueza do governo.

A maior parte das revoluções modernas acontece sob a forma de explosão. Sem falar do movimento de 4 de Setembro, manifestação facilmente explicável pela notícia de nossos desastres, há outros, como a derrubada da monarquia portuguesa, os motins de Berlim, a insurreição de Barcelona, a revolução turca etc. que se desencadearam bruscamente, sob influências muito pequenas. Sem dúvida que causas profundas as prepararam, mas a centelha que as acendeu e determinou um incêndio rapidamente propagado foi sem motivos imediatos importantes.

Esse caráter instantâneo de todas as revoluções populares é impressionante. A imensa maioria das massas toma parte delas

agindo por contágio mental, sem ter nenhuma ideia dos motivos que os fizeram se insurgir. A história de muitas revoluções pode ser escrita em uma só página, sempre a mesma. Ela se resume na breve narrativa da revolução de 1830, que aconteceu após os decretos de Carlos X e foi contada pelo Sr. Georges Cain.

> *A explosão de cólera que levantou Paris foi terrível e instantânea. Em algumas horas as barricadas surgiram da terra, as tropas de protestantes armados foram formadas, os tambores tocaram o chamado da guarda nacional, os trabalhadores e os estudantes saíram à rua, os alunos da Escola Politécnica forçaram as portas e tomaram o comando dos bandos de insurgentes; todo parisiense se transformou em militante. Todos se batiam aos gritos de "Abaixo Carlos X! Abaixo Polignac! Abaixo os decretos! Viva a Carta!" A quase totalidade dos combatentes ignorava absolutamente, aliás, o que continha a Carta e o que continham os decretos!*

Destaque-se que os movimentos revolucionários se estendem muito rapidamente, por via de contágio, mesmo além das classes que possam ter um interesse direto por eles. Os marinheiros dos couraçados que se revoltaram durante a revolução russa, por exemplo, só o fizeram, evidentemente, por contágio. Para eles, era, com efeito, indiferente se a Rússia possuísse um

Parlamento ou que os camponeses obtivessem o direito de comprar terras.

Uma característica de todas as revoluções é, portanto, se propagar rapidamente para classes que, longe de terem um interesse por elas, geralmente só tem o que perder com elas. Os burgueses que se tornaram revolucionários socialistas por simples contágio, estariam assegurados de uma ruína completa, se o movimento do qual se tornaram apóstolos viesse a triunfar.

Essas explosões de opiniões populares __ muito perigosas, porque a razão não tem ação sobre elas __ são felizmente pouco duráveis. Resistir diretamente a elas só faz estimulá-las. Dentre os fatores diversos das explosões de fúria produzidas pelo Caso Dreyfus, um dos mais ativos foi a obstinação do estado-maior em desafiar a opinião pública, contestando a evidência de certos documentos. Um simples erro judiciário que não teria produzido mais efeitos do que tantos outros, cometidos diariamente e que logo seria esquecido.

Ao lado de acontecimentos muito célebres, como esses que acabei de mencionar, constatam-se facilmente na vida cotidiana uma gama enorme de pequenas explosões de opiniões, sem grande importância, porque elas se aplicam a fatos minúsculos, mas cujo mecanismo de propagação é sempre o mesmo. Basta, para produzi-las, encontrar certas palavras capazes de deslanchar

grupos de sentimentos. Eu mesmo fiz uma experiência dessas, numa circunstância muito simples, mas, no entanto, típica.

Por razões de economia, a direção dos Domínios tinha decidido, de acordo com seu estrito direito, colocar a venda a porção do parque de Saint-Cloud que administrativamente era chamada de floresta de Villeneuve-l'Étang. Um verdadeiro desastre para a população dos subúrbios, cujos espaços públicos se reduziam a cada dia. Como impedir isso?

Os cartazes oficiais que anunciavam a venda eram colocados nos muros e o público, ignorando o nome administrativo dessa parte do parque de Saint-Cloud, não se comovia com isso de maneira alguma.

Conhecendo nesse momento os relatores da comissão do orçamento, eu tentei interessá-los pela questão. Eles foram gentis, mas os eleitores exigiam muito deles para que tivessem tempo de se preocupar com uma questão de interesse geral. Os dias se passavam e somente uma semana faltava para venda. Tendo sido informado que o único interessado importante era um juiz alemão, eu mandei a um grande jornal uma curta nota intitulada: "Venda *do parque Saint-Cloud aos alemães*". Formidável explosão! Uma nuvem de repórteres baixou sobre a comunidade e os jornais publicaram fulgurantes artigos. Violentamente interpelado na Câmara, o ministro competente, que ignorava aliás inteiramente

do que se tratava, declarou desistir da venda no presente e no futuro. Para conseguir esse resultado, três palavras bastaram. Elas faziam parte dessas fórmulas evocadoras, suscetíveis de orientar, numa mesma direção, sentimentos individuais e transformá-los em uma vontade coletiva unânime.

***

LIVRO VIII

A vida das crenças.

CAPÍTULO I

Características fundamentais de uma crença.

§1. A crença como necessidade indestrutível da vida mental.

Sumário

No primeiro capítulo desta obra nós definimos a crença, mostramos que ela é um simples ato de fé, explicamos no que ela difere do conhecimento e sumariamente esboçamos seu papel. Estas indicações, cujo objetivo era determinar a natureza dos problemas a resolver, foram precisadas pelo exame das diversas formas de lógicas e dos fatores de nossas opiniões. Vamos agora completá-los estudando a vida das crenças.

Os elementos constitutivos de nossa existência se reduzem, nós já mencionamos, a três grupos: vida orgânica, vida afetiva, vida intelectual.

A necessidade de acreditar pertence à vida afetiva. Tão inevitável como a fome ou o amor, geralmente ela é tão imperiosa quanto eles.

Constituindo uma necessidade invencível de nossa natureza afetiva, a crença não pode __ não mais que um sentimento qualquer __ ser voluntária e racional. A inteligência não a cria nem a governa.

Quaisquer que sejam a raça, o tempo considerado, o grau de ignorância ou de cultura, o ser humano sempre manifestou a mesma sede de acreditar. A crença parece ser um alimento mental tão necessário à vida do espírito quanto os alimentos materiais o são para a manutenção do corpo. O civilizado não poderia passar sem ela, tanto quanto o selvagem.

A dúvida universal de Descartes é uma ficção mental. Algumas vezes atravessamos o ceticismo; não permanecemos nele. O filósofo não acredita nas mesmas coisas que um ignorante, mas ele as admite com poucas demonstrações.

A diferença entre a crença e o conhecimento foi nitidamente marcada desde o início deste livro. Vimos que a primeira é um ato de fé, elaborada no inconsciente e que não exige nenhuma prova, enquanto que o segundo representa uma criação da vida consciente, edificado sobre a experiência e a observação.

O conhecimento instrui e não existe civilização sem ele, mas é sobretudo a crença que faz agir. Se fosse preciso esperar conhecer para agir, a inação seria longa.

Durante séculos, as crenças foram as únicas guias da humanidade. Elas lhe forneceram, com explicações fáceis para todos os problemas, um guia diário do comportamento. Provisórias ou efêmeras, as crenças sempre constituíram os grandes motivadores da ação humana.

As crenças religiosas são apenas uma parte delas. A necessidade de fé não foi, de maneira alguma, criada pelas religiões; foi ela, pelo contrário, que as criou. As divindades não passam de um objeto para o nosso desejo de acreditar. Assim que ele se desvia delas, o ser humano se joga sobre uma fé qualquer: quimeras políticas, sortilégios ou fetiches.

§2. A intolerância das crenças.

Uma das características mais constantes das crenças é sua intolerância. Quanto mais forte é a crença mais intolerante ela é. As pessoas dominadas por uma certeza não podem tolerar aqueles que não a aceitam.

Verificada em todas as eras, essa lei continua ainda a agir. Sabe-se a que grau de fúria religiosa chegam os crentes: ateus ou devotos. As guerras de religião, a Noite de São Bartolomeu, a Revogação do Édito de Nantes, o Terror, as perseguições atuais contra o clero etc. são exemplos disso.

As raras exceções a essa lei são de uma interpretação fácil. Se os romanos aceitaram as divindades de todos os povos estrangeiros, foi porque eles formavam para eles uma hierarquia de seres poderosos, com os quais se devia tratar de conciliar através da adoração.

Se bem que animado por princípios diferentes, o budismo triunfante não foi mais perseguidor. Ensinando a indiferença ao desejo e considerando os deuses e os seres como vãs ilusões sem importância, ele não tinha nenhuma razão para ser intolerante.

Essas exceções se explicam, portanto, por si mesmas e não contradizem, de maneira alguma, a regra de que uma crença é, necessariamente, intolerante.

As crenças políticas o são pelo menos tanto quanto as crenças religiosas. Sabe-se com que ardor as pessoas da Convenção __ hebertistas, dantonistas, robespierristas etc. __, convencidas de possuir a verdade pura, suprimiam os supostos inimigos de sua fé.

Os sectários modernos da deusa Razão são tão violentos, tão intolerantes, tão alterados quanto seus predecessores. A regra de todo verdadeiro crente será sempre aquela ensinada pelas palavras de São Tomás: “A heresia é um pecado para o qual se merece ser excluído do mundo pela morte”.

O Sr. Georges Sorel predisse então muito justamente que a primeira medida do socialismo triunfante seria massacrar sem piedade todos os seus adversários. Ele não teria outro recurso, aliás, para se manter por algum tempo.

Em matéria de crença, a intolerância e as violências que a acompanham não são sentimentos exclusivamente populares. Eles aparecem tão desenvolvidos, senão até mais, entre as pessoas instruídas e, por outro lado, são mais duráveis. “Eu às vezes fico admirado com a ferocidade dos letrados. Eles chegam a excessos de fúria nervosa que as pessoas menos cultivadas não atingem”, escreveu Michelet.

§3. A independência das opiniões. O papel social da intolerância.

Examinada unicamente sob o ponto de vista da razão, a intolerância das crenças parece insuportável. Na prática, ela o é muito pouco, pois a necessidade de independência, que permite se subtrair de uma crença comum, é um fato totalmente excepcional. As coerções do meio social circunscrevem estreitamente os limites da independência sem que se lamente por isso. O mais comum é nem mesmo percebê-las. Para nos tornarmos realmente livres, seria preciso inicialmente nos livrarmos das influências do meio e vivermos isolados.

Nossa máxima independência possível consiste apenas em opor às vezes um pouco de resistência às sugestões ambientes. A grande massa não opõe nenhuma resistência a elas e segue as crenças, as opiniões e os preconceitos de seu grupo. Ela o obedece sem ter mais consciência disso do que a folha seca levada pelo vento.

É somente numa elite bem restrita que se observa a faculdade de possuir algumas vezes opiniões pessoais. Todos os progressos da civilização são devidos evidentemente a essas mentes superiores, mas não se pode desejar sua multiplicação excessiva. Incapaz de se adaptar imediatamente a progressos muito rápidos e muito profundos, uma sociedade cairia rapidamente na anarquia. A estabilidade necessária à sua existência é precisamente estabelecida graças ao grupo compacto das mentes lentas e medíocres, governado pelas influências de tradições e do meio.

É portanto útil para uma sociedade que ela seja composta por uma maioria de pessoas medianas, desejosas de agir como todo mundo e que conservam como guias as opiniões e as crenças gerais. É muito útil também que as opiniões gerais sejam pouco tolerantes e que o medo do julgamento dos outros constitua uma das bases mais certeiras de nossa moral.

A mentalidade medíocre pode, portanto, ser benfazeja para um povo, sobretudo se associada com certas qualidades de caráter. A Inglaterra instintivamente compreendeu isso e é por isso que, mesmo sendo este país um dos mais liberais do mundo, o livre pensamento nele sempre foi muito malvisto.

§4. O paroxismo da crença. Os mártires.

Da opinião transitória, simples esboço de crença, à crença completa, que domina toda a compreensão, se escalonam etapas muito raramente rompidas.

Elas o são, no entanto, em certas épocas. Então, os impulsos místicos e os sentimentos que elas fazem nascer se tornam tão poderosos que todos os freios sociais, todas as repressões das leis são incapazes de controlá-los. É Polieucto[17] quebrando os ídolos, são os mártires desafiando seus carrascos, é o niilista jogando sua bomba em uma multidão com a quimérica esperança de matar um príncipe.

Quando a crença chega a essa fase de intensidade, nenhum dique a contém. Ela domina os interesses mais evidentes, os sentimentos mais caros e transforma em verdades óbvias manifestos erros. Nenhum sacrifício é demais então, para o crente, na defesa e propagação de sua fé. Semelhante aos hipnotizados

[17] São Polieucto, Mártir. Oficial romano na Armênia que derrubou ídolos durante uma procissão pagã e foi condenado à decapitação. (Nota do tradutor)

estudados pela ciência moderna, ele vive sob o domínio da alucinação pura.

Tais exaltações geralmente são preparadas por períodos de anarquia, durante os quais se desagregam as velhas crenças e, por consequência, os sentimentos que se apoiam nelas.

A mentalidade dos mártires de todo tipo __ político, religioso ou social __ é idêntico. Hipnotizados pela fixação em seus sonhos, eles se sacrificam com alegria para assegurar o triunfo da ideia, até mesmo sem nenhuma esperança de recompensa neste mundo ou no outro. A história dos niilistas e dos terroristas russos abunda em ensinamentos demonstrativos sobre este último ponto. Nem sempre é a esperança do céu que faz os mártires.

O número de tais alucinados felizmente não é muito considerável em cada época. Quando se tornam muito numerosos eles convulsionam o mundo. Ineficazes, as perseguições só fazem tornar seu exemplo contagioso.

O estudo dos mártires remete sobretudo ao domínio da patologia mental. Os alucinados das crenças mais variadas apresentam uma analogia tal que, após se ter examinado dois ou três, conhece-se todos os outros.

Os exemplos que citei tiveram simplesmente o objetivo de mostrar que diante da autossugestão da fé, não apenas todas as

opiniões se transformam, mas também que desaparecem sentimentos muito poderosos, como o medo, o pudor e o amor materno.

A história dos mártires é cheia de fatos que justificam essas afirmações. Típico delas é o exemplo de **Vivia Perpetua**, venerada pelos cristãos sob o nome de Santa Perpétua e que viveu no reinado de Sétimo Severo.

Filha de um senador três vezes cônsul, presidente do senado de Cartago, a bela e rica patrícia, secretamente convertida ao cristianismo, preferiu ser exposta nua diante do povo inteiro e devorada viva pelas bestas ferozes do que fingir queimar um pouco de incenso no altar do gênio do imperador.

Os crentes consideram tais atos como provas do poder de seus deuses. Pura ilusão, evidentemente, pois os mártires foram muito numerosos em todas as religiões e em todas as seitas políticas.

Como exemplos, entre milhares de outros, podem ser citados aqueles da religião babista, desenvolvida na Pérsia, há uns sessenta anos.

O soberano que reinava então imaginou poder extinguir essa fé nova com suplícios. Eis o que ocorreu, segundo Gobineau:

> *Viu-se avançar diante dos carrascos, crianças e mulheres, em carne viva, com mechas acesas, flamejantes,*

presas nas feridas... Crianças e mulheres avançavam cantando um verso que dizia: "Na verdade, viemos de Deus e retornamos a ele!" Suas vozes se erguiam claramente acima do silêncio profundo da massa. Quando um dos supliciados caía, ele era erguido a golpes de chicote ou de baioneta... ele se erguia, punha-se a dançar e gritava com entusiasmo: "Na verdade, somos de Deus e retornamos a ele..." Quando se chegava ao lugar da execução, propunha-se às vítimas a vida por sua abjuração. Um carrasco resolveu dizer a um pai que se ele não cedesse ele cortaria a garganta de seus filhos em seu peito. Eram dois menininhos, cujo mais velho tinha quatorze anos e que, vermelhos com seu próprio sangue, as carnes calcinadas, escutavam friamente o diálogo. O pai respondeu, caindo por terra, que ele estava pronto e o mais velho dos meninos, reclamando com veemência seu direito de primogenitura, solicitou ser degolado primeiro. Viu-se crianças virem elas mesmas se denunciarem; um discípulo de Bab, suspenso pelos lados nas muralhas de Tabriz só tinha uma frase na boca: "Senhor, estás contente comigo?"

Os skopsys, na Rússia e os mórmons na América, sofreram em nossos dias perseguições idênticas, sem querer renunciar à sua fé.

Esses fatos e todos aqueles de mesma ordem são muito instrutivos. Eles provam a força do espírito místico, capaz de triunfar sobre a dor e de dominar sentimentos considerados como a base mesma da existência. O que poderia contra ele a razão?

Também não é com argumentos racionais que se levanta as massas. Com crenças elas sempre serão dominadas. Suficientemente poderosa para lutar contra a natureza e dominá-la algumas vezes, a razão não possui força suficiente para edificar crenças ou triunfar sobre elas.

Destrutivas algumas vezes, criadoras geralmente, irresistíveis sempre, as crenças constituem as mais formidáveis potências da história, os verdadeiros suportes das civilizações. Os povos jamais sobreviveram por muito tempo após a morte de seus deuses.

***

CAPÍTULO II

As certezas derivadas das crenças. A natureza das provas que satisfazem os crentes.

§1. As certezas derivadas das crenças.

Sumário

Uma crença forte inspira certezas que nada abala. De tais certezas derivam a maior parte dos grandes acontecimentos históricos.

Maomé tinha certeza de que Deus lhe ordenara fundar uma religião nova, destinada a regenerar o mundo e ele conseguiu convulsioná-lo. Pedro, o Ermitão tinha certeza de que Deus queria retomar dos infiéis a tumba de Cristo e, para conquistá-lo, milhões de pessoas pereceram miseravelmente. Lutero tinha certeza de que o Papa era o Anticristo, de que não existia purgatório e, em nome de verdades dessa ordem, a Europa foi posta a fogo e a sangue durante vários séculos. Os padres da Inquisição tinham certeza de que Deus queria ver os heréticos serem queimados e eles despovoaram a Espanha com suas fogueiras. Carlos IX e Luís XIV tinham certeza de que o criador dos mundos não podia tolerar a existência dos protestantes e, para exterminá-los, o primeiro recorreu à Noite de São Bartolomeu e o segundo às dragonadas.

A Convenção tinha certeza de que era preciso cortar um grande número de cabeças para assegurar a felicidade do gênero

humano e, como consequência, ela provocou guerras e uma ditadura que fizeram perecer na Europa três milhões de pessoas.

Em nossos dias, milhares de burgueses penetrados pela certeza de que o socialismo regeneraria o mundo demolem furiosamente as últimas colunas que sustentam a sociedade em que vivem.

Um dos efeitos mais seguros da certeza derivada de uma crença é criar certos princípios de moral, mais ou menos provisórios, mas fortes e poderosos, ao redor dos quais se constitui uma consciência nova geradora de uma nova conduta.

A história da Revolução Francesa é cheia de atos sanguinários cometidos por indivíduos outrora pacíficos, mas que se acreditavam obrigados a obedecer aos impulsos de sua fé recente. Como os massacradores de setembro que, terminada a matança, reclamaram uma recompensa nacional. Como ainda os bandos que devastaram a Vendeia[18].

As certezas místicas e sentimentais sempre são acompanhadas da necessidade de se impor. O ser humano dificilmente suporta __ e quando ele se torna o mais forte, ele

[18] Seu estado de espírito, derivado de novas crenças, é muito bem indicado por este fragmento de uma carta do soldado Joliclerc, publicado pelo **Temps**, de 26 de outubro de 1910: "Vamos devastar os departamentos de Deux-Sèvres e Vendeia. Vamos até lá levar o ferro e a chama; numa mão o fuzil, na outra a tocha. Homens e mulheres, tudo passará pelo fio da espada... Já queimamos ao redor de sete regiões do país. Há soldados que já fizeram sua fortuna..."

jamais suporta __ outros que não partilham de suas certezas. Para impô-las, ele não recuará diante da mais furiosa tirania e de sangrentos recursos.

Os possuidores de certezas sempre devastaram o mundo. É muito temerário para uma nação ser guiada por eles e, no entanto, como disse justamente Ribot: "O governo de um povo, em certos momentos de sua história, está nas mãos de semiloucos."

Que um homem poderoso tenha a certeza __ como manifestou o imperador da Alemanha em um discurso célebre __ de dever seu poder à divindade e logo se verá para onde tal certeza pode levá-lo. Que ele pense que seu Deus lhe ordenou fazer a guerra aos incrédulos para castigá-los e a Europa pode ser convulsionada. Ela o foi mais de uma vez sob a influência de convicções semelhantes.

§2. Natureza das provas com que se contenta a mente confinada no campo da crença.

Uma crença é um ato de fé que não exige provas e que, aliás, geralmente não é verificável por nenhuma. Se a fé só se impusesse através de argumentos racionais, poucas crenças teriam podido se formar no curso dos séculos.

Os argumentos invocados pelos crentes geralmente parecem infantis à razão. Esta não é, no entanto, qualificada para julgá-los, pois eles derivam de elementos místicos e afetivos que escapam à

sua ação. A sugestão e o contágio mental, pelos quais se propagam as crenças, são independentes da razão.

Nenhum elemento racional participa da gênese das crenças e, por isso, a credulidade do crente é infinita. Ele não pensa em admitir as coisas sem provas, pois ele as invoca, pelo contrário, sempre; é na natureza das provas com que ele se contenta que aparece a profundidade de sua credulidade.

A leitura das obras sobre os meios de descobrir os bruxos, descritos por doutos magistrados, tidos outrora como ilustres, é extremamente instrutiva sobre este ponto de vista.

Os documentos dessa natureza, bem como os livros dos teólogos, mostram o abismo que separa a prova que exige o cientista daquela que satisfaz a mente presa no círculo da crença.

É inútil dar aqui exemplos. Todos seriam análogos àqueles revelados no processo montado contra o escritor italiano d'Albano. Provou-se claramente que ele tinha aprendido "as sete artes liberais", com a ajuda de sete demônios, descobrindo-se em sua casa uma garrafa que continha uma mistura de sete drogas diferentes, cada uma delas representando, evidentemente, um demônio. Apesar se seus oitenta anos, ia-se queimá-lo vivo quando, protegido sem dúvida pelos sete demônios capturados, ele morreu bruscamente. Os juízes tiveram que se limitar a desenterrá-lo e queimá-lo em uma praça pública.

Sob Luís XIV, só se queimava excepcionalmente os bruxos, mas ninguém duvidava de seu poder. O processo contra a bruxa de Voisin revelou que os maiores personagens daquele tempo __ o marechal de Luxemburgo, o bispo de Langres, o primeiro capelão da rainha etc. __ tinham recorrido ao poder mágico que eles supunham nela. O bispo Simiane de Gorges tinha recorrido a ela para obter, através da influência do diabo, o cordão azul do Espírito Santo!

Se as cartomantes e as pitonisas modernas revelassem as visitas que elas recebem, constatar-se-ia que a credulidade moderna não diminuiu. Eu poderia citar um ex-ministro, conhecido pelo seu anticlericalismo, que jamais sai de casa sem a corda do enforcado. Um de nossos mais ilustres embaixadores deixa imediatamente uma mesa onde se encontram treze convivas. O fetichismo desses ilustres homens de Estado é realmente superior às crenças religiosas que eles proscrevem com tanto vigor? Eu duvido um pouco.

Os crentes, por mais convictos que eles sejam, sempre sentiram a necessidade, ao menos para converter os incrédulos, de encontrar razões justificativas de sua fé. As numerosas elucubrações dos teólogos provam com que perseverança essa tarefa foi executada.

O argumento ao qual eles mais se apegaram __ fora os milagres e as afirmações de seus livros sagrados __ foi o assentimento universal.

Homens como Bossuet não hesitaram em utilizar tal prova. Considerando as opiniões particulares desprezíveis e perigosas, o ilustre prelado lhes opunha a consciência geral como muito mais correta. Uma doutrina deve ser, segundo ele, tida como verdadeira, assim que todas as pessoas a julgam assim. Aos olhos de Bossuet, um único ser não podia ter razão contra a totalidade dos outros. Foi preciso o progresso das ciências modernas para provar que muitas descobertas aconteceram precisamente porque uma só pessoa teve razão contra todas as outras.

Os teólogos se fizeram, na verdade, um mal bem inútil, para combater uma incredulidade aplicada, em geral, a pontos acessórios da doutrina. A credulidade intensa é, pelo contrário, um sentimento universal.

§3. O ponto inevitável de conflito entre a ciência e a crença.

Mostramos que os domínios regidos pelas diversas formas de lógicas são muito diferentes para poder se penetrarem e, por consequência, entrarem utilmente em luta.

Há, no entanto, como veremos, um ponto sobre o qual a ciência e a crença parecem destinadas a se encontrar geralmente

em conflito inevitável, porque ele toca em um princípio fundamental.

De todas as revoluções efetuadas no pensamento humano, a mais considerável, talvez, foi realizada quando, após longas tentativas, a ciência conseguiu provar que todos os fenômenos são determinados por leis rigorosas e não por vontades caprichosas de seres superiores. Nossas concepções do universo mudaram no mesmo golpe.

Essa descoberta capital, que pela primeira vez tirou a humanidade do círculo da crença, para fazê-la penetrar no círculo do conhecimento, está longe de ser generalizada ainda. Muitas pessoas sempre admitem que potências sobrenaturais guiam os eventos e podem, quando se solicita a elas com ardor, modificar seu curso.

Uma concepção tal é a expressão de esperanças que jamais morrem e, por isso, a ciência e a crença serão sempre antagonistas neste território.

O conflito ameaça ser eterno, pois, se os deuses se retiram das regiões desbravadas pela ciência, não se pode demonstrar aos crentes que não existe nada nos vastos domínios não explorados ainda. É nessas regiões impenetradas que sempre se manterão os fantasmas criados pela fé.

Abandonar a noção de necessidade no encadeamento de um só fenômeno é retornar à ideia, destruída com muito custo, de que os acontecimentos dependem das vontades particulares de seres caprichosos. Pouco importa que seus caprichos sejam acidentais. Basta que eles se produzam uma única vez para poder se repetir sempre.

Se os fenômenos anunciados pelos taumaturgos modernos fossem possíveis, a ciência deveria retornar docilmente às eras em que os deuses decidiam a sorte das batalhas e em que legiões de espíritos, de fadas e de demônios intervinham sem parar na vida cotidiana. As conjurações, as preces, os sacrifícios, as fórmulas mágicas, constituiriam então, hoje como outrora, os únicos meios de se assegurar o favor dessas caprichosas potências.

Essa regressão não é para se temer muito. Uma mentalidade religiosa indestrutível nos fará eternamente retornar ao sobrenatural, mas o estudo atento dos fatos milagrosos sempre mostrará também que eles são alucinações criadas por nossa mente.

É o que explicaremos numa outra parte desta obra, que tentará esclarecer, por meio da experiência, a gênese de algumas novas crenças.

***

CAPÍTULO III

O papel atribuído à razão e à vontade na gênese de uma crença.

§1. A independência da razão e da crença.

Sumário

Os raros estudos publicados sobre a formação das crenças proclamam geralmente que elas são voluntárias e racionais. Esse persistente erro provém da velha ilusão sobre o papel da inteligência em psicologia.

Nós separamos nitidamente nesta obra o eu afetivo do eu intelectual e mostramos que eles são governados por formas de lógicas muito diferentes. Disso seguiu-se naturalmente que a razão, expressão da inteligência, era independente da crença, expressão dos sentimentos e do misticismo que dela deriva. A prova dessa independência se acentuou ainda mais quando constatamos que a crença e o conhecimento são construídos por métodos inteiramente diferentes.

A maior parte de nossas lutas políticas e religiosas acontece por causa dessa pretensão ilusória de querer fazer com que coisas tão incapazes de se penetrar como a crença e o conhecimento ajam um sobre o outro.

Só se compreende a força das crenças quando se reconhece que elas escapam a qualquer influência racional.

Poderia parecer inútil retornar mais uma vez a este assunto, mas, para combater preconceitos tenazes, os argumentos nunca são demais.

Se as crenças fossem acessíveis à influência da razão, veríamos desaparecer, depois de algum tempo, todas aquelas que são absurdas. Porém, a observação demonstra sua persistência. Somos obrigados então a admitir que não há absurdos para o crente e que o ser humano tem muito pouca liberdade para acreditar ou não.

As influências afetivas e místicas que determinam a crença são __ nós já repetimos isso várias vezes __ muito diferentes dos encadeamentos racionais que determinam o conhecimento. Em matéria de crença, não existe verificação possível. Em matéria de conhecimento, a possibilidade de uma verificação é, pelo contrário, a regra e destrói, deste então, toda objeção. Ninguém jamais pensou em contestar as propriedades de um triângulo ou de uma seção cônica. Para o cientista, a verdade do lado de lá dos Pirineus é a mesma do lado de cá. Para os crentes, ela muda, pelo contrário, atravessando as fronteiras ou o tempo.

As crenças possuem a faculdade maravilhosa de criar quimeras e depois submetê-las às mentes. Às vezes nos livramos da dominação dos tiranos, mas jamais da dominação das crenças. Milhares de pessoas estão sempre prontas a se matarem para

defendê-las. Nenhuma delas arriscaria sua vida para o triunfo de uma verdade racional.

A era da razão trazida pelos progressos das ciências à humanidade, de maneira alguma destruiu o poder das crenças, nem sua capacidade de forjar novas. Em nenhuma época se viu a eclosão de um número tão grande delas: políticas, religiosas ou sociais. A América e a Rússia, particularmente, as veem nascer a cada dia.

§2. A impotência da razão sobre a crença.

Quando, obedecendo à evolução natural das coisas, a crença chega ao grau de desgaste que precede seu declínio, a razão algumas vezes age sobre ela. Em seu período de triunfo, a crença nem mesmo tenta lutar contra a razão, pois esta última não a contesta.

Nada é mais raro, com efeito, do que ver, nos séculos de fé, mentes suficientemente independentes para discutir racionalmente sua crença. O exemplo de Pascal mostra o que podem ser os resultados dessa luta entre a lógica afetiva e mística de um lado e a lógica racional do outro.

O ilustre pensador escreveu numa época em que as verdades eram aceitas sem contestação e apenas um gênio como ele poderia ousar submeter suas certezas a uma discussão racional. O

insucesso completo de sua tentativa demonstra mais uma vez a impotência da razão contra a crença.

Pascal possuía uma sagacidade muito grande para não perceber o ilogismo racional de uma lenda que supunha um Deus que vingava em seu filho uma injúria cometida na origem do mundo por uma de suas criaturas e ele não hesita em qualificá-la de “tolice”.

Mas logo sua lógica racional é obrigada a se inclinar diante dos impulsos de sua lógica mística. Assustado pelo medo do inferno que lhe sugere esta última e querendo, no entanto, defender sua crença com razões aceitáveis, ele chega a considerar a vida futura como a aposta em um jogo perigoso. Perigoso, com efeito, pois se trata de castigos eternos, se realmente o inferno existe. “Na incerteza, é preciso apostar numa vida futura e se conduzir, por consequência, como se ela existisse”, assegura ele.

Moderadamente satisfeito, no entanto, com este argumento, Pascal tenta utilizar mais uma vez sua lógica racional para apoiar sua crença, mas ele não consegue muita coisa.

Dentre as provas com as quais o grande pensador tenta racionalizar sua fé, ele cita, naturalmente, as profecias e os milagres. Esses argumentos se aplicam a todas as religiões que, também elas, estão cheias de milagres e ele se vê então levado a simplesmente rejeitar os milagres das outras crenças.

Assegura ele: “Toda pessoa pode fazer o que fez Maomé, pois ele não fez milagres, ele não predisse. Nenhuma pessoa pode fazer o que fez Jesus Cristo”.

Pascal não pesquisa __ e sua lógica mística não lhe permite isso, sem dúvida __ o porquê do islamismo e do budismo acabarem por contar com tantos sectários quanto o cristianismo.

Apesar de todas as sutilezas de sua dialética, o ilustre filósofo sentia muito bem que nenhuma razão séria apoiaria sua fé. Por outro lado, esta última é necessária para evitar o inferno, se ele existe. Como conciliar isso? Eis seus conselhos:

> *Vós quereis chegar à fé e não sabeis o caminho... aprendais com aqueles que foram presos como vós... sigais a maneira com que eles começaram. É fazendo tudo o que eles acreditaram, tomando água benta, mandando rezar missas etc. que isso vos fará acreditar e vos entorpecerá. Mas é isso que eu temo. E por quê? O que tendes a perder?*

A discussão de Pascal mostra mais uma vez a impotência da razão em lutar contra a crença, sobretudo quando esta última se tornou coletiva.

Essa impotência fornece a chave de certos acontecimentos históricos, em aparência inexplicáveis, como a aventura de Port-

Royal[19], que perturbou profundamente uma parte do reinado de Luís XIV. Em sua origem, vemos simplesmente alguns religiosos muito virtuosos aceitando uma teoria particular da predestinação, cuja repulsiva iniquidade parecia condená-la a nenhuma influência. Julgadas unicamente sob o ponto de vista racional, as afirmações sobre a graça eficiente, a frequência da comunhão, as cinco proposições de Jansénius etc. parecem vulgares divagações. Elas provocaram, no entanto, tão furiosas paixões que Port-Royal foi arrasada e seus monges dispersos, mesmo eles sendo modelos de virtudes. Tais acontecimentos permaneceriam, eu repito, inexplicáveis, se a razão tivesse uma mínima parte em sua gênese.

Todas essas crenças, sendo elaboradas no inconsciente, escapam não apenas à nossa razão, mas necessariamente também à vontade. Elas são o resultado de sugestões análogas àquelas que agora sabem produzir todos os hipnotizadores.

Sem dúvida que a razão pode dar o desejo de acreditar, mas ela jamais terá o poder de fazer acreditar. Também não se chega a isso seguindo o conselho de Pascal: agir como se acreditasse. Por mais poderosa que seja a vontade, ela não conseguiria criar a fé e pode, no máximo, fornecer um simulacro dela.

[19] Port-Royal des Champs. Monastério cisterciense fundado em 1204 a sudoeste de Paris no vale de Chevreuse. Posteriormente, em 1637, torna-se o berço dos chamados Solitários de Port-Royal: monges que viviam uma vida retirada e em contemplação. Foi também o berço do jansenismo na França. (Nota do tradutor)

Sendo a crença independente da razão, não é de se espantar, como destaca Ribot, “ver uma mente superior rompida com os métodos severos das ciências, admitir em religião, em política, em moral, opiniões infantis que ela não se dignaria a discutir um só instante, se elas não fossem as suas”.

Desta forma, limita-se geralmente a aceitar as crenças sem discuti-las. Comportamento muito sábio. Muito tempo ainda se passará, sem dúvida, antes que a razão faça frente à fé.

***

CAPÍTULO IV

Como se mantêm e se transformam as crenças.

§1. Como se mantêm as crenças.

Sumário

Uma verdade racional é impessoal e os fatos que a sustentam são adquiridos para sempre.

Sendo, pelo contrário, pessoais e baseadas em concepções sentimentais ou místicas, as crenças são submetidas a todos os fatores suscetíveis de impressionar a sensibilidade. Elas deveriam então, parece, se modificarem sem parar.

Suas partes se mantêm, no entanto, mas com a condição de serem constantemente alimentadas. Qualquer que seja sua força no momento de seu triunfo, uma crença que não é continuamente defendida logo se desagrega. A história está crivada de restos de crenças que tiveram, por esta razão, apenas uma existência efêmera.

A codificação das crenças em dogmas constitui um elemento de duração que não bastaria. A escritura somente retarda a ação destrutiva do tempo.

Uma crença qualquer __ religiosa, política, moral ou social __ é mantida sobretudo pelo contágio mental e sugestões repetidas. Imagens, estátuas, relíquias, peregrinações, cerimônias,

cantos, música, pregações etc. são os elementos necessários desse contágio e dessas sugestões.

Confinado num deserto e privado de todo símbolo, o crente mais convicto veria logo sua fé se enfraquecer. Se os anacoretas e os missionários a conservam, no entanto, é porque eles releem sem parar seus livros religiosos e sobretudo se dedicam a uma gama enorme de ritos e de preces. A obrigação dos padres de recitarem diariamente seu breviário foi imaginada por psicólogos que conheciam muito bem a virtude sugestiva da repetição.

Nenhuma fé é durável se for privada dos elementos fixos que lhe servem de suporte. Um Deus sem templos, sem imagens, sem estátuas, logo perderia seus adoradores. Os iconoclastas são guiados por um instinto muito preciso, ao quebrarem as estátuas e os templos das divindades que querem destruir.

As pessoas da Revolução Francesa, que procuravam anular a influência do passado, tinham igualmente razão, sob este ponto de vista, em saquear as igrejas, as estátuas e os castelos. Mas essa destruição não foi suficientemente prolongada para agir sobre sentimentos fixados por uma herança secular. Sua duração é mais longa do que a das pedras que os simbolizam.

§2. Como evoluem as crenças.

Uma crença mantida pelo mecanismo que acabamos de mencionar, nem por isso é imobilizada definitivamente. Ela evolui, pelo contrário, embora seus sectários a suponham invariável. Sua ilusão deve-se ao fato de que os livros sagrados que pretendem fixar os contornos de um dogma são conservados com respeito, embora a prática se afaste deles a cada dia.

Uma crença qualquer __ política, religiosa, artística ou moral __ só tem realmente de fixo seu nome. Ela é um organismo em vias de evolução incessante. Eu já expliquei em **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples** como se transformam as instituições, as línguas, as crenças e as artes. Eu mostrei também que esses elementos jamais passam de um povo a outro sem sofrer modificações consideráveis.

Portanto, apesar da estabilidade aparente das crenças formuladas em dogmas, elas são, no entanto, obrigadas a evoluir para se adaptar às variações de mentalidade de seus sectários e dos meios por onde eles se movem.

Essas transformações são lentas, mas, quando elas se acumularam por muito tempo, constata-se que quase não existe parentesco entre os livros escritos na época da fundação de uma crença e sua prática atual. O bramanismo, por exemplo, só possui

relações muito vagas com os livros védicos que o inspiraram. O mesmo acontece com o budismo.

As leis que regem a evolução das crenças estão longe de serem nitidamente determinadas. Pode-se, no entanto, formular, eu creio, as seguintes indicações:

1º) Várias crenças conciliáveis, postas em presença, tendem a se fundir, ou, pelo menos, a se superpor. Assim aconteceu com os deuses e as crenças do mundo pagão.

2º) Se as crenças são muito diferentes, a mais forte __ o que geralmente significa a mais simples __ tende a eliminar as outras. O islamismo converteu por essa razão, não apenas as tribos selvagens da África, mas também os povos altamente civilizados da Índia.

3º) Uma crença triunfante acaba sempre por se dividir em seitas, em que cada uma delas só conserva os elementos fundamentais da crença mãe.

Somente sobre esta última lei é útil insistir agora. Ela basta, com efeito, para mostrar o mecanismo de evolução das crenças.

Sua divisão em seitas sempre foi observada até mesmo no dia seguinte ao triunfo das grandes religiões, como o cristianismo e o islamismo. Sendo a primeira a mais complicada, ela gerou o maior número de seitas e cismas __ maniqueus, arianos, nestorianos, pelagianos etc. __ que não pararam de discutir

furiosamente durante séculos. Essas lutas recomeçaram mais violentas ainda com a Reforma. O protestantismo, mal havia sido formulado, logo se ramificou, também ele, em seitas numerosas: anglicanos, luteranos, calvinistas, liberais etc.

Estando, cada uma das seitas surgidas de uma grande crença, ávidas por dominar, rapidamente ela também se torna tão intolerante quanto a religião de onde surgiu. Considerar a Reforma __ como se faz tão frequentemente __ como um triunfo do livre pensamento é não compreender nada da natureza de uma crença. O protestantismo foi inicialmente mais rígido do que o catolicismo e se ele em seguida evoluiu para formas às vezes um pouco liberais, isso não significa que ele continuou muito menos intolerante que ele. Lutero e seus sucessores professavam doutrinas muito limitadas, desprovidas de todo espírito filosófico e impregnadas de uma intransigência selvagem. Tendo Calvino dividido os seres humanos em eleitos e reprovados, considerava que os primeiros não tinham que ter nenhuma consideração em relação aos últimos. Ao se tornar professor em Genebra, ele fez pesar sobre a cidade a mais pavorosa tirania e organizou um tribunal tão sanguinário quanto o Santo Ofício. Seu opositor Michel Servet foi queimado lentamente.

Na época da Noite de São Bartolomeu, surgida de todas essas querelas na França, foram os protestantes os massacrados,

mas em todos os países onde eles eram os mais fortes eles se tornaram os massacradores. Dos dois lados a intolerância era a mesma.

A perpétua subdivisão das crenças deve-se ao fato de que cada um adota os elementos que o impressionam com força e não é influenciado pelos outros. Alguns fiéis que possuem o temperamento de apóstolos logo tentam formar uma pequena igreja. Se eles conseguem isso, um cisma ou uma heresia está fundado e logo o contágio mental intervém para propagá-lo.

A divisão de uma crença em seitas sempre foi favorecida pela extrema imprecisão dos livros sagrados. Cada teólogo pode, portanto, interpretá-los de acordo com sua vontade.

É útil examinar algumas obras __ como aquelas dedicadas às discussões sobre a graça, entre tomistas e congruistas, jansenistas e jesuítas etc. __ para ver a que grau de aberração podem descer mentalidades iludidas pela fé.

Até mesmo as mentes mais ilustres parecem tomadas de vertigem assim que penetram no campo da crença. Pode-se dar como exemplo as **Méditations**, do célebre Malebranche. O sucesso desse livro foi tal, no momento de sua publicação em 1684, que 4.000 exemplares foram vendidos em uma semana.

Nele aprendemos, aliás, coisas muito espantosas. Segundo ele “Deus sente, pensa e age em nós e até mesmo move nosso

braço quando nos servimos dele contra suas ordens. Não é minha vontade que levanta meu braço, mas Deus que o move por ocasião de minha vontade. O ser humano não pode se afastar de Deus, que lhe permite, no entanto, um pouco de liberdade. Quando fazemos o bem, é Deus que o faz em nós. O ser humano não é responsável por suas boas ações, mas por suas más. Se há o mal no mundo, foi porque Deus negligenciou um pouco sua obra; isso era necessário, aliás, pois ele é o lar dos pecadores".

Tais afirmações parecem hoje em dia infantis. Não nos esqueçamos, no entanto, que concepções análogas abalaram o mundo.

Essas aberrações teológicas não pertencem exclusivamente a um passado desaparecido, mas ainda ao presente e muito provavelmente ao futuro. As crenças políticas atuais, que nos corroem, são de uma ordem bem inferior e serão recolocadas por nossos descendentes ao mesmo nível que as precedentes. As visões muito curtas de seus defensores são geralmente sustentadas por uma fé idêntica àquela dos teólogos, dos quais eles são os continuadores. Somente impulsos sentimentais e místicos os guiam e este fato os torna temíveis. Um país pode sobreviver apesar deles, não graças a eles.

Os crentes de todas as eras pretenderam racionalizar sua fé, sem compreender que sua força se deve justamente ao fato de que nenhum argumento racional atua sobre ela.

A única ação possível da razão sobre a crença religiosa é fazer com que considere como simples símbolos as narrativas dos livros santos, em contradição flagrante com a ciência moderna. Menos fechados do que os católicos em dogmas rígidos, muitos protestantes chegam facilmente a eles. Sabe-se, pelo contrário, que a tentativa, dita modernista, de alguns teólogos católicos falhou completamente. Os verdadeiros crentes não devem lamentar muito isso. Nada é absurdo para a fé e quando um conjunto de crenças forma um bloco, ele não deve ser tocado.

A desagregação de uma crença em seitas rivais, perpetuamente em lutas, não poderia acontecer nas religiões politeístas. Elas evoluíram também, mas através de anexações e depois fusões de deuses novos, todos considerados como muito poderosos e, por consequência, respeitados. Eis o porquê de as guerras de religião, que devastaram a Europa, terem permanecido quase desconhecidas na antiguidade pagã.

Foi, portanto, um grande benefício para os povos terem começado pelo politeísmo. Eu considero, contrariamente a uma opinião muito universal, que eles teriam ganhado muito se tivessem permanecido nele. Longe de favorecer o progresso, o

monoteísmo o retardou, com as lutas sangrentas que ele provocou no mundo. Ele retardou durante séculos a evolução das artes, da filosofia e das letras, desenvolvidas pelos gregos politeístas a um ponto tal que os faz serem vistos como nossos mestres.

Não se pode também creditar ao monoteísmo a unidade de sentimentos que ele acaba por criar, a força de guerras, de fogueiras e de proscrições. O culto à pátria bastou para dotar os romanos politeístas, na época de sua grandeza, de uma comunidade de sentimentos que jamais foi ultrapassada.

Se, como dizem tantos historiadores e semifilósofos, como Renan, o monoteísmo tivesse constituído uma superioridade, seria preciso colocar acima de todas as religiões o islamismo, a única que é quase monoteísta.

Eu disse quase, pois as religiões realmente monoteístas só existem nos livros. O cristianismo, por exemplo, anexou rapidamente legiões de anjos, de santos, de demônios, que correspondem às divindades secundárias do mundo antigo e veneradas ou temidas como elas.

Essa multiplicidade de deuses secundários nas crenças monoteístas e a divisão rápida destas em seitas, mostram bem que o monoteísmo é um conceito teórico, que não corresponde às nossas necessidades afetivas e místicas.

As mudanças nas crenças, indicadas neste capítulo, apresentam uma grande importância histórica, em razão do papel que elas desempenharam. Mas, sob o ponto de vista filosófico, sua narrativa não tem interesse. A crença constitui o alimento reclamado por nossa necessidade de crer. O alimento mudou e mudará ainda, mas a necessidade continuará indestrutível, enquanto a natureza humana não tiver se transformado.

***

CAPÍTULO V

Como morrem as crenças.

§1. A fase crítica das crenças e sua dissolução.

Sumário

Exato no sentido histórico, o título deste capítulo o é muito menos no sentido filosófico. Semelhantes à energia da física moderna, as crenças se transformam algumas vezes, mas jamais perecem. Elas mudam de nome, no entanto e é este fenômeno que pode ser considerado como sua morte.

Portanto, após terem lentamente envelhecidos, os dogmas sofrem a lei comum. Eles se apagam e se extinguem. Seu desaparecimento __ ou melhor, na realidade, sua transformação __ se manifesta inicialmente por uma fase crítica, geralmente provocadora de perturbações.

Os físicos mostram que quando um corpo se encontra próximo de seu ponto crítico, uma insignificante variação de temperatura o faz bruscamente passar do estado gasoso ao estado líquido, ou vice-versa.

Esse ponto crítico é observado igualmente em muitos fenômenos sociais. Um país importador de ouro ou de certas mercadorias pode, por exemplo, tornar-se subitamente exportador, sob influências muito pequenas.

Esse fenômeno, tão geral em física e em economia política, se manifesta também na vida das crenças. Após oscilações diversas e um desgaste prolongado, elas chegam às vezes a um ponto crítico e podem ser então transformadas bruscamente.

Essa fase, em que ceticismo e fé se aproximam, é produzida quando o tempo __ ou outros motivos __ abalou as crenças, antes que aquelas que as substituirão estejam ainda nitidamente formuladas.

Os últimos defensores dos dogmas esfarelados se agarram a eles desesperadamente, sem acreditar muito neles. Eles parecem temer "esse incurável tormento que faz o fundo da vida das pessoas que perderam o gosto por Deus", que fala Bossuet.

De fato, eles jamais o perderam. Deuses novos sempre surgem para substituir aqueles que estão mortos ou que vão morrer.

Mas essa passagem de uma divindade a outra não acontece sem muitas dificuldades. Pôde-se constatar isso com o declínio do paganismo.

Atravessamos precisamente uma dessas eras de instabilidade, em que os povos se encontram sacudidos entre as influências das divindades antigas e aquelas em vias de formação. Nossa época constitui um dos pontos críticos da história das crenças.

Aguardando a adoção de uma grande fé nova, a alma popular flutua entre pequenos dogmas momentâneos, sem duração, mas não sem força. Defendidos por grupos, comitês, partidos, eles geralmente exercem um poder considerável.

As ações dos clubes na Revolução Francesa, das ligas maçônicas na burguesia, dos sindicatos na classe operária, dos comitês eleitorais nas cidades, fornecem exemplos disso.

Embora às vezes muito efêmeras, essas pequenas crenças produzem __ enquanto duram __ uma fé robusta. Sobre elas está concentrada a irresistível necessidade de acreditar, cujo poder nós já mostramos.

Elas não podem substituir definitivamente, no entanto, as crenças gerais. Enquanto as capelas dos grupos estão em rivalidade constante, os grandes dogmas têm o poder de fazer desaparecer o interesse individual diante do interesse coletivo.

É visível que nós hoje ainda não chegamos lá. Os imperativos categóricos gerais de outrora se tornaram pequenos imperativos de seitas, que possuem de comum apenas o ódio intenso pela ordem das coisas estabelecidas. As tábuas da lei não são mais as mesmas para todas as tribos de Israel.

§2. Transformação das crenças religiosas em crenças políticas.

Examinada sumariamente, a era moderna parece ter transposto todas as escalas de valor. Na realidade, ela sobretudo modificou seus nomes.

Os fiéis dos velhos cultos lamentam a pouca fé das novas gerações. Jamais, talvez, no entanto, as massas manifestaram uma necessidade de crença mais profunda do que em nossa época. Ao se tornar fé política, a fé religiosa mudou pouco. A crença no milagre e a mística adoração de potências sobrenaturais permaneceram idênticas. A providência estatal herdou a antiga providência divina.

Uma crença comum é um ato de fé. Aplicada a um ser superior ou a uma divindade, ela se complica com a necessidade de submissão e de adoração. Acreditar e adorar frequentemente são sinônimos.

O crente tende sempre então a divinizar o objeto de sua adoração. Marat, cujo cadáver deveria ter sido jogado pouco tempo após sua morte no esgoto, foi deificado no dia seguinte à sua morte e litanias edificantes foram compostas em sua honra. Napoleão representava para seus soldados um deus invencível. As relíquias das vítimas das repressões anarquistas são adoradas por seus fiéis.

Uma crença só se torna realmente popular quando foi concretizada sob a forma de seres ou objetos veneráveis. Viu-se isso claramente durante a Revolução Francesa. Uma de suas primeiras preocupações foi encontrar uma divindade para substituir as antigas. A deusa Razão inicialmente escolhida teve seu culto em Notre Dame, com cerimônias muito semelhantes àquelas que se celebravam ali há séculos.

Essa época, nunca é demais repetir, só pode ser compreendida se for compreendido o papel desempenhado pelo misticismo do povo e de seus líderes. Robespierre, encarnação típica da mentalidade religiosa estreita de seu tempo, acreditava ser um apóstolo que havia recebido do céu a missão de estabelecer o reino da virtude. Muito deísta, muito conservador e grão-sacerdote infalível de uma teocracia nova, ele julgava ser um dever sagrado imolar impiedosamente “os inimigos da virtude” e, como outrora os pontífices da Inquisição, não poupava ninguém. Seus discursos faziam apelo sem parar ao ser supremo. Seu discípulo Couthon também invocava a cada instante o Supremo.

Os tribunais revolucionários tiveram um parentesco estreito com aqueles da Inquisição. Eles não adoravam exatamente os mesmos deuses, mas alimentavam os mesmos ódios e perseguiam um mesmo objetivo: a supressão dos infiéis.

Eu já mostrei suficientemente, nas obras precedentes, a evolução do socialismo rumo a uma forma religiosa, para retornar a isso muito longamente aqui. Se ele possuísse uma divindade precisa para adorar, seu sucesso seria muito mais rápido.

Seus apóstolos sentem instintivamente essa necessidade, mas, não ousando oferecer em adoração popular a cabeça do principal teórico da doutrina, o judeu Karl Marx, eles tiveram que se voltar para a deusa Razão. Eu reproduzi em meu **Psychologie Politique**, uma passagem do jornal socialista **Humanité**, que nos informa que na sessão de inauguração de uma escola socialista, o jovem professor da Sorbonne encarregado da primeira aula "dirigiu, como convinha, uma invocação à deusa Razão".

Infelizmente, as divindades abstratas jamais seduziram as massas e é por isso que a religião socialista possui dogmas, mas ainda espera seu Deus.

Não é preciso esperar por muito tempo. Os deuses sempre nascem quando se sente a necessidade deles.

A força da nova crença deve-se sobretudo __ eu já repeti isso várias vezes __ ao fato de que ela é herdeira das concepções cristãs. Os dogmas socialistas tomaram emprestado dos primeiros cristãos, com seu misticismo, a necessidade de igualdade, o altruísmo e o ódio às riquezas. O parentesco das duas doutrinas é tal que, na Bélgica, o catolicismo tornou-se aliado resoluto do

socialismo. Ele favorece abertamente as greves e encoraja a luta entre as classes.

Os apóstolos da fé socialista têm igualmente o tom inflamado e profético dos primeiros defensores do cristianismo. Eu não falo somente das publicações de sectários comuns, mas aquelas dos homens instruídos. Eu tive oportunidade de citar, em meu último livro, fragmentos característicos de um escrito dessa natureza, publicado por um professor do Collège de France, convertido, como outrora Polieucto, à nova fé e desejoso de destruir os falsos deuses. Sua leitura mostra bem que nem mesmo o cientista pode penetrar no círculo da crença sem ver desaparecer sua moderação e seu espírito crítico. Ao descer vários graus na escala mental, ele perde o sentido das realidades. Absurdos, violências, impossibilidades, não conseguiriam chocá-lo, pois ele deixa de vê-los.

É inútil recriminar. A crença é uma senhora irresistível e sua atração acontece assim que se aproxima de sua esfera de ação.

Tenazes ou transitórias, as crenças sempre representaram __ eu repito mais uma vez __ os grandes fatores da vida das nações. Não se governa um povo com ideias verdadeiras, mas com crenças tidas como verdadeiras. Pilatos, hoje, sem dúvida não colocaria a questão, a qual nenhum filósofo respondeu de forma definitiva. Ele diria que, sendo a verdade aquilo que se acredita,

toda crença estabelecida constitui uma verdade. Verdade provisória, sem dúvida, mas foi com verdades dessa ordem que o mundo sempre foi conduzido.

***

LIVRO IX

Pesquisas experimentais sobre a formação das crenças e sobre os fenômenos inconscientes de onde elas derivam.

CAPÍTULO I

Intervenção da crença no círculo do conhecimento. Gênese das ilusões científicas.

§1. Porque o conhecimento está sempre mesclado por crenças.

Sumário

Nenhum cientista pode se vangloriar de ter saído para sempre do círculo da crença. Nos fenômenos incompletamente conhecidos ele é obrigado a formular teorias e hipóteses, ou seja, crenças que somente a autoridade de seus autores faz com que sejam aceitas.

Mesmo com relação aos fenômenos bem estudados somos forçados, não podendo examiná-los todos, a admiti-los como crenças. Nossa educação clássica não passa de um ato de fé com relação a doutrinas impostas pelo prestígio do mestre. Ela deve, por esta razão, tornar-se experimental algumas vezes, a fim de mostrar ao aluno a possibilidade de verificar as afirmações que

lhes são impostas e ensiná-lo que a observação e a experiência são as únicas estruturas da verdadeira certeza.

A impossibilidade de verificar o conjunto de nossos conhecimentos torna bem quimérico o conselho dado por Descartes em seu **Discurso do Método**: "Não tomar jamais uma coisa como verdadeira se eu não a conheço evidentemente como tal e rejeitar como falsas todas aquelas em que podemos imaginar a menor dúvida".

Se Descartes tivesse tentado aplicar seus preceitos, ele não teria admitido como evidentes coisas que nos fazem rir hoje em dia. Como seus contemporâneos e a generalidade de seus sucessores, ele era dominado pela crença. O ceticismo mais extenso é, na realidade, sempre parcial. "Aquele que, em seus assuntos cotidianos, não quisesse admitir nada que não fosse fundamentado em demonstrações claras e diretas, poderia estar certo de perecer em muito pouco tempo. Ele não poderia encontrar nenhuma comida nem nenhuma bebida que ele pudesse arriscar a ingerir", diz Locke.

Pode-se acrescentar igualmente que a análise crítica de nossas opiniões e de nossas certezas tornaria impossível a existência de uma sociedade. O papel da crença é justamente o de nos poupar de tais análises.

E como o cientista é obrigado a aceitar como crenças uma grande parte das verdades da ciência, não nos espantemos ao vê-lo manifestar às vezes tanta credulidade quanto os ignorantes. Sobre assuntos estranhos à sua especialidade ele até mesmo os ultrapassa um pouco.

Essas considerações explicam porque cientistas ilustres são às vezes vítimas das maiores ilusões. Após ter constatado isso em fatos científicos comuns, livres de toda paixão, estaremos preparados para compreender como certas crenças ocultistas, análogas às práticas da antiga feitiçaria, puderam ser aceitas por ilustres especialistas.

§2. A gênese das ilusões científicas.

Como nem todas as experiências podem ser reproduzidas, o princípio da autoridade é __ eu já mencionei acima __ nosso principal guia. Acredita-se no autor, cuja posição confere prestígio, supondo, muito justamente aliás, que ele não se exporia a ser desmentido ao emitir afirmações errôneas.

Regra geral é assim que acontece. Um cientista não anuncia jamais uma coisa que ele pensa ser inexata. Mas a influência da sugestão é tal que, mesmo em fatos muito precisos, uma mente ilustre pode se iludir e tomar como realidades as visões de sua imaginação. A interessante história dos raios N, que ilustres

físicos até mediam o índice de refração, embora mais tarde a existência desses raios fosse reconhecida como imaginária, constitui um memorável exemplo desse fenômeno.

Vamos insistir nesses fatos, pois revelando os erros possíveis no estudo de fenômenos físicos, submetidos a rigorosas medidas eles nos fazem compreender o quanto se torna fácil a ilusão em face de fenômenos suscetíveis apenas de ineficientes verificações.

Para mostrar que os papéis do prestígio, da sugestão e do contágio podem produzir em todas as mentes __ inclusive as mais sofisticadas __ crenças e opiniões errôneas, escolheremos nossos exemplos unicamente entre cientistas.

Um dos mais impressionantes é a aventura de que foram vítimas, há cerca de quarenta anos, a quase totalidade dos membros da Academia de Ciências e que inspirou Daudet na criação de seu célebre romance **L'Immortel**. Seguindo a fé de um eminente geômetra, aureolado por um grande prestígio, a ilustre assembleia inseriu como autênticas em seus anais, uma centena de cartas supostamente de Newton, Pascal, Galileu, Cassini etc. Fabricadas em todos os detalhes por um falsário pouco letrado, elas estavam cheias de vulgaridades e erros, mas os nomes de seus supostos autores e do cientista que as apresentava fizeram com que fossem aceitas. A maior parte dos acadêmicos __ e

particularmente o secretário perpétuo __ não teve nenhuma dúvida sobre a autenticidade desses documentos, até o dia em que o falsário confessou sua fraude. O prestígio desapareceu e declarou-se miserável o estilo das cartas, afirmado inicialmente como maravilhoso e muito digno dos escritores geniais considerados como seus autores.

As verificações, no exemplo precedente, eram difíceis para os cientistas não especializados, que confiaram naturalmente na autoridade de um confrade. Na realidade, os especialistas do Instituto foram tão facilmente enganados quanto os ignorantes. Essa objeção desaparece, aliás, diante de outros fatos mais recentes, em que os erros cometidos o foram unicamente por especialistas.

Uma das mais curiosas ilusões coletivas, produzidas pelo prestígio e o contágio, foi aquela imposta há uns quinze anos, por um célebre físico, o Sr. Becquerel, professor de física na École Polytechnique. Ele expôs longamente e várias vezes, nos anais da Academia de Ciências, experiências minuciosas que provavam categoricamente, segundo ele, que o urânio emitia radiações capazes de se polarizar, de se refratar, de se refletir e, por consequência, idênticas à luz emitida por corpos fosforescentes. Durante três anos __ e apesar das afirmações contrárias de um físico francês, que os leitores desta obra conhecem __ o célebre

acadêmico persistiu em seu erro e o partilhou com todos os cientistas da Europa. Ele só foi reconhecido quando um observador americano __ posto ao abrigo do prestígio, pela distância __ provou, com uma verificação das mais fáceis, que esses raios, não se refratando e não se refletindo, não eram outra coisa além da luz. Sob o ponto de vista de suas consequências científicas, o erro era enorme e o fato de que ele pôde ser partilhado por três anos, pela totalidade dos físicos, pareceria incompreensível, sem as explicações da psicologia.

A história dos raios N, a qual fiz alusão mais acima, é ainda mais típica. Ela revela, não somente o papel do prestígio, mas também o da sugestão e do contágio mental.

Não se trata aqui, como no caso precedente, de experiências admitidas em confiança por todo o mundo sem verificação, mas de observações declaradas exatas por uma quantidade de físicos que pensavam tê-las verificado.

Um distinto correspondente da Academia de Ciências, o renomado professor de física Sr. Blondot, acreditou constatar que um grande número de corpos emitem raios particulares, qualificados por ele de raios N. Eles se revelavam através de sua ação sobre a fosforescência e sua amplitude podia ser medida com exatidão. O autor gozava de um grande prestígio e sua afirmação foi aceita sem contestação pela maior parte dos cientistas

franceses, *que repetiram suas experiências e viram nelas exatamente o que lhes havia sido sugerido ver*.

Durante dois anos, os anais da Academia de Ciências publicaram inumeráveis notas de diversos físicos profissionais __ Broca, J. Becquerel, Bichat etc. __ sobre as propriedades, cada dia mais maravilhosas, desses raios. O Sr. Jean Becquerel anunciou até mesmo tê-los cloroformizados. Cientistas ilustres __ o Sr. d'Arsonval, particularmente __ fizeram sobre eles conferências entusiasmadas.

A Academia de Ciências, julgando necessário recompensar uma tão importante descoberta, encarregou vários de seus membros __ particularmente o físico Mascart __ para irem verificar com o autor a exatidão de suas pesquisas. Eles retornaram maravilhados e um prêmio de 50.000 francos[20] foi concedido ao inventor.

Nesse meio tempo, cientistas estrangeiros, sobre os quais os físicos franceses não exerciam qualquer prestígio, repetiam inutilmente as experiências sem lograr êxito. Vários se decidiram então ir observá-las com seu inventor. Eles rapidamente constataram que este era vítima das mais completas ilusões,

[20] Ele deveria ser concedido inicialmente exclusivamente pelos raios N, mas, no último momento, por um excesso de prudência, ele pareceu excessivo a alguns membros da Comissão e o relatório declarou atribuir o prêmio de 50.000 francos ao Sr. B. pelo conjunto de seus trabalhos, sem especificar quais.

continuando a medir, por exemplo, os desvios dos raios N sob a influência de um prisma, mesmo quando se tinha sorrateiramente retirado esse prisma na obscuridade etc.

A **Revue Scientifique** abriu então uma vasta pesquisa junto a todos os físicos do mundo. Seus resultados foram desastrosos para os raios N. Teve-se que reconhecer que eles eram um puro produto da sugestão mental e do contágio e que ele jamais existiu.

Destruída a sugestão, *nenhum dos físicos franceses convencidos de terem visto os raios N conseguiu uma só vez percebê-los novamente*. As comunicações sobre este assunto, tão abundantes outrora nos anais da Academia de Ciências, cessaram brusca e totalmente.

Desta forma, durante dois anos, físicos profissionais acreditaram, a ponto de medir com minúcia, em raios que possuíam realidade apenas em sua imaginação e que foram criados unicamente pela sugestão.

Essa maravilhosa história mostra, ao mesmo tempo, o poder do prestígio, da sugestão e do contágio. Ela ilumina com uma viva luz a gênese das crenças, a de muitos eventos históricos e a de todos os fenômenos ocultistas. Nesta última matéria, pode-se dizer que os observadores vivem de sugestões e, quando se vê o que elas conseguem produzir em assuntos científicos, percebe-se a

preponderância de seu papel na gênese dos fenômenos maravilhosos.

Eu quis examinar aqui somente as ilusões científicas célebres, que recaíam sobre fatos de uma importância capital. Se fosse preciso relatar os erros científicos em detalhes, devidos à influência do prestígio, um volume inteiro não bastaria. Eu me limitarei a citar somente mais um.

Há alguns anos, um aluno do Sr. Lipmann acreditou ter descoberto __ observação de um porte considerável __ que um corpo eletrizado em movimento não desvia uma agulha imantada. O autor era totalmente desconhecido, mas tendo feito suas experiências sob os olhos e com a ajuda do Sr. Lipmann, ele se beneficiou da grande autoridade deste último e foi ouvido por todos os físicos, até o dia em que um cientista estrangeiro provou que o aluno e o professor tinham se enganado redondamente e por quê.

Salvo no caso das cartas do falsário, eu só fiz alusão __ destaquemos isso __ a fatos científicos suscetíveis de medidas precisas e submetidos a uma observação rigorosa. É por esta razão, aliás, que os erros científicos sempre acabam, cedo ou tarde, por serem descobertos.

Nas ciências em vias de formação, como a medicina, onde as verificações são extremamente difíceis __ pois não se sabe

jamais quais resultados se deve atribuir à sugestão ou ao remédio __ os erros se perpetuam muito mais. Enumerá-los seria fazer a história da medicina e mostrar que teorias, remédios e raciocínios mudam a cada quarto de século. Eu só citarei um exemplo, dentre tantos outros.

Há uns cinquenta anos, o tratamento da pneumonia pela sangria era considerado como uma das belas conquistas da arte medicinal. Seu valor parecia superabundantemente provado através de estatísticas que mostravam que, graças a ele, só se perdiam 30 doentes em 100.

O emprego desse precioso sistema continuou até o dia em que um médico sagaz, visitando um hospital homeopático de Londres, constatou que a mortalidade dos doentes de pneumonia, ali mal ultrapassava 5 a cada 109, ao invés dos 30 a cada 100, na França. Isso foi um clarão de luz. Pois, pensou ele, como os medicamentos homeopáticos são muito diluídos para agir, o verdadeiro tratamento é não fazer nada. Esse regime, aplicado na França, logo fez cair a mortalidade cair à mesma cifra que na Inglaterra. Os médicos matavam então, com a sangria, 25 em cada 100 de seus doentes. Hoje em dia, longe de enfraquecê-los com uma operação tal, sustenta-se suas forças com o álcool.

A multiplicação desses exemplos não acrescentaria nada ao que eu quis demonstrar. O leitor está convencido, eu espero, de

que a maior parte de nossas opiniões científicas deve ser qualificada, não de conhecimentos, mas de crenças. Sendo crenças, elas se formam sob certas influências __ prestígio, afirmação, sugestão, contágio etc. __ muito estranhas à razão, mas muito mais poderosas do que ela.

Nós encontraremos também esses mesmos motivos geradores na formação moderna das crenças ocultistas em alguns cientistas.

***

CAPÍTULO II

A formação moderna de uma crença. O ocultismo.

§1. A utilidade de se estudar experimentalmente a formação de uma crença.

Sumário

Desde o início desta obra mostramos que a explicação da formação e da propagação das grandes crenças que guiaram a humanidade durante longos séculos e ainda a guiam é um difícil problema.

Após ter tentado resolvê-lo teoricamente através de diversos meios, vamos tentar a aplicação dos princípios expostos no estudo de novas crenças, tomando como exemplo uma religião moderna, o ocultismo, tão carregada de milagres quanto aquelas que a precederam. Se constatarmos que fatos inverossímeis, reconhecidos mais tarde como quiméricos, foram admitidos inicialmente sem dificuldades por cientistas ilustres, teremos experimentalmente provado que a inteligência não desempenha nenhum papel na formação das crenças e que estas se colocam sob a influência dos elementos afetivos e místicos, descritos ao examinarmos as diversas formas de lógica.

Minha argumentação será, aliás, independente do suposto valor das crenças ocultistas, pois vou me ater sobretudo aos fatos reconhecidos mais tarde como ilusórios por seus próprios adeptos

e que, no entanto, foram admitidos como exatos por vários cientistas. Veremos assim que, uma vez entrado no círculo da crença, o experimentador aceita facilmente as mais inverossímeis enormidades e dá provas de uma credulidade às vezes tão completa quanto a dos selvagens.

Estabelecida essa demonstração, ela fornecerá provas precisas em apoio aos princípios expostos nesta obra e esclarecerá experimentalmente o mecanismo do nascimento e da propagação das crenças.

Como nenhuma delas surge completa, como já mostramos, é necessário pesquisar inicialmente as crenças anteriores de onde o ocultismo deriva.

§2. A magia na Antiguidade e na Idade Média.

O ser humano sempre teve sede de conhecer seu destino e obter a assistência de potências sobrenaturais que ele acredita que o rodeia. Dessas necessidades nascem as formas diversas de magia.

Essa arte foi praticada em todos os povos, em todas as eras de sua história. A necromancia, a astrologia, a adivinhação, que são seus ramos, foram de um uso constante na Antiguidade.

A adivinhação através de diversos meios e particularmente através de oráculos interpretados por personagens muito

semelhantes aos médiuns modernos, representa a forma mais geral da antiga magia.

A confiança nas indicações assim obtidas era universal. Em Roma, a magia constituía uma religião de Estado, cujos sacerdotes encarregados de comentar os fenômenos sobrenaturais eram chamados de áugures. Seu papel era considerável. Os generais os consultavam antes das batalhas e suas opiniões faziam algumas vezes leis serem anuladas.

O colégio dos áugures só foi suprimido no século IV de nossa era pelo imperador Teodósio, diante da influência crescente do cristianismo.

A fé dos antigos nas previsões atribuídas a seres superiores, análogos aos espíritos do moderno espiritismo, era geral. Certos oráculos __ o de Delfos, por exemplo __ gozavam de uma autoridade tal que se vinha consultá-los de todas as partes do mundo antigo.

Os oráculos se calaram e a magia pagã desapareceu com o triunfo do cristianismo. Ela renasceria na Idade Média sob o nome de bruxaria. Conhece-se seu papel e seu poder. Queimados aos milhares, os bruxos sempre reapareciam. Essa força rival da Igreja foi domada pelo tempo, muito mais do que pelos suplícios.

A bruxaria sempre era praticada com a assistência do diabo. Se testemunhos inumeráveis, afirmações obstinadamente

repetidas, até mesmo ao preço da vida, bastassem para estabelecer a existência de um fato, nada seria mais incontestavelmente provado do que a existência do sabá. Incalculável, com efeito, é o número de indivíduos que confessaram terem sido erguidos através dos ares, montados numa vassoura e de terem tido relações sexuais com os demônios.

Os feitos de bruxaria que impregnaram a Idade Média figuram certamente dentre os fenômenos mais curiosos e outrora os menos explicados da psicologia.

O papel da sugestão e do contágio mental se manifestou nela em uma grande escala. Os testemunhos recolhidos durante os processos de bruxaria em diversos países são concordantes e as descrições de Satã idênticas, de maneira a tornar o sabá o mesmo em todo lugar.

Nenhum interesse pessoal parece ter influenciado a alma desses alucinados. O diabo lhes dava realmente bem pouco em troca de sua salvação eterna e, devotados à bruxaria, eles sabiam estar condenados aos mais terríveis suplícios.

Raramente, aliás, precisava-se recorrer às torturas para obter a confissão de seus supostos crimes. Os acusados descreviam com complacência as cenas de sabá. O diabo os atendia sob variadas formas: sapo, gato, cachorro preto, cabra etc. Ele oferecia a seus fiéis refeições geralmente compostas de restos de cadáveres e

distrações bem pouco numerosas. Afora danças e relações sexuais com demônios sórdidos ou velhas feiticeiras, as mais frequentes ocupações consistiam em chicotear vigorosamente sapos gordos para fazer com que eles secretassem um humor esverdeado e pegajoso destinado à fabricação dos unguentos e poções mágicas.

A bruxaria persistiu durante séculos e durante esse longo período nenhuma dúvida surgiu na mente dos magistrados sobre a existência das cerimônias que lhes eram descritas. Nenhum deles se perguntou que motivos levariam alguém a vender sua alma ao diabo, por prazeres tão medíocres quanto ir comer cadáveres à noite num pântano desértico. Como a dúvida poderia nascer, aliás, se os acusados confessavam seu crime? Portanto, eles eram queimados sem remorsos. Somente no ducado da Lorena, 400 bruxos pereceram pelo fogo em vinte anos.

Não se poderia atribuir a todas essas vítimas da bruxaria __ e de crenças análogas __ qualquer mentalidade muito diferente daquela das pessoas de hoje em dia. A credulidade moderna é igualmente grande; ela somente mudou de natureza. Feiticeiros da Idade Média, feiticeiros políticos modernos, prometedores de quimeras, invocadores de espíritos materializados, tiradores de cartas, sonâmbulos lúcidos e adivinhos de todo tipo, pertencem à inumerável família de mentes confinadas no círculo da crença, sem jamais terem podido sair dele. Nesse mundo enganador o

impossível não existe e as alucinações que se produzem nele têm a realidade aparente dos sonhos fantásticos que amedrontam às vezes nossas noites.

Desse domínio temível onde ela esteve fechada por tanto tempo, a humanidade acabou por se libertar um pouco, mas essa liberação é tão recente e tão incompleta que um atavismo muito pesado a joga de volta a ele sem parar.

Quando, após grandes esforços, conseguiu-se fugir do campo da crença, é preciso se lembrar de que jamais se aproxima dele sem sofrer sua perigosa atração.

Numerosos cientistas tiveram essa experiência. Armados com seus instrumentos e seus métodos, eles acreditaram poder escapar das influências capazes somente de alucinar, segundo eles, mentes limitadas. Eles foram, na realidade, tão facilmente enganados quanto os mais humildes crentes. Toda sua instrumentação científica serviu somente para dar a certas ilusões, das quais nem mesmo os fiéis estavam sempre convencidos, uma aparência de certeza que elas jamais teriam adquirido de outra forma.

§3. A magia nos tempos modernos e os fenômenos de materialização.

Diante dos progressos das ideias científicas, a crença na magia parecia arruinada. Os feiticeiros, despidos de prestígio, só encontravam crédito nos cafundós de alguns obscuros vilarejos.

Mas o amor pelo mistério, as necessidades religiosas que uma fé muito antiga mal alimentava e a esperança de sobreviver ao túmulo, são sentimentos tão vívidos que eles não conseguiriam morrer. A magia antiga deveria, mais uma vez, reaparecer, mudando de nome sem se modificar muito. Ela se chama hoje em dia, ocultismo e espiritismo. Os áugures são chamados de médiuns, os deuses inspiradores de oráculos se intitulam espíritos e as invocações dos mortos se tornaram as materializações.

Por muito tempo a nova crença permaneceu desdenhada pelos cientistas. Mas, nos últimos vinte anos, assistimos a este fenômeno muito imprevisto: professores ilustres se tornando defensores convictos de todas as formas de magia. Desta forma, ouvem-se antropólogos renomados, como Lombroso, assegurarem que invocaram as almas dos mortos e conversaram com elas. Ilustres químicos, como Crookes, afirmam terem convivido meses com um espírito que se materializava e se desmaterializava diariamente. Professores de fisiologia célebres, como Richet, pretender terem percebido um guerreiro de armadura nascer

espontaneamente do corpo de uma menina. Físicos ilustres, como d'Arsonval, contarem que um médium pôde fazer variar consideravelmente e à vontade, o peso de um objeto. Vemos enfim, ilustres filósofos, como o Sr. Boutroux, dissertarem, em brilhantes conferências sobre os espíritos, sobre as comunicações sobrenaturais e assegurarem que "a porta subliminar é a abertura por onde o divino pode entrar na alma humana".

É verdade que outros cientistas, igualmente ilustres, rejeitam essas observações, devidas, segundo eles, a alucinações e se indignam contra o que chamam de um retorno às formas mais baixas de feitiçaria e de superstição.

Diante de tão contraditórias afirmações, o público instruído permanece perplexo e se pergunta se é realmente possível que observadores hábeis possam se enganar tão enormemente e porque fatos tidos como certos para diversos observadores jamais foram vistos por outros, que operavam com os mesmos sujeitos e em condições aparentemente idênticas.

Só se poderia compreender isso, com efeito, após ter se aprofundado no mecanismo da formação das crenças, bem como no papel da sugestão coletiva e do contágio. É preciso saber, enfim, que a ilusão se torna, em certas circunstâncias determinadas, suficientemente intensa para se confundir com a realidade.

A fim de mostrar a credulidade sem limites de alguns cientistas ilustres, assim que eles penetram no campo da crença, eu vou escolher o fenômeno ocultista mais estudado por eles: aquele chamado de materialização. Veremos fisiologistas renomados admitirem sem hesitar que um ser vivo pode se constituir instantaneamente, com seus ossos, seus vasos, seus nervos, enfim, todos os seus órgãos.

Definamos inicialmente, de acordo com os espíritas, em que consiste uma materialização. Escreve o Dr. Maxwell:

> *A palavra materialização significa que um espírito __ o de um morto ou mesmo o de uma pessoa viva __ pode retirar do organismo do médium um "fluido", ou seja, uma substância imponderável, suscetível no entanto de se condensar e de se tornar matéria. Essa substância se agrega em matéria e se ordena em formas variadas, segundo a vontade da inteligência que a manipula. Ordinariamente, é um corpo análogo a um corpo vivo o que essa inteligência se fabrica. Ele lembra a forma que possuía o defunto quando vivo, quanto se tratar de um morto. Tais corpos são ditos materializados.*

Para os ocultistas, todos os órgãos são rodeados por um tipo de envelope formado dessa substância sutil. Além de nosso corpo material, possuiríamos um outro, em duplicata, um "corpo astral",

às vezes separável do primeiro após a morte. Ele poderia se materializar tomando emprestado elementos materiais de um corpo vivo; por exemplo, o do médium.

Naturalmente que as explicações dos espíritas sobre tal assunto são bem confusas e variam com a imaginação de cada autor. É preciso somente reter que, do corpo de um ser vivo pode surgir instantaneamente um outro ser, que possui os mesmos órgãos e não simplesmente seu aspecto.

A famosa Katy King, de Williams Crooke, tinha, com efeito, um coração bem regular e os pulmões do fantasma de armadura, materializado diante do professor Richet, secretava ácido carbônico como um ser comum, como se pôde constatar fazendo com que ele insuflasse ar, através de um tubo, na água de bário. Se esses ilustres cientistas e aqueles que mencionaremos mais tarde, não foram vítimas de fraudes __ na verdade, enormes __ eles podem se vangloriar de terem assistido a milagres iguais aqueles de Deus no Gênese, que fez Eva surgir do corpo de Adão.

Após a demonstração de tais prodígios, estaríamos mal fundamentados ao negar aqueles da Bíblia. Infelizmente, toda vez que eles puderam ser examinados um pouco de perto, esses fantasmas revelaram a presença de fraudes tão grosseiras que teríamos certamente passado esse assunto despercebido, se mentes tão ilustres não tivessem sido enganadas.

As ilusões dos cientistas citados mais acima ou daqueles que, como Lombroso, asseguram ter invocado mortos e conversado com eles, encontram invariavelmente sua fonte na sugestão e nas fraudes.

Pode-se avaliar a influência destas últimas __ sempre cometidas na obscuridade __ pelo recente caso do célebre Miller, que fazia aparecer sucessivamente vários fantasmas que conversavam com os assistentes e se deixavam tocar por eles. Muito confiante na credulidade, no entanto imensa, dos assistentes, ele acabou por negligenciar certas precauções e foi surpreendido em plena fraude. Os jornais espíritas que tinham mais ardentemente o apoiado foram obrigados a confessar seu erro.

Também típico é o caso de Anna Rothe, que percorria toda Berlim, até o dia em que policiais hábeis, tendo descoberto seu roteiro, a levaram às barras de um tribunal, onde foi condenada a dezoito meses de prisão.

Sua história foi longamente contada pelo Dr. Maxwell, de quem tomo emprestado os detalhes seguintes. Essa médium dava sessões públicas nas quais ela materializava flores no espaço.

> *Esses fenômenos estranhos aconteciam nos lugares mais diversos e fora das sessões. Num café ela materializou um pedaço de bolo; nos jantares aos quais ela participava,*

flores caíam ao lado dela, nasciam de suas mãos, cresciam subitamente nos ombros de seus vizinhos.

As coisas se seguiram assim durante meses, depois anos. O número de pessoas que procurava Senhorita Rothe aumentava, o espiritismo fazia progressos que inquietaram a corte e que produziram algumas polêmicas... Uma noite, sob ordem do delegado de polícia, vários agentes se precipitaram sobre a médium durante uma sessão e constataram que as flores, supostamente advindas de uma materialização, eram simplesmente flores naturais escondidas no vestido da médium.

Durante numerosas sessões dadas no Instituto Psicológico de Paris, a médium Eusápia sentindo-se monitorada, só tentou muito poucas materializações. Ela conseguiu uma vez, no entanto, libertar suas mãos das mãos dos controladores e envolveu a cabeça de um assistente com um braço, supostamente de um fantasma, mas cuja origem foi reconhecida rapidamente.

Em Nápoles, sabendo-se menos observada e operando diante de uma assistência muito confiante, a mesma médium realizou inconcebíveis prodígios.

Os fenômenos que vou citar se passaram em presença do professor Bottazi, um dos cientistas mais ilustres da Itália, assistido por observadores distintos. O relatório oficial que vamos

resumir foi publicado *in extenso* pelos **Annales des Sciences Psychiques** (agosto, setembro e outubro de 1907).

O Sr. Bottazi e seus assistentes estão convencidos de que do corpo de Eusápia podem sair um braço e uma mão invisíveis que lhe permitem levantar uma mesa de 22 quilos e deslocar inúmeros objetos. O cientista fisiologista admite então, como se vê, a formação instantânea de membros invisíveis capazes de agir como membros comuns.

Além desses braços e mãos invisíveis, o Sr. Bottazi e seus assistentes asseguram terem visto surgir do corpo da médium materializações muito visíveis, particularmente uma cabeça. Diz ele: "Todo mundo viu a aparição. Eu experimentei um estremecimento em todo meu corpo. Apareceram também dedos e mãos."

Todas essas mãos visíveis ou invisíveis teriam roçado os assistentes e mexido nas teclas dos aparelhos registradores. Elas levaram para a mesa vários objetos próximos da médium, inclusive uma mandolina. Graças a seus dedos invisíveis, Eusápia pôde tocar o instrumento colocado a 60 centímetros dela, traçar uma marca na argila, girar o botão de uma lâmpada elétrica etc. Eusápia, acrescenta o autor, "explora e apalpa tudo o que se encontra na cabine com suas mãos mediúnicas".

Na mesma sessão, o autor contemplou “duas aparições de rostos humanos, de cor natural, muito pálidos, quase diáfanos”.

Outros cientistas italianos conhecidos __ o Dr. Venzano, o professor Morselli etc. __ anunciam ter observado com a mesma médium fenômenos análogos, particularmente “uma figura de mulher que tinha em seus braços um menininho com cabelos muito curtos. O rosto da mulher era rodeado por uma atitude de amor pela criança”. A médium interrogada declarou que a “forma de mulher era a mãe da Srta. Avellino e a criança que ela tinha em seus braços era seu neto”. Durante essa materialização, a sala foi iluminada por uma luz de gás muito intensa[21]. Este último detalhe mostra que a luz não impede a aparição dos fantasmas, como pretendem os espíritas. Basta que os assistentes possuam uma fé bem forte. Eu creio no entanto que, com os médiuns, a obscuridade é muito mais favorável ao desenvolvimento da crença.

O professor Sr. Morselli, em um muito volumoso documento sobre os fenômenos mediúnicos[22], logo transformado em um grosso livro, assegura ter constatado a exatidão de todos os fenômenos precedentes e de alguns outros mais. Ele nos fala, particularmente, do frio intenso emitido algumas vezes pelo

[21] **Annales des Sciences Psychiques**, agosto de 1907.
[22] **Annales des Sciences Psychiques**, abril e maio de 1907.

médium. Diz ele: “Isso pode ser um símbolo do frio intenso das tumbas que se abrem para deixar passarem os defuntos?” Ele assistiu à “materialização de uma desencarnada que lhe era muito cara” etc.

Numa entrevista publicada pelo **Matin**, o cientista professor Lombroso afirma ter visto __ também ele __ se materializar sua mãe defunta e ter conversado com ela.

Eu já destaquei acima que nas experiências realizadas com a médium Eusápia, os resultados variaram de acordo com os países e os observadores. Na Itália, como vimos, eles foram maravilhosos e jamais os mágicos das lendas realizaram tão grandes milagres. Na Inglaterra, eles foram nulos, pois a Comissão nomeada para o exame desses fenômenos concluiu pela fraude. Na França, o sucesso oscilou de acordo com os meios e a mentalidade dos assistentes. Considerável nos meios mundanos e muito pequeno, pelo contrário, nos meios científicos.

Ao longo de uma entrevista publicada por diversos jornais, o Sr. d’Arsonval declarou considerar todos os fenômenos de materialização como “fraudes ou acrobacias” e o Instituto Psicológico, após numerosas sessões, “não pôde observar nenhum em que a fraude não desempenhasse nenhum papel”.

A esta mesma conclusão chegou o Sr. Dastre, membro da Academia de Ciências e professor de fisiologia na Sorbonne. Nós

examinamos juntos a médium que serviu para as experiências do Instituto Psicológico. As sessões aconteceram em meu domicílio. Vimos, por diversas vezes, quase em pleno dia, uma mão aparecer acima da cabeça da médium. Mas, mandando meu auxiliar vigiar seus ombros através de uma janela lateral, que ela não podia ver, isso permitiu seguir todos seus movimentos e rapidamente obtivemos a prova de que essas mãos materializadas eram simplesmente as mãos naturais da médium, livres do controle dos observadores. Assim que Eusápia se percebeu suspeita, as aparições de mãos cessaram completamente e só recomeçaram quando, cedendo ao desejo de alguns amigos crédulos, eu consenti em deixá-los assistir a uma sessão e, incomodado pelo seu número, cessei minha vigilância.

As conclusões deste capítulo se impõem muito facilmente para ser preciso um maior desenvolvimento delas. Tarefa, aliás, bem inútil. Os convictos continuarão convencidos e os céticos continuarão céticos. No domínio da fé, a razão não intervém.

§4. Razões psicológicas da formação das crenças ocultistas.

Vemos o papel da sugestão e do contágio mental nos fenômenos maravilhosos da magia e sua influência sobre as mentes mais ilustres.

Mas essa interpretação não bastaria. Para compreender a gênese de práticas que persistiram em tantos povos através das eras e ainda sobrevivem é preciso estabelecer uma concepção mais geral e não tentar explicá-la com a razão, da qual ela pouco depende.

A magia, sob todas as suas formas, deve ser considerada como uma manifestação do espírito místico, que é inseparável de nossa natureza e cuja força nós já demonstramos.

Fundadores de religiões, bruxos, magos, adivinhos, propagadores de tantas ilusões que encantaram ou aterrorizaram nossos pais e que sempre reaparecem, são os sacerdotes de uma poderosa deusa que domina todos os outros deuses e cujo culto parece eterno.

Consideremos, através do tempo e do espaço, os milhares de edifícios sagrados erguidos há 8.000 anos acima das grandes cidades e tratemos de discernir que forças misteriosas levaram à edificação sem trégua desses templos, desses pagodes, dessas mesquitas, dessas catedrais, onde as maravilhas da arte foram empilhadas.

Descobriremos isso ao pesquisar o que demandavam as pessoas aos deuses, de aspectos tão variados quanto aqueles que os invocavam. Um sentimento idêntico visivelmente sempre os animou. Os povos de todas as raças adoraram, sob nomes

diversos, uma única divindade: a Esperança. Todos os seus deuses não passavam então de um único Deus.

***

CAPITULO III

Métodos de exame aplicáveis ao estudo experimental de certas crenças e de diversos fenômenos supostamente maravilhosos.

§1. Ineficiência dos métodos habituais de observação.

Sumário

As ilusões que vitimaram os cientistas dedicados ao estudo dos fenômenos espíritas mostram que os métodos de investigação utilizáveis no domínio do conhecimento, não são aplicáveis ao domínio da crença.

Eles são inaplicáveis porque o cientista se encontra então em condições totalmente excepcionais. Ele deve, com efeito, superar fraudes incessantes, estranhas às suas experiências cotidianas e lutar contra as ilusões que lhe são sugeridas.

O método de estudo dos fenômenos que servem de base para certas crenças deve ser criado inteiramente para permitir alguns resultados. Saindo um pouco o assunto do âmbito desta obra, eu me limitarei a indicar brevemente o porquê dos métodos empregados até aqui não terem valor e sobre quais assuntos recairia utilmente a experimentação.

Destacaremos primeiramente que os crentes nos fenômenos ocultistas afirmam que eles não são produzidos à vontade e que eles não são, por consequência, submetidos a qualquer

determinismo. As potências superiores criadoras de tais fenômenos não têm que obedecer a nossos caprichos. Júpiter lança o relâmpago quando ele quer e Netuno desencadeia ou acalma as tempestades sem esperar o desejo dos navegadores.

A impossibilidade de prever um fenômeno não impede, de maneira alguma, seu estudo científico quando ele se manifesta. Essa primeira dificuldade não é, portanto, considerável. Outras muito mais graves vão se apresentar.

§2. O valor do testemunho e da observação no estudo das crenças.

Em história, o método de estudo é o testemunho. Em matéria científica, a experiência e a observação servem de guia.

Porém, para os fenômenos ocultistas, o primeiro método deve ser rejeitado inteiramente e a observação, bem como a experiência, são utilizáveis somente em circunstâncias excepcionais.

Porque o testemunho deve ser eliminado, mesmo quando as constatações são numerosas e concordantes?

Simplesmente porque a história da maior parte dos fenômenos maravilhosos prova que milhares de observadores afirmaram a existência de fatos, declarados mais tarde como alucinações individuais ou coletivas. As cenas de sabá, que lançavam através dos ares legiões de feiticeiros são, eu já

mencionei isso, atestadas por testemunhos unânimes consignados em inumeráveis processos. Muito poucos fatos históricos se apoiam numa documentação tal e, no entanto, ninguém ousaria sustentar em nossos dias a existência real dos fenômenos de feitiçaria. As aparições sobrenaturais atestadas por centenas de espectadores não são consideradas hoje em dia como tendo uma mais certa existência.

O testemunho, como método de estudo dos fenômenos maravilhosos, deve, portanto, ser rejeitado completamente e, pela mesma razão, a observação individual não tem valor. Em tal matéria, a sugestão parece uma lei constante. Ela age sobretudo quando, sob a influência da atenção expectante, o observador acredita ter constatado um esboço do fenômeno.

Desenrola-se então um encadeamento de alucinações, tomadas facilmente como realidades. Escutemos sempre com benevolência os crentes, para não magoá-los, mas não vamos dar nenhuma fé a suas narrativas maravilhosas.

Percebe-se a extrema dificuldade do estudo dos fenômenos maravilhosos quando se sabe a que ponto a observação exata dos fatos mais simples não é fácil.

Escreve o professor Beaumis:

> *Não é fácil, como se pensa, limitar-se à constatação de um fenômeno. Todos temos, infelizmente, uma tendência*

em deformar os fatos que observamos, em curvá-los a nossas ideias, a nossos hábitos mentais, à nossa maneira de ver. Coisa muito rara é a observação pura. O médico que interroga um doente sabe o quanto é difícil fazê-lo dizer o que sente e somente o que sente. Tomemos dez testemunhos de um mesmo fato; cada um deles, de muito boa fé, o contará de uma maneira diferente.

§3. O valor da experimentação individual e coletiva.

Eliminados o testemunho e a observação como meio de estudo, resta a experiência.

Em assuntos comuns, seu emprego seria fácil, mas exercido sobre fenômenos vistos através do prisma da crença, longe de esclarecer, ela só contribui, na maioria das vezes, para fixar erros. A experiência pode ser bem executada, mas, aplicada a fatos simulados ou invisíveis para o observador colocado na obscuridade, ela pode servir para que? Dispor espertamente dos aparelhos registradores para constatar o deslocamento sem contato de um objeto, que o médium escondido por uma cortina manipula a vontade, não leva a nenhuma verificação útil.

Em matéria de ocultismo, as condições de experimentação são tão difíceis que os cientistas desejosos de abordar esse estudo

se reúnem na esperança de que suas luzes individuais se somem; suposição, aliás, bem incorreta.

As pessoas um pouco familiarizadas com a psicologia das massas sabem da pouca utilidade das pesquisas coletivas. Os observadores se sugestionam uns aos outros, perdem todo espírito crítico, o nível de sua mentalidade se abaixa e eles só conseguem conclusões imprecisas. Eu não creio que uma só descoberta tenha sido feita algum dia por uma coletividade. Se for realizada alguma no ocultismo, ela certamente o será por um cientista isolado, que só terá então que mandar verificá-la.

Todas as pesquisas sobre o ocultismo empreendidas na Inglaterra, na França e na Itália, não deram em nada e justificam amplamente as reflexões precedentes. Segundo a mentalidade dos assistentes e seu grau de sugestionabilidade, o mesmo médium foi declarado vulgar e fraudador ou, pelo contrário, possuidor de poderes tão maravilhosos quanto outrora aqueles atribuídos ao diabo pela feitiçaria.

A mais importante dessas pesquisas, tanto pelo tempo e o dinheiro gastos, quanto pela qualidade dos observadores, foi aquela organizada pelo Instituto Psicológico de Paris. Os resultados foram pouco brilhantes, apesar dos 25.000 francos sacrificados e as 43 sessões dedicadas às experiências.

Sobre quase nenhum dos fenômenos os observadores conseguiram se colocar em acordo. Somente com relação à levitação o relator se mostrou um pouco afirmativo, mas o detalhe das experiências mostra que as convicções se estabeleceram sobre bases, na verdade, bem frágeis. Os membros da comissão de exame se viram obrigados, apesar de sua evidente benevolência, a constatar fraudes inumeráveis.

Embora longa e onerosa, essa pesquisa não pôde avançar a questão em um só passo. Após ter assistido a maior parte das sessões do Instituto Psicológico, o eminente físico Branly me escreveu: “O que eu vi não me convenceu”.

§4. A necessidade de dissociar os fenômenos e só se ater ao exame de um elemento isolado. Aplicação ao estudo da levitação.

O insucesso completo da dispendiosa pesquisa do Instituto Psicológico demonstra claramente, como eu disse no começo, o pequeno valor dos métodos de estudo atuais. Eu considero que, em vez de dispersar sua atenção sobre uma gama ampla de fenômenos acessórios, o observador deve se dedicar a um só, ou seja, tomar um fato bem circunscrito, bem isolado e estudá-lo exaustivamente com os aparelhos registradores, independentes de sua ação, até sua demonstração completa.

Como parece que ninguém percebeu a utilidade deste princípio, eu resolvi aplicá-lo eu mesmo a um caso isolado, nitidamente definido: o levantamento de um corpo sem contato. Após o exame da médium Eusápia, com a ajuda do professor Dastre, nos ficaram algumas dúvidas na mente, sobre este ponto.

Os fenômenos de levitação não têm, aliás, nada que choca a razão. Um médium poderia possuir uma força particular capaz de atrair os objetos, como o ímã atrai o ferro. Mas, antes de dissertar sobre ela, parecia útil demonstrar sua existência.

Para fixar minhas dúvidas sobre a possibilidade das levitações, eu resolvi apelar para todos os médiuns que afirmavam possuir essa faculdade. Com a ajuda do príncipe Roland Bonaparte, membro da Academia de Ciências e do Dr. Dariex, diretor dos **Annales des Sciences Psychiques**, eu estabeleci um prêmio de 2.000 francos, destinado ao médium que deslocasse um objeto sem contato. Para que a existência desse prêmio chegasse ao conhecimento de todos os interessados, eu recorri à publicidade de um importante jornal, o **Matin**. Meu artigo foi, aliás, reproduzido pela maior parte dos grandes jornais do mundo.

Se a experiência que eu propunha fosse realizada, ela teria constituído uma prova definitiva, ao abrigo de toda discussão. Ela deveria acontecer em pleno dia, no laboratório do professor Dastre, na Sorbonne, em presença de dois prestidigitadores, de um

fotógrafo encarregado de filmar os detalhes da operação e, enfim, de quatro membros da Academia de Ciências, encarregados simplesmente de constatar em quais condições foram realizados os fenômenos.

Não se poderia objetar, nas condições precedentes, que os fenômenos de levitação só se produzem na obscuridade, já que a maior parte dos ocultistas atuais renunciou a essa exigência. O Sr. Maxwell não para de insistir, em seu livro, sobre a possibilidade de obter os fenômenos de levitação em plena luz. O Sr. Boirac, reitor da Academia de Dijon, também afirma ter, por diversas vezes, atraído, de dia, uma mesa, sem tocá-la. Porque, gozando dessa propriedade tão curiosa, não tentaram obter o prêmio de 2.000 francos?

O anúncio desse prêmio me valeu, naturalmente, a recepção de várias centenas de cartas, mas cinco médiuns somente se apresentaram para ganhá-lo. Eu lhes apresentei as condições indicadas acima, garantindo, aliás, a quantidade de sessões que fossem necessárias. Todos prometeram retornar. Nenhum reapareceu.

Mesmo que a médium Eusápia não tenha conseguido __ quando uma vigilância séria foi exercida __ o deslocamento de um prato de uma balança de cartas, que só exigia uma força inferior a um grama, os espíritas não hesitam em afirmar que os

médiuns conseguem deslocar, sem contato, pesos de quase 200 quilogramas.

Escreve o senhor professor Morselli: “O fenômeno da levitação das mesas representa o a, b, c do espiritismo. Aqui não há dúvida possível!!! A mesa se levanta sozinha, sem truques nem enganações e fica suspensa até por 78 segundos... Aqui em Gênova, um jovem poeta, médium excelente, moveu uma caixa com pesos de 180 quilos”.

É lamentável que esse jovem poeta, que desloca 180 quilogramas sem tocar, não tenha tentado levar o prêmio de 2.000 francos, levantando somente alguns gramas.

Eu creio ter prestado um real serviço ao demonstrar o quanto o fenômeno da levitação, julgado tão simples pelos espíritas, é raro, admitindo-se que ele possa acontecer, do que não temos absolutamente nenhuma prova.

O Instituto Psicológico quis também verificar os fenômenos da levitação. Deu-se para eles a constatação de um mal enorme. Infelizmente, nenhuma das experiências executadas __ e sobretudo as fotografias apresentadas em apoio __ pode produzir convicção.

Os cientistas italianos foram mais felizes; eles contemplaram Eusápia erguida no ar “por mãos espíritas”.

Lombroso, após ter obtido o favor especial de conversar com a alma de sua mãe, se mostrou bem categórico sobre este ponto. Eis o que ele disse em uma entrevista publicada pelo **Matin**:

> *Um fenômeno extraordinário foi observado quando Eusápia, sentada, com as mãos e os pés amarrados, se ergue muito lentamente até se nivelar com o plano da mesa e se sentar nela. Sob suas axilas veem-se somente duas mãos espíritas que a ajudam. Essa experiência foi seriamente controlada.*

É permitido duvidar do controle, mas não da fé robusta dos observadores.

Os espíritos, cujas "mãos espíritas" ajudaram Eusápia a erguer tão facilmente seu próprio peso ou mesas muito pesadas, lhe recusam obstinadamente a assistência tão logo céticos indiscretos examinam as coisas de muito perto. No Instituto Psicológico ela tinha frequentemente flexionado uma balança de cartas à distância e as convicções começavam a se formar, mesmo que ela tenha sido surpreendida várias vezes abaixando o prato com um fio de cabelo preso entre os dedos. Um assistente, continuando a suspeitar de fraude, teve a precaução de cobrir de fuligem o prato, bem como o braço e a agulha da balança de cartas. Qualquer contato de fios de cabelo deveria assim se revelar

através de um traço deixado sobre a fuligem. A partir desse momento e em todas as experiências subsequentes, Eusápia não pôde agir uma única vez à distância sobre a balança de cartas.

Ela tentou fazer variar seu peso no Instituto Psicológico e, efetivamente, diz o relator, a balança indica uma diminuição de peso, mas o gráfico fornecido pelo aparelho registrador parece ser muito incerto, pois o relator acrescenta: “Devemos concluir que Eusápia exerceu naquele momento pressões com suas mãos sobre a mesa?” É irritante que os observadores, tendo estudado por tanto tempo essa médium, jamais tiveram a ideia de repetir essa importante experiência, a fim de formar uma convicção positiva ou negativa.

As tentativas dos membros da comissão do Instituto Psicológico, para fixar através da fotografia a levitação de uma mesa, foram sem sucesso, provando mais uma vez o pequeno valor das experiências coletivas.

Diz o relator:

> *Nós não obtivemos fotografias de elevação completa, onde os quatro pés da mesa fossem inteiramente visíveis. Uma única fotografia foi tomada de improviso, em plena obscuridade. A mesa estava erguida em dois pés somente. Parece manifesto, aliás, pelo exame da posição das mãos do sujeito, que essa elevação parcial é completamente*

normal. A palma da mão esquerda de Eusápia toca o ângulo do tampo da mesa que ela parece erguer e quatro dedos de sua mão direita estão fortemente apoiados perto da borda oposta. A sinergia das mãos para produzir ou manter o levantamento é visível.

É, em todo caso, certo, hoje em dia, que o mais simples dos fenômenos invocados pelos espíritas __ a elevação de um objeto __ não pôde ser nitidamente obtido. Eis algumas passagens do artigo no qual eu expus os resultados do concurso que eu estabeleci:

*Os leitores do **Matin** sabem que, com a ajuda do príncipe Roland Bonaparte e do Dr. Dariex, eu propus um prêmio de 2.000 francos ao médium capaz de erguer, em plena luz do dia, sem tocar, um objeto sobre uma mesa. O artigo que continha essa proposta teve uma repercussão considerável na França e no exterior e não é de se supor que um só espírita a tenha ignorado.*

Eu recebi, aliás, várias centenas de cartas que relatavam histórias muito maravilhosas, mas cinco candidatos apenas se ofereceram para realizar a experiência. Após ter discutido com eles as condições expostas e de eles as terem aceitado, eles prometeram

retornar. Nenhum reapareceu. A experiência lhes pareceu, portanto, irrealizável.

Os espíritas se consolam dessa manifesta derrota, assegurando que os fenômenos de levitação foram observados por diversas vezes. Um deles afirmou neste jornal que há quarenta anos viram-se espíritos erguerem uma mesa carregada com 75 quilogramas de pedras. Essa operação indica, nos espíritos, um grande vigor, que consola um pouco da pobreza lamentável de suas revelações. Resta se perguntar, no entanto, do porque de os médiuns, que foram capazes de erguer 75 quilogramas há quarenta anos, não poderem erguer alguns gramas hoje em dia. Ganhar dois mil francos em dois minutos e fixar um ponto importante da ciência seria, portanto, muito tentador.

O único argumento ainda utilizável pelos espíritas é o testemunho de cientistas eminentes que afirmam terem observado fenômenos de levitação e inúmeros outros muito mais maravilhosos ainda e acrescentam que ninguém tem o direito de declarar qualquer coisa antecipadamente como impossível.

Eu concordo de boa vontade com este último ponto. É possível que Minerva tenha saído toda armada do cérebro

de Júpiter e que a lâmpada maravilhosa de Aladim tenha existido. É de se admitir, no entanto, eu penso, que esses fenômenos parecem pouco prováveis. Provas sérias seriam necessárias antes de admiti-los.

Portanto, quando um cientista como Lombroso assegura ter visto se materializar, diante dele, a alma de sua mãe e conversado com ela; quando um fisiologista célebre afirma que um guerreiro de armadura saiu de uma jovem; quando um magistrado eminente pretende ter visto se materializar sob seus olhos uma dama "de uma maravilhosa beleza", que lhe declarou ser simplesmente uma fada; quando, eu digo, todos esses fenômenos e muitos outros são anunciados, temos o direito de ficar um pouco céticos, por maior que seja a autoridade dos cientistas que os afirmam. Esse direito é mesmo um dever, sendo esses milagres tão extraordinários quanto aqueles da bruxaria da Idade Média. Para se concordar com eles, seriam necessárias provas convincentes de uma outra maneira, que não sejam aquelas que contentam os adeptos modernos da magia.

Nossa pesquisa sobre o espiritismo não foi inútil. Ela mostrou a prodigiosa extensão de uma religião nova, a qual aderem alguns ilustres cientistas que são incapazes de

viver sem crenças. Os deuses morrem algumas vezes, mas a mentalidade religiosa sempre sobrevive a eles.

§5. Quais são os observadores mais aptos a estudar os fenômenos espíritas?

Chegamos agora a um ponto totalmente capital e sobre o qual é preciso insistir. Eu quero falar da qualidade das pessoas aptas a controlar os fenômenos espíritas.

Um erro muito geral consiste em imaginar que um cientista, célebre em sua especialidade, possua, por este único motivo, uma aptidão particular para a observação de fatos estranhos à sua especialidade; particularmente aqueles em que a ilusão e a fraude desempenham um papel preponderante.

Vivendo na sinceridade, habituados a acreditar no testemunho de seus sentidos, completados pela precisão dos instrumentos, os cientistas são, na realidade, as pessoas mais fáceis de enganar. Eu encontro um exemplo bem curioso dessa facilidade no seguinte relatório publicado pelos **Annales des Sciences Psychiques**:

> *O Sr. Davey, tendo convocado uma reunião de observadores ilustres, dentre os quais um dos principais cientistas da Inglaterra, o Sr. Wallace, executou diante deles e após tê-los deixado examinar os objetos e colocar carimbos onde quisessem, todos os fenômenos clássicos dos*

espíritas: materialização de espíritos, escritura em ardósia etc. Tendo em seguida obtido desses observadores ilustres relatórios escritos que afirmavam que os fenômenos observados só podiam ter sido obtidos através de meios sobrenaturais, ele lhes revelou que eles eram o resultado de truques muito simples... Os métodos inventados pelo Sr. Davey eram tão elementares que se fica espantado que ele tenha tido a ousadia de empregá-los; mas ele tinha um poder tal sobre a mente da massa que ele podia convencê-la de que ela via o que não via.

É sempre a ação da sugestão. Vê-la acontecer sobre mentes superiores, previamente colocadas em desconfiança, portanto, mostra seu prodigioso poder.

Os fenômenos do espiritismo não poderiam, portanto, ser eficazmente constatados por cientistas. Os únicos observadores competentes são as pessoas habituadas a criar ilusões e, por consequência, a desvendá-las, ou seja, os prestidigitadores. É bastante lamentável que o Instituto Psicológico não tenha compreendido isso. Com sua assistência, uma grande parte dos 25.000 francos inutilmente desperdiçados em insignificantes experiências teriam sido certamente economizados.

Sabe-se, aliás, da desconfiança extrema professada pelos crentes com relação aos prestidigitadores. Eles parecem temer a

perda de suas ilusões. O Sr. professor Binet ofereceu ao Instituto Psicológico, gratuitamente, hábeis prestidigitadores. A partir desse dia, evitou-se cuidadosamente convocá-lo, como ele mesmo me escreveu[23].

Deve-se deplorar, eu repito, que o Instituto Psicológico tenha manifestado tanta má vontade com relação aos prestidigitadores. Que razões poderiam motivar uma recusa tão persistente da ajuda dos únicos observadores aptos a desvendar as fraudes? Como a comissão sentiu ser fútil a colaboração de pessoas habituadas a provocar ilusões? Os ingleses se mostraram mais cuidadosos. Nas memoráveis sessões da Society of Psychical Researches, foi um prestidigitador, o Sr. Makeline, que descobriu as fraudes do médium que participou das experiências do Instituto Psicológico.

Os verdadeiros crentes não são influenciáveis por argumentos racionais e discutir com eles é inútil. Mas, ao lado deles se agita a imensa legião dos simples curiosos e dos

[23] Numa entrevista, o Sr. d'Arsonval acabou por reconhecer o quanto teria sido inútil a presença dos prestidigitadores, mas, diz ele, "nos dirigimos em vão a vários deles e nenhum deles quis responder nosso convite".
Eu posso assegurar ao eminente físico que sua memória o enganou. À declaração precedente do Sr. Binet eu poderia acrescentar a de vários prestidigitadores. Eis, aliás, um extrato da carta que eu recebi de um deles, o Sr. Raynaly, vice-presidente da câmara sindical da prestidigitação:
Permita-me de vos explicar que o Sr. d'Arsonval comete um erro quando diz que os prestidigitadores não se preocupam em assistir às sessões de espiritismo, enquanto que nós temos o mais ardente desejo disso. São os espíritas que não querem nossa presença. Isso parece muito significativo.

semiconvictos. Falou-se-lhes de fatos que os espantam. Eles meio que acreditaram, mas com a vaga consciência de admitir coisas duvidosas, afirmadas por pessoas que só tinham a sua fé por elas.

Tais mentes desejam ardentemente ver serem estudados, através de métodos precisos, fenômenos que poderiam talvez abrir uma porta para o desconhecido. Eu encontro a prova desse estado de espírito num artigo cuidadoso publicado por uma revista teosófica, **Les Nouveaux Horizons**, do qual apresento um extrato:

> *Um acontecimento de uma importância primordial na história da evolução humana se prepara neste momento. Ele nos é anunciado pelo Sr. Gustave Le Bon.*
>
> *Trata-se, nada mais, nada menos, do que a pesquisa de um método experimental especial para o estudo da gênese das crenças; o que equivale ao reconhecimento, pelo espírito científico, do instinto indestrutível da religiosidade na mentalidade humana, levando à sua admissão, pela ciência, como fato positivo e como objeto de ciência, mas que necessita de um método experimental especial; sendo as leis de sua manifestação diferentes daquelas que regem os fatos físicos.*
>
> *Quaisquer que sejam os motivadores que determinam à ciência tomar essa atitude nova frente ao sentimento religioso e à crença, não é audacioso afirmar que ela*

marca o começo de uma etapa nova na história da era da liberdade.

Assim que o estudo da gênese das crenças foi admitido como objeto de ciência e fato positivo e que a pesquisa de um método experimental especial à observação dos fenômenos que se ligam a elas começou, não se trata mais, frente a eles, nem de opinião pessoal nem de partido tomado. É cientificamente, imparcialmente, impessoalmente e objetivamente que convém tratá-los doravante.

(L. Martial)

Os métodos de estudo dos fenômenos supostamente sobrenaturais implicam, eu acabei de mostrar, em condições particulares. Por tê-las ignorado, uma quantidade enorme de observadores ilustres foi vítima dos mais pesados erros.

Não tendo nenhum meio de verificar experimentalmente os antigos milagres, seria muito interessante estudar cientificamente aqueles que nos são oferecidos por uma nova religião. Após ter mostrado com que facilidade eles desaparecem assim que são controlados um pouco cuidadosamente, vamos pesquisar o que uma experimentação bem conduzida poderia ensinar sobre certos fenômenos que merecem um estudo atento.

***

CAPÍTULO IV

O estudo experimental de alguns dos fenômenos inconscientes geradores de crenças.

§1. Experiências a efetuar para o estudo da formação das opiniões e das crenças.

Sumário

Os capítulos precedentes desvendaram o papel, na formação das crenças, das sugestões, do contágio mental e de diversos fatores de mesma ordem, estranhos à inteligência. A adoção de crenças quiméricas por muitos cientistas modernos esclarece a gênese das grandes religiões que se sucederam na história.

Mas, se os métodos experimentais que indicamos levassem somente às constatações negativas precedentemente formuladas, sua utilidade seria mínima. Vamos mostrar agora que, do amontoado de erros cometidos pelos sectários modernos da magia, métodos precisos permitem extrair e depois completar alguns ensinamentos aptos a jogar algumas luzes sobre essa obscura região do inconsciente onde são elaboradas nossas crenças.

Sendo o assunto muito novo ainda, devemos nos limitar a breves indicações. Eles terão como objetivo principal balizar o caminho a seguir.

§2. As ações fisiológicas e curativas da fé.

Dentre os objetos de estudos experimentais relativos à influência das crenças eu assinalarei inicialmente a influência das relíquias, das peregrinações, das águas milagrosas etc. Sua eficácia, admitida pelos crentes de todas as religiões, parece atestada por milhares de ex-votos pendurados desde a mais alta antiguidade nas paredes dos templos de todos os deuses.

Já está quase demonstrado hoje em dia que as peregrinações que levam milhares de crentes tanto a Meca quanto a Lourdes, ou às margens do Ganges, nem sempre lhes foram inúteis. As forças misteriosas do inconsciente, postas em jogo por uma fé ardente, frequentemente se revelaram mais poderosas do que os meios que a terapêutica dispõe.

Eu creio ser do mais alto interesse, podendo abrir horizontes imprevistos à fisiologia, colocar nitidamente em evidência os limites das influências que a sugestão produzida pelas preces, pelas relíquias, pelos amuletos etc. chegam a determinar no organismo.

Por muito tempo ainda, sem dúvida, esse estudo não poderá ser seriamente tentado. As curas qualificadas de milagrosas só foram examinadas até aqui por céticos empedernidos ou crentes cegos. No entanto, estas duas formas de mentalidades paralisam no mesmo grau a faculdade de observar. E como o cético nessas

matérias torna-se facilmente um crente, às vezes inconsciente, vê-se que não é fácil chegar a precisões bem nítidas.

Todos esses fenômenos, outrora negados ou afirmados sem nenhuma prova experimental, permanecem confinados ao campo da crença e recusa-se a levá-los em conta. Mesmo que isso não pareça mais absurdo do que as promessas desses taumaturgos que prescrevem águas milagrosas, pós mágicos, relíquias, anéis encantados etc.

No entanto, os estudos modernos sobre a autossugestão nos provaram que as afirmações de todos esses sonhadores não eram vãs. Frequentemente elas curaram, fortificaram, encorajaram, consolaram. As precisões científicas nem sempre foram tão úteis quanto certos erros.

Existem no organismo forças desconhecidas que são postas em jogo pela imaginação? Ainda não é possível afirmar isso. Poder-se-ia talvez formular a seguinte hipótese: como uma ideia __ ou seja, uma representação mental __ resulta de um certo estado fisiológico, a fixação prolongada em uma ideia talvez consiga determinar inversamente o estado fisiológico que lhe corresponde. Para obter uma cura bastaria então criar certas representações mentais muito fortes.

Esse fato já foi pressentido, aliás, há muito tempo. Em seu tratado **De Incantationibus**, publicado em 1525, o filósofo

italiano Pompanazzi já havia destacado que os animais comuns, vendidos como relíquias de santos célebres, curavam tão bem quanto as verdadeiras relíquias.

A cura pela fé foi várias vezes utilizada em nossos dias pelo célebre médico Charcot.

§3. As ilusões criadas pelas sugestões individuais e coletivas.

Só se poderia completar esse assunto através de muitas experiências; como aquelas que se efetuam espontaneamente. O poder da sugestão é tal que, nós já mencionamos isso, físicos ilustres acreditaram durante dois anos na existência de raios particulares que subitamente se tornaram invisíveis para eles assim que souberam das ilusões que os acometeram.

A sugestão faz acreditar nos fenômenos mais inacreditáveis, como as materializações instantâneas de seres vivos. O ilustre químico Crooke acreditou, desta forma, na existência de um fantasma emanado de uma médium, a famosa Katy King e que não passava da própria médium. Esta, foi mais tarde presa em flagrante delito por fraude, quando quis repetir em Berlim os fenômenos que tinham iludido o célebre cientista inglês[24].

[24] Escreve o Sr. Jules Bois: "Eu constatei em Londres não haver a menor espécie de dúvida nos truques pueris e grosseiros da famosa Florence Cook, que enganou tão magnificamente William Crooke". (**Journal de l'Université des Annales**, 5 de setembro de 1909)

Certos indivíduos não possuiriam um poder de sugestão particular que lhes permitem uma grande ação sobre aqueles que os rodeiam? Alguns fatos parecem demonstrar isso. Assim se explicariam os fenômenos de levitação executados em público, supostamente, por faquires da Índia e que, de resto, jamais tive oportunidade de observar em minhas viagens.

Essa hipótese traria igualmente à luz o papel de certos médiuns e a diferença nos efeitos que eles produzem, de acordo com o grau de sugestionabilidade dos assistentes.

Nas experiências espíritas, a influência da sugestão é totalmente predominante. Os próprios autores, aliás, reconhecem isso.

Escreve Maxwell:

> *Os experimentadores se sugestionam verdadeiramente uns aos outros e acabam por ter curiosas alucinações coletivas... Ocorreu-me de ouvir um assistente indicar que ele via uma luz em uma direção determinada. Os outros olham e, por sua vez, veem. Depois, um deles declara ter percebido uma forma; logo, outras pessoas veem igualmente uma forma. E, de exclamação em exclamação, a descrição da forma se completa. Assiste-se à gênese de uma alucinação coletiva... Minha experiência*

pessoal me demonstrou que o sentido da visão era o mais sujeito a essas impressões imaginárias.

O poder dessas sugestões é algumas vezes prodigioso. Os bruxos da Idade Média eram tão completamente alucinados por elas que aceitavam a fogueira como expiação de seus erros imaginários. A mentalidade dos observadores modernos, inclusive os mais sábios, parece, sobre esse ponto, bem semelhante àquela dos feiticeiros. Salvo exceções muito raras, eles não reconhecem, de maneira alguma, terem sido iludidos e seriam, aliás, incapazes disso. Não se sai facilmente do círculo da crença. As sugestões se encadeiam e acabam por invadir todo o campo do entendimento.

O professor Grasset descreve muito bem esse estado de espírito na seguinte passagem:

Um fato curioso a assinalar é o treinamento que sofrem os experimentadores quando eles entraram nesse gênero de estudo e a evolução que sofre sua mentalidade.

... Lombroso, que começa seu relatório sobre experiências muito precisas e limitadas, com o cardiógrafo, fala em seguida, no mesmo trabalho, dos fantasmas e aparições de defuntos; das autolevitações, como a de Home, que gira horizontalmente ao redor de todas as janelas de um palácio e as de dois irmãozinhos de Ruvo, que percorrem 45 quilômetros em 15 minutos; dos seres ou

dos "restos de seres" que, para adquirirem uma completa consistência, devem, para se encarnar, tomar emprestado uma parte da substância do médium, que está, nesse momento, enfraquecido, quase agonizante.

... O contato com os fenômenos de ocultismo faz os melhores esquecerem as regras elementares do método científico.

Essa receptividade mental particular varia de acordo com os indivíduos e os povos. O mesmo médium, observado na Inglaterra, na França e na Itália, produz resultados muito diferentes. Frequentemente nulos na Inglaterra; medíocres, na França; totalmente maravilhosos na Itália.

A leitura do relatório do Instituto Psicológico de Paris sobre a médium Eusápia mostra, de uma maneira impressionante, pelo exemplo que vai se seguir, a ação sugestiva memorável de certos médiuns sobre os assistentes, inclusive os mais sábios.

Eusápia, diz o relatório, pede ao Sr. d'Arsonval que tente levantar o pedestal; o que ele faz facilmente. Depois, ela o proíbe de levantá-lo. O Sr. d'Arsonval não consegue fazê-lo. "Ele parece pregado no tapete". Eusápia coloca de novo seu cotovelo sobre o pedestal e o Sr. d'Arsonval o levanta então sem dificuldade. Alguns instantes depois, Eusápia diz ao pedestal: "Seja leve" e o Sr. d'Arsonval o levanta mais facilmente ainda.

Essa experiência, que os magnetizadores profissionais conseguem facilmente nas feiras, escolhendo seus sujeitos dentre os neuropatas da assistência, demonstra simplesmente o poder sugestionante de certos médiuns.

Eu me perguntei, no entanto, como o cientista acadêmico, admitindo que um indivíduo possua o poder miraculoso de fazer variar o peso dos corpos em imensas proporções, não teve a ideia de verificar esse fenômeno por meio de uma balança. Os experimentadores do Instituto Psicológico fizeram uma vez essa tentativa, mas em condições tais que eles próprios foram obrigados a reconhecer que os resultados foram pouco comprovadores. Quando se está diante de um fenômeno tal, não é uma vez apenas, mas mil vezes que se deve repeti-lo.

É infinitamente provável que o Sr. d'Arsonval, se imaginando, sob a influência da vontade de Eusápia, constatar as variações de pesos de um corpo, estivesse tão fortemente iludido quanto pelos raios N, que lhe inspiraram uma entusiasmada conferência, na qual ele certifica a realidade de todos os fenômenos anunciados. A facilidade com a qual ele foi então sugestionado, bem como todos os físicos franceses, é uma das provas mais impressionantes que se possa dar do papel da sugestão na gênese das crenças.

§4. Transformação das almas individuais em uma alma coletiva.

O estudo da formação de uma alma coletiva, durável ou momentânea, é um dos assuntos obscuros da psicologia; um daqueles que é preciso se contentar em observar.

Podemos dizer somente, com certeza, que as massas colocam em comum seus sentimentos e não sua inteligência. A propriedade contagiosa dos sentimentos nos explica porque pessoas reunidas logo assumem características de uma massa. Formam-se imediatamente uma alma coletiva, um líder e liderados.

Esse contágio possui um substrato físico, como por exemplo um tipo de raio de natureza especial? É impossível dizer.

É difícil descobrir a via experimental que conduza à solução de um problema tal. Mal apenas possuímos alguns índices. Dentre eles, talvez, devamos colocar o estudo do fenômeno das mesas ditas girantes.

Provou-se há muito tempo que os movimentos dessas mesas eram devidos aos impulsos inconscientes dos operadores. Mas, porque a mesa gira sempre num sentido determinado, sem ser entravada por impulsos que possam ser diferentes? Porque, produzindo golpes correspondentes a certas letras do alfabeto, a mesa, colocada sob as mãos de diversos indivíduos que a rodeiam,

para no momento necessário, como se obedecesse a uma vontade única?

É porque ela precisamente obedece a uma vontade única: a de um líder imposto inconscientemente aos outros operadores. Sob sua influência, as almas individuais estão momentaneamente agregadas para formar uma alma coletiva ligada à sua.

Diversos observadores já chegaram a uma conclusão semelhante. Eis, por exemplo, o que escreve um deles nos **Annales des Sciences Psychiques**[25]:

> *A força motriz da mesa é totalmente estranha a qualquer intervenção sobrenatural. Para a formação da corrente de mãos dos experimentadores, eles liberam uma força que faz a mesa executar os movimentos ditados pela vontade de um deles, sem o conhecimento dos outros, através de um tipo de hipnotismo coletivo que substitui a vontade consciente de cada um deles por uma vontade coletiva, quase inconsciente, onde cada um fica de posse de suas faculdades intelectuais para tudo o que é estranho à experiência.*

É inútil insistir neste esboço de explicação. O fenômeno constituído pelo nascimento, evolução e dissolução de uma alma

[25] 16 de dezembro de 1909.

coletiva é um dos enigmas da psicologia. Ela pode assegurar somente que essa alma coletiva sempre exerceu um papel essencial na vida dos povos.

§5. As comunicações de pensamentos.

A grande dificuldade da maioria dos problemas relativos à crença, enumerados neste capítulo, aparece quando se constata que os mais simples ainda continuam obscuros. O fenômeno da comunicação de pensamentos está justamente neste caso. Em razão de seu grande interesse, ele mereceria, no entanto, experiências precisas.

Vários fatos __ a serem verificados, aliás __ parecem indicar a possibilidade de uma tal transmissão. Os dois cérebros em relação seriam então comparáveis a dois diapasões que vibram em uníssono. Comparação grosseira, certamente, mas destinada a tornar um pouco inteligível um fenômeno que não o é.

São sobretudo as experiências com os sonâmbulos e os médiuns que parecem indicar melhor a possibilidade das transmissões de pensamentos. Vários observadores acreditam ter constatado que os médiuns conhecem o pensamento daqueles que os interrogam e só fornecem as informações que eles conseguem retirar deles.

O mesmo acontece com as mesas falantes. Eis uma observação sobre este assunto, que faz parte do artigo citado acima:

> *As respostas da mesa eram sempre muito exatas quando elas eram conhecidas antecipadamente por um daqueles que participavam da corrente de mãos. Essas respostas eram sempre confusas ou absurdas quando se perguntava à mesa coisas desconhecidas de todo mundo.*
>
> *Todas as vezes que a escolha do diretor das experiências recaía sobre mim eu constatei em cada questão que a resposta que daria a mesa vinha até meu pensamento antes que a mesa tivesse respondido e que todas as vezes que eu não pressentia essa resposta de uma maneira precisa, a mesa não respondia ou respondia ininteligivelmente.*
>
> *Eu não observei nenhum caso em que a resposta obtida de maneira sensível fosse certamente desconhecida de todos os experimentadores sem exceção. Pelo contrário, eu só observei respostas já sabidas, supostas, pressentidas antecipadamente, antes de serem formuladas à mesa, por um dos experimentadores. Na maioria das vezes, pelo diretor da experiência e, às vezes, também por um outro que parecia só desempenhar nela um papel apagado.*

§6. A desagregação das personalidades.

Eu já falei desse fenômeno numa outra parte desta obra e só retornarei a ele aqui para atrair a atenção sobre a utilidade de novas experiências.

De acordo com minha hipótese, o eu é composto de resíduos de personalidades ancestrais, mais ou menos solidamente agregadas. Sob influências diversas __ sonambulismo, transes mediúnicos, excitações violentas em períodos revolucionários etc. __ esses elementos se desagregariam e depois formariam combinações novas que constituiriam uma individualidade momentânea. Essa individualidade se manifesta através das ideias, de uma língua e de um comportamento diferentes daqueles do sujeito de onde ela deriva. Eu apliquei esta teoria __ eu recordo isso __ à interpretação dos atos cometidos por algumas pessoas da Revolução Francesa, em que nada em seu passado fazia pressentir e que nem eles mesmos compreenderam, depois da tormenta passada.

§7. Dissociação experimental dos elementos racionais e afetivos de nossas opiniões e de nossos julgamentos.

Nos elementos formadores de nossos julgamentos figuram influências inconscientes místicas ou afetivas. É possível algumas

vezes __ mas geralmente é pouco fácil __ dissociá-las pela simples observação.

Conseguiríamos dissociá-la experimentalmente?

Eu constatei várias vezes que se pode conseguir isso. Mas, infelizmente, os sujeitos que se apresentam habitualmente para essas experiências não oferecem uma mentalidade muito desenvolvida.

É utilizando os processos clássicos do hipnotismo, ou certas substâncias químicas, como eu já expliquei em um outro trabalho, que se dissociam os elementos conscientes e inconscientes de nossas opiniões e de nosso comportamento.

Eu vou mostrar __ através de um exemplo bem simples, escolhido de minhas anotações de experiências __ como se opera essa desagregação e como a razão nos serve para justificar nossos impulsos inconscientes.

Essa experiência, bem típica, foi realizada em uma mulher da sociedade, que eu mal conhecia. Tendo-a hipnotizado ligeiramente, eu lhe sugeri que se encontrasse comigo na Praça Vendôme, às cinco horas da manhã, em pleno inverno e que colocasse um selo em sua carta para a resposta.

Dominada por estas sugestões um pouco absurdas, mas não inteiramente, a dama encontrou razões __ a rigor, aceitáveis __ para justificar a carta que ela me escreveu sob uma influência

inconsciente. Ela desejava, explicava sua carta, me solicitar várias informações e, com relação aos hábitos matinais que eu devia ter, me esperava na Praça Vendôme, na hora indicada. Supondo uma distração de minha parte e o esquecimento possível de seu endereço, ela me enviava um envelope selado, pronto para ser colocado no correio.

A experiência está longe de ser tão pueril quanto parece inicialmente. Nós sempre encontramos explicações de ordem semelhante e frequentemente até mesmo de ordem inferior, para justificar, por meio da lógica racional, os impulsos ditados pelas lógicas sentimentais ou místicas.

§8. A força psíquica e a vontade irradiante.

Nem todos os ocultistas reconhecem a existência dos espíritos, mas todos admitem a realidade de uma força particular, habitualmente designada por eles com o nome de força psíquica.

Escreve o doutor Maxwell a propósito das sessões espíritas:

> *Eu creio poder dizer que uma força qualquer é liberada pelos assistentes; que ela parece ser elaborada pelo médium; que ele recompõe suas perdas às custas dos experimentadores; que algumas pessoas fornecem mais facilmente do que outras, ao médium, a força que ele precisa; enfim, que uma certa comunhão de ideias, de*

visões, de sentimentos entre os experimentadores favorece a emissão dessa força.

Os espíritas asseguram que a força psíquica pode ficar distanciada do médium, formando a alguma distância dele um tipo de campo sensível ao toque e aos beliscões. Eles chamam esse fenômeno de exteriorização da sensibilidade. Os objetos, tendo tocado os sujeitos em um tal estado, levariam com eles essa sensibilidade e ao se picar esses objetos mantidos à distância, os médiuns sentiriam a mesma dor que sentiriam se seus corpos tivessem sido picados. Operação que lembra totalmente o sortilégio da Idade Média.

Os espíritas jamais forneceram outras provas dessa pretensa exteriorização além de suas afirmações. Ela parece ser o resultado de simples sugestões. Os magnetizadores estabelecem eles próprios, aliás, a demonstração disso, quando explicam que essa exteriorização obtida por seus passes prolongados só é sensível aos beliscões e toques do magnetizador e não aos de uma outra pessoa. É um pouco como se o galvanômetro sensível à corrente elétrica fornecida por uma pilha, não fosse sensível a uma corrente fornecida por uma outra pilha.

Esperando que os espíritas associem provas às suas afirmações __ coisa que muito pouco os preocupa __ não se pode

levar em conta observações que, reconhecidas exatas, justificariam as práticas da mais antiga bruxaria.

Não se poderia, bem entendido, rejeitar por isso a existência de uma força psíquica. Embora impressões não possam jamais tomar o lugar de provas e sejam sem valor para estabelecer uma convicção científica, eu tenho que dizer que, em todos os fenômenos espíritas, a hipótese menos inverossímil é precisamente a existência de uma força psíquica irradiada pelos seres vivos.

Essa opinião não me foi, de maneira alguma, sugerida pelas experiências dos espíritas, mas somente por meus estudos sobre o adestramento de animais, bem como sobre a psicologia das massas e de seus líderes. Certos indivíduos __ os oradores célebres, particularmente __ parecem irradiar ao redor deles alguma coisa de muito intensa. Não são seus discursos que impressionam, pois, na maioria das vezes, eles não são ouvidos. Seu poder secreto é, no entanto, inegável. Gambetta dobrava o Parlamento com alguns gestos. Se fosse permitido criar um nome para uma força de essência desconhecida, eu a qualificaria de *vontade irradiante*.

Não podendo me estender sobre este assunto, eu me limitarei a reproduzir, em apoio ao que foi dito, o seguinte fragmento biográfico, publicado sobre um dos reis das estradas de

ferro americanas, o Sr. Harriman. Ele foi mencionado em uma conferência por um grande banqueiro dos Estados Unidos, o Sr. O. Kahn.

> *Algumas vezes me perguntaram, após o Sr. Harriman ter realizado certas coisas cuja realização parecia improvável, porque razões seus adversários tinham cedido a ele. Que motivos os haviam impulsionado? A quais motivadores eles tinham obedecido? Porque eles tinham acabado por fazer o que haviam declarado que jamais deveria ser feito ou que não tinham nenhuma razão para fazer? Eu respondi: "Simplesmente porque o Sr. Harriman havia colocado em ação seu cérebro e sua vontade para fazê-los fazer".*

Em todos os casos análogos trata-se certamente não de argumentos racionais aceitos, mas de atos impostos pelo mecanismo ainda ignorado da vontade irradiante, que acabei de mencionar.

As influências exercidas desta forma por um indivíduo sobre outros são incontestáveis. A hipótese começa quando se tenta explicá-las por meio de uma força psíquica que nenhuma experiência provou claramente a existência. Seria muito interessante pesquisá-la, o que implica naturalmente na

necessidade de descobrir primeiramente o reagente capaz de revelá-la.

Eu termino aqui essa enumeração que acabaria por me levar para fora do quadro desta obra. Eu já disse o suficiente, eu espero, para mostrar o papel que poderá desempenhar a experiência na formação de uma nova psicologia, destinada a substituir aquela com a qual ainda convivemos e que esclareceu tão pouco os problemas da gênese e da evolução das crenças.

***

CAPÍTULO V

Como a mente se fixa no círculo da crença. A credulidade tem limites?

§1. O conhecimento e a crença entre os cientistas.

Sumário

A fim de confirmar mais uma vez as demonstrações contidas nesta obra, eu vou examinar brevemente como, graças aos impulsos das formas de lógicas precedentemente descritas, um espírito científico pode deixar o círculo do conhecimento e se fixar no círculo da crença.

Para compreender o porquê de cientistas de primeira ordem, habituados a uma experimentação científica rigorosa, acabarem por admitir certos fenômenos milagrosos, como as materializações, não se pode jamais se esquecer de que a lógica racional e a lógica mística subsistem frequentemente na mesma mente, por mais positiva que ela possa ser. As esferas do racional, do místico e do afetivo são, eu repito, independentes e, de acordo com nossa passagem de uma para outra, as fontes de convicção se tornam diferentes.

Na esfera do racional, a incredulidade é a regra e a experiência ou a observação são seus únicos guias. No terreno na crença governa a lógica mística, as convicções se formam de maneira totalmente diferente e a credulidade é infinita.

Mas como um cientista cético é levado a deixar o círculo do racional para penetrar no círculo da crença?

De fato, é involuntariamente que ele penetra nele e mesmo então ele não renuncia a seus hábitos experimentais. Mas, como sua convicção se forma inconscientemente, antes que ele se aperceba dela, suas experiências são conduzidas de maneira a corroborar suas novas convicções e são guiadas então, não por sua vontade, mas unicamente por sua crença. Porém, sabemos que um fenômeno examinado através de uma crença é inteiramente transformado por ela. As narrativas milagrosas, que preenchem a história de todas as religiões, fornecem indubitáveis provas disso.

§2. O mecanismo mental da conversão do cientista.

Suponhamos, para fixar as ideias, um cientista cético que tomou a resolução de estudar experimentalmente os fenômenos que pretendem produzir os ocultistas.

Ele deverá inicialmente se introduzir no círculo dos adeptos, já que os fenômenos só se produzem entre eles.

Ele é conduzido então para o meio de uma reunião de convictos, na obscuridade profunda. Após espera prolongada, ele ouve ruídos, deslocamentos de móveis, seus vizinhos afirmam ver clarões, formas indefinidas devido à desmaterialização parcial do médium etc.

Sendo supostamente robusto o ceticismo do observador, ele se retira sem que suas convicções negativas sejam abaladas.

Alguns pontos, no entanto, foram tocados. Parece-lhe ter ouvido ruídos singulares; vizinhos, certamente honestos, viram clarões e aparições; mesas parecem ter sido deslocadas à distância do médium. Tudo isso não está claro. Desejoso de encontrar a causa, certamente natural, dos fenômenos observados, ele retorna.

Ele retorna e, sem suspeitar, é submetido às ações de atenção expectante, das sugestões coletivas e do contágio mental. Dúvidas começam a nascer em sua mente. Pois, se grandes cientistas admitiram esses fenômenos, deve haver alguma coisa por detrás deles. Muito pouca coisa, certamente, mas que, no entanto, merece ser estudado.

E ele retorna mais uma vez. Ele retorna várias vezes. As ações mentais que eu mencionei agem de novo. O inconsciente do cético é sugestionado cada vez mais e seu espírito crítico desaparece. Ao entrar no círculo da crença, ele vai se fixar nele.

Sua lógica racional, já derrotada, mas ainda não confessada, luta, no entanto, mais uma vez. Para fixar suas últimas dúvidas, ele organiza experiências. Familiarizado com os aparelhos registradores, os delicados instrumentos da física, ele realiza pesquisas científicas e prega, nos fantasmas, peças variadas.

Sendo os fantasmas caprichosos, as experiências rara ou incompletamente conseguem resultado, mas a convicção inconsciente do observador já está formada. As mínimas aparências de vitória bastam e as fraudes mais grosseiras lhe escapam. Ele continua, no entanto, a experimentar, até o momento em que, se acreditando racionalmente convencido pela experiência, ele declarará bem alto sua convicção, se indignará contra os incrédulos e se tornará um adepto da nova fé. Sua credulidade será doravante sem limites. Nada a abalará mais. O ex-cético está definitivamente fixado no círculo da crença.

Foi por essas diversas fases __ começando por uma incredulidade total e terminando com uma credulidade completa __ que passaram muitos cientistas modernos, como o célebre Lombroso. Muito cético no começo de suas pesquisas, ele naufragou numa fé ingênua, que seu último livro fornece tristes testemunhos.

Nós extraímos de fatos bem concretos o mecanismo da conversão e mostramos como a ciência mais avançada não poderia livrar o ser humano das ilusões da crença. Se fosse o caso de aplicar nosso raciocínio às conversões religiosas que preenchem a história, as explicações teriam sido muito mais fáceis. Nós estaríamos em presença de almas simples, totalmente desprovidas de espírito crítico, pouco capazes de raciocinar e completamente

inaptas à observação e à experiência. Sobre tais mentes, os fatores das convicções, particularmente o prestígio e o contágio, agem sem que nenhuma ação inibidora possa lhes ser oposta. Converter cientistas ilustres aos milagres da bruxaria moderna parece muito mais difícil do que submeter pastores árabes à fé de Maomé.

Mais difícil, mas não muito, talvez. O pastor e o cientista diferem imensamente, é certo, sob o ponto de vista intelectual, mas pelos seus elementos afetivos e místicos, eles são geralmente muito próximos. As crenças religiosas, políticas e sociais de um cientista reputado não são, algumas vezes, muito superiores às do mais humilde dos pastores.

§3. Os limites da credulidade.

Deste capítulo e dos precedentes destaca-se nitidamente a noção de que no círculo da crença a credulidade é sem limites e a mente culta é tão receptiva quanto a do perfeito ignorante. O cientista que coloca em dúvida o valor de um décimo do que foi por diversas vezes controlado, admitirá sem dificuldade que um guerreiro de armadura pode sair do corpo de um médium e caminhar numa sala, deixando seu pulso ser tocado pelos assistentes a fim de provar que não é um simples fantasma ou um impalpável vapor. Na ladeira da credulidade não se para jamais. Um número de uma revista espírita dirigida por um célebre

professor da Faculdade de Medicina de Paris oferecia recentemente a seus leitores: 1) a história da réplica de um médium que movia pêndulos à distância; 2) desenhos de espíritos desencarnados; 3) uma dissertação sobre as fadas que ainda habitariam as florestas; 4) a história de quatro fantasmas que cantavam bem alto a Marselhesa ao luar etc.

Em matéria de credulidade, o cientista não se mostra, portanto, eu repito, superior ao ignorante. Essa constatação, posta em evidência pelo estudo dos fenômenos espíritas, é muito importante. A credulidade sem limites constitui um estado mental que pode atingir a todos nós e rapidamente, assim que saímos do círculo do conhecimento e penetramos no círculo da crença.

É certo que a ciência sabe poucas coisas e só elucidou uma pequena parte dos mistérios que nos rodeiam. Ela está certa, pelo menos, de que os fenômenos são condicionados por leis fixas que ignoram o capricho. Ela não avança muito ao afirmar que nenhum feiticeiro foi levado, num sabá, pelos ares, num cabo de vassoura e que nenhum ocultista, antigo ou moderno, viu ser fabricado instantaneamente um ser vivo.

A humanidade só saiu da barbárie mental primitiva ao fugir do caos de suas velhas lendas e ao não temer mais o poder dos taumaturgos, dos oráculos e dos feiticeiros. Os ocultistas de todos os séculos não descobriram nenhuma verdade desconhecida,

enquanto que os métodos científicos fizeram surgir do nada um mundo de maravilhas. Abandonemos às imaginações doentias esse povo de larvas, de espíritos, de fantasmas filhos da noite e que uma luz eficiente dissipará para sempre.

Essas conclusões não são contestáveis. Elas deixam de lado, no entanto, uma face importante do problema. Pois, se as pessoas de todas as eras, do mais sábio ao mais ignorante, mergulharam nas mesmas crenças, é preciso admitir que elas correspondem, como eu já tentei demonstrar, a necessidades indestrutíveis da mente e são, portanto, necessárias.

A ciência evita a abordagem do que ela chama de inconhecível e é justamente neste inconhecível que a alma humana coloca seu ideal e suas esperanças. Com uma paciência que insucessos seculares não puderam abalar, ela se choca constantemente com o mundo sempre inviolado do mistério, a fim de descobrir a origem das coisas e o segredo de seu destino. Não tendo podido penetrar nele, ela acabou por povoá-lo com seus sonhos.

Não proclamemos muito a inutilidade de tantos esforços; as crenças que surgiram deles consolaram muitas gerações de pessoas e iluminaram suas vidas.

A ciência, outrora um pouco intolerante, respeita cada vez mais hoje em dia as concepções estranhas a seu império. Ciência e

crença, razão e sentimento, pertencem a domínios impotentes para se penetrarem, pois neles não se fala a mesma língua.

Eu ignoro se um cientista que tratar do mesmo assunto no próximo milênio se chocará com os mesmos problemas que hoje em dia e poderá dizer alguma coisa de preciso sobre a razão primeira dos fenômenos. Ele mostrará, sem dúvida, deuses novos e crenças novas dominando o pensamento humano, que não pode passar sem eles. As crenças quiméricas continuarão sempre geradoras de longas esperanças. Elas geraram os deuses através das eras e, em nossos dias, o ocultismo, último ramo da fé religiosa que jamais morre.

***

CONCLUSÕES

Um dos problemas fundamentais indicados no início desta obra era pesquisar como crenças, que nenhum argumento racional conseguiria defender, foram admitidas sem dificuldades pelas mentes mais esclarecidas de todas as eras.

Enquanto a psicologia considerou a crença como voluntária e racional, o estudo de um problema tal não pôde ser abordado.

Dissociar os elementos geradores da crença, provar que ela é inconsciente e formada sob a influência de elementos místicos e afetivos, independentes da razão e da vontade, foi dar em suas grandes linhas a solução procurada.

Mas essa solução continuou incompleta. Se a razão não cria a crença, ela pode pelo menos discuti-la e descobrir nela seus aspectos errôneos. Porque, no entanto, apesar das demonstrações mais claras, uma crença consegue se impor?

Nós o explicamos provando o papel fundamental exercido sobre o inconsciente por certos fatores: prestígio, afirmação, repetição, sugestão e contágio. Independentes da razão, eles agem facilmente contra ela e a impedem até mesmo de reconhecer o que é evidente.

O poder dessas influências na gênese das crenças foi provado pelos efeitos de sua ação sobre as pessoas mais cultas.

Vimos físicos treinados estudarem experimentalmente radiações criadas somente pela sugestão em suas mentes e cientistas acadêmicos concederem um prêmio considerável por uma descoberta que desapareceu bruscamente no dia em que os observadores, libertos da sugestão, logo deixaram de perceber o fantasma criado por essa sugestão. Outros exemplos mostraram o quanto eram numerosos os fatos de mesma ordem.

A única diferença real entre uma crença científica imposta pelos fatores descritos e as crenças religiosas, políticas ou espíritas impostas pelos mesmos mecanismos, é que, em matéria científica o erro é eliminado muito rapidamente quando a crença é substituída pelo conhecimento. Para as certezas baseadas em elementos afetivos ou místicos, onde nenhuma verificação imediata é possível, a observação, a razão e até mesmo a experiência, são, pelo contrário, quase sem ação.

Nós pudemos justificar, pelo exemplo de certas crenças espíritas, que, em matéria de fé, a credulidade __ tanto a do cientista quanto a do ignorante __ não conhece limites. Essa constatação gera a tolerância para com todas as superstições registradas pela história.

Demonstrando, por meio de fatos precisos, como mentes ilustres se convertem a crenças de um nível racional que as igualam às mais fabulosas ficções mitológicas, eu consegui,

espero, colocar em evidência um mecanismo mental que as pesquisas da psicologia tinham deixado sem explicação até aqui.

Chegamos assim a esta lei psicológica importante: longe de apresentar uma origem intelectual comum, nossas concepções têm origens mentais bem distintas e são regidas por formas de lógicas muito diferentes. Da predominância de cada uma delas e de seus conflitos nasceram os grandes acontecimentos da história.

Esperando que a ciência revele as verdades imutáveis, escondidas talvez sob as aparências das coisas, é preciso nos contentarmos com certezas acessíveis à nossa mente.

No estágio atual de nossos conhecimentos, três ordens de verdades nos guiam: as verdades afetivas, as verdades místicas e as verdades racionais. Surgidas de lógicas diferentes, elas não possuem uma medida comum.

FIM

SUMÁRIO

PSICOLOGIA DAS OPINIÕES E DAS CRENÇAS 4

LIVRO I 4
OS PROBLEMAS DA CRENÇA E DO CONHECIMENTO. 4
CAPÍTULO I 4
OS CÍRCULOS DA CRENÇA E DO CONHECIMENTO. 4
§1. As dificuldades do problema da crença. 4
§2. Em que a crença difere do conhecimento. 9
§3. Os papeis respectivos da crença e do conhecimento. 11
CAPÍTULO II 16
OS MÉTODOS DE ESTUDO DA PSICOLOGIA. 16
LIVRO II 23
O TERRENO PSICOLÓGICO DAS OPINIÕES E DAS CRENÇAS. 23
CAPÍTULO I 23
OS GRANDES PROPULSORES DA ATIVIDADE DOS SERES. O PRAZER E A DOR. 23
§1. Os papéis do prazer e da dor. 23
§2. Características descontínuas do prazer e da dor. 24
§3. O desejo como consequência do prazer e da dor. 27
§4. O prazer em perspectiva. A esperança. 28
§5. O regulador do prazer e da dor. O hábito. 29
§6. O prazer e a dor considerados como as certezas psicológicas fundamentais. 31
CAPÍTULO II 34
AS VARIAÇÕES DA SENSIBILIDADE COMO ELEMENTOS DA VIDA INDIVIDUAL E SOCIAL. 34
§1. Limites das variações da sensibilidade ao prazer e à dor. 34
§2. As oscilações da sensibilidade individual e seu papel na vida social. 37
§3. As variações dos ideais e das crenças criadas pelas oscilações da sensibilidade coletiva. 41
CAPÍTULO III 44
AS ESFERAS DAS ATIVIDADES VITAIS E PSICOLÓGICAS. A VIDA CONSCIENTE E A VIDA INCONSCIENTE. 44
§1. As esferas das atividades vitais e psicológicas. 44

§2. A psicologia inconsciente e as origens da intuição. 45
§3. As formas de inconsciente. O inconsciente intelectual e o inconsciente afetivo. 49
CAPÍTULO IV 52
O EU AFETIVO E O EU INTELECTUAL. 52
§1. O eu afetivo e o eu intelectual. 52
§2. As diversas manifestações da vida afetiva. Emoções, sentimentos, paixões. 59
§3. A memória afetiva. 62
§4. As associações afetivas e intelectuais. 64
CAPÍTULO V 67
OS ELEMENTOS DA PERSONALIDADE. COMBINAÇÕES DE SENTIMENTOS QUE FORMAM O CARÁTER. 67
§1. Os elementos do caráter. 67
§2. As características coletivas dos povos. 69
§3. Evolução dos elementos do caráter. 71
CAPÍTULO VI 74
A DESAGREGAÇÃO DO CARÁTER E AS OSCILAÇÕES DA PERSONALIDADE. 74
§1. Os equilíbrios dos elementos constitutivos do caráter. 74
§2. As oscilações da personalidade. 76
§3. Os elementos fixadores da personalidade. 78
§4. A dificuldade de se prever a conduta resultante de um determinado caráter. 80
LIVRO III **85**
AS DIVERSAS FORMAS DE LÓGICA QUE REGEM AS OPINIÕES E AS CRENÇAS. 85
CAPÍTULO I 85
CLASSIFICAÇÃO DAS DIVERSAS FORMAS DE LÓGICA. 85
§1. Existem diversas formas de lógica? 85
§2. As cinco formas de lógicas. 86
§3. Coexistência das diversas formas de lógica. 88
CAPÍTULO II 91
A LÓGICA BIOLÓGICA. 91
§1. O papel da lógica biológica. 91
§2. A lógica biológica e os instintos. 96
CAPÍTULO III 103

A LÓGICA AFETIVA E A LÓGICA COLETIVA. 103
§1. A lógica afetiva. 103
§2. Comparação da lógica afetiva e da lógica racional. 104
§3. A lógica coletiva. 108
CAPÍTULO IV 110
A LÓGICA MÍSTICA. 110
§1. As características da lógica mística. 110
§2. O misticismo como base das crenças. 114
CAPÍTULO V 117
A LÓGICA INTELECTUAL. 117
§1. Os elementos fundamentais da lógica intelectual. 117
§2. O papel da lógica racional. 121
§3. O tardio aparecimento da lógica racional. 123
LIVRO IV **126**
OS CONFLITOS ENTRE AS DIVERSAS FORMAS DE LÓGICAS. 126
CAPÍTULO I 126
O CONFLITO ENTRE OS ELEMENTOS AFETIVOS, MÍSTICOS E INTELECTUAIS. 126
§1. Os conflitos entre as diversas lógicas na vida cotidiana. 126
§2. O conflito entre os elementos afetivos e intelectuais. A ação das ideias sobre os sentimentos. 128
§3. A luta dos sentimentos contra os sentimentos. As ações inibidoras. 132
CAPÍTULO II 135
O CONFLITO ENTRE AS DIVERSAS FORMAS DE LÓGICAS NA VIDA DOS POVOS. 135
§1. Consequências da destruição das ações inibidoras dos sentimentos na vida social. 135
§2. Os elementos místicos e afetivos na vida dos povos. 138
§3. Os equilíbrios e as rupturas das diversas formas de lógicas na vida dos povos. 141
CAPÍTULO III 146
A BALANÇA DOS MOTIVOS. 146
§1. A balança mental. A ação. 146
§2. O papel da vontade na balança dos motivos. 147
§3. Como a lógica racional pode agir sobre a balança dos motivos. 149
LIVRO V **153**
AS OPINIÕES E AS CRENÇAS INDIVIDUAIS. 153

CAPÍTULO I 153
OS FATORES INTERNOS DAS OPINIÕES E DAS CRENÇAS. 153
§1. A influência dos diversos fatores das opiniões e das crenças. 153
§2. O caráter. 155
§3. O ideal. 157
§4. As necessidades. 158
§5. O interesse. 160
§6. As paixões. 162
CAPÍTULO II 164
OS FATORES EXTERNOS DAS OPINIÕES E DAS CRENÇAS. 164
§1. A sugestão. 164
§2. As primeiras impressões. 168
§3. A necessidade de explicações. 169
§4. As palavras, as fórmulas e as imagens. 170
§5. As ilusões. 173
§6. A necessidade. 175
CAPÍTULO III 177
PORQUE AS OPINIÕES DIFEREM E PORQUE A RAZÃO NÃO CONSEGUE CORRIGI-LAS. 177
§1. Diferenças de mentalidades que criam diferenças de opiniões. 177
§2. Os elementos de modificação das opiniões. 179
§3. O papel da razão na formação das opiniões e das decisões importantes. 180
§4. O papel da razão na formação das opiniões cotidianas. 185
CAPÍTULO IV 189
A MODIFICAÇÃO DAS OPINIÕES PELA EXPERIÊNCIA. 189
§1. A experiência na vida dos povos. 189
§2. Dificuldade de compreender os elementos geradores de experiência. 191
LIVRO VI **198**
AS OPINIÕES E AS CRENÇAS COLETIVAS. 198
CAPÍTULO I 198
AS OPINIÕES FORMADAS SOB INFLUÊNCIAS COLETIVAS. 198
§1. Influência da cultura sobre as crenças. 198
§2. A influência do meio social e dos grupos sociais. 202
§3. A influência do costume. 204

CAPÍTULO II 207
OS PROGRESSOS DA INFLUÊNCIA DAS OPINIÕES COLETIVAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS. 207
§1. As características das opiniões populares. 207
§2. Como, sob a mobilidade das opiniões populares, persiste uma certa estabilidade. 208
§3. O PODER DA OPINIÃO POPULAR ANTES DA ERA MODERNA. 210
§4. Os progressos atuais das influências coletivas na gênese das opiniões e suas consequências. 212
§5. Influência das coletividades na estabilização de certos elementos sociais. 218
CAPÍTULO III 219
A DISSOLUÇÃO DA ALMA INDIVIDUAL NA ALMA COLETIVA. 219
§1. A desagregação atual das grandes coletividades em pequenos agrupamentos. 219
§2. Como a alma individual saiu da alma coletiva e como ela retorna a ela. 222
LIVRO VII **228**
A PROPAGAÇÃO DAS OPINIÕES E DAS CRENÇAS. 228
CAPÍTULO I 228
A AFIRMAÇÃO, A REPETIÇÃO, O EXEMPLO E O PRESTÍGIO. 228
§1. A afirmação e a repetição. 228
§2. O exemplo. 232
§3. O prestígio. 233
CAPÍTULO II 239
O CONTÁGIO MENTAL. 239
§1. As formas de contágio mental. 239
§2. Exemplos diversos de contágio mental. 240
§3. O poder do contágio mental. 243
§4. Influências do contágio na propagação das crenças religiosas e políticas. 245
CAPÍTULO III 248
A MODA. 248
§1. Influência da moda em todos os elementos da vida social. 248
§2. As regras da moda. Como ela é uma mistura de elementos afetivos e elementos racionais. 251

CAPÍTULO IV 256
OS JORNAIS E OS LIVROS. 256
§1. A influência dos livros e dos jornais. 256
§2. A persuasão pela publicidade. 258
CAPÍTULO V 264
AS CORRENTES E AS EXPLOSÕES DE OPINIÕES. 264
§1. As correntes de opiniões e sua criação. 264
§2. As explosões de opiniões. 268
LIVRO VIII **274**
A VIDA DAS CRENÇAS. 274
CAPÍTULO I 274
CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DE UMA CRENÇA. 274
§1. A crença como necessidade indestrutível da vida mental. 274
§2. A intolerância das crenças. 276
§3. A independência das opiniões. O papel social da intolerância. 278
§4. O paroxismo da crença. Os mártires. 280
CAPÍTULO II 285
AS CERTEZAS DERIVADAS DAS CRENÇAS. A NATUREZA DAS PROVAS QUE SATISFAZEM OS CRENTES. 285
§1. As certezas derivadas das crenças. 285
§2. Natureza das provas com que se contenta a mente confinada no campo da crença. 287
§3. O ponto inevitável de conflito entre a ciência e a crença. 290
CAPÍTULO III 293
O PAPEL ATRIBUÍDO À RAZÃO E À VONTADE NA GÊNESE DE UMA CRENÇA. 293
§1. A independência da razão e da crença. 293
§2. A impotência da razão sobre a crença. 295
CAPÍTULO IV 300
COMO SE MANTÊM E SE TRANSFORMAM AS CRENÇAS. 300
§1. Como se mantêm as crenças. 300
§2. Como evoluem as crenças. 302
CAPÍTULO V 310
COMO MORREM AS CRENÇAS. 310
§1. A fase crítica das crenças e sua dissolução. 310
§2. Transformação das crenças religiosas em crenças políticas. 313

LIVRO IX **318**
PESQUISAS EXPERIMENTAIS SOBRE A FORMAÇÃO DAS CRENÇAS E SOBRE OS FENÔMENOS INCONSCIENTES DE ONDE ELAS DERIVAM. 318
CAPÍTULO I 318
INTERVENÇÃO DA CRENÇA NO CÍRCULO DO CONHECIMENTO. GÊNESE DAS ILUSÕES CIENTÍFICAS. 318
§1. Porque o conhecimento está sempre mesclado por crenças. 318
§2. A gênese das ilusões científicas. 320
CAPÍTULO II 329
A FORMAÇÃO MODERNA DE UMA CRENÇA. O OCULTISMO. 329
§1. A utilidade de se estudar experimentalmente a formação de uma crença. 329
§2. A magia na Antiguidade e na Idade Média. 330
§3. A magia nos tempos modernos e os fenômenos de materialização. 335
§4. Razões psicológicas da formação das crenças ocultistas. 344
CAPITULO III 347
MÉTODOS DE EXAME APLICÁVEIS AO ESTUDO EXPERIMENTAL DE CERTAS CRENÇAS E DE DIVERSOS FENÔMENOS SUPOSTAMENTE MARAVILHOSOS. 347
§1. Ineficiência dos métodos habituais de observação. 347
§2. O valor do testemunho e da observação no estudo das crenças. 348
§3. O valor da experimentação individual e coletiva. 350
§4. A necessidade de dissociar os fenômenos e só se ater ao exame de um elemento isolado. Aplicação ao estudo da levitação. 352
§5. Quais são os observadores mais aptos a estudar os fenômenos espíritas? 361
CAPÍTULO IV 367
O ESTUDO EXPERIMENTAL DE ALGUNS DOS FENÔMENOS INCONSCIENTES GERADORES DE CRENÇAS. 367
§1. Experiências a efetuar para o estudo da formação das opiniões e das crenças. 367
§2. As ações fisiológicas e curativas da fé. 368
§3. As ilusões criadas pelas sugestões individuais e coletivas. 370
§4. Transformação das almas individuais em uma alma coletiva. 375
§5. As comunicações de pensamentos. 377
§6. A desagregação das personalidades. 379

§7. Dissociação experimental dos elementos racionais e afetivos de nossas opiniões e de nossos julgamentos. 379
§8. A força psíquica e a vontade irradiante. 381
CAPÍTULO V 386
COMO A MENTE SE FIXA NO CÍRCULO DA CRENÇA. A CREDULIDADE TEM LIMITES? 386
§1. O conhecimento e a crença entre os cientistas. 386
§2. O mecanismo mental da conversão do cientista. 387
§3. Os limites da credulidade. 390
CONCLUSÕES **394**
SUMÁRIO **397**